

"Simplesmente amei este livro. *Cartas de amor aos mortos* é mais do que um livro de estreia impressionante. É o anúncio do surgimento de uma nova voz literária corajosa."

STEPHEN CHBOSKY, autor de *As vantagens de ser invisível*



CARTAS DE
AMOR
A OS
MORTOS

AVA DELLAIRA

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AVA DELLAIRA

CARTAS^{DE}
AMOR^{AOS}
MORTOS

Tradução
ALYNE AZUMA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para minha mãe, Mary Michael Carnes.
Levo você comigo.*



Querido Kurt Cobain,

Hoje a sra. Buster passou nossa primeira tarefa de inglês: escrever uma carta para uma pessoa que já morreu. Como se a carta pudesse chegar ao céu ou a uma agência de correio dos fantasmas. Acho que ela queria que a gente escrevesse para um ex-presidente ou alguém do tipo, mas preciso conversar com alguém. Eu não poderia conversar com um presidente. Mas posso conversar com você.

Gostaria que você me dissesse onde está e por que foi embora. Você era o músico favorito da minha irmã, May. Desde que ela morreu, tem sido difícil ser eu mesma, porque não sei exatamente quem sou. Mas, agora que estou no ensino médio, preciso descobrir rápido. Ou então vou me dar muito mal.

As únicas coisas que sei sobre o ensino médio aprendi com May. No meu primeiro dia, fui até o guarda-roupa dela e encontrei a roupa que ela usou no primeiro dia dela — uma saia plissada e um suéter de caxemira rosa. Ela cortou a gola e costurou o símbolo do Nirvana, a carinha com X nos olhos. Mas a questão é que May era linda; tinha aquele tipo de beleza que marca as pessoas. Seu cabelo era sedoso e ela parecia pertencer a um mundo melhor, então a roupa fazia sentido. Eu a vesti e fiquei me olhando no espelho dela, tentando sentir que pertencia a algum mundo, mas, na verdade, parecia que eu estava fantasiada. Então pus minha roupa preferida do

fundamental, um macacão jeans com uma camiseta de manga comprida e brincos de argola. Quando pisei no corredor do colégio West Mesa, senti imediatamente que tinha sido um erro.

Em seguida, descobri que não se deve levar almoço de casa para a escola. O certo é comprar pizza e um pacote de bolachas recheadas, ou então nem comer. Minha tia Amy, com quem moro semana sim, semana não, faz sanduíches de alface com maionese no pão de hambúrguer, porque era o que gostávamos de comer — May e eu — quando éramos pequenas. Antes eu tinha uma família normal. Quer dizer, não era perfeita, mas éramos minha mãe, meu pai, May e eu. Parece que já faz tanto tempo. Mas a tia Amy está se esforçando muito e gosta tanto de preparar os sanduíches que não consigo explicar que não são para o ensino médio. Então entro no banheiro feminino, como o sanduíche o mais rápido que posso e jogo o embrulho no lixo.

Faz uma semana que as aulas começaram, e ainda não conheço ninguém. Todo mundo da minha antiga escola foi para o colégio Sandia, onde May estudava. Eu não queria ninguém sentindo pena de mim nem fazendo perguntas que eu não saberia responder, então fui para West Mesa, que fica no bairro da tia Amy. Um recomeço, acho.

Como não quero passar os quarenta e três minutos de almoço no banheiro, quando termino o sanduíche, vou para o pátio e sento perto da cerca. Fico invisível e só observo. As folhas das árvores estão começando

a cair, mas o ar ainda está tão denso que mal dá para respirar. Gosto de observar um garoto em especial, que, descobri, se chama Sky. Ele sempre usa jaqueta de couro, mesmo que o verão mal tenha terminado. Quando olho para Sky lembro que o ar não é apenas algo que existe, mas que se respira. Mesmo que esteja do outro lado do pátio, consigo ver o peito dele se movendo.

Não sei por quê, mas, nesse lugar cheio de desconhecidos, fico feliz que Sky e eu estejamos respirando o mesmo ar. O mesmo ar que você respirou. O mesmo ar que May respirou.

Às vezes suas músicas dão a impressão de que existia muita coisa dentro de você. Talvez você nem tenha conseguido colocar tudo para fora. Talvez tenha sido por isso que morreu. Como se tivesse implodido. Acho que não estou fazendo a tarefa direito. Talvez eu tente de novo mais tarde.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt Cobain,

Hoje, no fim da aula, quando a sra. Buster pediu para entregarmos as cartas, olhei para o caderno em que tinha escrito a minha e o fechei. Assim que o sinal tocou, recolhi meu material e saí. Tem coisas que não posso contar pra ninguém além das pessoas que já não estão mais aqui.

Na primeira vez que May me mostrou suas músicas, eu estava no oitavo ano. Ela tinha acabado de entrar no ensino médio e parecia cada vez mais distante. Sinto falta dela e das histórias que costumávamos inventar. Naquela noite, no carro, éramos só nós duas de novo. Ela colocou "Heart-Shaped Box", que era diferente de tudo o que eu já tinha ouvido.

Quando May tirou os olhos da rua e perguntou se eu tinha gostado, foi como se tivesse aberto a porta de seu mundo e me convidado para entrar. Fiz que sim. Era um mundo cheio de sentimentos para os quais eu ainda não tinha palavras.

Ultimamente, tenho ouvido você de novo. Coloco *In Utero*, fecho a porta e os olhos e escuto o álbum inteiro várias vezes. É difícil explicar, mas quando estou ali, ouvindo sua voz, sinto que começo a fazer sentido.

Depois que May morreu, em abril, foi como se minha mente tivesse se fechado. Eu não sabia responder a nenhuma das perguntas que meus pais faziam, então basicamente parei de falar por um tempo. Até que

paramos de conversar, pelo menos sobre aquilo. É mentira que a dor aproxima as pessoas. Cada um de nós era uma ilha — meu pai na casa, minha mãe no apartamento para onde tinha se mudado alguns anos antes, e eu indo de um lado para o outro em silêncio, fora de órbita, incapaz de suportar os últimos meses do fundamental.

No fim, meu pai se isolou com o beisebol e voltou a trabalhar na Rhodes, uma empresa de construção, e minha mãe foi para um rancho na Califórnia dois meses depois. Talvez ela tenha ficado brava porque não contei o que aconteceu. Mas não consigo contar.

Durante aquele longo verão tedioso, comecei a procurar na internet qualquer imagem ou texto que substituísse a versão que ficava passando na minha cabeça. Havia um obituário que dizia que May era amada pela família, linda e uma ótima aluna. E havia uma notícia curta, ADOLESCENTE LOCAL MORRE TRAGICAMENTE, acompanhada por uma foto de flores e outras coisas que alunos da escola dela deixaram perto da ponte, junto com a foto do anuário, na qual May estava sorrindo, com o cabelo brilhante, olhando diretamente para a gente.

Talvez você possa me ajudar a encontrar outra porta para um mundo novo. Ainda não fiz nenhum amigo. Na verdade, eu praticamente não disse uma palavra nos dez dias em que estive aqui, exceto “presente”, na chamada. E quando perguntei para a moça da secretaria para que sala tinha que ir. Mas tem essa garota chamada Natalie na minha aula de inglês. Ela

faz desenhos nos braços. Não só os corações de sempre, mas paisagens com criaturas, garotas e árvores que parecem reais. Ela usa duas tranças que vão até a cintura e tem a pele escura, perfeita, aveludada. Os olhos dela são de cores diferentes — um é quase preto, e o outro é verde-escuro. Ela me passou um bilhete ontem com uma carinha feliz. Talvez eu possa almoçar com ela.

Na fila para comprar alguma coisa no almoço, todos parecem estar juntos. E eu me imagino fazendo parte do grupo. Não queria encher o saco do meu pai pedindo dinheiro, porque ele fica meio estressado sempre que faço isso, e não posso pedir à tia Amy, porque ela acha que gosto dos sanduíches. Mas comecei a juntar os trocados que encontro por aí — uma moeda de dez centavos no chão, vinte e cinco centavos da máquina de refrigerante quebrada, e ontem peguei cinquenta centavos da cômoda da tia Amy. Me senti mal. Mas foi o suficiente para comprar bolacha.

Isso me deixou feliz. Gostei de ficar na fila com todo mundo. Gostei de ver que a garota na minha frente tinha cachos ruivos que, dava para notar, ela mesma fazia. E gostei do leve barulho do plástico quando abri o pacote. Gostei que cada mordida era tão crocante que lembrava algo se quebrando.

E então aconteceu o seguinte: eu estava comendo uma bolacha e olhando para o Sky através das folhas que caíam. Foi quando ele me viu. Estava virando para falar com alguém. E então tudo ficou em câmera

lenta. Nossos olhares se encontraram por um instante, antes que o meu se desviasse. Parecia que vagalumes brilhavam sob minha pele. E, quando olhei de novo, Sky ainda estava me encarando. Os olhos dele eram como a sua voz, Kurt — uma chave que abria algo em mim.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Pensei em escrever para você porque *O mágico de Oz* ainda é meu filme favorito. Minha mãe sempre colocava para eu ver quando ficava doente e não ia para a escola. Ela me dava refrigerante com cubos de gelo de plástico rosa e bolacha de canela, e você cantava "Somewhere Over the Rainbow".

Agora me dei conta de que todo mundo conhece seu rosto. Todo mundo conhece sua voz. Mas nem todo mundo sabe de onde você realmente é, a não ser dos filmes.

Penso em você pequena, em dezembro, na cidade onde cresceu, perto do deserto de Mojave, sapateando no palco do cinema do seu pai. Cantando músicas de Natal. Você aprendeu logo que os aplausos fazem alguém se sentir amado.

Penso em você nas noites de verão, quando todo mundo ia ao teatro para aproveitar o ar-condicionado. No palco, você fazia a plateia esquecer por um momento as mazelas da vida. Sua mãe e seu pai sorriam. A maior emoção deles era ver você cantar.

Depois, o filme passava como um borrão preto e branco, e de repente você tinha sono. Seu pai a levava para fora, e era hora de voltar para casa naquele carro enorme, como um barco navegando na superfície de asfalto escuro.

Você não queria que ninguém ficasse triste, então continuava cantando. Quando ouvia seus pais

brigando, cantava até dormir. E, quando não estavam brigando, você cantava para que rissem. Você usava sua voz para manter a família unida. E para que você mesma não desmoronasse.

Minha mãe costumava cantar canções de ninar para fazer May e eu dormirmos. Ela acariciava meu cabelo e ficava comigo até eu pegar no sono. Quando eu não conseguia dormir, ela dizia para eu me imaginar em uma bolha voando sobre o mar. Eu fechava os olhos e flutuava, ouvindo as ondas. E olhava para a água lá embaixo. Quando a bolha estourava, eu ouvia a voz dela, me envolvendo numa nova bolha.

Mas, agora, quando tento me imaginar sobre o mar, a bolha estoura imediatamente. Preciso abrir os olhos rápido, antes de me estatelar. Minha mãe está triste demais para cuidar de mim. Meus pais se separaram pouco antes de May entrar no ensino médio. Quando minha irmã morreu, quase dois anos depois, minha mãe foi para a Califórnia.

Com apenas meu pai e eu em casa, há ecos por toda a parte. Fico recordando momentos em que estávamos todos juntos. Posso sentir o cheiro da carne que minha mãe preparava para o jantar. Olho pela janela e quase me vejo com May no jardim, colhendo ingredientes para nossas poções mágicas.

Em vez de ficar com a minha mãe semana sim, semana não, como May e eu fazíamos depois do divórcio, agora fico com minha tia Amy. A casa dela tem outro tipo de vazio. Não é cheia de fantasmas. É silenciosa, com prateleiras repletas de porcelanas com

estampa de rosas e sabonetes de rosas para lavar a tristeza. Mas estão sendo guardados para quando forem realmente necessários, acho. Nós usamos sabonetes comuns mesmo.

Estou olhando pela janela da casa dela, fria, embaixo de uma colcha de rosas, procurando uma estrela.

Eu gostaria que você pudesse me dizer onde está agora. Sei que está morta, mas acho que tem alguma coisa da gente que não desaparece simplesmente. Está escuro lá fora. E você está lá. Em algum lugar. Eu te deixaria entrar aqui.

*Beijos,
Laurel*



Querida Elizabeth Bishop,

Quero contar duas coisas que aconteceram na aula de inglês hoje. Lemos um poema seu, e a classe ouviu minha voz pela primeira vez. Faz duas semanas que estou no ensino médio, e até agora passo a maior parte da aula olhando pela janela, vendo os pássaros voando entre fios telefônicos e as árvores. Eu estava pensando em um garoto, Sky, e me perguntando o que ele vê quando fecha os olhos, quando ouvi meu nome. Olhei para a frente. Foi como se um passarinho batesse as asas no meu peito.

A sra. Buster estava olhando para mim.

— Laurel, você pode ler?

Eu não sabia nem em que página estávamos. Me deu um branco. Então Natalie se inclinou e colocou meu texto na página certa. Começava assim:

*A arte de perder não é nenhum mistério;
tantas coisas contêm em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.*

No começo, fiquei nervosa. Mas, conforme eu ia lendo, fui prestando atenção e entendendo.

*Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
a chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Depois perca mais rápido, com mais critério:*

*lugares, nomes, a escala subsequente
da viagem não feita. Nada disso é sério.*

*Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Perdi duas cidades lindas. E um império
que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.*

*— Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.*

Minha voz deve ter saído trêmula, porque o poema era um terremoto em mim. Quando terminei, a sala estava em completo silêncio.

A sra. Buster fez o que sempre faz. Encarou a turma com seus grandes olhos esbugalhados e disse:

— O que vocês acharam?

Natalie lançou um olhar na minha direção. Acho que ela se sentiu mal porque todo mundo estava olhando para mim, e não para a professora. Então levantou a mão e disse:

— Bem, é claro que ela está mentindo. Não é fácil perder as coisas.

Em seguida, todo mundo parou de olhar para mim e virou para Natalie.

A sra. Buster perguntou:

— Por que algumas coisas são mais difíceis de perder que outras?

Natalie respondeu com um tom de “não acredito que você perguntou isso”:

— Por causa do amor, claro. Quanto mais se ama alguma coisa, mais difícil é perder.

Levantei a mão sem nem me dar conta.

— Sabe, acho que, quando você perde alguma coisa próxima, é como perder a si mesmo. É por isso que, no final, até escrever é difícil para ela. Ela quase não sabe como fazer. Porque quase não sabe mais quem ela é.

Todos os olhos se voltaram para mim, mas, na mesma hora, ainda bem, tocou o sinal.

Peguei minhas coisas o mais rápido possível. Olhei para Natalie, e pareceu que ela estava me esperando. Achei que ela finalmente ia me convidar para almoçar, e eu não ia mais precisar ficar sozinha.

Mas a sra. Buster falou:

— Laurel, posso conversar com você um minuto?

Fiquei meio com raiva da professora, porque Natalie foi embora. Esperei, inquieta, diante da mesa, e ela perguntou:

— Como você está?

A palma das minhas mãos ainda estava suada por ter falado na frente de todo mundo.

— Hum... bem.

— Vi que você não entregou a primeira tarefa, a carta.

Olhei para baixo, a luz refletida no chão, e murmurei:

— Ah, é. Desculpa. Ainda não terminei.

— Certo. Vou te dar mais tempo desta vez. Mas quero que você me entregue na semana que vem.

Eu fiz que sim. E então ela disse:

— Laurel, se você precisar conversar com alguém...

Olhei para ela com uma expressão vazia.

— Eu dava aula no Sandia — a sra. Buster explicou, com cuidado. — May foi minha aluna de inglês no primeiro ano.

Não conseguia respirar direito. Comecei a ficar tonta. Achei que ninguém na escola saberia ou, pelo menos, que ninguém fosse falar sobre isso. Mas a sra. Buster olhava para mim como se eu tivesse a resposta de um mistério terrível. Eu não tinha.

Finalmente, ela disse:

— May era uma garota especial.

Engoli em seco.

— Sim — respondi. E saí.

O corredor barulhento me transtornava. Queria fechar os olhos e fazer com que todas as vozes se dissipassem.

*Beijos,
Laurel*



Querido River Phoenix,

O quarto de May na casa do meu pai continua lá. Exatamente igual, só que a porta fica fechada, e não se ouve nada lá dentro. Às vezes eu acordo de um sonho ouvindo passos, como se alguém estivesse voltando para casa depois de uma noitada. Meu coração dispara de emoção e eu sento na cama, até cair na real.

Se não consigo voltar a dormir, eu me levanto e atravesso o corredor na ponta dos pés, giro a maçaneta para não fazer barulho e entro no quarto dela. É como se May não tivesse morrido. Reparo em tudo, e está exatamente igual àquela noite em que fomos ao cinema. Os dois grampos de cabelo sobre a penteadeira. Eu os pego e prendo meu cabelo com eles. E então coloco de volta na mesma posição de antes, apontando para a garrafa vazia de perfume e o batom que ela nunca usava ao sair de casa, mas que sempre estava em sua boca na volta. Na prateleira mais alta da estante está a coleção de óculos escuros em forma de coração, velas pela metade, conchas e geodos cortados, deixando os cristais à mostra. Fico deitada na cama, olho para aquelas coisas e tento imaginar May ali. Vejo o mural cheio de flores secas presas com tachinhas, horóscopos recortados e fotos. Tem uma de nós duas pequenas, em um furgão, ao lado da minha mãe, no verão. Tem outra tirada antes da formatura — ela está com um vestido longo e uma

rosa no cabelo, a mesma que agora está presa ao mural, seca.

Abro o guarda-roupa de May e vejo as camisetas com glitter, as minissaias, os suéteres com a gola cortada, os jeans rasgados na altura da coxa. As roupas são tão ousadas quanto ela era.

Tem um pôster do Nirvana pendurado na parede, acima da cama, e ao lado dele uma foto sua em *Conta comigo. Você*, com um cigarro pela metade na boca, maçãs do rosto que parecem ter sido esculpidas em pedra e um cabelo loiro de bebê. Minha irmã te amava. Eu me lembro da primeira vez que vimos o filme. Foi pouco antes dos meus pais se separarem, pouco antes de May começar o ensino médio. Ficamos acordadas até tarde, só nós duas, com uma pilha de cobertores e um pacote de pipoca que May tinha feito. Estava passando na TV. Foi a primeira vez que vimos você. Você era tão lindo. Mais que isso, parecia alguém que conhecíamos. No filme, era você que cuidava do Gordie, que tinha perdido o irmão mais velho. Você o protegia. E ainda tinha sua própria dor. Os pais, os professores, ninguém gostava de você por causa da sua família. Quando você falou “Eu queria ir pra algum lugar onde ninguém me conhecesse”, May virou para mim e disse:

— Eu queria poder trazer esse menino da tela para nossa sala. O lugar dele é com a gente, você não acha?

Eu fiz que sim.

Quando o filme acabou, minha irmã declarou que estava apaixonada por você. Ela queria saber como você tinha crescido, então ligamos o computador, e May fez uma pesquisa. Havia tantas fotos suas, algumas de *Conta comigo* e outras de você mais velho. Em todas, você parecia ao mesmo tempo vulnerável e durão. E então ela viu que você tinha morrido. De overdose. Com apenas vinte e três anos. Foi como se o mundo tivesse parado. Você estava ali, quase na sala com a gente. Mas não estava mais vivo.

Quando me lembro dessa história, parece que foi naquela noite que tudo mudou. Talvez a gente não entendesse direito na época, mas, quando lemos sobre sua morte, descobrimos o que podia acontecer com a inocência. Depois de um tempo, May desligou o computador e enxugou as lágrimas. Disse que, para ela, você sempre estaria vivo.

Todas as vezes que assistimos a *Conta comigo* depois disso (a gente comprou o DVD e revia direto), tirávamos o som naquela parte em que Gordie dizia que o Chris, você, tinha morrido. Não queríamos aquilo. Sua imagem, com a luz formando um halo na sua cabeça — você era um garoto, um garoto que podia se tornar um homem de verdade. Só queríamos ver você ali, perfeito e imortal, para sempre.

Sei que May está morta. Quer dizer, uma parte racional de mim sabe, mas não parece verdade. Ainda sinto como se ela estivesse aqui, comigo, de alguma maneira. Penso que ela vai entrar pela janela, depois de sair escondida, e me contar como foi a aventura.

Se eu for mais desapegada, como May, talvez aprenda a viver sem ela.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia Earhart,

Lembro que, na primeira vez que ouvi falar de você, em uma aula de estudos sociais no fundamental, fiquei com inveja. Sei que não é um sentimento que eu deveria ter por alguém que morreu tragicamente, mas não era a morte que eu invejava. Era a ideia de voar, de desaparecer. Da maneira como você via a terra: do ar. Você não tinha medo de se perder. Apenas decolava.

Hoje de manhã, decidi que preciso da sua coragem, ao menos de uma parcela mínima dela, porque comecei o ensino médio três semanas atrás e não posso mais ficar sentada sozinha no almoço. Então, depois de analisar minhas roupas, que são horríveis, por mais que eu tente pegar as melhores peças, dei uma olhada no guarda-roupa da May, cheio de peças alegres e descoladas. Eu me lembro de como ela ficava quando vestia cada uma daquelas roupas. May saía de manhã com a mochila no ombro, e parecia que todas as portas do lado de fora se abriam para ela. Peguei a roupa do primeiro dia dela — o suéter de caxemira rosa com o retalho do Nirvana e a minissaia plissada — e vesti. Não me olhei no espelho dessa vez, porque sabia que não teria coragem de sair daquele jeito. Só notei a sensação da saia na perna e pensei em como May devia ter se sentido com ela.

A caminho da escola, no carro com meu pai, eu sentia os olhos dele em mim. Quando parou na fila

dos carros, ele disse, com cuidado:

— Você está bonita hoje.

Eu sabia que ele tinha reconhecido a roupa.

— Obrigada, pai — respondi. E só. Sorri de leve e saí do carro.

Então, no almoço, passei pelo refeitório, fui até as mesas ao ar livre e fiquei vendo o movimento dos alunos, todos parecendo felizes, como em um filme. Vi Natalie, da minha turma de inglês, com uma ruiva de cabelo sedoso. Elas sentaram juntas no meio da multidão. Estavam tomando suco, mas não comiam nada. Parecia que a luz do sol batia especificamente no cabelo delas. Natalie estava com duas tranças, tatuagens falsas e uma camiseta justa do Batman. A ruiva estava com uma saia de tule preta e um lenço vermelho vivo, com batom combinando. Não estavam vestidas como as garotas populares, que pareciam ter saído de uma revista. Mas, para mim, estavam lindas, com um brilho próprio. Um grupo do qual talvez eu pudesse participar. Pareciam garotas que seriam amigas de May. As duas dispensaram os jogadores de futebol que se aglomeraram em volta da ruiva.

Eu queria muito me juntar a elas. Comecei a andar na direção das duas, pensando que talvez Natalie reparasse em mim. Mas fiquei nervosa e voltei para perto da cerca. Levantei e sentei de novo.

Lembrei o que você disse — *Na vida, podemos ser mais que passageiros*. Pensei em você planando no céu. Pensei em May saindo apressada de manhã. Passei as mãos pelo suéter que estava usando. E fui

até lá. Quando cheguei perto da mesa, fiquei ali parada, a mais ou menos um metro de distância. Elas estavam inclinadas, trocando os sucos — para que experimentassem os dois sabores —, quando notaram alguém e olharam para cima. Acho que imaginavam que fosse mais um jogador, e Natalie pareceu incomodada no começo. Mas a expressão dela se suavizou quando me viu. Me esforcei para dizer algo, mas não consegui. Podia ouvir muitas vozes em volta, e minha cabeça começou a se esvaziar.

Então ouvi a voz de Natalie.

— Oi. Você está na minha turma de inglês.

— Estou. — Resolvi arriscar e sentei na ponta do banco.

— Meu nome é Natalie. Esta é Hannah.

— Me chamo Laurel.

Hannah levantou os olhos, que estavam fixos no suco.

— Laurel? Esse é o nome mais legal do mundo.

Natalie começou a falar dos “idiotas” da nossa turma, e eu fiz de tudo para participar da conversa. Mas me sentia tão feliz por estar ali que não conseguia prestar atenção no que ela dizia.

Quando o almoço acabou, as duas elogiaram minha saia, minha roupa toda, e perguntaram se eu queria ir ao festival que estava acontecendo na cidade. Eu mal podia acreditar. Liguei para meu pai do celular novo, que só deve ser usado em caso de emergências (apesar de eu já ter percebido que não vai ser bem assim). Expliquei que umas garotas tinham me

chamado para sair depois da aula, disse a ele para não se preocupar se eu não estivesse em casa quando chegasse do trabalho e avisei que voltaria de ônibus, como sempre. Falei rápido para ele não ter tempo de fazer objeções. Agora estou na aula de álgebra e mal posso esperar até o sinal tocar. Os números na lousa não significam nada, porque, pela primeira vez, tenho para onde ir depois da aula.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia Earhart,

Quando chegamos ao festival, pareceu tão legal como quando eu era criança, e tão nojento como deveria ser — várias barracas vendendo chapéus de cowboy e camisetas estampadas, e um cheiro forte de comida. Estávamos morrendo de fome, e, quando Natalie e Hannah disseram que queriam comer, foi fácil falar a mesma coisa. Para me enturmar.

Na fila para comprar batata frita, Hannah começou a conversar com um garoto na nossa frente. Ele estava de regata branca, cabelo penteado para trás com gel e olhava como se quisesse mordê-la. Hannah tem cabelo bem liso, ao menos foi o que ela me disse, mas o enrola todo dia. Os cachos caem emoldurando o rosto dela, e seus olhos grandes dão a impressão de que está sempre vendo algo incrível. Os lábios parecem estar sempre sorrindo por causa de alguma coisa que ninguém mais notou.

Estava preocupada porque não tinha dinheiro, pensando em dizer que não tinha tanta fome no fim das contas, mas, quando chegou nossa vez na fila, Hannah deixou o cara pagar para todas. Ele me deixava meio nervosa, dando em cima da Hannah daquele jeito. Achei que ia fazer alguma coisa, mas, quando pegamos as batatas, ela apenas agradeceu e se afastou, e o sujeito ficou ali, olhando. Hannah estava se exibindo, mas Natalie não pareceu impressionada. Ela só comentou:

— Nossa, quanto gel.

Depois que comemos, fomos até um canto fumar. Eu nunca tinha fumado e não sabia como fazer. Já tinha visto May fumar, então tentei imitá-la. Mas acho que a inexperiência ficou óbvia. Natalie riu tão alto que começou a tossir. Ela disse:

— Não... — E então me mostrou como segurar e levar a fumaça aos pulmões. — É assim que se traga.

Aquilo me deixou tonta e meio enjoada. Quando terminamos, eu saí andando em zigue-zague.

Então, quando Natalie e Hannah disseram para irmos aos brinquedos, eu não sabia ao certo se queria. Em um deles, que era um pouco mais caro, você é suspenso por um elástico a uma altura maior que a de qualquer prédio da cidade. Então o soltam, e você sai voando sobre a feira toda. Eu disse a elas que não tinha dinheiro; Hannah disse que tinha um pouco e contou que trabalha algumas noites por semana como recepcionista de um restaurante chamado Japanese Kitchen.

— Ela é tão bonita que foi contratada mesmo tendo só quinze anos — Natalie comentou, sorrindo para Hannah.

— Cala a boca — disse Hannah. — É porque viram que eu sou uma ótima funcionária.

Quando contou o dinheiro, Hannah viu que não era o suficiente, mas disse que, se a gente ficasse de papo com o cara que controlava o brinquedo, ele nos deixaria pagar menos. Quando chegou nossa vez, meu coração estava acelerado. Parte de mim esperava que

o cara dissesse não, porque, sinceramente, eu estava apavorada. Mas Hannah deu seu melhor sorriso, e ele concordou em dar um desconto. Pensei em você e em como era corajosa no avião. Em como motivou as pessoas ao seu redor a serem corajosas também. E, de repente, nós três estávamos presas juntas e subíamos. Enquanto esperávamos o elástico soltar, vimos todas as pessoas na feira, lá do alto. Nem senti medo. Estava pensando que cada um deles, tão pequenos ali de cima, era uma ilha, com florestas secretas e pensamentos ocultos.

E foi quando ele nos soltou! Sem avisar. Estávamos voando. Eu nunca tinha me sentido tão livre. Flutuando sob o sol de fim de tarde, o cheiro de milho assado, batata frita e bolo, acima de todas as ilhas. Foi tão rápido que, quando abri a boca, era como se todo o ar dentro de mim tivesse sido renovado. Ao lado das garotas que podiam ser minhas novas amigas.

Pensei em você, observando o movimento lá de cima. A folhagem balançando. Os rios como se fossem longos fios, e a espuma do mar chegando à costa. E em como, ao desaparecer lá embaixo, você deve ter se tornado parte daquilo.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt Cobain,

Passei o fim de semana inteiro pensando se Natalie e Hannah se esqueceriam de mim até segunda, mas hoje, na aula de inglês, Natalie me passou um bilhete que dizia PÉSSIMO!, com uma seta apontada para o garoto ao meu lado, que estava desenhando peitos no poema da aula. Olhei para ela e sorri para indicar que tinha entendido a piada. Na hora do almoço, Natalie e Hannah acenaram para que eu me juntasse a elas. Meu coração acelerou, joguei o saco com o sanduíche fora e fui até as duas. Hannah, que estava lambendo o pozinho do Doritos que tinha ficado nos dedos, me passou o pacote de salgadinho.

Tentei não olhar, mas, depois de um tempo, meus olhos encontraram Sky. Notei que ele me viu com minhas novas amigas. E me perguntei se o sol também batia especificamente em mim, como acontecia com elas. Imaginei a luz se tornando mais forte e me permiti encarar por mais tempo do que deveria.

Hannah me flagrou.

— Para quem você está olhando?

— Ninguém — murmurei. Mas meu rosto ficou quente e provavelmente vermelho, entregando a verdade.

Ela insistiu.

— Quem? Conta!

Eu não queria arriscar perder minhas novas amigas, então disse:

— Ah, o nome dele é Sky.

Os olhos de Hannah o encontraram, e ela disse:

— Hummm... Sky. O garoto misterioso.

— Como assim? — perguntei.

Hannah deu de ombros.

— Ele é um desses caras que todo mundo sabe quem é, mas ninguém conhece de verdade. De algum jeito, é popular sem ter nenhum amigo. Entrou na escola este ano. Está no terceiro. E é lindo. Eu ficaria com ele.

Natalie cutucou a amiga com o ombro.

— Hannah!

— O quê? Eu não quero dizer que *vou* ficar com ele. Já é da Laurel.

Fiquei vermelha de novo. Murmurei um “não é”.

Hannah olhou sobre o ombro e disse:

— Vamos dar um jeito. Ele já está olhando para você.

Quando virei, Sky realmente estava.

Percebi que essa era eu. Bem ali, sentindo um calor entre as pernas cobertas pelo jeans dos tempos do fundamental que hoje de manhã transformei em um shorts curto, mas suficientemente comprido para ninguém da escola reclamar, e com a camisa branca e prateada de May que refletia a luz do sol.

Era como se uma banda invisível tivesse começado a tocar a trilha sonora da minha nova vida. Ouvi você. E me perguntei se era isso que May sentia quando

estava no ensino médio. Deve ter sido, porque era a música dela. Todas as canções que ouvimos juntas tocaram de uma vez. O mundo que ela deixou para trás era este. Controlei meu rubor, desviei os olhos de Sky, que ainda me olhava, e virei para Natalie e Hannah. Ri alto, empolgada com a pessoa misteriosa que eu poderia me tornar. "*Hello, hello, hello.*"

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

As roupas de May devem ter funcionado muito bem, porque, desde que comecei a usá-las, coisas aconteceram. A semana toda sentei com Natalie e Hannah no almoço. Então hoje, sexta-feira, eu estava indo para a aula de biologia, seguindo o caminho sem nem pensar. De repente, olhei para a frente, porque ia esbarrar em alguém. Era ele. Sky. Eu podia estender o braço e tocá-lo.

— Oi. E aí? — A voz dele era doce.

Comecei a pensar no que responder. Sei que “E aí?” é uma coisa que as pessoas dizem sempre. E parece que a única resposta adequada é “beleza?”. Mas eu não queria dizer “beleza?”; na verdade, tinha muita coisa para dizer a ele.

Em vez disso, respondi:

— Vi você outro dia. — Parecia que cada palavra era uma pedra, caindo no fundo do lago.

Ele concordou, com a cabeça um pouco inclinada. Como se tentasse me desvendar.

— Sou a Laurel — acrescentei.

— Sky. — Ele sorriu.

Eu estava prestes a dizer “eu sei”, mas pensei e achei melhor ficar quieta. Quando finalmente voltei a enxergar direito, vi que ele estava com uma camiseta do Nirvana. Pareceu perfeito. Então eu disse:

— Eu amo Kurt Cobain.

— Ah, é? Qual é seu álbum favorito?

— *In Utero*.

— Total. Todo mundo diz *Nevermind*. Quer dizer, todo mundo que não conhece direito.

Sorri e balancei a cabeça para manter a conversa rolando.

— Pois é. Eu adoro como ele... como Kurt canta, como se estivesse implodindo. — Eu não podia acreditar que tinha acabado de dizer isso.

Mas Sky concordou, como se soubesse do que eu estava falando. E foi quando, de repente, eu me dei conta de que ele me olhava como se quisesse me tocar. Puxei a camisa laranja de May para baixo. Minha pele estava queimando. Eu precisava ir embora antes de pegar fogo.

— Tenho que ir para a aula de biologia.

— Legal — Sky respondeu. — A gente se vê por aí.

Fiz que sim e continuei andando, com o coração disparado. Disse a mim mesma para não olhar para trás. Mas olhei. E ele ainda estava me olhando. Senti uma faísca — o mistério do que ele via quando olhava para mim.

Na aula, enquanto o sr. Smith falava, fiquei repassando a conversa e notando novos detalhes a cada vez. A maneira como uma das mangas de Sky estava levemente virada. Como os pelos do braço dele estavam arrepiados. A sarda na pálpebra. Pensei no que Hannah havia dito, sobre a vinda dele para cá. Me perguntei de onde ele tinha vindo e fiquei imaginando se já tinha se apaixonado.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amy Winehouse,

Lembro que, uma noite, depois de sair escondida, May entrou no meu quarto, deitou na minha cama e disse:

— Você precisa ouvir essa música!

Ela me deu os fones de ouvido e, enquanto se encostava no travesseiro, ouvi sua voz pela primeira vez. “*I go back to black*”, você cantou. O ritmo da música era animado e calmo ao mesmo tempo. Havia dor na sua voz — apesar de não ser tão simples assim. Você tinha uma maneira de cantar que misturava sentimentos diferentes. E era claro que aquelas letras saíam de dentro de você. Elas eram sinceras.

Descobri que minha amiga Hannah também te adora. Nós fazemos educação física juntas, e ela sempre esquece o uniforme. Desde que fomos para o festival juntas, duas semanas atrás, muitas vezes eu finjo que esqueci o meu, mesmo que não seja verdade, para ficar dando voltas na pista conversando com ela em vez de jogar futebol, badminton ou qualquer outra modalidade com a turma toda. Hannah quer ser cantora e, às vezes, quando estamos dando voltas na pista, ela canta para mim. As preferidas dela são “Stronger Than Me”, “You Know I’m No Good” e, claro, “Rehab”. Ela gosta de gritar “*No, no, no*” e balançar o cabelo ruivo. Ela também tem esse jeito de não querer que ninguém a controle.

Hannah age como uma pessoa destemida, mas dá para ver que, no fundo, ela guarda segredos.

É o tipo de garota por quem os outros se apaixonam, mas não age como uma garota bonita. É como se procurasse uma maneira de sair de si mesma. Hannah sempre está saindo com alguém, às vezes com dois garotos ao mesmo tempo.

Ela me contou que seus pais morreram quando era bebê, então ela e o irmão foram viver com uma tia no Arizona. Mas o irmão se envolveu em muitas brigas na escola, então a tia mandou os dois para cá, para morar com os avós.

Logo que Hannah chegou, no sétimo ano, ela namorou um dos jogadores de futebol mais populares do oitavo. E aí saiu com um jogador de futebol depois do outro, até que, quando chegou ao oitavo ano, começou a sair com alguns garotos do ensino médio. Mesmo que pudesse andar com qualquer um em sua nova escola, inclusive as garotas populares, Hannah escolheu Natalie, porque dava para ver que ela “entendia”.

— Entendia o quê? — perguntei.

Hannah deu de ombros.

— Como é ser diferente, mesmo que nem todo mundo perceba. Sabe, eu podia convidar Natalie para dormir em casa, e ela não acharia estranho o fato de que amo meu cavalo, moro com meus avós, que estão ficando surdos, e tenho um irmão briguento.

Hannah também me contou de um cara, Kasey, com quem ela “está”. É como ela fala. Eles se conheceram

no trabalho, no Japanese Kitchen, quando ele foi lá com uns amigos comemorar um aniversário. (É um bom lugar para comemorar aniversários, porque o chef cozinha na sua frente e faz malabarismos com a comida.) Ele está na faculdade, e é bem estranho que queira ficar com uma garota tão mais nova. Fico um pouco nervosa pela Hannah por causa de Paul, um cara mais velho com quem May costumava sair. Quando perguntei por que ela ficava com alguém que estava na faculdade, Hannah só riu e disse:

— Sou precoce.

Acho que Kasey gosta dela de verdade, e não só para dar uns amassos, porque ele sempre manda flores — tulipas vermelhas, as favoritas de Hannah, que gosta de mostrá-las para todo mundo na escola. A diretora Weiner está ficando cansada de todas as entregas para Hannah na secretaria, mas ela diz que são do tio, que manda as flores para a mãe doente. A diretora pergunta por que ele simplesmente não manda as flores para a casa deles, e Hannah diz que é porque ninguém atende a campainha lá, então elas morreriam no sol. Weiner sabe que é mentira, mas não pode fazer nada, porque a avó de Hannah está realmente doente, e o avô está surdo demais para entender qualquer reclamação que ela faça e velho demais para se importar. Então, as coisas ficaram assim: Hannah leva as flores de uma aula para a outra, coloca na carteira e se esconde atrás delas para que os professores mal consigam vê-la. Aí se inclina para Natalie e faz caretas.

Acho que Natalie meio que odeia que Hannah receba flores, porque ela está sempre dizendo que não acredita nesse tipo de coisa. Mas não sei se é totalmente verdade, porque ela está fazendo um quadro de tulipas para Hannah na aula de arte. Natalie me mostrou depois da aula um dia, mas me pediu para não contar. É surpresa. Ela pinta muito bem. A primeira pétala de tulipa tem tantas cores que nem dá para contar.

Nesta semana, estou no meu pai, o que significa que em geral pego o ônibus para voltar para casa, porque ele trabalha até tarde e não pode me buscar. Mas hoje, em vez de ir direto para casa depois da aula, fui andando com Natalie e Hannah até uma lanchonete. No caminho, elas queriam mostrar os peitos para as pessoas. Eu estava com medo no começo, mas me lembrei de superar aquilo que me assusta, como aprendi com May. E corria bastante depois. Era mais rápida que Natalie e Hannah. Elas me alcançavam alguns quarteirões para a frente, ainda gritando e rindo. E então eu também ria e gritava; a pior parte tinha acabado e eu ficava feliz de fazer parte daquele grupo.

Hannah comprou sorvete para nós (ela parecia orgulhosa de poder fazer isso) e então teve que ir para o trabalho. Mesmo que se atrasasse bastante para a aula, ela sempre era pontual no trabalho. Antes de ir embora, disse que elas vão passar a noite na casa de Natalie amanhã, que é sexta, e que eu deveria ir também. Fiquei tão feliz quando ela me

convidou... Significa que estamos nos tornando amigas de verdade.

Meu pai entrou em casa alguns minutos depois que cheguei da lanchonete. Ele trabalha na Rhodes, reformando casas e coisas assim. Quando May e eu éramos crianças, assim que ele entrava íamos correndo abraçá-lo. Eu amava vê-lo coberto de suor e sujeira, como se tivesse chegado de uma aventura. Minha mãe preparava o jantar, e o cheiro de carne tomava conta da casa. Meu pai sempre dizia que ela cozinhava como uma profissional, em vez de simplesmente juntar os ingredientes e provar depois. Tudo era perfeitamente calculado.

Mas, na vida, a gente nunca tem certeza do que vai acontecer, mesmo que planeje tudo. Pode haver uma reviravolta, acontece sempre. Meu pai costumava chegar em casa com uma aparência forte depois de um dia na obra. Agora parece cansado, como se um trator tivesse passado por cima dele. Quando May e eu éramos pequenas, adorávamos nos pendurar nele. Mas agora é como se eu tivesse medo de me aproximar demais, tropeçar e derramar toda a tristeza que ele guarda.

Ele costumava fazer brincadeiras com a gente, como trocar o sal pelo açúcar (era tão comum que nos acostumamos a colocar um pouco na mão e lamber para saber qual era qual). Minha mãe se irritava, mas May e eu achávamos engraçado. Ele escondia o despertador nos fins de semana, embaixo de uma almofada do sofá ou algo assim, e tínhamos que sair

correndo pela casa quando o alarme disparava. Ou, às vezes, fazia buracos nas maçãs e colocava aquelas balas em formato de minhoca dentro delas. Essa era nossa brincadeira favorita, porque comíamos a bala. Ele não faz mais esse tipo de coisa, mas ainda beija minha testa quando chega do trabalho. E então pergunta sobre meu dia, como de costume, e eu me esforço para contar coisas boas.

Hoje à noite preparei macarrão com queijo no micro-ondas e minissalsichas, nosso prato favorito. Ainda temos congelada a comida que sobrou do funeral de May quase seis meses atrás, mas acho que nenhum dos dois quer comer aquilo.

— E, então, já fez algum amigo? — ele perguntou enquanto jantávamos.

— Sim. — Sorri.

— Que bom — ele comentou.

— Na verdade, eu ia perguntar se posso dormir na casa da Natalie amanhã.

Meu pai hesitou por um momento, e eu cruzei os dedos embaixo da mesa. Finalmente, ele respondeu:

— Claro, Laurel. — Fez uma pausa e acrescentou: — Não quero você enfurnada comigo.

E então se concentrou no jogo de beisebol — ele é torcedor do Cubs, porque cresceu em Iowa, perto da sede do time —, e eu assisti ao jogo com ele enquanto fazia o dever de casa. Meu pai costumava comparar o beisebol à vida, mas não faz mais isso. Agora ele assiste aos jogos em silêncio. Acho que algumas coisas se tornaram tristes demais para serem

explicadas como um terceiro strike com as bases lotadas.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Na noite passada, fiquei bêbada pela primeira vez. Quando cheguei na casa de Natalie, fomos até a mercearia, onde o ar-condicionado estava superforte. Fomos andando e tremendo até o corredor das bebidas, e Natalie pegou uma garrafa de licor de canela da prateleira e escondeu no moletom. Então fomos até o banheiro e tiramos a etiqueta, para não disparar o alarme. Ignorei o coração acelerado e tentei agir com normalidade, como se já tivesse feito esse tipo de coisa. Não falei nada sobre os pés da mulher com tênis de mãe e da menininha na cabine ao lado. Simplesmente fomos embora.

Voltamos para a casa da Natalie e estávamos sozinhas, porque a mãe dela tinha um encontro. Natalie disse que ela só ia voltar de manhã. Subimos no telhado com a garrafa. O licor tinha cristais com gosto forte de canela no fundo; quando demos o primeiro gole, senti queimar como se alguém tivesse acendido um fogo doce na minha boca. Engoli rápido, sem fazer careta, e não contei que era a primeira vez que bebia. Pensei que, se May bebia, eu também podia beber. O que podia dar errado? Então deixei o licor descer pela garganta, queimando, até chegar ao estômago. Tive vontade de rir e senti meu corpo leve, até que esqueci o medo. Ficamos deitadas para ver os aviões passando e fizemos uma música sobre eles. Não lembro a letra, mas qualquer hora ela volta à

minha mente. Me lembro da voz da Hannah soando como os cristais de canela, doce e cheia de fogo. Acho que ela pode virar uma cantora de verdade.

Não tenho certeza do que aconteceu depois, mas descemos do telhado, e Natalie e Hannah foram para o quintal dos fundos pular numa cama elástica. Fiquei no jardim da frente, me balançando na rede, as estrelas vindo na minha direção.

Lembro quando May fugia à noite, e eu esperava acordada na cama até ela voltar. Normalmente, eu a ouvia atravessar o corredor na ponta dos pés e fechar a porta do quarto, então sabia que podia dormir, porque ela estava segura. Mas de vez em quando, e eu adorava quando isso acontecia, ela vinha até meu quarto e sussurrava:

— Está acordada?

Eu abria os olhos e sussurrava que sim, e ela deitava comigo. O hálito dela estava sempre doce e quente, como álcool, acho. May abria um sorriso e ria e arrastava as palavras um pouco, como se cada som se embolasse com outro. Enquanto me contava as aventuras — os garotos, os beijos e os carros rápidos —, eu visualizava tudo, como fazia quando éramos crianças, na época em que ainda achava que May tinha asas de fada e a imaginava voando pela noite, lançando-se sob as estrelas.

Quando olhei para cima, deitada na rede, as estrelas começaram a se mexer demais, e não me senti bem. Fiquei imaginando se era assim para May naquelas

noites, se as estrelas ficavam girando até deixá-la tonta e meio perdida.

De repente, fiquei com medo e não consegui organizar os pensamentos. Eu estava preocupada que coisas ruins surgissem na minha mente, então fui procurar Hannah e Natalie. Quando atravessei o portão de madeira para ir ao quintal, vi as duas na cama elástica. Estavam se beijando. Se beijando mesmo. Enquanto pulavam. Elas olharam para a frente por um instante e viram que eu estava olhando, então meio que caíram. Natalie gritou. Ela tinha batido o dente no dente de Hannah e começou a procurar o pedaço quebrado. Tentei ajudar, mas não estava em lugar nenhum, nem na lona da cama elástica nem na grama. Natalie ficou com medo de ter engolido. E Hannah ficou preocupada que eu fosse contar para todo mundo na escola o que ela estava fazendo quando lascou o dente, mesmo que eu tivesse jurado silêncio. Hannah disse que eu precisava beijar Natalie também, senão eu acabaria contando, que eu não podia ser a única sem beijar. Mas eu não queria. Elas não ouviram. Natalie me agarrou e disse que ia me beijar para garantir o segredo. De repente, senti dificuldade em respirar. Fiquei ofegante. E saí correndo.

Fui parar no parque perto da escola. Sentei no balanço e comecei a me balançar o mais alto que consegui, cada vez mais alto, até sentir a noite entrar em mim, até parecer que eu ir dar a volta completa na barra. E então saltei, voei e aterrissei na areia.

Subi em uma casinha como aquela que nos servia de navio quando May e eu íamos ao parque com minha mãe. Tínhamos de navegar por um mar cheio de monstros para salvar sereias. Comecei a chorar.

O ar cheirava a fumaça e folhas de outono. Um cheiro que faz você sentir que o mundo está muito próximo, encostando em você. Minha cabeça começou a doer de verdade. Era tarde e eu não sabia o que fazer, então voltei para a casa de Natalie. Ela e Hannah estavam dormindo na cama elástica. Dormi embaixo, no chão.

No dia seguinte, quando acordamos com orvalho na roupa, a mãe de Natalie, que preparava panquecas e bacon, nos chamou para o café da manhã. O cheiro estava uma delícia. Ela disse que éramos bobas de ter dormido lá fora. Tenho a impressão de que estava sendo gentil por causa do encontro. A mãe de Natalie não parece com as outras mães. Natalie disse que ela é secretária em um escritório de advocacia, mas, naquela manhã de sábado, estava com uma camisa amarrada acima do umbigo, short jeans rasgado e o cabelo escuro em um rabo de cavalo alto. Estávamos as três bem quietas, apenas respondendo às perguntas dela, que eram todas bem-humoradas. Quando perguntou a Natalie o que tinha acontecido com o dente dela, Natalie pareceu nervosa por um momento. Era minha chance de provar que ia guardar o segredo, então respondi:

— Fomos comer no McDonald's, e no sanduíche dela tinha um pedaço de osso!

Hannah começou a rir e disse:

— Foi nojento!

Acho que, como a mãe dela se sentia culpada por ter dormido fora, não notou que também estávamos nos sentindo culpadas. Hannah tirou uma folha do meu cabelo e me entregou. Os veios desenhavam um pequeno relevo na superfície amarela.

Não falamos do beijo e, na segunda-feira, na escola, agimos como se nada tivesse acontecido. Levei dinheiro suficiente para comprar uma bolacha no almoço e dividi com minhas amigas. Olhei para Sky e ri quando Hannah disse que ele estava tirando minha roupa mentalmente. E tudo bem. Tentei não olhar muito para o dente de Natalie, mas notei o pequeno pedaço faltando.

Kurt, parece que você conhecia May, Hannah e Natalie, e a mim também. Como se enxergasse dentro de nós. Você cantava sobre o medo, a raiva e todos os sentimentos que as pessoas escondem. Até eu. Mas sei que você não queria ser nosso herói. Não queria ser um ídolo. Só queria ser você mesmo. Só queria que escutássemos sua música.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Às vezes a gente guarda as histórias que nossos pais contam sobre o passado. Mas essas memórias herdadas são diferentes da realidade e diferentes das nossas próprias lembranças. Como se tivessem uma cor própria. Não estou falando de um tom sépia nem nada assim. Meus pais não são tão velhos. Só quero dizer que existe algo peculiar no tom do que eles contam.

Quando penso nas histórias que conheço sobre sua infância e sua família, eu as vejo quase na mesma cor que vejo as histórias dos meus pais. Não sei por quê, mas talvez tenha a ver com o estranho limite entre tristeza e alegria. Ou talvez seja por causa da maneira como minha mãe dizia que seus filmes lhe davam esperança quando ela era mais nova.

Ela adorava vê-los conosco, então não conheço você só de *O mágico de Oz*. Vimos todos eles — *Desfile de Páscoa*, *Calouros na Broadway*, *Agora seremos felizes*. Nas noites de filme, May e eu costumávamos levantar do sofá e cantar com você — “*Zing zing zing went my heartstrings*”, May desfilando pela sala.

Minha mãe dizia que, quando era menina, queria ser como você. A família do meu pai era bem tradicional, mas a da minha mãe não, e talvez essa tenha sido a maior diferença entre eles. Ela cresceu aqui, em Albuquerque. Nunca nos contou nada específico, mas a mãe dela (que morreu quando minha mãe era

pequena) era alcoólatra, e acho que o pai era bem rígido com ela e com a tia Amy antes de ter câncer. Meu avô morreu quando ela tinha dezoito anos, e a tia Amy, vinte e um. Depois, minha avó continuou bebendo muito, a tia Amy entrou para a igreja e arrumou emprego como garçoneiro, e minha mãe foi morar em uma quitinete e começou a trabalhar num bar e guardar dinheiro para ir para a Califórnia realizar o sonho de ser atriz.

Enquanto isso, fez aulas de teatro e participou de algumas peças locais. O melhor papel dela foi logo depois de completar vinte anos. Ela foi Cosette em *Os miseráveis*, e os jornais publicaram críticas ótimas. Minha mãe guardou todas em um álbum, que costumava nos mostrar quando éramos crianças.

Numa noite, meu pai parou no bar em que minha mãe trabalhava. Ele estava de passagem pela cidade, atravessando o país de moto, nos "tempos loucos", segundo ele. Pelas fotos antigas, May e eu achamos que ele era bem bonito. Minha mãe também deve ter achado, porque, quando ele entrou no bar, ela o convidou para ver a apresentação de *Os miseráveis* naquela noite.

Meu pai diz que a duração da peça foi o bastante para se apaixonar. Quando minha mãe saiu do camarim, ele a estava esperando com um buquê de margaridas. Ela o convidou para ir ao apartamento dela, e os dois ficaram acordados até tarde, olhando para as estrelas, acomodados no teto do prédio, conversando. Depois disso, meu pai arrumou um

emprego na construção de um novo hotel e passou a encontrar minha mãe sempre que possível. Eles iam de bonde até o topo das montanhas, viam o pôr do sol alaranjado e dançavam músicas dos Beatles no apartamento dela. Quatro meses depois, minha mãe descobriu que estava grávida de May, e eles decidiram se casar.

Quando ela contava essa história, dizia que sempre quis uma família, mas que só quando nascemos soube o que isso significava. Escrevendo agora, parece ruim. Mas, quando éramos mais novas, achávamos romântico. May pedia para ouvir a história o tempo todo, e minha mãe adorava dizer que ela foi a centelha que deu início a tudo.

— Você estava pronta para vir ao mundo, então veio. Temos que agradecer a você, meu amor.

Quando éramos pequenas, minha mãe às vezes fazia testes para teatro ou publicidade. Uma vez ela conseguiu um papel em um comercial do banco Rio Grande. Eles a filmaram acordando de pijama nos degraus de sua nova casa e dizendo “Estou sonhando?”. E então uma mulher vestida de fada do crédito colocava as chaves na mão dela. Quando passava na TV, nós gritávamos:

— Olha, é você, mamãe!

Mas a maioria dos testes não dava certo, e ela voltava para casa totalmente desanimada, murcha. No final, disse que não tinha mais jeito e que, se quisesse ser atriz de verdade, precisava morar na Califórnia. Começou a pintar e arrumou um emprego

arquivando papéis no consultório de um médico. E disse que ser mãe era seu verdadeiro trabalho. Que éramos sua maior realização.

Minha mãe dizia o tempo todo que queria que tivéssemos uma infância feliz, mais feliz que a dela. Às vezes, ela nos perguntava se éramos felizes, e sempre dizíamos que sim. Mas ela queria poder nos dar mais. Gostava de imaginar “um dia”. “Um dia teremos uma casa com piscina.” “Um dia vamos aprender a andar a cavalo.” “Um dia usaremos lindos vestidos com lantejoulas dos pés à cabeça, como os das atrizes de TV.” “Um dia iremos para a Califórnia e veremos o mar juntas.”

Ela, May e eu costumávamos falar sobre isso, planejar a viagem de carro perfeita. Minha mãe dizia que as ondas tinham um som mais agradável que os trens, a chuva ou o fogo estalando. Costumávamos imaginar que, quando tivéssemos dinheiro, pegaríamos a estrada I-40 e seguiríamos. Pararíamos nos Arby's do caminho para comer sanduíche de “rosbesta” (que tinha esse nome por causa de *O Grinch*). Pegaríamos um quarto de hotel e ficaríamos acordadas a noite toda, vendo filmes e tomando refrigerante. No dia seguinte, iríamos até onde a terra encontra a água.

Mas, no fim das contas, minha mãe foi sem nós. Ela chorou quando decidiu.

— Preciso viajar por um tempo. Sinto muito — disse.
— Mas não consigo ficar aqui agora.

Quando tentou me abraçar, fiquei paralisada em seus braços. Eu queria dizer que ela não estava fazendo como tínhamos combinado. Que deveríamos ir juntas. Claro que era tarde demais para isso, mas me perguntei por que nem ao menos se ofereceu para me levar junto. Ela disse que colocaria a cabeça no lugar, remendaria o coração na medida do possível e voltaria logo. Mas não disse quando seria isso.

Agora é só uma voz no telefone. Ela me ligou na casa da tia Amy algumas horas atrás.

— Oi, Laurel. Como você está, querida?

— Bem. E você?

Tentei imaginar onde minha mãe estava, mas tudo o que aparecia em minha mente era um cartão-postal desbotado, palmeiras finas em um céu azul-claro.

— Estou bem. Estou com saudades, querida. — Ela fungou, e meu corpo ficou tenso. *Não chore, não chore*, pensei. Detesto quando minha mãe chora. May sabia fazê-la parar, mas eu nunca consegui.

— É, eu também.

— Como vai a escola? O que você fez hoje?

— O de sempre. Fui à aula.

— Está fazendo amigos?

— Uhum.

— Que bom. Fico feliz por você.

E então houve um longo silêncio. Eu não sabia o que dizer.

— Mãe, preciso ir. Tenho lição de casa para fazer.

— Certo. Eu te amo.

— Também te amo.

Desliguei, e imediatamente minha mãe desapareceu na terra das palmeiras desbotadas.

Judy, eu li que sua primeira lembrança era da música. Da música que tomava conta de uma casa. E, um dia, de repente, a música começou a sair pela janela. Pelo resto da vida, você teve de correr atrás dela.

*Beijos,
Laurel*



Querida Janis Joplin,

Estou escrevendo por um motivo importante, que já vou explicar. Quando fui até nossa mesa ontem no almoço, Hannah estava conversando com alguns jogadores de futebol que apareceram, e Natalie estava apertando a embalagem do suco para tomar até o fim, parecendo entediada. Sentei na ponta do banco e procurei Sky na multidão. Finalmente vi a cabeça dele, de costas, entre os alunos do terceiro ano. Ele não tinha me notado, então virei para a mesa e comecei a refletir sobre abrir ou não meu sanduíche em público. Enquanto Hannah ria com os garotos, percebi que ela esbarrou a mão no braço de Natalie, como se fosse um acidente, mas bem devagar. Natalie respirou fundo e fechou os olhos por um segundo. De repente, ela interrompeu a conversa de Hannah e disse:

— Vem, vamos para o beco.

Fiquei aflita achando que elas me deixariam ali e que eu voltaria a sentar sozinha, mas Natalie olhou para mim e disse:

— Vamos!

Então fui com elas. O beco, todo mundo sabe, é onde o pessoal descolado do último ano vai para fumar e fazer outras coisas.

Pelo jeito, Natalie conheceu um garoto do último ano, Tristan, na aula de arte. Ele disse que compraria cigarro de cravo para ela e apresentaria sua

namorada, Kristen. Só de olhar para eles, dá para ver que Tristan e Kristen estão muito apaixonados. Ela usa saias longas e esvoaçantes e tem cabelo comprido, até a bunda, mas parece que nunca embarça. Seu rosto é delicado e exótico. Ela não fala alto. Sua voz é um sussurro rouco, musicado. Tristan também tem cabelo comprido. Mas, fora isso, eles são completamente diferentes. Tudo nele é intenso e enérgico. Tristan usa roupas rasgadas com emblemas de bandas como Ramones, Guns N' Roses e The Killers. Ele fala sem parar e, depois de qualquer frase, sempre diz "Né, amor?". Kristen assente de imediato.

Tristan logo se enturmou com a gente, porque chegou, jogou um maço de cigarro de cravo para Natalie e disse:

— *Hola, chiquitita!* — Em seguida, beijou a mão de Hannah e a minha e perguntou: — Quem são essas meninas lindas que você trouxe?

Antes que pudéssemos responder, ele virou para Kristen e disse:

— Parece que encontramos as meninas perdidas do primeiro ano, né, amor? Pronta para adotar?

Então tirou um acendedor de cozinha enorme do bolso da calça e acendeu nossos cigarros com uma chama que quase chegava à minha cabeça. Ele me viu olhando para os emblemas, especialmente o que tinha SLASH em vermelho-vivo, no peito. Achei que deveria dizer alguma coisa, então perguntei:

— Slash é uma banda?

Tristan riu.

— Ele é o guitarrista *da* banda. Do Guns N' Roses. A definição do rock. Vamos ter muito trabalho com sua formação, né, amor?

Meu rosto ficou quente. Mas Tristan disse:

— Não se preocupe, você é jovem. Ainda há esperança. Está pronta? Primeira lição: ser roqueiro é a interseção de quem você é e quem você quer ser. Quem disse isso foi o próprio Slash.

— É isso que você quer ser? — perguntei.

Ele olhou para mim meio confuso.

Então continuei:

— Roqueiro?

Tristan riu de novo, só que dessa vez de uma maneira um pouco diferente. Como se eu tivesse feito uma pergunta difícil, e ele não soubesse responder.

— Bom, você parece um roqueiro — comentei.

Kristen não pareceu brava quando falei isso nem quando ele beijou nossa mão. Acho que, como os dois estão superapaixonados, ela não tem do que sentir ciúmes. Ela mal olhou para nós. Só acendeu outro cigarro. Tentei ser simpática para que Kristen gostasse de mim, porque eu realmente queria isso. Queria que os dois gostassem de mim.

— Meu nome é Laurel — eu disse, com uma voz esganiçada.

O rosto de Kristen continuou impassível, mas os olhos se fixaram em mim, de uma maneira que me fez perceber que no fundo ela é legal. Ela respondeu:

— Kristen. "Sou uma dessas pessoas estranhas comuns."

Tristan explicou:

— Frase da sra. Joplin. Kristen é fã dela.

Então Kristen começou a falar de você, e entendi como ela realmente te ama, tanto quanto ama Tristan.

Hoje, quando cheguei em casa, pesquisei Slash e depois a sua vida, para começar minha formação e poder ser amiga de Tristan e Kristen. Li que você cresceu perto das torres de petróleo do Texas e que, quando era adolescente, todo mundo na escola era terrível com você. Mas isso a deixou destemida. E então você ficou famosa. Quando Kristen e eu formos mais amigas, vou pedir para ela me mostrar músicas suas. Sei que poderia encontrar algumas na internet, mas seria legal te ouvir pela primeira vez com ela. Até lá, estou escrevendo para agradecer por dizer aquela coisa sobre pessoas estranhas comuns; pensei muito nisso, e eu também sou uma delas. Percebi que existe uma razão para Kristen, Tristan, Natalie, Hannah e eu estarmos juntos ali — somos todos estranhos de um jeito diferente, e isso é normal. E mesmo que exista muita coisa que eu não possa dizer para eles, é bom me sentir parte de um grupo.

*Beijos,
Laurel*



Querido Allan Lane,

Estou na casa da tia Amy. Vou passar essa semana com ela. Gosto mais das semanas em que fico com meu pai, porque ele é meu pai, e faz parte da minha família do passado. Mas eu amo a tia Amy, e é por isso que estou escrevendo para você. Como você é a voz do Mister Ed, o cavalo falante, é o mais próximo dele que eu posso chegar. Minha tia *ama* o Mister Ed. Ama mesmo. E também ama Jesus.

Quando éramos pequenas, meu pai não gostava que ficássemos com ela, porque achava que minha tia era instável. Mas minha mãe chorava e dizia:

— Jim, elas são tudo o que Amy tem.

Como a tia Amy não teve filhos, acho que ela sempre nos considerou um pouco suas filhas.

Tia Amy tem quarenta anos e usa cabelo comprido e grisalho, e vestidos com estampa floral. Dá para ver que era bonita quando jovem. Mas não é como minha mãe, que continua tão bonita quanto antes. Minha mãe é delicada, como uma foto fora de foco, com o cabelo e o rosto um pouco borrados. Ou talvez seja assim que eu a vejo agora que foi embora. A tia Amy é magra e ossuda; não dá nem vontade de receber um abraço ou um cafuné dela. Ela abraça com muita força.

A tia Amy teve alguns namorados muito tempo atrás, mas eles não eram legais. Eu não deveria saber disso, mas ouvi minha mãe comentar uma vez, numa

briga com meu pai. A tia Amy não namorava ninguém desde quando eu lembrava, mas isso mudou no ano passado, quando ela se apaixonou por um sujeito que atravessa o país por Jesus. Ela ouviu falar dele no noticiário e decidiu que admirava muito aquele homem. Mandou cartas e pacotes para as paradas que ele fazia ao longo do trajeto. E então decidiu ir até a Flórida, para terminar a peregrinação com ele. A tia Amy percorreu os últimos cento e sessenta quilômetros com ele, e no meio do caminho eles começaram um romance. Acho que ela imaginou que finalmente tinha encontrado alguém com quem viver. Depois, começou a ligar sempre para ele e deixar mensagens em que imitava Mister Ed ou os jamaicanos de *Jamaica abaixo de zero* (que é a coisa de que ela mais gosta depois de *Mister Ed*). No começo, às vezes ele ligava de volta. Ela perguntava quando ia vê-lo de novo, mas ele nunca respondia direito. Depois as mensagens cessaram. Ela sempre conferia a secretária eletrônica, apesar de fingir que não se importava. Acho que não quer que eu a veja esperançosa. (Não sei se o amor por Jesus faz alguém ser contra a tecnologia, mas a tia Amy ainda não descobriu o celular.)

No começo do verão, depois que minha mãe contou que ia passar um tempo na Califórnia, fizemos uma espécie de reunião familiar. Foi nessa ocasião que a tia Amy perguntou se eu gostaria de passar com ela as semanas que seriam da minha mãe. É óbvio que as duas planejaram isso. Minha mãe, meu pai, a tia Amy

e eu estávamos sentados na casa onde May e eu crescemos, no sofá em que nos sentamos juntas por anos. A tia Amy virou para mim e disse:

— O que você acha, Laurel?

Ela parecia querer tanto.

Meu pai não estava tão convencido, mas eu sabia que, se dissesse não para a tia Amy, ela falaria que tinham deixado May ir longe demais no caminho do pecado e que eu precisava de Deus ou algo assim.

Dei de ombros.

— Não sei.

E então a tia Amy disse que, se eu ficasse com ela, poderia ir à escola do bairro. Eu ainda não tinha me dado conta de que iria para o ensino médio quando voltassem as aulas, mas pareceu uma boa ideia ir para uma escola diferente. Então concordei.

Agora a tia Amy não quer que eu faça nada. Sair, encontrar amigos, falar com garotos, nada. A única coisa que ela me deixa fazer é “estudar com alguém”, que é como consigo sair com Natalie e Hannah quando estou na casa dela. Hoje à noite a tia Amy e eu fomos jantar no Furr’s Cafeteria, como fazemos desde que May e eu éramos crianças. Peço sempre a mesma coisa — carne, purê e gelatina vermelha. A tia Amy me obriga a rezar com ela antes de comer, mesmo que seja apenas um sanduíche de alface americana com maionese e eu esteja vendo TV, e mesmo que meu pai e eu nunca rezemos em casa. Agora, a oração é sempre para May.

Depois, ela pergunta se eu fui salva e se aceitei Jesus no coração. E sempre digo que sim, porque quero encerrar o assunto. E não quero que ela se preocupe. May costumava dizer não e questionar.

— E um bebê? E se um bebê que acabou de nascer, que não teve tempo de aceitar Jesus, morre? Ele vai para o inferno mesmo assim? E um adulto, que não é má pessoa, mas não conhece Jesus porque nunca ouviu falar dele? Vai para o inferno?

A tia Amy nunca respondia. Ela só ficava triste e dizia que queria que conhecêssemos o amor de Jesus. Ela dizia:

— Não veja o mal, não ouça o mal, não fale o mal.

E tentava transformar isso num jogo, nos fazendo fechar os olhos, os ouvidos e a boca. May odiava. Agora a tia Amy tem medo, acho, de que May não tenha sido salva. Ela quer garantir que isso não aconteça comigo. Mas não sabe a culpa que sinto. E não posso contar.

Estávamos sentadas no Furr's, na mesa com bancos de vinil vermelho sob o pé-direito que é alto demais até para um pé-direito alto, e eu me ocupava com a gelatina vermelha, cortando cada quadrado em quatro partes. A tia Amy pediu mais gelo para o chá gelado. E então começou a imitar o Mister Ed e me perguntar "Como o Mister Ed faz? Me mostra". Ela queria que eu fizesse o barulho de um cavalo andando, com as mãos na mesa, e relinchasse. Como fazíamos quando eu era criança. Sei como ela pode ser insistente, e como fica triste quando me recuso a fazer. Então engoli a

gelatina e imitei o cavalo. Então olhei para o outro lado do salão e vi Teddy, da minha turma de história, com os pais, provavelmente. Ele é um dos jogadores de futebol mais populares. Meu rosto ficou quente e rezei para ele não ter me visto fingindo galopar na mesa.

Estou nervosa, porque hoje vou sair escondida pela primeira vez. Tristan e Kristen vêm me pegar à meia-noite. Tristan me apelidou de "docinho". Eles me adotaram, junto com Natalie e Hannah, e são especialmente legais comigo porque sou a mais quieta e adoro ouvir o que têm para ensinar. Quando perguntaram o que íamos fazer no fim de semana, Natalie e Hannah disseram que iam passar a noite na casa de Hannah, fora da cidade. Eu expliquei que não poderia ir porque fico meio presa na casa da minha tia. Então Kristen e Tristan se ofereceram para me ajudar a fugir e sair com eles.

Expliquei que estou morando metade do tempo com a tia Amy porque minha mãe está numa espécie de retiro. Sei que é estranho que eu não tenha falado de May para nenhum deles, mas é como se eu tivesse uma chance de deixar as coisas ruins para lá. De ser outra pessoa, alguém como ela. Se eu tivesse ido para o Sandia, todo mundo ficaria de olho em mim, esperando alguma reação. Mas, em West Mesa, só eu sei sobre May. Além da sra. Buster, se alguém por acaso leu a matéria no jornal tantos meses atrás ou ouviu falar da minha irmã, ninguém comentou nada. O

mais provável é que não tenham prestado atenção ou tenham esquecido.

*Beijos,
Laurel*



Querida Janis Joplin,

Acabei de voltar da minha primeira escapada noturna. A janela estava emperrada, mas consegui abrir. Para minha sorte, é daquele tipo basculante pelo qual é fácil passar. Dá para ouvir a tia Amy roncando um pouco, então está tudo bem. Não tinha nenhuma festa hoje, por isso fomos para o Garcia's Drive-In, que fica aberto a noite toda. Pedi uma soda, Tristan pediu dez taquitos, eles fumaram maconha no carro e Kristen colocou sua música para a gente ouvir.

Foi a primeira vez que vi alguém fumar maconha e também a primeira que te ouvi cantar. Sua voz parecia um sussurro, tomando conta de mim lentamente. E Kristen cantou junto, com os olhos fechados e as luzes do neon entrecortadas pela janela refletidas no rosto.

Fiquei preocupada que ela ou Tristan fossem me oferecer o baseado, porque não saberia o que fazer. Prestei atenção em como eles fumavam, para fazer igual, caso precisasse.

Mas quando Tristan se inclinou para o banco de trás, Kristen tirou o baseado da mão dele e disse:

— Não vamos corrompê-la.

Tristan retrucou:

— O quê? Faz parte da educação dela, né, amor?

Kristen deu um tapa no ombro dele e disse:

— Vamos ficar só na parte musical.

Tristan olhou para mim, deu de ombros e comentou:

— Desculpe, docinho. Não posso contrariar a patroa.

Mas devo ter ficado chapada só com a fumaça no carro. Pela maneira como você e Kristen cantaram “Summertime”, parecia que eu estava totalmente imersa na música. Não havia mais nada em volta. Você me fez sentir o que é o verão de verdade. Sob o brilho do sol, você sabia que havia uma camada quente e obscura. A música era como uma despedida, e também dava para sentir isso. Agora é outono. Setembro está quase no fim.

E então aconteceu o seguinte: perguntei a eles, tentando soar bem casual, se conheciam Sky. Desde que esbarramos um no outro no corredor naquele dia, fiquei esperando acontecer de novo, mas ainda não rolou. Ele acenou para mim durante o almoço outro dia, quando me pegou olhando. Achei que Kristen e Tristan pudessem saber alguma coisa sobre ele. Fingi que não estava perguntando com muito interesse. Mas é claro que fiquei vermelha e deixei escapar uma risada, e eles imediatamente perceberam. Tristan começou a cantar: “Docinho está apaixonada!”.

Kristen contou que Sky foi transferido porque foi expulso da antiga escola. Disse que ele não fala sobre isso, então ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Disse também que ele anda com os maconheiros, mas não fuma nem cigarro.

— Ele é legal, de verdade — ela continuou. — Bem legal. Todo mundo acha.

Tristan decidiu que devíamos ir até a casa dele, para eu ver. Procurou o sobrenome de Sky (Sheppard) no

celular de Kristen e o encontrou. Kristen disse que seria meio estranho, mas Tristan riu e garantiu que seria divertido. Secretamente, eu estava muito empolgada para ir até lá. Estávamos longe da escola, em um bairro onde as casas são menores e feitas de tijolo ou com telhado de latão. A maioria dos jardins era bagunçada, havia girassóis com caules emaranhados, peças de carros velhos e tocos de árvore. Mas, na casa de Sky, tudo parecia perfeito. O telhado de latão era mais brilhante que os outros, como se alguém o tivesse polido. E havia fileiras e mais fileiras de calêndulas no jardim, em dois grandes canteiros. Havia um capacho de boas-vindas e uma guirlanda na porta, além de duas abóboras do mesmo tamanho, uma de cada lado, ainda que fosse cedo para o Halloween. Vi que havia alguém do lado fora. Uma mulher de roupão, regando as flores com um regador verde-claro. Eram duas da manhã. Quando estávamos indo embora, vi outra pessoa abrir a porta e, quando olhei para trás, achei que era Sky.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Estou na aula de inglês, sem prestar atenção porque estou escrevendo esta carta, o que é meio irônico, porque, em tese, isso tudo começou como uma tarefa de inglês que eu nunca entreguei.

Ontem, depois que desliguei o telefone com minha mãe, entrei no Google Earth e tentei encontrar o lugar onde ela está. A Califórnia estava pintada de cinza, marrom e verde, como todos os outros estados. Eu sabia que o rancho ficava perto de Los Angeles, mas só isso. Examinei o local, vendo a imagem da cidade feita por satélite, tentando encontrar algum sinal. Quando aumentei o zoom, a imagem perdeu o foco, até chegar à visualização de uma estrada que não dava em lugar nenhum.

Depois resolvi digitar o endereço de onde você morou no deserto, na cidade de Lancaster, na Califórnia. Parecia uma vizinhança normal, e eu até conseguia me imaginar lá. Minha mãe disse que, antes de se tornar Judy Garland, você era Frances Ethel Gumm (mas te chamavam de "Baby"), de Grand Rapids, Minnesota. Sua família se mudou para Lancaster quando você tinha quatro anos. Era um lugar seco e coberto de pó, mas, depois das chuvas de inverno, quilômetros de papoulas vermelhas surgiam em toda parte. Encontrei uma foto das papoulas de Lancaster na internet, o que me fez pensar em você pegando no sono num campo de papoulas em *O*

mágico de Oz, depois do feitiço da Bruxa Má. Minha mãe nem chegou a contar essa parte, mas li que sua família se mudou por causa de rumores de que seu pai dava em cima dos lanterninhas do teatro da cidade. Seus pais costumavam brigar tanto que a assustavam, mas você continuou cantando. Sua mãe se empenhou para transformá-la em uma estrela. Você percorreu o circuito dos espetáculos com suas duas irmãs mais velhas — primeiro como The Gumm Sisters, depois The Garland Sisters, e então assinou sozinha um contrato com a MGM.

Quando pequena, minha irmã era um pouco como você. Ela era a centelha da família, aquela que todo mundo esperava ver brilhar, aquela que tentava impedir qualquer briga. Acho que por causa da história que minha mãe contava, sobre May ter reunido a família, ela sentia que era sua função manter as coisas assim.

Na mesa de jantar, se minha mãe e meu pai começassem a discutir, eu ficava sentada em silêncio, me segurando para não chorar. Mas May desaparecia e voltava usando um collant. Ela ia até a sala, onde todos podíamos vê-la, e começava a fazer pontes e piruetas. Era impossível não olhar. Ela dava estrelas e saltava, e, se os dois ainda não tivessem parado de brigar, dava mortais. Dizia para a gente olhar e fazia um movimento. Nós aplaudíamos, e quando terminava o show, ela perguntava:

— Podemos tomar sorvete de sobremesa?

E então minha mãe pegava as tigelas, e tudo de ruim desaparecia por um momento.

Mas, de vez em quando, minha mãe estava em uma “noite ruim” e não importava quantos saltos May desse, quantas canções cantasse ou quantas piadas contasse, nada mudava o humor dela, que apenas colocava a mão na cabeça de May e dizia:

— Desculpe, amor, mas estou tendo uma noite difícil.

Ela dizia que estava muito cansada para contar uma história antes de irmos dormir. Então nos colocava na cama mais cedo e se escondia no quarto dela. Meu pai ia atrás e tentava acalmá-la. Quando não funcionava, nós o ouvíamos sair de casa.

Ficávamos na cama, May e eu, as duas fingindo dormir, mas totalmente acordadas, e pela parede ouvíamos minha mãe chorar. Eu não percebia na época, mas talvez ela estivesse pensando na própria mãe, que bebia demais, no pai que morrera ou na vida que achou que teria na Califórnia como atriz, e em tudo o que não realizou. Nessas noites, May e eu não éramos o suficiente. E, mesmo que não entendêssemos, de alguma maneira sabíamos disso.

Foi em uma dessas noites, em uma das noites ruins da minha mãe, que May me ensinou a fazer magia. Eu devia ter cinco anos. Sussurrei da cama de baixo do beliche que dividíamos, antes de cada uma ganhar o próprio quarto quando viramos adolescentes:

— May? Estou com medo.

Ela desceu a escada e deitou comigo.

— Do que você está com medo? — perguntou.

— Não sei.

— Eu sei. É das bruxas. Elas estão aqui, mas tudo bem, podemos vencê-las. Temos magia.

— Temos? — perguntei.

— Esperei até você ter idade suficiente para contar. Mas acho que está pronta.

O som da minha mãe chorando havia diminuído com o resto do mundo. Tudo o que importava era May e o segredo que ela ia revelar. Eu me aproximei, esperando.

— O que é? — perguntei, ansiosa.

May sussurrou:

— Somos fadas.

E explicou que cada sétima geração de crianças de nossa família herda a magia. Está nos genes. E contou que, como fadas, podíamos lutar contra as bruxas más.

— Vamos lá! — ela disse, me tirando da cama. — Está pronta para seu primeiro feitiço?

Fomos andando pela casa no escuro, até a porta dos fundos, para pegar os ingredientes. O quintal iluminado pela lua era como um mundo todo nosso. Fui andando atrás dela pelo gramado, a barra do pijama molhada pelo orvalho, as cigarras fazendo um barulho sinistro. Precisávamos de três conchas de caracol vazias, areia fina, um ramo de frutas silvestres e a casca de um dos olmos que havia no jardim. Quando juntamos todos os ingredientes em um balde,

levamos de volta para o quarto; May misturou tudo e proferiu o feitiço em um sussurro.

— Beem-am-boom-am-bomb-am-bruxas-vão-embora! — Ela fez um movimento com as mãos, como se estivesse jogando pequenas estrelas com os dedos. — Viu? — May virou para mim, sorrindo. — Elas foram embora.

E tinham ido mesmo.

Enfiamos a poção embaixo da cama, e May disse que, enquanto estivesse ali, as bruxas não poderiam nos pegar. Naquele momento, eu soube que, enquanto tivesse minha irmã, tudo ficaria bem.

Agora que ela não está aqui, preciso encontrar outra maneira de fazer mágica. E parece que ela está me mandando um feitiço que pode ajudar. Eis o que aconteceu. No começo da aula, pedi à sra. Buster para ir ao banheiro. Em vez de ir, fiquei andando pelos corredores, olhando pela pequena janela na porta das classes, como se pudesse encontrar algo.

Então passei por uma estante onde todos os troféus de esportes, debates e feiras de ciências ficam expostos e notei meu reflexo no vidro embaçado. Tudo em mim estava errado. Eu não podia refazer meu rosto todo, então comecei pelo cabelo. Estava arrumando o rabo de cavalo pela terceira vez quando Sky apareceu.

— Quer dar uma volta de carro ou algo assim? — ele perguntou, simplesmente. Era a segunda vez que falávamos um com o outro.

— Hum... estou no meio da aula de inglês.

Ele riu.

— Não está, não. Você está aqui parada. Bem na minha frente, aliás.

Sorri de volta. Eu queria perguntar sobre a casa e a mulher que devia ser a mãe dele cuidando do jardim no meio da madrugada. Mas é claro que não podia. Então fiquei em silêncio por um instante, reparando em tudo. No cílio que havia caído no rosto dele. No peito dele sob o moletom. E esqueci que deveria dizer alguma coisa.

— Então, quer dar uma volta de carro?

— Depois da aula?

— Sim, te encontro no beco.

E, com isso, ele deu meia-volta e foi embora pelo corredor.

Voltei a me olhar no vidro escuro e vi uma ponta de sorriso. Meu rosto não parecia mais tão errado e, antes de me virar, notei que meus olhos tinham o mesmo formato dos olhos de May.

Meu estômago estava totalmente embrulhado. Eu me perguntei se Sky fazia manobras arriscadas e atravessava faróis vermelhos como May. Eu tinha medo de andar de carro com ela, segurava na porta e prendia a respiração. Ao mesmo tempo, adorava aquilo. Adorava a sensação de estarmos sozinhas no carro, como se pudéssemos ir aonde quiséssemos. Só nós duas.

Para minha sorte, estou com meu pai nesta semana e volto para casa de ônibus, então não tenho que

pensar no que dizer à tia Amy. Preciso ir agora. O sinal já vai tocar. Me deseje sorte e coragem.

*Beijos,
Laurel*



Querido Jim Morrison,

Esperei na entrada do beco depois da aula, e Sky apareceu no carro dele. Uma caminhonete Chevrolet. Kristen, que estava ali fumando, me deu uma piscadela. Entrei no carro e olhei para Sky. Me perguntei se ele podia ouvir meu coração batendo forte. Como se as costelas fossem uma jaula e o coração quisesse fugir. Quando ele deu a partida, a música ficou alta. Perguntei o que estava tocando, e Sky respondeu que era The Doors, e que a música se chamava "Light My Fire".

— Se você ama Kurt, vai amar o Jim Morrison.

E estava certo, realmente amei você.

De repente, tínhamos saído do bairro e estávamos na estrada, perto das montanhas, voando. Apoiei a mão na janela e coloquei a cabeça para fora. Senti meu cabelo voando, o ar batendo no rosto e, por um momento, não me preocupei em como agir. Porque eu estava perfeita ali. Tudo estava perfeito. E Sky era um motorista perfeito. Nada assustador. Só firme. E rápido. Eu queria que a música durasse para sempre.

Quando coloquei a cabeça para dentro de novo, Sky olhou para mim e meio que sorriu.

— Chega mais perto — ele disse.

Então fui para o meio do banco, e tudo desacelerou, menos o carro. A música e o motor continuaram. Ele colocou a mão na minha coxa. Bem pra cima. Bem na parte onde a saia acabava. Seus dedos se moveram,

muito de leve. Tanto que, se eu olhasse para baixo, provavelmente nem veria o movimento. Mas eu senti, o suficiente para notar que ele sabia o que estava fazendo. Ele já tinha feito aquilo antes.

Por um momento, minha mente viajou. Eu me lembrei da sensação daquelas noites com May, quando pensavam que estávamos no cinema. De repente, tentei não deixar Sky perceber que eu estava respirando mais rápido. Fiquei olhando para a estrada à frente e imaginei que estava no alto, olhando pela janela de um avião. A estrada pareceria um risco atravessando o terreno. A caminhonete de Sky seria um carro de brinquedo.

— Em que está pensando? — ele perguntou.

— Nada...

— Quer ir a algum lugar?

— Não, eu gosto de andar de carro.

E então ele tirou a mão da minha perna, pegou minha mão, e ficamos assim. Sky pareceu uma âncora na terra. Eu estava de novo no carro com ele, que continuou dirigindo, rápido, mas não mais rápido nem mais devagar. Na velocidade ideal o tempo todo.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amy Winehouse,

De certa forma, você parecia saída dos anos 60, como Janis e Jim, ou dos anos 90, como Kurt; sua audácia era de outra época. Quando seu primeiro álbum foi lançado, você ainda tinha um ar inocente, de uma garota bonita que dizia se achar feia nas entrevistas. Mas quando seu segundo álbum saiu, você tinha inventado uma personagem. Subia ao palco de vestido, bebendo, com o penteado enorme e delineador à Cleópatra; cantava com uma voz que emanava do seu corpo magro. Você usava roupas como se fossem uma armadura, mas, nas músicas, se abria totalmente. Estava disposta a se expor sem se importar com o que as pessoas pensavam. Eu gostaria de ser assim.

Você sempre foi ousada, mesmo quando criança. Foi expulsa do curso de teatro em Londres quando tinha dezesseis anos por fazer um piercing no nariz e porque não "se esforçava". Hannah me contou isso. Ela também não se esforça, mesmo que os professores sempre digam que é muito inteligente.

Hoje, em vez de esquecer o uniforme da educação física, Hannah sugeriu simplesmente cabular a aula. Ela disse que Natalie cabularia a dela também e que a mãe de Natalie ficaria no trabalho até tarde, então podíamos comprar alguma bebida e tomar na casa dela. Questionei um pouco se devíamos beber de dia, mas liguei para meu pai mesmo assim.

— Vou para a casa da Natalie estudar depois da aula, então vou chegar um pouco mais tarde, tudo bem?

— Tudo bem — ele disse. E então fez uma pausa. — Estou orgulhoso de você, Laurel. Não é fácil passar pelo que passou, mas aí está você, vivendo a vida.

Ele parecia sincero ao falar, e era mais do que havia dito em muito tempo. Meu estômago pesou com a culpa. Eu me perguntei o que ele pensaria se soubesse o que realmente íamos fazer.

Engoli em seco.

— Obrigada, pai — disse. E desliguei o mais rápido possível.

A caminho da loja, Hannah cantou “Valerie”, porque, entre as que você canta, é a preferida de Natalie. Hannah disse que você tinha o melhor estilo de todos, Natalie disse que você tinha tatuagens de pin-ups, e Hannah disse que você teve um caso com algumas, mas acrescentou:

— Amy não era lésbica. Não sem um pouco de bebida. — E então riu.

Eu me perguntei se era o que Hannah achava de si mesma.

Quando chegamos ao mercado, a tempestade grudava as folhas na calçada. O melhor jeito, Hannah explicou, é ficar parada do lado de fora da loja, fazendo pose. Quando um cara passa, você olha para ele daquele jeito. Então você dá o dinheiro a ele e, quando voltar e perguntar o que você quer fazer, é só pegar a garrafa e correr. É muita adrenalina. Natalie

disse que Hannah é quem faz isso melhor, e que os caras sempre aparecem quando ela olha. Mas Hannah me fez tentar. No fim, apareceu um sujeito com rabo de cavalo e calça jeans com XTC escrito nela. Parecia um roqueiro de vinte anos atrás. Preparei meu olhar, e ele me notou e deu oi. O segredo é fazer parecer que ele vai ganhar algo em troca do favor. Foi o que Hannah disse. Fiquei nervosa, mas tentei não demonstrar.

Então, quando estávamos paradas do lado de fora esperando ele voltar, vi Janey, uma amiga da minha antiga escola. *Ah, não*, pensei. Meu coração disparou. Ela estava de mãos dadas com um jogador de futebol bonito, que vestia uniforme do Sandia. O cabelo dela estava perfeito, penteado para trás com uma faixa, a saia curta na medida, meia-calça combinando e galochas. Eu me perguntei o que ela estava fazendo ali. Janey não é do tipo que mata aula. Então me dei conta de que, àquela hora, as aulas já tinham acabado. Tentei virar para ela não me ver, mas era tarde demais. Os olhos de Janey pousaram em mim e congelaram.

— Oi — murmurei.

Ela olhou para o garoto com quem estava, e eu me perguntei se ficava constrangida de falar comigo.

— Oi, Laurel.

Ela fez uma pausa por um instante, e fiquei torcendo para que simplesmente entrasse. Mas Janey se aproximou e colocou a mão no meu braço, como se

fosse um médico prestes a anunciar que alguém está morrendo.

— Como você está?

— Hum... bem.

Ela apertou os lábios e deu um sorriso triste.

— Estou com saudade — disse.

— É, eu também.

Eu queria perguntar o que ela estava fazendo, mas o cara do XTC saiu da loja com uma garrafa de whisky. Eu sabia que precisava pegá-la e correr. Então, assim que Janey me olhou assustada, eu falei para ela e para o garoto do XTC que precisávamos ir, peguei a garrafa e corri o mais rápido que consegui, com Natalie e Hannah atrás de mim.

Quando nos afastamos o suficiente, diminuimos o ritmo para recuperar o fôlego, e Hannah perguntou:

— Quem era?

— Ah — respondi —, uma garota que eu conheço. Da outra escola.

Não contei a elas que Janey e eu costumávamos passar todas as noites na casa uma da outra quando éramos crianças nem que fazíamos apresentações de *O mágico de Oz* com May, cobrando vinte e cinco centavos de nossos pais. Não contei que a última vez em que vi Janey foi no velório de May, seis meses atrás, nem que ela ligou durante o verão e deixou mensagens algumas vezes para ver se eu queria passar a noite na casa dela. Não contei que não retornei as ligações. Porque não sabia como explicar que, depois que May morreu, tudo o que eu queria era

desaparecer. Que minha irmã era a única pessoa em quem eu poderia desaparecer.

De repente, quis botar tudo para fora, mas, quando pensei em dizer o nome de May, fiquei paralisada. Se eu tentasse explicar, elas iam querer saber o que aconteceu, e eu não conseguiria contar. Ficariam tristes por mim, e, quando você se sente culpada, não existe nada pior do que pena. Só faz você sentir mais culpa.

Havia uma barreira entre mim e o mundo. Parecia uma grande parede de vidro, espessa demais para ser atravessada. Eu poderia fazer novos amigos, mas eles nunca me conheceriam, não de verdade, porque nunca conheceriam minha irmã, a pessoa que eu mais amava no mundo. E nunca saberiam o que eu fiz. Eu precisava aceitar que estava do outro lado de uma parede intransponível.

Então fiz o melhor que pude para esquecer Janey e rir com as meninas quando voltamos para a casa de Natalie e abrimos a garrafa. Com toda a ansiedade, me esqueci de especificar que queríamos algo com sabor de fruta. Como uísque puro não é muito bom, misturamos com suco de maçã.

O suco me fez lembrar de quando fomos colher maçãs no outono com meus pais. May e eu sempre queríamos pegar as que não alcançávamos. No alto, elas eram mais brilhantes, não tinham manchas e pareciam melhores. Íamos na frente e, quando ninguém estava olhando, nos escondíamos entre as fileiras de árvores e subíamos nelas. Uma vez eu caí e

ralei o joelho. Mas não chorei. Deixei sangrar embaixo da legging para ninguém ficar sabendo nem nos pedir para parar. Depois da colheita, comprávamos suco de maçã e rosquinhas de canela.

Eu queria meu uísque com suco quente, então coloquei no micro-ondas. O cheiro era de memórias e fogo. O gosto não era tão bom, mas Natalie, Hannah e eu bebemos mesmo assim, tiramos a blusa e fomos para o quintal rodopiar na chuva. Caímos no chão rindo.

Acabei ficando ali deitada por um longo tempo, só olhando a chuva cair e tentando distinguir cada gota. Elas começaram a cair muito rápido. Pensei em Janey e lembrei que, quando dormíamos na minha casa, ficávamos acordadas até tarde, tomávamos sorvete e pedíamos para May pintar nossas unhas. Olhei para minhas mãos, o esmalte roxo lascado. Pensei em como, no últimos anos do ensino fundamental, depois que comecei a sair com May, Janey e eu passamos cada vez menos noites uma na casa da outra. Ficou mais difícil andar com ela, porque eu não sabia como contar sobre as noites de sexta e como aquilo me deixava aflita.

De repente, eu não queria ficar sozinha. A chuva estava forte, e tive medo de alguma coisa que eu não conseguia ver, mas que sentia estar perto o bastante para fungar em mim. E fiquei preocupada que, de alguma maneira, o sujeito do XTC de quem fugimos me procurasse.

Então entrei e encontrei Natalie e Hannah no quarto. Elas estavam se beijando de novo. Ou melhor, dando um amasso de verdade agora. Estavam sem blusa, o cabelo molhado grudado no rosto. Quando abri a porta, por um minuto, elas não notaram. Então Hannah me viu primeiro. Ela se afastou de Natalie com um salto e começou a rir.

Natalie disse:

— A gente estava com frio. Estamos tentando nos esquentar.

— Venha, se esquite com a gente — disse Hannah.

— Não precisa — eu disse e fechei a porta.

Não acho que ficaram tão preocupadas, afinal, não falei nada para ninguém da outra vez. Elas provavelmente continuaram se beijando. Então fui para o escritório, procurei um lugar mais quente e dormi ali até a hora de ir para casa.

Talvez Hannah tenha vontade de beijar Natalie mesmo sem estar bêbada, mas não admite. Hannah diz que Natalie a conhece melhor que qualquer outra pessoa. Disse que são melhores amigas. Mas acho que Natalie não a ama só como amiga. Eu me pergunto se Hannah a ama assim também, e se existe um motivo para ter medo de admitir.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Hoje, quando estava fazendo a prova de inglês, notei a sra. Buster me observando com seus grandes olhos esbugalhados, como se eu a tivesse decepcionado. Depois que o sinal tocou, ela disse:

— Laurel, posso falar com você um minuto?

De novo, não, pensei. Fui até a mesa dela e não tirei os olhos do chão, na esperança de que a professora não fingisse saber alguma coisa sobre May nem perguntasse o que havia comigo. Ela passou os dedos pelo cabelo loiro alisado e fez uma pausa breve.

— Você não entregou a carta, mesmo com mais tempo.

Era estranho que a sra. Buster trouxesse esse assunto à tona. Quer dizer, fazia quase um mês e meio. Por que ela se importava?

— Eu sei — respondi. Fiquei preocupada que ela percebesse o que estava acontecendo comigo. — Ainda não terminei.

— Normalmente, eu não aceitaria uma tarefa tão atrasada, mas gostaria que você a terminasse. Acho que é importante porque...

E com isso ela deixou o assunto no ar. Acho que não quis falar “porque sua irmã morreu”. Eu queria dizer que ela não entendia. Ela não entenderia. Era um mundo privado. E a sra. Buster não podia entrar nele. Mas, em vez de dizer qualquer coisa, fiz que sim e fui embora.

Então fui até meu armário e estava procurando uma foto de May comigo, que fica ali dentro, quando reparei em outra coisa. Um convite para o baile da escola. Feito de cartolina vermelha em formato de coração, meio torto. Como se uma criança do jardim de infância tivesse feito um cartão para o Dia dos Namorados. Por um momento, esperançosa, pensei que pudesse ser de Sky. Mas não era. QUER IR AO BAILE COMIGO? EVAN F. Fiquei enjoada.

Eu só tinha falando com Evan Friedman uma vez. Ele é popular, um dos garotos mais conhecidos do segundo ano. Tem a pele muito branca e, sinceramente, parece um pouco um macaco albino. Falando assim, parece que ele é feio, mas não é. Além disso, é muito bom nos esportes, no skate e nas matérias, como se tudo no mundo fosse fácil para ele. Temos aula de álgebra juntos. Umas duas semanas atrás, virei para perguntar se ele tinha um lápis para emprestar, porque minha lapiseira tinha quebrado. A mão dele meio que estava dentro da calça. Meus olhos pousaram ali e voltaram rapidamente. Minha garganta ficou seca, e eu precisava dizer alguma coisa para que ele não achasse que eu só estava olhando. Então gaguejei a pergunta original.

— Você tem um lápis para emprestar?

Ele pegou um e me entregou. Depois, reparei mais de uma vez que estava olhando para mim.

Por que ele estava me convidando para o baile? Não tenho nada a ver com a ex-namorada dele, Britt, que é loira, tem lábios cor de cereja e uma personalidade

alegre. Eu me perguntei se era só porque eu tinha olhado para a virilha dele naquela vez.

Eu queria que Sky me convidasse. Procurei por ele desde nosso passeio, uma semana e um dia atrás. Mas ele não estava no almoço. Só o vi uma vez, andando pelo corredor com outros garotos do terceiro ano e uma garota com o cabelo tingido de preto e botas pretas. Ela estava rindo e tinha a mão no braço dele. Sky olhou quando passou e viu que eu o fitava. Ele me encarou por um momento antes de inclinar a cabeça, me cumprimentando. Devo ter parecido uma maluca, olhando daquele jeito.

Hoje no almoço, Kristen e Tristan sentaram com a gente, e contei a eles sobre o convite de Evan.

Hannah exclamou:

— O bonitão da turma quer transar com você!

— Bom, ele já vive com a mão na calça.

Isso fez todo mundo rir, porque eu nunca falo coisas assim. Hannah quase cuspiu o suco.

— Você vai aceitar? — Natalie perguntou.

— Não sei — respondi. E então perguntei para Tristan e Kristen — Vocês vão ao baile?

— Cansamos dos bailes da escola, né, amor? — Tristan respondeu.

Kristen assentiu.

— Vocês acham que Sky também já cansou? — perguntei.

— Infelizmente, acho que sim — disse Tristan.

— Para mim, parece que ele quer passar o mínimo de tempo possível na escola, por isso não tem

aparecido no almoço. E, apesar de andar com a turma descolada, ele ainda não pertence de fato a nenhum grupo e não desistiu de ser o garoto misterioso da escola. Por isso uma multidão de meninas está sempre encostando nele. Mas, claro, minha aposta ainda é você — disse Hannah.

Kristen continuou:

— A minha também, mas conheço garotos como ele, Laurel. Sky não é do tipo que namora. É aquele cara que, sabe, fica com umas garotas às vezes.

— Tristan é o tipo de cara que namora? — perguntei, tentando entender o que aquilo significava.

Kristen riu.

— Ele não era, antes de me conhecer — admitiu.

— Mas ela me converteu! — disse Tristan. — Sou a prova de que é possível.

— Talvez você converta Sky. — Kristen tentou me animar.

— Não nos falamos desde a semana passada. Não sei se ele gosta de mim, na verdade.

— Acho que Sky gosta, sim, de você — disse Tristan. — Afinal, ele te convidou para dar uma volta na caminhonete do amor. E, se vocês não se falam desde então, é porque você o deixa nervoso. O que prova que gosta de você. Homens também podem ser tímidos.

É difícil imaginar que deixo Sky nervoso, mas espero que Tristan esteja certo.

Quando o almoço terminou, eu ainda não sabia o que fazer com o convite de Evan. Na aula de álgebra,

sentei do outro lado da sala e tentei não olhar para ele. Quando tocou o sinal, demorei bastante para prender o bloco no fichário e abri e fechei as argolas várias vezes, esperando ele ir embora. Mas, quando olhei para cima, lá estava Evan.

— Recebeu meu convite?

Olhei para ele com a expressão vazia.

— Sim.

— Isso significa que, sim, você vai comigo, ou que, sim, você recebeu?

Depois do que Hannah e Kristen disseram, imaginei que as chances de Sky ir eram quase nulas, ainda mais considerando que só faltava uma semana e meia para o baile. E pareceu difícil dizer não para Evan e seu convite em formato de coração. Então eu disse:

— Hum... Sim, eu vou. — E acrescentei — Mas tenho planos antes. Podemos nos encontrar lá?

Vi muitos casais indo a bailes em filmes na TV — as garotas com vestido de cetim cortando pedaços minúsculos de costela que não vão conseguir terminar em algum lugar parecido com o Outback, tomando coquetéis e piña colada sem álcool, enquanto o garoto engole o prato inteiro e então ataca o dela. E sei que Evan provavelmente tem amigos populares que fazem esse tipo de coisa. O que eu conversaria com eles?

Sinceramente, não quero que Evan me busque, porque não suportaria vê-lo entrando na casa silenciosa. Não queria que visse onde moro. E não quero que meu pai faça um tipo e pegue a máquina fotográfica. Não tiramos mais fotos.

Evan ainda olhava para mim.

Tentei dar a ele uma chance de desistir.

— Sabe, se você quiser convidar outra pessoa que possa jantar antes, entendo perfeitamente. Não tem problema.

Ele disse apenas:

— Não, tudo bem. Você pode sair depois, certo?

Acho que essa era a parte que mais importava. A possibilidade de ficarmos juntos depois ou não.

— Sim, claro — murmurei.

Esse vai ser meu primeiro baile. Com Evan Friedman e o convite em forma de coração. Devia ser com Sky.

No primeiro baile de May, no primeiro ano dela, eu a vi se arrumar, colocar um vestido vermelho, não de cetim, mas de seda. Ela estava tão linda e viva. O par dela, Justin Alvarez, um garoto do último ano, tocou a campainha e colocou uma flor na lapela. Fiquei escondida no batente da porta, observando. Mesmo que já tivessem se separado nessa época, minha mãe e meu pai queriam dar tchau a ela em seu primeiro baile, então minha mãe estava em casa naquela noite. Ela tirou fotos de May, que estava linda. Meu pai apertou a mão de Justin e disse:

— Esteja em casa à meia-noite.

Tive a sensação de que aquele garoto de terno estava levando minha irmã embora, para uma nova vida, da qual eu não participaria. Tive vontade de ir junto.

Naquela noite, quando ela voltou, às duas da manhã, entrou em casa na ponta dos pés. Tinha

ligado para meu pai, dito que estava se divertindo muito e implorado por mais duas horas. Ele finalmente concordou e foi dormir, mas fiquei deitada esperando, de olhos abertos sob a luz da lua. Quando a ouvi chegar, abri a porta do quarto dela. May disse:

— Você precisa ouvir isto.

Ela colocou um CD e tocou "The Lady in Red". Várias vezes. Deitei na cama dela e fiquei observando enquanto soltava o cabelo, colocando os grampos na penteadeira, e tirava o batom. Quando os cachos caíram bagunçados sobre os ombros, ela se deitou a meu lado, recomeçando a música e fechando os olhos. Dormiu com o vestido vermelho. Vi a barra com lantejoulas amassando entre a coxa dela e o lençol. May era a menina mais linda que eu já tinha visto. E me perguntei se algum dia alguém acharia isso de mim.

*Beijos,
Laurel*



Querido Allan "Rocky" Lane,

Eu queria saber quem você era, além da voz do Mister Ed, então fiz uma pesquisa na internet. Encontrei uma foto sua e fiquei surpresa quando vi que era muito bonito. Um homem do Velho Oeste. Durão e gentil ao mesmo tempo. Até então, quando pensava em você, tudo o que me vinha à cabeça era o Mister Ed. Mas descobri que cresceu em Indiana e saiu da escola porque sonhava em ser um astro de Hollywood. Antes de se tornar o Mister Ed, você era Harry Leonard Albershart, de Indiana, e depois o ator Allan Lane, também conhecido como Rocky. O texto dizia que você fez trinta filmes de faroeste de baixo orçamento, andando em um cavalo chamado Black Jack pelos estúdios. É estranho como até os sonhos se transformam em empregos.

Quando estava fazendo um desses filmes, como *Vingança implacável* e *Traição na fronteira*, você se imaginava atravessando um deserto de verdade a cavalo, galopando para algum lugar? Pode ser que você não tenha realizado o sonho de se tornar um astro, mas, quando virou o Mister Ed, galopou na sala de pessoas que o amavam. Eu sei disso.

A tia Amy vê seu programa desde que ela e minha mãe eram crianças. Acho que a faz lembrar outros tempos, mais seguros. A maneira como você nos faz rir é tão inocente — um cavalo falante vai ao dentista,

liga para estrelas de cinema, assiste à TV. Nada de ruim acontece.

Eu queria que a tia Amy encontrasse alguém como você. Alguém que a faça rir, que fique bem de chapéu de cowboy e o tire para cumprimentá-la. Se você estivesse aqui, poderia fazer a voz do Mister Ed e arrancar umas risadas dela. Mas, em vez disso, minha tia tem o homem de Jesus, que nunca retorna suas ligações.

Quando a vejo colocar o avental de manhã e ir trabalhar, sei que para ela o tempo se arrasta. Você, mesmo que não tenha realizado totalmente seu sonho, chegou perto de conseguir. Mas ela trabalha numa lanchonete Casa Grande, onde até quem vai comer parece sempre querer estar em outro lugar. Os cozinheiros colocam muito tempero nos sanduíches. Uma bola enorme, sobre uma rodela de tomate passado. Nem se dão ao trabalho de espalhar. A coisa toda vira uma meleca.

No fim de semana passado, ela me pediu para visitá-la no trabalho. O turno dela estava quase acabando, e eu estava em uma das quatro mesas ocupadas. Do outro lado do salão, havia um homem com uma camiseta que dizia ABSTINÊNCIA: 99,9% EFICIENTE, com uma imagem de Jesus e da Virgem Maria. Quando o chá gelado dele acabou, sugou pelo canudo o resto do gelo que tinha derretido. O refil não veio, e ele estalou os dedos. A tia Amy provavelmente não gostou dele por causa da camiseta, foi até lá sem a jarra de chá gelado e disse que estava sendo

grosseiro. Eles começaram a discutir, e o gerente acabou dando o chá gelado de cortesia. Outra mesa perto de mim devolveu a batata frita porque estava crocante demais. Fiquei observando a tia Amy atrás do balcão. Ela limpou o nariz na mão e, quando achou que ninguém estava olhando, passou a mão sutilmente na nova porção de fritas. Fiquei surpresa ao ver alguém que acredita em Jesus fazer isso. Mas é um trabalho ingrato.

O baile é neste fim de semana (ainda bem que vou estar com meu pai), mas a tia Amy viu a anotação no calendário, então sabia que o dia estava chegando. Depois do turno do almoço, quis ter uma conversa comigo. Disse que, se eu ia a um baile da escola, precisava ser sensata. E então começou a fazer um discurso sobre não dançar perto demais.

— Lembre-se de deixar um pouco de espaço para o Espírito Santo.

Você deve estar rindo, mas, apesar de ela ter esboçado um sorriso quando disse isso, não acho que era piada. Minha tia me lembrou das armadilhas da carne e, então, perguntou se eu queria fazer compras. Preciso de um vestido, mas não queria ir com a tia Amy, porque ela não gosta de alças finas, e todos os vestidos bonitos têm alças finas. Eu sabia que ia acabar comprando um vestido de igreja e me sentiria culpada se não o usasse. Então disse que precisava fazer o dever de casa. Ela me deu vinte dólares, e eu não quis dizer que não dava pra comprar um vestido com aquele valor. Então aceitei e, mesmo me

sentindo mal, pensei que serviria para comprar bolachas pelo resto do ano.

Hoje no almoço, antes de comprar um pacote, procurei Natalie e Hannah. Quando encontrei, Natalie estava dando uma tulipa para Hannah. Ela aceitou a tulipa e a cheirou, mesmo que tulipas não tenham perfume. Natalie riu e disse:

— Você gostaria de ir ao baile comigo, querida?

Hannah deixou a tulipa na bandeja e olhou para Natalie.

— Como assim? — ela perguntou, com a voz tensa.

Natalie respondeu:

— Essa coisa toda de baile é tão idiota. Achei que a gente podia se divertir, sem se preocupar com garotos nem nada. Podemos usar vestidos anos 20 e jantar antes naquele lugar de fondue.

A voz de Natalie ficou mais alta no fim, como se estivesse esperançosa. Então ela se virou para mim rapidamente e disse:

— A Laurel vai com a gente. Desculpe não ter trazido uma flor para você, Laurel. Não sei de qual você gosta. Roubei a tulipa do jardim do meu vizinho. Ele saiu e começou a gritar, então tive que correr. Veio atrás de mim por meio quarteirão antes de ter um ataque de asma.

Tentei rir.

Hannah disse:

— Laurel vai com Evan Friedman, lembra? De todo jeito, Kasey vai me levar. Eu o convenci. Ele vai pegar

emprestado o conversível do pai. Mas acho que você pode vir com a gente, se quiser.

Natalie pareceu incomodada.

— Por que ele iria a um baile do ensino médio? Ele tem, tipo, dezenove anos.

Hannah abriu um sorriso malicioso e disse:

— Eu disse que, se ele viesse, teria uma surpresa especial depois.

Vi que algo em Natalie se partiu. A expressão no rosto dela era como quando você prepara uma torrada de manhã, tira da torradeira, coloca manteiga e geleia, leva para o quarto, toda empolgada, e ela cai virada para o chão. É tão decepcionante que nem dá vontade de preparar outra.

Natalie respondeu apenas:

— Tudo bem, não tem problema. Na verdade, uma pessoa me convidou.

Hannah olhou para ela e perguntou:

— Quem?

Natalie olhou para baixo e depois para Hannah. O rosto dela ficou vermelho. Se estava com raiva ou com vergonha, não sei dizer. Mas era um momento das duas. Então murmurei algo sobre bolachas e saí.

Quando estava indo para a fila do refeitório, vi Sky parado na minha frente. Quase mudei de direção, mas voltei e entrei na fila atrás dele. Fiquei olhando para a cabeça dele, que estava de costas, e não falei nada por um tempo. Cheguei a abrir a boca, mas não saía nada. Até que, finalmente, consegui dizer:

— Oi.

Ele virou, surpreso em me ver.

— Ah. Oi.

— Oi — eu disse de novo, como uma idiota.

— E aí?

Eu me peguei mais uma vez imaginando como responder a essa pergunta tão terrível. Acabei perguntando:

— E, então, você vai ao baile neste fim de semana?

— Não sei. E você?

— Se vou ao baile?

Ele me olhou como quem diz “Sim, claro”.

— Também não sei. — E então continuei: — Bom, na verdade eu vou. Me convidaram pra ir.

Sky ficou tenso, juro que os músculos no braço dele se contraíram um pouco, e então ele perguntou:

— Quem te convidou?

— Um cara. — Silêncio. Então continuei falando: — Mas nem sei se quero ir. Quer dizer, é o tipo de evento que nunca acontece como deveria ser, sabe?

De repente, do nada, ele disse:

— May era sua irmã, né?

Fiquei petrificada. Como ele sabia? Ninguém ali tinha me perguntado sobre ela, só a sra. Buster. Talvez Sky tivesse amigos na antiga escola dela. Ele está no terceiro ano, teriam a mesma idade. Ou talvez tivesse estudado na mesma escola antes de ser transferido. Não era impossível.

— Sim — respondi por fim.

— Vocês são parecidas.

— É mesmo?

Foi como se alguém tivesse acendido fogos de artifício em meu peito. Eu podia sentir as faíscas brilhantes e quentes subindo. Ele me achava parecida com May.

Nunca falei dela para nenhum dos meus novos amigos. Mas, com Sky, era quase bom, como se ele fizesse parte do mundo secreto dela. E Sky não fez nenhuma pergunta inadequada. Só falou:

— Você tem os olhos dela.

E então ficamos em silêncio de novo, até ele dizer:

— Não sei se vou.

— Ao baile?

— Sim.

— Você devia ir.

— Por quê?

— Porque sim. E se for como deveria ser? Sabe, como o Natal durante a infância, quando ainda não te deixa triste.

Sky riu um pouco e disse:

— Você pensa muito sobre isso, né? Sobre expectativas.

Antes que eu pudesse responder, chegou a vez dele na fila. Sky pediu uma pizza, que veio em um triângulo de papel alumínio. Quando chegou minha vez, ele parecia não saber se me esperava ou se levava a pizza embora. Olhei para ele enquanto a mulher da cafeteria tamborilava os dedos com impaciência no balcão. Eu estava segurando a fila. E sabia que devia dizer alguma coisa. Ele deu um sorriso, um sorriso compreensivo, e então foi embora.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Na noite do baile, jantei panqueca fria com meu pai. Parece meio deprimente, mas não me importei. A única coisa que eu não tinha era um vestido. Experimentei alguns velhos, mas eram todos péssimos, cheios de babado e não serviam mais. Eu queria ficar bonita, caso Sky aparecesse e me visse. Então fui até o quarto de May. Abri o guarda-roupa, onde estão os suéteres com gola cortada dobrados e os bichos de pelúcia, e encontrei o vestido, o vestido vermelho de seda. Eu o coloquei. Serviu mais ou menos. Ficava mais comprido em mim, e a parte de cima ficava mais solta no peito (porque não tenho muito), mas até que me senti bonita. A barra tinha pontas soltas cobertas com lantejoulas. Girei até ficar tonta, de um jeito bom. Passei sombra até meus olhos arderem.

A parte ruim foi que precisei pedir para meu pai me levar ao baile. Acho que ele pensou que eu estava mentindo quando expliquei que meu pai me encontraria lá. E acho que ficou com pena de mim, pensando que eu ia sozinha. Eu disse que pegaria uma carona na volta, porque sei que meu pai gosta de dormir cedo, mas ele fez questão de dizer para eu ligar, se precisasse. E então comentou, como é esperado que um pai faça:

— Querida, você está linda.

Eu me perguntei se ele lembrava que o vestido era da May.

Quando cheguei, fiquei parada na frente do portão duplo do ginásio, esperando Evan. Ele tinha me mandado uma mensagem de texto dizendo para nos encontrarmos às oito e meia. Eram oito e quarenta e três quando ele finalmente apareceu e segurou meus braços. Dei um gritinho, fingindo surpresa. Ele estava usando uma camisa preta com uma gravata roxa.

— Oi. Assustei você?

Estava com os olhos vermelhos, como se estivesse chapado. Percebi que nossas roupas não combinavam em nada.

— Sim, um pouco.

Ele parecia arrependido de ter me convidado, mas tentou disfarçar.

— Está pronta?

Evan me deu o braço, e nós entramos. Me senti mal por ele ir com alguém que não é muito boa nessas coisas, então decidi tentar fazer o melhor por nós. Mas não me forcei a dizer as coisas certas. Quando ele disse que eu estava bonita, murmurei:

— Não estou, não.

Mas acho que ele não deve ter entendido o que eu quis dizer. Afinal, era o vestido da minha irmã.

Entramos, e eu não sabia bem como agir. Finalmente, Evan perguntou se eu queria ponche.

— Claro — respondi.

Ele disse que ia pegar e me deixou no meio do salão brilhante na entrada, perto da cabine de fotos.

Em geral sou boa em encontrar coisas que me façam parecer ocupada, mas não havia nada. Tirei um grampo do cabelo e coloquei de novo. Dava para ouvir uma versão abafada de “Bad Romance” saindo do ginásio.

Finalmente, vi Natalie entrar com um garoto chamado Brian, que fica sentado sozinho na bancada dupla do laboratório de biologia e levanta a mão o tempo todo. Ela estava com um vestido longo que se ajustava perfeitamente ao corpo. Sua pele parecia sedosa como sempre, sem maquiagem. Brian seguia atrás, com uma gravata-borboleta e gel demais no cabelo. Ela pareceu tão aliviada em me ver quanto eu, e fomos correndo nos encontrar.

— Por que as pessoas fazem isso? — perguntei.

Natalie riu.

— Não faço ideia. Mas acho que somos tão idiotas quanto os outros. — Ela tirou um cantil da bolsa e me entregou. — Bebida?

Tomei um gole. E mais um. Natalie amou o vestido de May, então dei um giro para ela, depois mais um e mais um. Fiquei rodando até ficar quase tonta.

Natalie fez um ótimo trabalho em basicamente ignorar Brian até Hannah chegar. Hannah estava com um vestido de cetim, como a maioria das garotas, e ficava linda nele — os ombros claros e cheios de sardas contrastavam com as alças finas do vestido azul-marinho. Estava de braço dado com Kasey. Era a primeira vez que eu o via. Ele era baixo; mesmo sem salto, Hannah devia ser mais alta que ele. Mas era

todo musculoso, do tipo que vive na academia. Quando ela o trouxe para nos cumprimentar, Natalie puxou Brian mais para perto. Era claro que Hannah não tinha a mesma opinião que nós sobre o baile, ou ao menos não foi o que demonstrou, ou as piña coladas dela tinham álcool, ou todas as anteriores. Porque estava perfeita de braço dado com um aluno de faculdade, conversando e rindo com um ar superior, até por fim arrastar Kasey para a cabine de fotos.

Quando Evan finalmente voltou e me entregou um copo com ponche pela metade, não perguntei por que tinha demorado tanto. Ele ficou mudando o peso do corpo de um pé para o outro, parecendo infeliz com a companhia. Até que, no fim das contas, ele disse:

— Nós viemos aqui para dançar, não é? — E estendeu a mão para mim. — Vamos?

Tentei ser um bom par e fui com ele pelo ginásio. Eu estava tão bêbada que parei de me preocupar que meu primeiro baile não deveria ser assim. Uma música do Jay-Z tocava. Evan cantava junto, mas seguindo a letra original, "*Can I get a fuck-you*", sobre a versão com a letra censurada, "*Can I get a what-what*", que era a que estava tocando. Ele impulsionou o corpo de um pé para o outro e colocou a mão na calça.

Tentei acompanhar o ritmo dele, mas a verdade é que Evan não tinha ritmo e, quando me segurou e tentou dançar junto, tudo o que eu queria fazer era deslizar para longe. Ele continuou projetando o quadril

e, quanto mais eu dançava para longe, mais tentava me agarrar, e mais eu tentava me afastar. Quando a música chegou ao fim, vi que ele estava encarando Britt, a ex-namorada, do outro lado do salão. Ela fazia uma bola de chiclete, que combinava com o vestido de cetim rosa dela, e se movia de um pé para o outro. Ele queria aquele cetim e aquele chiclete. Evan provavelmente me convidou para o baile porque achou que eu aceitaria e, então, teria alguém para enciumar Britt. Eu podia ter ficado brava, mas nem liguei.

— Você devia convidar Britt para dançar — sugeri.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Ela também está olhando para você — comentei.

— Tem certeza? — Evan perguntou.

— Tenho. Ela está olhando direto para você. Vá em frente. Estou com um pouco de sede. — E me afastei.

Fui até a mesa do ponche e demorei muito tempo para escolher um dos copos, ainda que todos fossem idênticos. Levei o líquido rosa até a boca e deixei o gelo bater nos dentes antes de mastigá-lo. Sabe o que aconteceu depois? Começaram a tocar "The Lady in Red". Vi Evan do outro lado do salão, dançando com Britt. Devo ter sido um bom cupido, porque eles pareciam estar juntos de novo. O chiclete dela provavelmente chegou até a boca dele. Vi Hannah dançando com Kasey. Ela olhou sobre o ombro dele para Natalie, que dançava com Brian. Natalie também estava olhando. Hannah mandou um beijo para ela. Natalie virou o rosto. Mas então mudou de ideia,

estendeu a mão e pegou o beijo no ar. E o levou delicadamente aos lábios. Mas o rosto de Hannah, a essa altura, estava escondido no ombro de Kasey.

Não consegui mais olhar para elas. Fixei os olhos no copo de ponche. Peguei uma lantejoula da barra do vestido e a dobrei entre os dedos. Lambi meus lábios e senti o gosto do batom de tom pastel. Pensei em May usando aquele vestido no primeiro baile dela, os cachos castanhos caindo em volta do rosto, deslizando pelo salão nos braços de alguém. Tentei não chorar.

E então, do nada, Sky apareceu.

— Oi — ele disse.

Eu me virei. Ainda tinha o ar da noite fria lá fora. Estava usando jaqueta de couro com uma calça de terno e uma camisa social.

— Oi.

— Você está de vermelho — ele disse. — Como a música.

— Era da minha irmã.

Sky abriu um meio sorriso que me fez sentir que ele entendia o que aquela frase significava. E estendeu a mão para mim.

O toque dos dedos dele foi suficiente para trocarmos toda a eletricidade que havia. E então estávamos dançando. A arquibancada com cheiro de madeira, o perfume de todo mundo, o brilho das luzes de Natal, tudo se juntou para criar um lugar que era só nosso. Um lugar onde eu nunca estivera antes.

Desejei ficar para sempre dentro da música, com ele, mas acabou rápido demais. Sky sussurrou:

— Obrigado pela dança. — E eu o vi partir na multidão.

Mas então ele se virou.

— Vou dar o fora — ele disse. — Quer uma carona?

— Claro. — Eu mal conseguia disfarçar a empolgação. Senti uma vertigem quando saímos do ginásio, assim que começaram a tocar “Electric Boogie”. Fiz contato visual com Natalie enquanto estava saindo e acenei em despedida. Ela sorriu de volta, porque viu que eu estava com Sky. Enquanto andávamos pelo estacionamento, mandei uma mensagem de texto para meu pai dizendo que ia pegar uma carona para casa. Dei boa-noite, desejei bons sonhos e avisei que não voltaria tarde.

Quando chegamos à caminhonete, Sky ligou o som, e começou a tocar “About a Girl”. Era o começo do acústico do Nirvana na MTV. Parte de mim pensou que talvez Sky tivesse feito isso de propósito, porque sabe que nós dois amamos você. Talvez ele se importasse comigo a esse ponto.

Ficamos sentados em silêncio por um instante, ouvindo a música. Eu queria pensar em algo para dizer em voz alta. Finalmente, falei:

— É como se um dos motivos de ele ser tão incrível fosse não ter medo da própria voz.

— Kurt, você quer dizer?

— Uhum.

Sky se virou para mim, parecendo satisfeito.

— E você?

— Se tenho medo da minha voz? — Ri, nervosa. — É, acho que sim.

Então Sky inclinou a cabeça para o lado um pouco e ficou mais sério.

— Acho que todos nós temos. Mas Kurt enfrenta o medo, sabe?

— É — respondi. — Você tem razão.

— Acho que é por isso que ele canta *tão alto*. Quer dizer, ele precisa cantar. Porque está enfrentando o monstro de frente, e a única coisa a fazer é revidar.

— Você acha que ele venceu? — perguntei.

— A resposta óbvia é não, porque ele morreu. Mas acho que sim, de certa forma. Quer dizer, escuta só. — Sky aumentou o volume. — Agora temos *isto*. E vamos ter para sempre.

Nesse momento, eu soube que estava certa quando ficava perto da cerca observando Sky e pensava que de alguma forma estávamos conectados.

Apontei para a frente, para a saída da via.

— Vira aqui — disse.

— Você mora bem longe da escola.

— Pois é. Era para eu estudar no Sandia, mas me matriculei no bairro da minha tia. Moro uma semana com ela, uma semana com meu pai. — Fiz uma pausa. — May estudava no Sandia... — comentei, deixando a frase no ar.

Esperei para ver se Sky ia dizer que também tinha estudado lá. Será? Eu queria perguntar como ele conhecia May, mas estava com medo de quebrar o encanto.

Ele disse apenas:

— Fui transferido para o West Mesa. Só mais dois anos, e então estou livre.

— O que você vai fazer depois? — perguntei.

Sky deu de ombros.

— Não sei. É engraçado, se você tivesse me perguntado no primeiro ano, eu teria contado meu grande plano de fuga, todo elaborado. — E fez uma pausa. — Faculdade de direito, Princeton ou Brown. Talvez Amherst. Algum lugar distante, com neve.

Dava para ver pelo tom que era uma ambição que ele tinha criado sozinho, não algo planejado pelos pais.

— Mas agora — continuou — não tenho notas para isso nem um histórico impecável. Não sei... acho que não era para ser. — Ele ficou quieto de novo. — Acho que quero ser escritor. — E olhou para mim. — Mas não que eu já tenha escrito alguma coisa. E não é algo que eu conto para a maioria das pessoas.

— Você seria um ótimo escritor — eu disse.

— Ah, é? Como você sabe?

— Pela maneira como você fala. Por exemplo, quando disse que Kurt cantava alto porque estava enfrentando o monstro de frente, e que é preciso revidar.

Sky sorriu um pouco, parecendo feliz por eu ter prestado atenção.

Apontei o caminho.

— Ah! Vire à esquerda aqui. — Quase passamos minha rua.

Quando estacionamos na frente de casa, ficamos quietos por um momento, o ar preso no meu peito. Fiquei olhando para as lantejoulas do vestido refletindo a luz da rua. E então olhei para Sky. Ele colocou as mãos no meu rosto.

— Você é linda — ele sussurrou.

Fechei os olhos e deixei ele me puxar para perto. Foi um primeiro beijo perfeito, como uma rajada de vento que passou por mim, me deixando sem fôlego e, ao mesmo tempo, me permitindo respirar de novo. Um beijo que faz alguém renascer.

Quando Sky finalmente saiu do carro e abriu a porta do passageiro, eu queria mais. Ele estava tão calmo. Tão controlado. Ao contrário de mim, que tremia toda.

— Então — ele perguntou, com um pequeno sorriso —, foi como deveria ser?

— Foi — sussurrei.

— Que bom — ele disse e beijou minha testa com delicadeza.

Quando a caminhonete dele foi embora, entrei com o máximo de silêncio, levando o segredo da noite enquanto seguia na ponta dos pés. Passei pelo quarto do meu pai, que costumava ser dele e da minha mãe. Pelo quarto de May. A casa parecia assombrada, como se todas as sombras, as que restavam, tivessem se infiltrado na madeira e a manchado. Como se o piso e as paredes ficassem cheios de nós em alguns momentos. Fui até minha penteadeira e parei diante do espelho. Tirei os grampos do cabelo. Tirei o batom com o dorso da mão. Olhei para meu rosto até só ver

formas. Continuei olhando, até algo novo se formar. E juro que vi May. Olhando para mim. Com a alegria de seu primeiro baile.

Deitei na cama e coloquei "The Lady in Red" do CD dela. Pensei nas mãos de Sky me puxando para perto. Em como ele disse que eu era linda. E eu sabia que ele a via em mim. Antes de pegar no sono, senti que estava respirando por nós duas. Por minha irmã e por mim.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia,

Acho que vou me vestir de você para o Halloween, que será em pouco menos de duas semanas. Estou empolgada, então já estou preparando a fantasia. Não quero ser um fantasma nem uma gata sexy e idiota. Quero ser alguém que eu realmente admire, e você é um símbolo de coragem para mim.

Halloween é um dos meus feriados favoritos. O Natal e os outros às vezes nos deixam tristes, e há o peso de *ter* que estar feliz. Mas no Halloween você pode ser o que quiser.

Eu me lembro do primeiro ano em que minha mãe e meu pai nos deixaram sair para pedir doces sozinhas. Eu tinha sete anos, e May tinha acabado de fazer dez. Ela convenceu os dois de que ter chegado aos dois dígitos significava que estava grande o bastante para me acompanhar pelo quarteirão. Fomos a todas as casas, com as asas de fada batendo nas costas, passando por crianças acompanhadas pelos pais. Toda vez que uma porta se abria, May colocava o braço em meus ombros — parecia que ia me proteger para sempre. Quando voltamos para casa, estávamos com o nariz congelado, e nossos sacos, decorados com fantasmas de algodão e bruxas feitas de lenço de papel, estavam repletos de doces. Despejamos tudo na sala para ver o que ganháramos, e minha mãe levou chocolate quente. Eu me lembro direitinho da

sensação daquela noite, porque eu tinha me sentido livre e segura ao mesmo tempo.

Acho que neste ano vamos à festa do namorado da Hannah, Kasey, que já está na faculdade. Convidei Sky e espero que ele também vá. O baile foi há uma semana. Não acho que ele queira namorar, por causa do que Kristen disse. Tento me lembrar disso. Mas, para dizer a verdade, nunca gostei tanto de alguém. Desde o baile, eu o flagrei me olhando algumas vezes. Eu olho de volta. Ontem, estava pegando algumas coisas no armário e, quando fechei a porta, lá estava ele, do nada. Meu corpo se lembrou imediatamente do beijo. Fiquei um pouco tonta.

— E aí? — ele disse, casualmente, como sempre faz.

— Hum... — Pensei rápido. Tinha que dizer alguma coisa. — O Halloween está chegando.

— Pois é.

— Do que você vai se fantasiar?

Sky riu.

— Normalmente eu só coloco um lençol branco e distribuo doces para as crianças com minha mãe.

— Bom, nós vamos a uma festa, porque Hannah está saindo com um cara. É uma festa de faculdade e, não sei, de repente você podia ir...

— Você vai a uma festa de faculdade? — Ele fez que não gostou.

— Vou.

— Bom, talvez eu vá. Não quero que se meta em confusão — disse Sky, como se estivesse brincando, mas falando meio sério.

Tentei não rir.

— Te mando o endereço, caso resolva aparecer.

No almoço, quando contei para minhas amigas, que estavam comendo doces de Halloween antes da hora, Hannah disse, enquanto mastigava um monte de balas:

— Isso significa que ele quer transar com você.

Natalie deu um esbarrão no ombro dela e falou:

— Hannah!

— O quê? Isso não significa que Laurel vai transar com ele. Ela é uma boa menina, não dá para notar?

Meu rosto ficou quente de novo.

E então Hannah disse:

— Vamos dormir lá em casa amanhã, você vem?

Eu estava tão feliz, porque o convite significava que Hannah achava que eu “entendia”, como tinha dito sobre Natalie. Que agora somos amigas de verdade, o bastante para eu ir à casa dela. Na minha cabeça, já estava elaborando como conseguir autorização para ir. Eu estava com minha tia, e só ia para a casa do meu pai no domingo.

Finalmente, como último recurso, decidi ligar para minha mãe e pedir para ela falar com a tia Amy para me deixar dormir na casa de uma amiga.

— Que amiga? — Ela quis saber.

— Hannah — respondi. — Estou sempre com ela. Minha amiga Natalie também vai. O papai já me deixa dormir na casa delas.

— Como ela é? — minha mãe perguntou.

Ela provavelmente podia me ouvir dar de ombros.

— Não sei. Ela é normal.

— O que é “normal”?

— Ela é legal, simpática. Não sabia que estávamos jogando o jogo das vinte perguntas...

— Só quero saber um pouco da sua vida — minha mãe respondeu, parecendo magoada. — Conhecer seus amigos.

Eu me senti mal, mas não consegui deixar de pensar que, se ela realmente quisesse saber, estaria aqui.

Ficamos quietas por um momento, e então minha mãe riu um pouco.

— Você lembra quando jogávamos com a sua irmã, no carro, voltando da escola?

Ela estava falando do jogo das vinte perguntas.

— Lembro — respondi.

Não consegui me conter e ri um pouco também. May era ótima naquilo, como era em tudo. Ela sempre pensava em algo superespecífico. Em vez de “o apito do trem”, era “o apito do trem da canção de ninar que a mamãe cantava”. E ela também criava uma categoria própria — além de pessoa, lugar ou coisa, você podia pensar em uma emoção. A emoção dela não era apenas algo como “empolgada”. Era uma emoção exata, como acordar no dia do aniversário.

— Estou pensando em uma emoção agora — eu disse.

— Uma emoção que é mais feliz ou mais triste? — minha mãe perguntou.

— Mais triste — respondi.

Ela fez mais algumas perguntas, mas, no fim, não adivinhou, então tive que dizer que era saudades dela.

E, claro, depois disso tudo, ela falou para a tia Amy me deixar ir.

A casa de Hannah ficava fora da cidade, nas colinas. A mãe de Natalie nos deixou lá, e Hannah nos levou ao andar de cima para cumprimentar o avô. Quando bateu na porta do quarto, ele apareceu no corredor e sorriu para nós, mas Hannah precisou gritar meu nome, porque ele não escuta muito bem. A avó estava dormindo e, depois de nos conhecermos, o avô voltou para o quarto para ver TV.

Então fomos até o bosque que fica atrás da casa, para Natalie e Hannah fumarem. Dá para andar até o rio pelas árvores cobertas de espinhos e teias de aranha. As folhas já estão amarelas, então a luz fica dourada mesmo quando o sol só aparece por trás das nuvens. Quando nos aproximamos do barulho do rio, fiquei ofegante. Num relance, vi May naquela noite, antes que meu cérebro travasse. Então, enquanto Natalie e Hannah iam até a margem, fiquei para trás, fingindo olhar uma teia de aranha ou coisa parecida.

Quando voltamos do passeio, fomos ver o cavalo de Hannah, chamado Buddy, que, na verdade, era da avó. Mas como ela não está muito bem, Hannah cuida dele e diz que Buddy é dela agora. Hannah diz que o cavalo é seu parente mais querido. Ela também cuida de Earl, o burro, porque não confia que o irmão vá ser gentil com o animal. Para dizer a verdade, o irmão de

Hannah, Jason, é assustador. Ele quer ser um fuzileiro naval, então faz trilhas com obstáculos, criadas por ele mesmo, com pneus velhos, cordas e outras coisas, perto do rio. Ele era jogador de futebol americano, mas machucou o ombro e teve que parar. Devia ter ido para a faculdade este ano, mas não foi. Não sei se não conseguiu entrar porque não pode jogar ou se ficou porque os avós estão velhos e não podem cuidar de Hannah. Jason acredita que é responsável por ela, mas não está fazendo um bom trabalho. Para comer, ele só compra salsicha, creme azedo sem marca e salgadinho de cebola. Mesmo que a família não seja pobre nem nada, talvez parte do motivo de Hannah querer trabalhar seja escolher a própria comida, sem precisar pedir ao irmão. Ela gosta de comer espinafre, Doritos (o original) e barrinhas de cereal.

Quando Jason foi treinar, o que Hannah diz que dura pelo menos duas horas, decidimos pegar a van velha da avó dela e praticar nossa habilidade ao volante. Tanto Natalie quanto Hannah completaram quinze no começo do ano e têm licença para aprender a dirigir. Natalie foi a primeira e fez a van girar na estrada de terra. Hannah se levantou, colocou a cabeça para fora do teto solar e gritou:

— Iuhuuuuu! — O que, acho, fez Natalie querer ir mais rápido. Então ela acelerou.

Então Natalie saiu da estrada para desviar de um pássaro. Provavelmente o pássaro teria voado no último segundo, mas ela deve ter ficado nervosa. Então os pneus do carro atolaram na areia fofa.

Natalie acelerou, mas as rodas só giraram e afundaram mais.

Hannah ficava dizendo:

— Precisamos tirar o carro daqui. Meu irmão não pode saber.

Parecia apavorada. Ela gritou para Natalie acelerar mais, mas Natalie não sabia o que fazer. Então Hannah fez Natalie e eu sairmos do carro, pegou o volante e tentou tirar o carro sozinha. Natalie e eu empurramos, mas a van nem se mexeu. Hannah começou a chorar e gritar com Natalie.

— Por que você fez isso? Você é idiota?

O rosto e o peito de Natalie ficaram vermelhos porque ela estava tentando não chorar. No fim, não havia nada a fazer além de voltar e contar a Jason, que àquela altura já tinha terminado o treino.

Hannah pediu para esperarmos do lado de fora quando entrou na cozinha. Mas nós a seguimos e ficamos olhando pela porta. Jason não ficou só bravo. Ele ficou simplesmente furioso. Estava com o rosto vermelho e começou a gritar. Ele chamou a irmã de várias coisas horríveis. Eu nunca tinha visto Hannah daquele jeito. Ela ri de tudo e faz o que quer, como se não tivesse medo. Como se nada pudesse atingi-la. Mas aquilo foi diferente. Ela estava chorando e implorando para ele a desculpar.

Pensei em uma maneira de protegê-la, mas fiquei sem reação. Natalie deve ter sentido a mesma coisa. Ela ficava murmurando que o odiava e que queria dar um soco nele, esse tipo de coisa. Finalmente, Natalie

entrou na cozinha e parou ao lado de Hannah. Hannah olhou para ela como se quisesse fazê-la desaparecer. Mas Natalie disse, com a voz baixa:

— Por favor, não fique bravo com ela, a culpa foi minha.

Jason a encarou, e a voz dele ficou um pouco mais calma quando disse:

— Culpa sua merda nenhuma. Aquele carro é da avó dela, que está morrendo. — E então jogou a bebida na mesa e disse para Hannah: — Limpa. — Depois saiu. Acho que ele foi tirar o carro com o engate do trator.

Perdemos a vontade de ficar na casa dela depois disso, então passamos a noite no celeiro. Enquanto Jason estava fora, pegamos algumas coisas de que precisaríamos — lanternas, sacos de dormir, Doritos e uma garrafa de vinho tinto que roubamos do armário dos avós, porque Hannah disse que estava lá fazia anos. Tinha gosto de velho, como couro de sapato, folhas de outono e maçã empoeirada. Hannah cantou Patsy Cline, Reba McEntire e Amy Winehouse. Natalie e eu fechamos os olhos e ficamos ouvindo. Às vezes, Natalie cantava junto. Quando estávamos pegando no sono ali no galpão, ouvi Natalie sussurrar:

— Desculpa. — E abraçou Hannah, acho, a noite toda.

O feno no celeiro tinha um cheiro doce, como se ainda estivesse crescendo na chuva.

Naquele momento entendi, pelo menos um pouco, por que Hannah sempre tem um namorado, às vezes

mais que um. Acho que precisa que pessoas a amem e prestem atenção nela. Parece que os avós não podem mais cuidar dela, e o irmão a trata muito mal. Quero que ela perceba que Natalie pode amá-la de verdade. Acho que, bem no fundo, Hannah deve saber disso, mas não tenho certeza se imagina como seria. Talvez parte dela prefira ter Natalie como melhor amiga, porque melhores amigas não se separam nem nada assim. E mesmo que não devesse ser assim, um relacionamento como o delas ainda é visto de maneira diferente por algumas pessoas. Talvez Hannah não esteja pronta para encarar isso. Porque, quando você tem medo, pode ficar mal. Na escola, os professores dizem para Hannah não desperdiçar o talento que tem. Mas ela não entrega os trabalhos nem nada. E parece ficar incomodada que eles se preocupem, como se não acreditasse naquilo. Mesmo que consiga rir de tudo e ter um monte de namorados, acho que tem medo, assim como eu tive quando ouvi o rio ontem, e como tenho quando não sei quem está perto, mas ouço uma respiração.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia,

Preciso contar como foi o Halloween. Minha fantasia fez sucesso! Todo mundo na festa adorou. Expliquei que eu não estava morta, só tinha ido fazer círculos no ar por aí.

Natalie foi de Van Gogh. Colocou um curativo na orelha para parecer que estava cortada e espalhou tinta nas roupas. Hannah foi de pastora, o que para ela significa duas tranças no cabelo e um vestido azul apertado. O namorado dela, Kasey, estava de ovelha, porque Hannah escolheu a fantasia. Ele estava bem engraçado com orelhas de algodão felpudas e o pescoço e os ombros tão grandes que se tornaram uma coisa só. Quando chegamos na casa que Kasey divide com outros caras, Hannah se jogou nele, e Kasey a segurou. Ele fala coisas como “Como vai minha ninfeta?” para ela. Os amigos dele riem. Hannah também ri, mas Natalie fica séria.

Algumas pessoas na festa estavam de personagens de Detetive — Dona Branca, Professor Black e Coronel Mostarda. Achei as mais legais. Kasey e os amigos sabem dar uma boa festa. Mesmo que a casa estivesse meio suja, não era só uma festa de faculdade com um barril de chope. Para o Halloween, fizeram algo especial. Havia tigelas de M&M’s por toda a parte, e chocolate quente batizado com bebida. Fiquei procurando Sky, imaginando se ele ia aparecer, me perguntando se uma das pessoas de máscara na

sala era ele, mas ninguém parecia ser. Decidi que precisava me distrair em vez de procurá-lo, então fui brincar de pescar maçãs. May e eu costumávamos encher a banheira com maçãs e treinar, em qualquer época do ano. Sempre fui boa nisso, mesmo quando ainda tinha dentes de leite.

Abaixei a cabeça e o garoto vestido de Professor Black, ao lado, fez o mesmo. Às vezes, quando olhávamos para cima ao mesmo tempo, os olhos escuros dele pareciam fixos em mim. Eu deixava que me encarasse até praticamente me perfurar e mergulhava a cabeça de novo. Quando finalmente consegui pegar uma maçã e levantei triunfante, o Professor Black ainda estava tentando, e vi Sky parado, perto de mim. Eu estava com uma maçã na boca quando ele disse oi.

Normalmente, eu teria ficado envergonhada ou talvez culpada de pescar maçãs ao lado do garoto, mas me senti muito corajosa e muito estilosa vestida de você. Então tirei meus óculos de piloto e dei uma mordida na maçã.

Então disse:

— Vamos voar.

Acho que, a essa altura, eu já estava um pouco bêbada.

Sky respondeu:

— Acho que o teto vai atrapalhar.

Peguei a mão dele e o levei até a porta da frente. Então e comecei a correr. Sky parou de me seguir na beira do jardim, mas continuei correndo pela rua com

os braços abertos como se fossem asas, rindo. Eu não me importava. Estava feliz. Quando cheguei ao fim do quarteirão e atravessei a rua, estava flutuando. Eu podia ver a copa das árvores, juro. Via as ruas se cruzando. As casas pareciam de brinquedo, e logo a Terra inteira se transformou num mapa.

Quando finalmente pousei, Sky estava ali parado, me esperando na beira do jardim, que um instante atrás eu via distante, pequeno. Me esqueci de mencionar que ele estava vestido de zumbi roqueiro, o que significa que estava com sua jaqueta de couro de sempre e havia feito alguns riscos no rosto com o que parecia um canetão preto.

— Como foi o voo? — ele perguntou.

— Você devia ter vindo — respondi, sem fôlego. — Quase dei a volta ao mundo.

— Quem era o quatro-olhos?

— Era o Professor Black. Você nunca jogou Detetive?

— Ele estava te encarando como se quisesse engolir você. — A voz dele soou meio ciumenta, e eu gostei disso. Significava que ele queria me proteger ou queria que estivéssemos juntos.

Senti que estava vermelha e torci para, no escuro, ele não notar. Fiquei mexendo no capacete de aviador.

— A gente só estava pescando maçãs. — Coloquei os óculos. — E, além do mais, é você que não quer namorar.

— Como você sabe?

Dei de ombros.

— Você não é disso.

— E se você estiver errada? E se eu for?

— Você é?

Ficamos em silêncio por um momento.

— Bom, agora eu sou.

— Eu também — eu disse discretamente e me joguei para ele me pegar, simulando um desmaio, e dei risada.

Ele tirou meus óculos e nós nos beijamos. Senti as mãos frias dele sob minha camisa, tocando minha barriga. Depois senti as mãos dele mais quentes nas minhas costas e os lábios no meu pescoço. Pela primeira vez, fui dona do meu corpo. Estar contra o corpo dele era algo novo para mim. Sky me fez pensar na primeira neve, aquela que cobre tudo. Pensei em como era estar acima das árvores, que faziam um barulho bonito, um farfalhar de folhas marrons prontas para cair.

— Escuta só — falei.

*Beijos,
Laurel*



Querido River Phoenix,

Talvez seja estranho dizer isso, mas, quando eu era mais nova, às vezes me imaginava beijando você. Agora que já beijei na vida real, fico feliz em dizer que é exatamente como eu esperava.

Meu namorado, Sky — meu primeiro namorado —, é perfeito para mim. A festa de Halloween, quando começamos a namorar, foi há duas semanas. E agora nos beijamos em qualquer lugar. No beco, entre as aulas, quando ninguém está lá e posso sentir a claridade do sol mesmo de olhos fechados. Na caminhonete dele, que tem cheiro de couro velho. Quando escurece e eu saio escondida pela janela. (Me especializei em fazer isso nas duas casas. Na da tia Amy, preciso empurrar a janela para cima; na do meu pai, preciso soltar a tela, como May costumava fazer.) Esses momentos no meio da noite com Sky são os que eu mais amo. Tudo está silencioso, e o mundo parece nosso segredo. É como quando May e eu íamos ao jardim recolher os ingredientes para nossas poções.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, parece que tenho poderes mágicos — aqueles que May me ensinou a usar quando éramos crianças. Com Sky, as coisas assustadoras desaparecem. Andamos pelo bairro depois que escurece, e nossas sombras ficam uma sobre a outra, se alongando pela rua. Nós nos beijamos, e sinto que, se minha sombra ficasse dentro da dele, Sky poderia eclipsar tudo o que não quero

lembrar. Posso me perder nas coisas que são lindas nele.

Sky lembra um pouco você, para falar a verdade. É um garoto forte, e o caminho se abre quando ele anda. Mas também existe um lado frágil, flutuante. Como uma mariposa, tentando desesperadamente ir para a luz. May era uma lua em torno de quem todo mundo se juntava. Mas, mesmo que eu seja a luz apenas de Sky, não me importo. É suficiente ser aquilo em torno do que ele gira. Adoro sentir as asas das mariposas batendo.

Na noite passada, fomos até o parque e nos beijamos; eu estava com as costas contra as barras frias de um brinquedo. Paramos para recuperar o fôlego, e o lábio inferior dele ficou um pouco torto para a esquerda, como sempre fica. Sussurrei:

— Posso ir na sua casa hoje?

Ele hesitou.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Não precisamos entrar. Só quero ver onde você mora.

Não contei que eu já tinha visto a casa dele, naquela noite em que fui até lá com Tristan e Kristen às duas da manhã. Queria ir até lá com ele.

— Acho que você não entendeu — ele disse, por fim.

— Minha mãe não é como as outras mães.

— Como assim?

Sky ficou mais durão.

— Ela tem um jeito próprio de fazer as coisas. Sabe, ela canta canções de ninar para as flores no meio da

madrugada.

— Ah, tudo bem.

— As calêndulas estão mortas — ele continuou. E ela canta mesmo assim.

— Talvez a gente pudesse plantar alguma coisa lá. Tulipas ou algo que vá crescer na primavera.

Sky hesitou um pouco, mas prometi que ficaríamos no jardim, que não precisávamos entrar, até que ele finalmente concordou. Então, à noite, saí escondida de novo para encontrá-lo, e fomos de carro até a casa dele arrancar as calêndulas secas e plantar tulipas. Antes, fui ao barracão onde minha mãe guardava as coisas de jardinagem e encontrei alguns bulbos guardados em uma caixa com folhas de jornal. Era noite de lua nova, então estava escuro, e nós estávamos de casaco. Enquanto terminávamos de cobrir tudo, com terra embaixo das unhas, olhamos um para o outro, nosso olhar se encontrou. Estávamos mais conectados que nunca.

Foi quando a porta da frente se abriu. Era a mãe dele, parada, de roupão, segurando um regador.

— Mãe? — ele perguntou, incomodado. — O que está fazendo? — Acho que Sky tinha esperanças de que ela estivesse dormindo e não fosse preciso nos apresentar agora.

— Eu queria ajudar — ela respondeu, inocente.

E então se virou para mim, como se tivesse acabado de notar que eu estava lá. Sua expressão era calorosa.

— E quem é ela? — perguntou.

— É a Laurel — Sky respondeu.

— Nós, hum, plantamos tulipas para crescer na primavera — expliquei.

A mãe de Sky sorriu e assentiu, como se plantar flores no meio da noite fosse normal.

— Obrigada, querida.

Começamos a andar pelos canteiros, jogando terra. Ela cantava delicadamente enquanto andava, algo sobre cavalos ao sol.

— É importante cantar para elas — disse, quando acabou. — Para que saibam que você está aqui. — E então pegou o regador, colocou-o perto da porta da frente e voltou para dentro.

— Então, essa é minha mãe — disse Sky.

— Ela... ela parece muito legal.

— Você quer dizer louca.

— Não. Mas... hum...

A voz de Sky ficou dura.

— Ela é assim.

— Ah.

Fui até ele e o abracei. Nesse momento senti que as mariposas dentro dele, com suas asas tão finas, nunca estarão perto o bastante da luz. Vão sempre querer chegar mais perto — entrar nela. Algo tinha se perdido em Sky. Eu queria colocar a mão no peito dele, na altura do coração, e acompanhar os batimentos. Queria encontrá-lo. Mas ele deu um passo para trás, e o lábio inferior, um pouco puxado para a esquerda, se endireitou.

Havia um milhão de perguntas e respostas em minha garganta. Mas ficou tudo preso ali.

— Sky?

— O quê?

Olhei para ele e quis dizer tanta coisa...

— Nada — respondi, e fiz uma pausa. — As flores vão ficar muito bonitas. — A noite fria fez um calafrio subir pelas minhas costas, e nos beijamos de novo.

*Beijos,
Laurel*



Querido John Keats,

Hoje recebemos nosso boletim do primeiro bimestre. Eu só tirei A, com exceção de duas matérias. Tirei C em educação física, não porque não consiga correr rápido, mas porque Hannah e eu fingimos esquecer o uniforme vezes demais. E tirei B em inglês, mesmo que tenha tirado A em todos os trabalhos. O motivo foi não participar muito da aula, porque odeio a maneira como a sra. Buster olha para mim. Além disso, não entreguei um trabalho — a carta para uma pessoa morta. Um trabalho pequeno, que eu poderia ter feito de qualquer jeito. Mas não consegui. Quer dizer, minhas cartas são de verdade. Não para a sra. Buster. Mas, se existe uma maneira de deixar meu pai feliz e de fazer minha tia Amy ter certeza de que não sou uma pecadora, é tirar só A. Fiz de tudo para que minhas notas fossem boas, para que ninguém precisasse se preocupar ou fazer perguntas. Espero que isso seja bom o bastante.

Hoje a sra. Buster me chamou na mesa dela depois da aula e perguntou por que eu não tinha escrito a carta, mesmo com todo o tempo que ela me deu. A sra. Buster disse que eu tenho o potencial de uma aluna exemplar. Falei que fiz o trabalho, mas não consegui entregar. Ela disse que o objetivo do trabalho era justamente entregá-lo. Tentei explicar que eu achava que as cartas eram pessoais demais.

Ela me olhou de um jeito engraçado. Então disse:

— Laurel, você é uma garota muito talentosa. —
Mas falou como se não fosse uma coisa boa.

Dei de ombros.

E então ela continuou:

— Percebi que não participa muito da aula.

De fato, eu não falava nada desde o quinto dia de aula, quando comentei alguma coisa sobre Elizabeth Bishop. Ficava trocando bilhetes com Natalie ou olhando pela janela. Só presto atenção quando estamos lendo poemas.

Dei de ombros de novo.

— Laurel, só quero incentivar você... — Ela fez uma pausa. Como se não tivesse certeza do que queria me incentivar a fazer. E então concluiu: — May também era especial, como você.

Quase sorri. Ela disse que eu era como May.

Mas os grandes olhos esbugalhados começaram a me analisar, como se o que vissem fosse uma tragédia.

— Não quero que você desperdice seu talento. —
Outra pausa. — Não quero que siga o mesmo caminho.

Fiquei tão brava que meu corpo se contraiu. Eu não sabia que “caminho” ela achava que May tinha seguido nem se estava tentando dizer que era por isso que minha irmã tinha morrido. A sra. Buster não tinha como julgar. Ninguém tinha. Ela não estava lá. Ninguém estava, ninguém além de mim. Fiquei tão brava que, se minha garganta não estivesse fechada, talvez eu tivesse gritado com ela. Se ela se sentia tão

mal, por que simplesmente não me deu nota máxima? *Adultos às vezes são tão falsos*, pensei. Sempre agem como se tentassem ajudar e como se quisessem cuidar de você, mas na verdade só querem alguma coisa em troca. Eu me perguntei o que a sra. Buster realmente queria. No fim, meneei a cabeça e me forcei a murmurar algo sobre estar bem, mas que aquele trabalho especificamente seria muito difícil para mim.

A questão é: não odeio totalmente a sra. Buster, porque ela leva poemas e indica outros. Ontem lemos "Ode a uma urna grega". É um poema seu, sobre uma urna antiga com imagens. Parece chato, mas não é. Gosto desta parte, em que você está falando de dois amantes, presos no momento logo antes de se beijarem:

*Jovem cantor, não há como parar a dança,
a flor não murcha, a árvore não se desnuda;
amante afoito, se o teu beijo não alcança
a amada meta, não sou eu quem te lamente:
se não chegas ao fim, ela também não muda,
é sempre jovem e a amarás eternamente.*

O garoto e a garota sob as árvores ficarão congelados exatamente como estão ali — os lábios nunca se tocarão, mas eles nunca se perderão. Estão cheios de possibilidades, imunes a qualquer tristeza.

É mais ou menos assim quando você olha para qualquer imagem, como a foto emoldurada em meu

quarto, minha com May, novinhas, no jardim durante o verão. Estamos no balanço. Estou dando impulso, ainda perto do chão, olhando para ela. May está no alto, bem naquele momento antes de saltar. Mas nunca vai cair. O sol acabou de se pôr, então o ar ainda está quente. Vamos ficar onde o céu tem um azul elétrico e profundo, que nunca vira noite — um lugar além do tempo que não pode ser tocado. Quando sento à mesa e vejo o céu de novembro, com neve caindo, não ligo. Tenho sete anos e estou no lusco-fusco do verão.

Meu trecho preferido do seu poema é o fim, quando a urna fala conosco. Ela diz: "A beleza é a verdade, a verdade a beleza/ É tudo o que há para saber, e nada mais". Tento entender exatamente o que você quis dizer, mas esse verso é circular. Se beleza é verdade e verdade é beleza, elas são definidas uma pela outra, então como vamos saber o significado de cada uma? Acho que fazemos nossos próprios significados, nos inserindo neles. Eu coloco a lua acima da luz do poste na ideia de beleza, coloco a sensação do coração de Sky batendo como asas de mariposa, coloco a voz de Hannah cantando, coloco o som dos meus passos correndo atrás de May ao longo do rio, correndo atrás do céu. E então começo a girar de volta para a ideia de verdade, como quando May dizia que sua primeira lembrança era me segurar depois que nasci, e que tinha ficado orgulhosa por mamãe confiar nela o bastante para que me pegasse no colo. A maneira como a voz de Sky soou quando disse que queria ser

escritor e que nunca tinha contado aquilo a ninguém. Natalie abraçando Hannah na noite em que dormimos no celeiro. E quando May sussurrou no meu ouvido:

— O universo é maior do que qualquer coisa que cabe na sua cabeça.

E então fico dando voltas. E ainda não sei como dar sentido ao mundo. E tudo bem ele ser maior do que o que podemos abarcar. Porque, quando você fala em beleza, não está falando de algo bonito, está falando de algo que nos torna humanos. A urna, você diz, é “amiga”. Ela vai viver para além de sua geração e das seguintes. E seu poema também é assim. Você morreu quase duzentos anos atrás, quando tinha só vinte e cinco. Mas as palavras que deixou ainda estão vivas.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Esta noite, resolvi ler sobre você, porque fiquei me perguntando como foi sua infância. Você era o centro das atenções da família, mas, depois que seus pais se divorciaram quando você tinha oito anos, de certa forma você ficou órfão e se revoltou. E escreveu na parede: "Odeio a mamãe, odeio o papai, o papai odeia a mamãe, a mamãe odeia o papai, e isso me deixa triste". Você disse que a dor da separação o acompanhou por anos. Eles o empurraram um para o outro. Seu pai se casou de novo, e sua mãe arrumou um namorado que não era bom para ela. Quando você chegou à adolescência, seu pai ficou com sua guarda, mas o mandou para viver com a família de um amigo. E então você voltou a morar com sua mãe. Quando você não terminou a escola nem arrumou emprego, ela encaixotou suas coisas e te expulsou. Você ficou na rua. Dormiu no sofá dos outros, às vezes embaixo da ponte ou na sala de espera do Grays Harbor Community Hospital — um rapaz se tornando homem, dormindo sozinho no hospital onde havia nascido dezoito anos antes.

Para mim, não é tão ruim quanto foi para você. Mas entendo quando uma família desmorona. Hoje é domingo, dia de trocar de casa. Colocar minhas coisas em uma pequena mala da Tinker Bell, que tenho desde os onze anos, o que só aumenta a melancolia.

Minha mãe e meu pai a compraram para mim como prêmio de consolação quando se separaram.

Foi no verão antes de May começar o ensino médio. Ela ia fazer quinze anos no início do ano letivo. Eu estava começando o sétimo ano e faria doze anos no verão. May e eu acabáramos de comer os waffles que minha mãe havia preparado, e então ela e o meu pai disseram que faríamos uma reunião familiar. Sentamos lá fora e, apesar de cedo, já estava quente. Sementes aladas voavam das árvores. Foi minha mãe que disse:

— Seu pai e eu decidimos que não podemos mais continuar juntos. Vamos dar um tempo.

Foi difícil para mim entender no início o que aquilo significava. Mas o choro de May me marcou. Como se alguém tivesse morrido. Meu pai tentou colocar a mão nas costas dela, e minha mãe tentou abraçá-la, mas ela não queria que ninguém a tocasse. May se afastou, foi para um canto do quintal e se encolheu. Arranquei um cílio, embora não soubesse se faria diferença. Não desejei que minha mãe e meu pai voltassem a ficar juntos. Só queria que May ficasse bem.

Mais tarde, naquela noite, ela me disse, com uma voz vazia:

— Eu falhei.

— Como assim?

— Não fui boa o bastante para mantê-los juntos.

Eu não soube o que responder.

— Você foi boa o bastante para mim — disse, timidamente.

May sorriu, ainda que tenha sido um sorriso triste.

— Obrigada, Laurel. — E então continuou: — Pelo menos vamos sempre ter uma à outra.

Naquele momento, passei a amá-la ainda mais do que já amava, como se eu pudesse compensar todo o resto.

Depois daquele dia, nossa vida mudou. Meu pai ficou em casa e minha mãe se mudou para um apartamento, o que deixou meio claro que a separação era ideia dela, ainda que eles nunca tenham dito isso. No mês seguinte, May começou o ensino médio e passou a agir como se estivesse feliz de novo, mas não era a mesma coisa. Ela tinha um novo mundo a desvendar, que não incluía nenhum de nós. Algo invisível tomou conta dela. May estava ali, mas não estava.

Nós quatro ainda fazíamos coisas juntos, porque minha mãe e meu pai diziam que era importante; jantávamos no Village Inn como todas as sextas-feiras desde que éramos crianças. Era sempre forçado, minha mãe e meu pai basicamente falando conosco, e não um com o outro. Eu ficava quieta, mas May contava histórias, fingindo que tudo estava normal. Os garçons olhavam para ela. Bucky, o urso do Village Inn (ou seja, o dono fantasiado), ia até nossa mesa, mesmo que não fôssemos mais crianças. May entrava no jogo e fazia graça com ele. Ela não dava motivo para meus pais reclamarem. Era linda e inteligente,

tirava notas boas e mencionava muitos amigos. Mas não víamos mais as garotas com quem ela andava no fundamental. Era sempre ela que saía, os amigos não vinham em casa, em nenhuma das duas.

Quando estávamos com meu pai, ele nos deixava pedir pizza com borda recheada ou comida chinesa e, então, se refugiava no quarto. Acho que não queria que o víssemos triste. Ainda tentava estabelecer regras, então May precisava fugir quando queria ficar na rua até tarde — o que não parecia difícil para ela.

Minha mãe se esforçava bastante durante nossas semanas com ela. Comprava chá de morango com kiwi (que era o nosso favorito), pendurava prismas na janela sobre o carpete marrom desbotado do novo apartamento, montava cavaletes e nos levava para jantar no 66 Diner, que provavelmente era caro demais para nós. Ela encarava May por cima do milkshake, com os olhos cheios de lágrimas, e perguntava:

— Você está brava comigo?

May colocava o cabelo para trás e dizia que não, sua voz trêmula entregando a mentira.

May não podia apenas gritar *eu odeio vocês* para nossos pais, como alguns filhos fazem, sabendo que tudo ficaria bem depois. Se fizesse isso, minha mãe ficaria em pedaços. Sempre que May queria sair com os amigos, minha mãe ficava triste, se sentindo abandonada ou algo do tipo. Mas a deixava ir. Até deu a ela uma chave e não determinava horário para

voltar. Acho que ela queria ser a mãe legal, para compensar a situação.

No começo, eu pedia para ir junto, mas May dizia que eu era muito nova. Então eu ficava no apartamento. Minha mãe perguntava "Como está sua irmã?" ou "Com quem ela vai sair? Deve ter um garoto, certo? Você acha que May gosta dele?". Ela estava me testando para ver se eu sabia. E, por um tempo, eu só fingia. Respondia às perguntas como se soubesse, mas não sabia.

Mas o pior era quando eu ouvia minha mãe chorar até pegar no sono. Eu ficava deitada olhando para a parede branca e me lembrava de quando May fazia feitiços para melhorar as coisas.

Quando a tia Amy me deixou na casa do meu pai hoje à noite, pensei que ele é o único da família original que não me abandonou. Quis fazer algo legal por ele, então fui até o quarto e levei uma maçã cortada com canela. Era algo que minha mãe costumava fazer, e achei que ele fosse gostar. Meu pai estava ouvindo um jogo de beisebol. A temporada acabou, então ele compra pela internet CDs com a gravação das melhores partidas dos Cubs. Isso é basicamente o que ele faz quando não está no trabalho. Talvez fique recordando a época em que jogava. Ele era muito bom no ensino médio e depois jogou em um time, só por diversão. Adorávamos vê-lo quando éramos crianças. Eu me lembro do cheiro da grama no verão e das grandes luzes que surgiam quando começava a anoitecer. Quando meu pai

marcava pontos, pulávamos na arquibancada e gritávamos.

Quando entreguei o prato com a maçã, ele sorriu. Eu não sabia dizer se seus olhos estavam cheios de lágrimas. Às vezes, a luz dá essa impressão. Ele diminuiu o volume e perguntou:

— Tudo bem com você?

Ele estava com a camiseta que usa para dormir, que May e eu fizemos em algum Dia dos Pais. Tem a marca de uma mão pequena e de outra menor ainda, lado a lado, e a frase AMAMOS VOCÊ.

— Tudo, pai.

E então ele disse:

— Com quem você está sempre falando ao telefone? É um garoto?

— É. Não se preocupe. Ele é legal.

— É seu namorado? — meu pai perguntou.

Dei de ombros.

— É — respondi.

Eu nunca teria contado para a tia Amy. Mas achei que não fazia sentido mentir para meu pai. Talvez ele achasse isso um sinal de que estou me adaptando.

— Como ele se chama?

— Sky.

— Que tipo de nome é esse? — ele provocou.

— Vai ver os pais dele eram hippies. — Eu ri.

E então meu pai ficou mais sério.

— Bom, a questão é: você sabe o que garotos da sua idade querem, não sabe? É tudo em que pensam, dia e noite.

— Pai, não é assim.

— É sempre assim — ele respondeu, meio brincando.

Tentei explicar que ele não sabe, e que os garotos são diferentes agora, diferentes de quando ele era novo. De qualquer maneira, no fundo, não me importei que Sky estivesse pensando em fazer sexo comigo.

Finalmente, meu pai disse:

— Laurel, entendo por que você não trouxe seus novos amigos aqui. Sei que é difícil e também sei que não sou grande coisa. Mas, se você vai andar com esse garoto, gostaria de conhecê-lo.

Eu não queria levar Sky em casa, mas fiquei triste em ouvir que meu pai não se achava grande coisa, então respondi:

— Tudo bem.

— E essas garotas que estão sempre com você? Não são um bando de bagunceiras, né? — Ele levantou as sobrancelhas, mudando de assunto e tentando fazer uma piada.

— Não, pai. — Tentei rir. E então respirei fundo e perguntei: — Quando você acha que a mamãe vai voltar?

Ele suspirou e olhou para mim.

— Não sei, Laurel.

— Queria que ela não tivesse ido embora — desabafei.

— Eu sei. — Ele franziu a testa. — Sei que você precisa de uma mulher com quem conversar. Mas pelo

menos tem sua tia.

— A tia Amy não fala dessas coisas. Acho que você deveria dizer para mamãe voltar para casa. — Olhei para ele, com certa expectativa.

Eu me perguntei se meu pai ainda estava bravo com ela, por ter ido para aquele apartamento idiota e por nos abandonar. Ele ficou chateado e me arrependi do que disse. Então respirou fundo, e entendi que ele se sentia impotente quando eu falava sobre minha mãe ter ido embora.

Meu pai cresceu em um lugar onde a vida fazia sentido. Os pais dele ainda moram na mesma fazenda em Iowa, onde ele acordava cedo para fazer as tarefas do dia. Ele sempre disse que amava o cheiro de alfafa pela manhã. Quando completou vinte e um anos, saiu de moto, parando em diferentes cidades e fazendo bicos, a maior parte em construção; depois, quando chegava a hora, ia embora. Ele achava que o mundo tinha mais a oferecer, então saiu para procurar. Meu pai adorava contar como tudo mudou no dia em que conheceu minha mãe. Como ele de repente entendeu por que amar alguém e construir uma família podia ser suficiente.

Algumas lágrimas devem ter surgido em meus olhos, mesmo sem querer, porque ele se inclinou e passou a mão na minha cabeça, o que significava que a conversa tinha acabado. De todo jeito, tínhamos falado mais do que o normal ultimamente.

Então me lembrei de uma música que meu pai cantava para May e para mim à noite, depois de

chegar do trabalho e tomar banho, quando o cheiro de colônia ainda estava forte em seu rosto.

*Esta terra é a sua terra, esta terra é a minha terra
Da Califórnia à ilha de Nova York
Das florestas de sequoias às águas do golfo
Esta terra foi feita para mim e para você.*

Quando cantava essa música, cada lugar era um mistério que um dia eu descobriria. Aquilo me fazia sentir que o mundo era enorme e maravilhoso, cheio de coisas para explorar. E eu pertencia a esse mundo, com ele, minha mãe e May. E agora minha mãe está mesmo na Califórnia. E May não está em lugar nenhum.

*Beijos,
Laurel*



Querido Jim Morrison,

Tem uma banda no festival de outono que faz cover das suas músicas. Todo mundo se reúne no parque perto do sopé das montanhas no fim de semana depois do Dia de Ação de Graças. Quando May e eu éramos crianças, todo ano ficávamos empolgadas para ir. Tem tendas com artesanato, barracas de bolinho frito e pimenta empanada e outras com mulheres vendendo torta e milho. Quando escurece e esfria, o que todo mundo quer é música. Mães, pais, crianças e adolescentes, todos vestem um casaco e vão para perto do palco dançar.

Minha mãe e meu pai costumavam dançar. Eles eram os melhores. Todo mundo olhava para eles, girando e rodando. May e eu ficávamos de lado, com arranjos de Ação de Graças que fazíamos na tenda de artesanato, lambendo os dedos cheios de açúcar dos bolinhos. Minha mãe ria como uma garotinha enquanto meu pai a jogava no ar. O inverno estava quase chegando, mas esquecíamos os dedos frios porque havia amor. Podíamos imaginar a história deles, como foi que se conheceram, como foi que construíram nossa família. Ficávamos orgulhosas de nossos pais.

No ano passado, May queria muito ir ao festival de outono, então fomos juntas, só nós duas. Era o segundo outono desde que minha mãe e meu pai tinham se separado. Demos uma volta, comemos

bolinhos e, à noite, fomos até o palco. Fiquei de lado e vi May dançar, girando sozinha no meio da pista. Isso me fez lembrar de quando éramos crianças e meus pais brigavam e May dançava na sala, fazendo tudo o que podia para melhorar as coisas.

Mas depois que a primeira música acabou, ela disse:

— Vamos sair daqui.

Estávamos quase indo embora, e foi quando ele apareceu. Vestia uma camisa de flanela grossa, tinha um cigarro na boca e cabelo escuro cobrindo a testa. Parecia velho. Depois, May me contou que ele tinha vinte e quatro anos.

— Sou Paul — disse. — Você estava incrível dançando. — Ele estendeu a mão para May, e vi a sujeira embaixo das unhas.

O rosto de May ficou vermelho, e a tristeza que até então ela sentia foi substituída por atração.

— Obrigada — respondeu, com um sorriso lento.

Paul jogou o cigarro fora e a chamou para dançar a música seguinte. May o deixou pegar sua mão, e eu fiquei ali, vendo os dois juntos. Quando ele a girava pelo chão de terra, May ria.

Quando acabou, Paul pediu o telefone dela. May respondeu:

— Você vai ter de me dar o seu. Não tenho celular, e você não pode ligar na casa de nenhum dos meus pais.

Então ele passou o número, beijou a mão dela e a fez prometer que não perderia o papel.

Depois daquela noite, May entrava em meu quarto quando voltava das escapadas e me contava sobre Paul, com quem ela começou a sair escondida. Eu me lembro de uma vez quando ela deitou em minha cama e sussurrou, empolgada:

— Você não imagina as coisas que ele me diz, Laurel.

— Tipo o quê?

Ela sorriu.

— Eu conto quando você for mais velha.

— Vocês se beijam? — perguntei.

— Sim.

— Como é?

— Como voar.

Ela sorriu como se esses segredos fossem o suficiente para viver.

— Ele me deu isto.

E mostrou uma corrente dourada embaixo da camisa. Tinha um pingente com MAY escrito em letra cursiva. Um coração estava pendurado no Y. Achei engraçado que Paul, com botas surradas e mãos calejadas, tivesse escolhido um colar como aquele.

Eu não sabia bem o que sentia em relação a ela beijar Paul. Sempre imaginei que May fosse ter um namorado parecido com River Phoenix, e Paul não tinha nada a ver com ele. Tinha um pouco de aflição ao pensar neles juntos, mas eu estava lá quando se conheceram, e o segredo dele nos unia. Minha irmã se abria para um novo mundo, e eu queria estar ali com ela. Então, pouco depois disso, quando May começou

a me levar junto ao cinema, à noite, quando ia encontrá-lo, não importava que algo estivesse errado. Eu teria ido com ela a qualquer lugar.

Este ano, fui ao festival de outono com Sky e meus amigos. Cheguei a ver May dançando sozinha no meio da pista, depois rindo com Paul e, por um tempo, não consegui me livrar da sensação de apreensão. Mas então, quando a música country acabou, a banda que faz cover das suas músicas subiu ao palco. Era a última apresentação da noite. Quando começaram com "Light My Fire", senti que o mundo tinha esperança. Como se estivesse só começando a girar, cada vez mais rápido. Como se houvesse um recomeço. Todos dançamos como se flutuássemos. Tristan pulava para cima e para baixo e gritava a letra, e Kristen balançava o longo cabelo. Natalie e Hannah deram as mãos e giraram até caírem uma em cima da outra, rindo. Quando virei para Sky e o beijei no meio da música, era como se eu estivesse segurando um fósforo. Que eu podia riscar. Riscar nas árvores, com suas folhas marrons vistosas. Riscar numa estrela.

Depois, Sky me levou para casa. Enquanto estávamos na caminhonete dele, estacionada na frente, lembrei que meu pai disse que queria conhecê-lo. Pensei em tirar isso do caminho, então o convidei para entrar.

— Claro — ele respondeu. Então me seguiu até a porta.

Meu coração começou a bater mais rápido. Seria a primeira vez que ele entraria na minha casa. Seria a primeira vez que qualquer um entraria lá em muito tempo, com exceção de mim, do meu pai e da tia Amy de vez em quando.

Abri a porta, e ficamos ali parados, na sala meio escura. Eu me dei conta de que era bem tarde. Quase dez da noite. Talvez meu pai já estivesse dormindo.

— Bom, aqui estamos — eu disse e acendi a luz. — Minha casa.

Ter Sky ali parado me fez reparar em tudo de novo. As flores do campo secas no vaso de cerâmica. A pintura com imagem de um pôr do sol feita pela minha mãe, acima da mesa, que meu pai nunca tirou da parede. A foto da família sobre o piano desafinado. Tentei imaginar como aquilo tudo parecia aos olhos de Sky. E me perguntei se ele tinha notado May na foto. Ainda que estivéssemos juntos há um mês, ainda não sei em que escola ele estudou antes de West Mesa, o que aconteceu ali nem como conheceu minha irmã. Tenho medo de perguntar.

E então meu pai saiu do quarto vestindo um roupão vermelho.

— Oi, pai — eu disse. — Este é o Sky.

Sky apertou a mão dele e disse:

— Oi.

Meu pai olhou para Sky com uma expressão desconfiada e assentiu.

— Como foi o festival? — perguntou.

— Foi bom — respondi. — Nós dançamos.

Meu pai abriu um sorriso contido.

— Que bom.

De repente, não aguentei muito estar ali na casa silenciosa. Então eu disse:

— Pai, vamos dar uma volta.

Meu pai franziu a testa, mas assentiu e só recomendou:

— Leve o casaco.

E então me deu um beijo de boa-noite.

Quando saímos, fiquei feliz de estar com Sky no ar noturno. Fazia frio, e o céu estava aberto e todo estrelado. Havia um cheiro de folha queimada no ar. Havia abóboras que tinham sobrado do Halloween sob a luz das varandas. Sky segurou meus dedos, soprou ar quente neles e os envolveu com as mãos. Então disse:

— Seu pai parece legal.

— Sim, mas acho que ele está muito triste. Ele e minha mãe se separaram uns anos atrás. E depois a história da May... Minha mãe foi morar em um rancho na Califórnia. — Fiz uma pausa. — Acho que estou meio brava com ela, sabe? Por que ela é a única que pode ir embora? Como se cuidar de cavalos fosse mudar alguma coisa. Supostamente, é para desanuviar. Mas eu queria que ela voltasse para cá.

Naquele momento, senti muita falta dela. Por algum motivo, pensei na minha mãe com o pijama de urso de pelúcia, preparando waffles de manhã para May e para mim. Em como ela colocava uma gota de calda

em cada quadradinho. Foi engraçado falar “Estou brava com a minha mãe” em voz alta. Mas estou.

Sky concordou.

— Meu pai também foi embora, alguns anos atrás. Simplesmente nos abandonou. Fiquei tão bravo que não soube o que fazer. É como se ele tivesse me deixado sozinho para cuidar da minha mãe. E aí ela piorou. As coisas sempre foram difíceis. Mas agora, às vezes, é como se ela não vivesse a mesma realidade que a gente. Ela não tem culpa de ser assim... eu só queria poder melhorar as coisas. Mas não tem como.

Era uma grande conquista que Sky falasse comigo sobre isso. Eu queria descobrir como ajudar.

— Ela já foi a algum médico? Talvez exista um remédio — sugeri.

— Eu tentei. Toda vez que toco no assunto, ela diz que não tem nada de errado.

Sky ficou meio tenso. Peguei a outra mão dele para que soubesse que eu estava lá, o que dificultou a caminhada. Ele parecia não ter certeza se queria soltar as mãos ou não.

Andamos em silêncio por um tempo, até chegar a um bairro vizinho, onde as casas eram maiores. Passamos por um campo de golfe, e Sky perguntou:

— Você já pulou para o outro lado?

Eu nunca tinha pulado, mas parecia um bom momento para aquilo. Sorri, olhei para ele e comecei a escalar. Minhas coxas ficaram presas nos fios do topo, e Sky teve de me soltar. Ele atravessou a cerca depois de mim e desceu no gramado úmido de

novembro. Os gansos do outono que tinham pousado ali para passar a noite continuaram onde estavam, parecendo não ter reparado em nós.

Peguei as mãos de Sky de novo e, como estávamos naquela posição, eu disse:

— Vamos rodar.

Acho que é o tipo de coisa que garotos gostam de fazer, mas não fazem, a menos que uma garota peça. Ficamos girando sem parar, até cair um sobre o outro, rindo. Mas, por algum motivo, naquela noite fria e perfeita, ao lado dos gansos, minha risada se transformou em choro.

— O que foi? — Sky perguntou.

Eu não sabia explicar. Não sabia por onde começar. Ele me acomodou em seu peito, o que me fez afastá-lo e mergulhar mais nas lágrimas. Mas, quando me acalmei, fiquei feliz de estarmos juntos. Não falei nada por um tempo. Nem ele. Mesmo assim, parecia que nós dois sabíamos o que significava estar ali.

Quando voltamos para minha casa, Sky entrou no meu quarto comigo na ponta dos pés. Sentamos na minha cama, a parte de baixo do beliche que foi desmontado quando May começou o ensino médio e ganhou um quarto só para ela. Eu nunca pendurei pôsteres nem fotos na parede, como ela fez no outro quarto, então tudo era mais ou menos igual a quando éramos crianças. Paredes rosa, cortinas finas, coroas de flores secas em bichos de pelúcia empoeirados que ficavam observando do canto, fitas espiando de um

porta-lápis. Fiquei envergonhada, apaguei a luz, e os adesivos de estrela brilharam no escuro.

Sky e eu começamos a nos beijar. Ficamos nos beijando, nos beijando, e as mãos dele passaram pelo meu corpo, e tudo dentro de mim estava pegando fogo, como o asfalto em uma noite de verão. Um fogo que não dá para apagar. Ele parou um pouco e me perguntou:

— Você está bem?

Minha respiração estava acelerada. Lembrei, de relance, como eram aquelas noites e pensei por um instante que ele saberia. De alguma forma, ele saberia todas as coisas que eu tinha deixado acontecer. Ele perceberia. Então o vi olhando para mim, preocupado.

— Laurel?

— Estou. Sim, estou bem. É só... intenso.

Ele nunca precisaria saber, pensei. Eu podia ser uma nova pessoa. Eu seria May, a corajosa e mágica May. Eu não seria Laurel, aquela que ferrou com tudo. Então me concentrei até Sky ser a única coisa que eu conseguia ver. E tive uma sensação de que precisava estar muito mais próxima do corpo dele. Queria que não houvesse pele nos separando. Então o beijei com mais força, e ele me beijou com mais força, e uma parte da minha roupa se abriu, e ele tocou meu corpo inteiro. Foi então que todas as coisas tristes dentro de mim se transformaram em desejo.

Finalmente, depois do amasso, de ficarmos quietos e do outro amasso, quando o mínimo de luz apareceu

através das cortinas, Sky me colocou embaixo das cobertas e foi se dirigindo à porta, para meu pai não o ver.

— Sky? — chamei, quando ele estava indo embora.

Eu estava meio dormindo, mas não queria que ele fosse. O ar da noite entrando no quarto parecia que ia engoli-lo e tirá-lo de mim.

Ele virou.

— Oi?

— Você ainda vai estar aqui, certo? Amanhã?

Ele sorriu e beijou minha testa.

— Não — respondeu —, vou estar em casa.

— Não, digo, você não vai me deixar, certo?

— Certo.

Quando acordei hoje com a lembrança do corpo dele, todas as coisas tristes em mim ainda eram desejo. E começaram a absorver tudo — a chuva riscando o céu, a luz se espalhando sobre a mesa, as gotas de água minúsculas pendendo na pinha pendurada em uma árvore do lado de fora da janela. Talvez estar apaixonada seja assim. A coisa vai se acumulando, mas nunca parece cheia, só mais feliz.

Fiz uma pesquisa e encontrei a origem do nome da sua banda: é uma citação, escrita por um poeta chamado Blake. “Se as portas da percepção se desvelassem, cada coisa apareceria ao homem como é, infinita.” Tenho pensado nisso. No que significa ver a infinidade de cada momento, de cada parte. Quero ser purificada, quero queimar todas as lembranças ruins. E talvez a paixão faça isso. Que uma vida, uma

peessoa, um momento que você precisa manter, fique com você até a eternidade. May sorrindo para mim. Nós duas, pequenas, no festival de outono, enquanto nossos pais dançavam. Sua música tocando. As folhas à noite, refletindo as luzes brancas. E cada pequena estrela que brilha mais quente do que imaginamos.

*Beijos,
Laurel*



Querida Janis Joplin,

Os pais de Kristen têm dinheiro, mas mesmo assim ela tem um Volvo supervelho, porque acha que é legal. Na parte de trás tem um adesivo: NÃO ESTOU FALANDO SOZINHA, ESTOU FALANDO COM JANIS JOPLIN. Quando ela, Natalie e eu estávamos indo para o Garcia's Drive-In no almoço, na sexta-feira (Kristen nunca cabula aula, só o almoço; é boa aluna e sempre tira notas altas porque quer entrar numa boa faculdade), claro que estávamos ouvindo você. Como Kristen te ama, ela conhece todas as músicas, não só as mais famosas. Você estava cantando "Half Moon" quando ela virou para Natalie e disse:

— Você sabia que Janis ficou com mulheres também?

Natalie balançou a cabeça, fazendo que não. Kristen continuou:

— Talvez ela estivesse pensando em uma mulher quando escreveu "Seu amor me dá vida".

Natalie desviou os olhos.

— Legal — disse, tentando soar desinteressada.

Mas, pela maneira como esboçou um pequeno sorriso, eu vi que ela tinha achado legal mesmo. Acho que Kristen estava tentando fazer Natalie entender que sabia sobre ela e Hannah. E que estava tudo bem.

Hannah arrumou outro namorado. Agora são dois, Kasey e o novo, que se chama Neung. Ela conheceu

Neung no Japanese Kitchen, restaurante em que ele é ajudante de salão e ela é recepcionista. Ontem, Hannah, Natalie e eu fomos à casa dele. Era domingo, e, depois que abrimos o quarto dia do calendário do Advento da tia Amy, perguntei se podia ir para a casa do meu pai mais cedo, para, na verdade, poder sair com Natalie e Hannah.

Antes de sairmos da casa de Natalie, Hannah ficou experimentando blusas e perguntando a Natalie se estava gorda. Natalie ficava brava e dizia:

— Claro que não.

Hannah, que tinha passado muita maquiagem, estava com lábios carmim, mais escuros que sangue, contrastando com a pele pálida e sardenta. Ela parecia uma pessoa que é muito bonita, mas quer mostrar como pode se machucar.

Fomos andando da casa de Natalie até a de Neung, que fica bem longe. Nessa época faz frio mesmo quando o dia está ensolarado, e Hannah não estava agasalhada o suficiente, então ficou tremendo o caminho todo. Natalie colocou os braços em volta dela para aquecê-la, e Hannah estava falando de Neung e de como a pele dele era macia e, quando ela o tocava, sentia que o mundo nunca ia acabar. E que ele era de uma gangue. Natalie disse que não queria que Hannah fosse lá sozinha, e por isso fomos junto. Fiquei feliz, porque também não queria que ela fosse sozinha. Eu não sabia o que podia acontecer com ela.

Neung mora numa casa pequena com a família toda: a mãe, o pai, o tio, o avô, o irmão, a irmã e o filho

dela. Ao longo de todo o quarteirão antes de chegar lá, sentimos o cheiro de pimenta na grelha. A mãe e a irmã estavam numa churrasqueira no quintal. Deviam ser as pimentas mais ardidadas do mundo. Conforme fomos nos aproximando, nossos olhos começaram a queimar por causa da fumaça; quando chegamos, nossos olhos lacrimejavam, e o rímel de Hannah tinha escorrido.

Brincamos com o sobrinho de Neung no quintal, o tempo todo enxugando as lágrimas provocadas pela pimenta. Neung foi legal, pegou o sobrinho e o girou como um avião. Ele riu das nossas lágrimas de pimenta e nos chamou de *güeras*, que significa “branquelas” em espanhol. Disse isso apesar de ser vietnamita e Natalie ser mexicana.

E então ele nos levou ao 7-Eleven para comprar raspadinhas e cigarros. Quando nos afastamos da família dele, Neung começou a passar a mão em Hannah, chamá-la de “linda” e colocar a mão no bolso de trás do jeans dela enquanto andavam, o que fez Natalie revirar os olhos para mim. Quando voltamos para a casa dele, sentamos na calçada, tomamos as raspadinhas, e eles fumaram. (Não fumei, porque não gosto muito. Achei que fosse me acostumar com o gosto, mas não.) Rimos dos nossos lábios azuis tremendo. Começou a escurecer, e Neung disse que queria ficar sozinho com Hannah. Então eles entraram, e Natalie e eu ficamos sentadas nos degraus, esperando.

Olhei a lua. Estava muito clara. Ainda não estava cheia, mas quase. Como se quisesse ficar redonda, completa e perfeita. Pensei nas noites em que May saía com Paul e comecei a me preocupar com Hannah. Natalie estava em silêncio, construindo uma casinha de gravetos e fumando um cigarro depois do outro. Tudo o que eu dizia parecia sair da minha boca com muito peso. Quando não sabia mais o que dizer, disparei:

— Você ama Hannah, não é?

Natalie meio que assentiu e começou a chorar. Chorar de verdade. E eu a abracei.

Ela disse:

— Sabe quando você acha que conhece alguém? Mais do que qualquer um no mundo? Você sabe que entende a pessoa, porque a enxerga de verdade. E então você tenta se aproximar, e ela... desaparece. Você achava que pertenciam uma à outra. Achava que ela era sua, mas não é. Você quer protegê-la, mas não pode.

Eu disse que entendia. E, naquele momento, Hannah saiu da casa correndo. Ela estava rindo alto, de um jeito estranho, como se tentasse disfarçar o choro. E então viu o rosto de Natalie. E disse:

— Desculpa, desculpa. — Ela ficou repetindo isso. E acariciando o cabelo dela. — Foi horrível. Detestei. Só conseguia pensar em você. Só conseguia pensar em você. Só amo você.

Tentei olhar em outra direção, e a única coisa para ver era a lua.

*Beijos,
Laurel*



Querido River Phoenix,

Li que, quando você era pequeno, antes de ficar famoso, sua família mudou de casa várias vezes. Você morou em uma comunidade, depois entrou para um culto por um tempo, chamado Filhos de Deus. Sua família fez trabalho missionário no Texas, no México, em Porto Rico e na Venezuela. O culto elegeu seu pai arcebispo da Venezuela e do Caribe, mas não dava nenhum dinheiro para o sustento da família, então você e uma de suas irmãs mais velhas, Rain, cantavam na rua para ganhar alguma coisa. As pessoas se aglomeravam para ouvir vocês dois.

Sua família saiu do culto quando seus pais ouviram que o líder estava pedindo que uma mulher fizesse "prostituição sagrada", ou seja, sexo com homens a fim de recrutá-los. Quando foi embora da Venezuela, sua família voltou para a Flórida clandestinamente, em um navio que transportava brinquedos. A tripulação encontrou vocês, mas foram legais e até doaram alguns brinquedos com defeito.

Depois do culto, seus pais mudaram o sobrenome de Bottom para Phoenix, lembrando o pássaro mítico que ressurgue das cinzas. Então foram para Hollywood para que você e Rain pudessem brilhar. Você tinha nove anos. Os dois amavam cantar juntos, e você decidiu que também queria ser ator.

No começo, foi difícil. Sua família não tinha dinheiro, e vocês eram despejados do apartamento a cada

poucos meses. Você e sua irmã continuaram cantando nas ruas. Depois, sua mãe arrumou um emprego em uma agência de talentos, e então uma agente famosa assinou contrato com você, Rain, suas outras duas irmãs e seu irmão. Logo ela começou a arranjar pequenos trabalhos para você, que aos poucos foram se tornando maiores.

Quando se tornou ator, você desenvolveu a habilidade de dissolver sua própria personalidade e habitar qualquer personagem. Você era brilhante. É possível se transformar, acho. E você sabia aproveitar isso. Era mágico.

E você e seus irmãos sempre se apoiaram. Você amava sua família e falava que sua infância tinha sido feliz. Mas, quando era pequeno, aconteceu alguma coisa sobre a qual nunca falou? Dizem que muitas coisas ruins aconteciam naquele culto, e que o líder permitia fazer sexo com crianças. Fiquei tão brava quando li isso. Alguém machucou você? Uma vez, você disse numa entrevista que perdeu a virgindade aos quatro anos. Mas então se retratou e disse que era só uma piada. Não sei. Talvez você precisasse de proteção, e ninguém te protegeu.

Estou escrevendo para você agora porque também tenho uma coisa sobre a qual não posso falar. Algo que me pergunto se você entenderia. Fico tentando me livrar disso, tirar da cabeça, mas não consigo. Estou preocupada, porque estou me apaixonando por Sky, mas sinto que um dia ele vai descobrir tudo e me deixar.

Na noite passada, saí escondida para encontrá-lo. Como fazia frio, ele veio me buscar para que eu não precisasse caminhar pelo bairro, e decidimos dar uma volta na caminhonete dele. Aumentamos o aquecedor, ouvimos música e depois paramos em uma rua escura e demos uns amassos. Estávamos tão animados que meu corpo todo estava pegando fogo, e os vidros embaçaram. Finalmente me afastei dele e sentei por um instante. Eu tentei me recompor, virei para o vidro e desenhei um coração com o dedo. Foi quando ele perguntou:

— Quer ir para minha casa?

Quando chegamos, a mãe dele estava dormindo. Na luz baixa, dava para ver que a casa, que parecia tão perfeita por fora, era diferente por dentro. Por todo canto, havia pilhas de revistas desbotadas, livros de biblioteca abandonados, coisas espalhadas. Um bordado pela metade com uma paisagem de verão. Uma pilha de recortes em forma de flocos de neve. Sky queria ir rápido para o quarto dele, mas eu enrolei. Queria ver tudo, como se a casa estivesse cheia de informações sobre ele. Então, em um armário repleto de porcelanas delicadas, vi que havia troféus de futebol e uma foto de Sky mais novo, talvez com doze anos, em um porta-retratos. Estava de uniforme, sorrindo, com uma bola nas mãos. De alguma forma, senti algo ao vê-lo daquela maneira — o garoto que eu amava olhando para mim, quando criança, sorrindo para a câmera. Eu queria tirá-lo da

foto e protegê-lo de tudo o que aconteceu entre aquela época e agora.

— Não sabia que você jogava futebol — sussurrei. — Todos esses troféus são seus?

— São — ele respondeu, inquieto, como se não quisesse estar ali. — Esse é meu passado.

E então pegou minha mão e me levou pelo labirinto de coisas até o quarto dele. Eu queria saber mais, mas Sky começou a me beijar com vontade, com tanto desejo que, por algum motivo, até me assustou. Tentei entrar no clima. Eu estava na casa dele, e podia sentir as mariposas batendo as asas com força ao redor da luz, e eu queria continuar brilhando para ele.

Em pouco tempo, ele tinha tirado minha blusa e estava com as mãos dentro da minha saia. Tudo ficou confuso. Eu queria que ele me amasse. Queria ser a luz. Então mandei meu cérebro ficar quieto. Mandei meu cérebro ir a outro lugar. E fui. Fui a um lugar aonde não queria ir. Fui até May, quando éramos crianças.

Lembrei da noite em que perguntei a ela:

— Se somos fadas, por que não podemos voar?

Fiquei com medo que, de alguma forma, a herança da sétima geração tivesse me pulado. De não ser fada de verdade e ela descobrir. Mais que tudo, não queria que May se decepcionasse comigo.

— Só a filha mais velha recebe o gene para voar — ela me contou. — Mas isso não significa que você não seja uma fada.

— Mas você pode voar? — perguntei, cheia de esperança.

— Sim — ela respondeu.

Eu estava tão empolgada.

— Posso ver?

— Ninguém pode ver minhas asas, senão elas quebram.

— Ah! — exclamei, tentando não demonstrar como estava arrasada. — Quando você as usa?

— À noite. Quando sei que todo mundo está dormindo e ninguém pode me ver.

— Posso ver só uma vez?

— Você não quer que minhas asas quebrem, quer?

— Não — respondi.

Mas, mesmo assim, eu não podia evitar. Não podia controlar o quanto queria ver as asas. Se eu as visse, teria certeza de que fazia parte da magia.

Algumas noites, eu implorava para dormir com ela na parte de cima do beliche. Eu subia e me encolhia ao lado dela. Depois que May dormia, eu ficava olhando para o teto, procurando padrões nas manchas de tinta — um dragão e a caverna em que ele ateou fogo por acidente, ficando preso nas próprias chamas. A princesa que ia salvá-lo. Eu inventava histórias e tentava manter os olhos abertos a noite toda, para não perder nada, caso May saísse para voar. Achava que talvez, se eu a visse por acaso, não tivesse problema. Mas, por fim, o sono chegava. Eu abria os olhos de novo quando amanhecia, e ela estava se virando sob as cobertas.

— Você saiu para voar à noite? — eu sussurrava.

— Uhum — ela murmurava.

E eu imaginava as aventuras.

E agora eu estava olhando para o teto de Sky, tentando encontrar imagens nas paredes, assim como costumava fazer, quando ele me chamou:

— Laurel?

Tentei voltar.

— Oi?

— Aonde você foi?

— A lugar nenhum. Estou aqui.

— Você me abandonou.

— Não, eu... eu não quis... — E comecei a chorar. Não consegui me conter.

— Laurel, o que foi?

— Não sei — respondi, tentando enxugar as lágrimas.

Tive a mesma sensação que tinha quando era criança. May era uma fada de verdade, e eu era uma fada de mentira. Eu sabia que, no fim das contas, Sky descobriria.

— Você não pode fazer isso — ele disse. — Você não pode continuar desligando assim.

— Desculpe.

Eu o puxei para perto e tentei voltar a beijá-lo. As mãos de Sky estavam quentes em mim. Eu queria gostar, mas o mundo estava girando. Tentei me concentrar no rosto dele, mas não consegui. Eu andava para trás em um túnel. Via tapetes mágicos, voava em um com Aladdin. Via May, sua boca com

batom. May indo embora no carro de Paul. Eu a via olhar para mim, e de repente o sorriso dela, que sempre parecia tão aberto, pareceu assustado.

— Não precisamos transar se você não quiser — disse Sky.

— Tudo bem.

— Mas você precisa conversar comigo.

— Eu... não sei o que dizer. — Eu questionei de novo como ele conhecia May. Não dava mais para evitar. Depois de um momento, perguntei: — Sky? Onde você estudava antes?

— Sandia.

Meu coração parou de bater por um segundo, talvez por três. Era verdade.

— Então você estudou com May.

— Sim — ele disse.

Eu o imaginei vendo minha irmã no corredor. Ela de suéter rosa, cortado para mostrar o colo, o cabelo balançando. Devia ter deixado Sky sem fôlego. Será que às vezes, quando me via andando, ele achava que estava vendo May?

— Aposto que todo mundo adorava ela — eu disse.

Sky ficou quieto.

— Certo? — perguntei, sutilmente.

— Sim — ele disse. — Quer que eu leve você para casa?

— Pode ser — eu disse. — Acho que sim.

Então fomos na caminhonete dele, o silêncio da noite nos sufocando. Desejei não ter agido de forma

tão estranha. Desejei não ter quebrado o feitiço. Eu estava com medo, e não havia nada a fazer.

Paramos na frente da minha casa.

— Boa noite — disse Sky. — Descanse.

E entrei na nossa casa cheia de sombras.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Tenho uma foto sua no meu armário, com Courtney. Você segura Frances ainda bebê no colo. E olha para ela. Courtney está encostada em seu ombro, olhando também. A camisa dela está cortada, mostrando a barriga, onde está escrito, em preto com letras rabiscadas: VALORES FAMILIARES. Seria irônico, mas ao mesmo tempo é real, porque a família está lá — você, Courtney e sua filha. Seus pais se separaram quando você era criança, mas você se virou sozinho. E, ao mesmo tempo, virou pai; de certa forma, até, pai de todos nós. Eu sei que você não queria isso. Mas não conseguiu evitar. Você não queria ser o porta-voz de uma geração. Mas não podia deixar de cantar.

Para começo de conversa, não conheço ninguém que tenha uma família perfeita. E acho que é por isso que formamos uma nova família. Os esquisitos se juntam. Sinto isso em relação a todos os meus amigos.

Ontem foi o último dia de aula antes do recesso de Natal. Nós nos encontramos no beco depois da aula. Fiz lembrancinhas para todo mundo: laranjas com cravos enfiados na casca e laços amarrados para transformá-las em enfeites. Fiquei com vontade de fazer isso porque era uma tradição natalina minha e de May. No de Kristen, coloquei os cravos formando NYC, porque ela quer fazer faculdade em Nova York. No de Tristan, escrevi SLASH.

Nas férias, Tristan e Kristen vão para o Havaí com a família dela. Eles namoram desde o começo do ensino médio, por isso acho que os pais dela deixam ele ir junto nesse tipo de coisa. Para mim é engraçado, porque, quando penso no Havaí, penso em dançarinas de hula, e nenhum dos dois parece fazer o estilo colares de flores e roupas de praia estampadas. Tristan diz que vai ficar no quarto do hotel, pedir piñas coladas e assistir a reprises de *Oprah* o dia todo, mas Kristen precisa terminar as inscrições para a faculdade. Ela diz que a TV vai ficar no mudo.

Tristan fuma muita maconha e nunca foi bem em testes; suas matérias preferidas são trabalhos manuais e arte. Além disso, ele gosta de rock e de tocar guitarra. Acho que na verdade quer ser músico, mas não só porque quer ficar famoso. Ele quer ser músico porque Slash disse que ser um astro do rock é a interseção de quem você é e quem você quer ser. Tristan toca muito bem, sério mesmo. Mas não tem banda. E não tenta montar uma. Em geral, ele toca sozinho no quarto. É o que Kristen diz. Acho que ele faz isso pelo mesmo motivo pelo qual Hannah não entrega os trabalhos quando os professores dizem que ela é inteligente. Todos nós queremos ser alguém, mas temos medo de descobrir que não somos tão bons quanto todo mundo imagina que somos.

Kristen é diferente. Ela estuda o tempo todo e tirou 2180 de 2400 no exame para a faculdade. Ela sempre fala em ir para a Columbia. E folheia revistas e corta imagens de pessoas que parecem morar em Nova

York ou outras cidades onde tudo acontece. Às vezes, ela deixa Natalie, Hannah e eu irmos à casa dela depois da aula; nós fazemos um lanche, ficamos no quarto e fazemos lição de casa. As paredes do quarto dela estão cobertas de imagens de revistas, não são paredes comuns. São mais como portas para um sonho, para outro lugar.

Acho que, por causa disso, Tristan pensa que ela não quer ficar aqui com ele. Mas a questão é que, mesmo que Kristen queira ir embora, ela quer que ele vá junto. Sabe, no mês passado, durante um almoço, no meio do refeitório, ela deu uma pilha de fichas de inscrição de universidades para Tristan. Ela sorriu de leve e disse:

— Oi. Tenho uma coisa para você. — Como se fosse uma surpresa boa. Então entregou as fichas.

Tristan pegou a pilha de papéis.

— O que é isso? — perguntou, já com um tom diferente na voz. Deu uma olhada e continuou: — Senhoras e senhores, já posso ver as manchetes! Tristan Ayers se matricula na faculdade de Cafundó do Judas. — Ele parecia brincar, mas usava um tom ácido. E então, com os olhos cheios de raiva, ele virou para Kristen e disse: — Essa merda nem fica em Nova York —, como se dissesse “Quem você pensa que eu sou?”.

Com os olhos calmos de sempre, Kristen disse, muito baixo:

— É perto.

— Não é perto. Fica longe pra caralho.

Kristen disse que ele podia pedir transferência depois de um ano, caso tirasse notas melhores. Tristan só olhou para ela e comentou:

— Eu não sou bom o bastante para você. Nós dois sabemos disso. — E rasgou as fichas de inscrição ao meio, jogou tudo na mesa e saiu andando.

Kristen virou a cabeça e o viu ir embora. Finalmente, disse, tão baixo que mal dava para ouvir:

— Você está errado.

Eu nunca tinha visto Kristen chorar nem ficar emotiva. O rosto dela está sempre igual. Mas ela juntou os papéis rasgados, fez uma pilha, tirou da mesa, limpou os olhos com a manga comprida do vestido cigano, atravessou o refeitório e jogou as fichas no lixo perto da porta.

Agora os dois se evitam, como é comum quando o casal sabe que vai terminar, mas finge que não. Por enquanto, os dois ainda estão por perto. Parecemos felizes, fumando e rindo no beco, sob o sol de dezembro, claro e com possibilidade de neve. Todo mundo gostou das laranjas. Hannah riu da dela, que eu decorei com um cavalo feito de cravos.

Quando Natalie apareceu, tinha um pacote do tamanho de uma pintura, embrulhado em um papel com estampa indiana laranja e amarrado com uma fita também alaranjada. Ela riu e o ofereceu a Hannah.

— Abra.

Hannah pareceu desconfiada, como se, de repente, todo mundo fosse descobrir a verdade sobre ela.

Mesmo entre amigos, ainda finge que ela e Natalie não estão apaixonadas. Finalmente, Hannah soltou o laço.

— Uau! — exclamou, como se não soubesse o que pensar daquilo.

Talvez nunca tivessem dado um presente tão bom para ela. Era a pintura da tulipa que Natalie tinha feito na aula de arte.

Natalie ficou mudando o peso de um pé para o outro.

— Você não gostou.

Mas Hannah continuou encarando a pintura, como se não quisesse desviar o olhar. A quantidade de tons nas pétalas da tulipa, abertas e fechadas, me fez lembrar da sensação de ver o pôr do sol — você fica maravilhado com uma coisa tão linda e, ao mesmo tempo, sabe que aquela cena só vai durar um instante.

Hannah disse:

— Obrigada.

Estava falando sério. Ela quase chorou, deu para ver; mas, como estava na frente de todo mundo, se controlou.

No caminho para o estacionamento, Natalie disse para Hannah:

— Pinte uma tulipa porque assim você vai tê-la para sempre. Nunca vai murchar ou morrer.

Natalie havia pego algo efêmero e transformado em algo que Hannah guardaria. Hannah olhou para ela

tentando entender o que significa ter alguém que te ama tanto.

Pelo menos foi o que imaginei, porque sei que pode ser difícil acreditar que alguém te ama, se você tem medo ou não sabe exatamente quem é. Pode ser difícil acreditar que a pessoa não vai embora. Desde aquela noite na casa de Sky, uma semana atrás, as coisas estão estranhas entre nós dois. Ele está tentando fingir que não e, quando perguntei se estava bravo comigo, respondeu:

— Não. Esquece aquilo, tá?

Estou tentando com todas as forças.

*Beijos,
Laurel*



Querido River,

Assisti a *Garotos de programa* ontem à noite. Assim como eu, você mudou. Não era mais o menino de *Conta comigo*. Você cresceu, e percebi que foi um processo. Você interpreta Mike, um narcoléptico que vive nas ruas como michê. O filme começa em uma estrada vazia. Você está parado ali, sozinho, esperando o sono chegar. As nuvens passam rápido pelo céu aberto.

Quando pega no sono na beira da estrada, você sonha com sua mãe passando a mão na sua cabeça, dizendo que tudo vai ficar bem. "Sei o que você sentiu", ela diz. No filme, sua mãe o abandonou quando você era criança, e tudo que você mais quer é encontrá-la.

Minha mãe também foi embora. Sei como é sentir algo que não se pode dizer. Se você pudesse atravessar a tela, eu te abraçaria. Entendi perfeitamente quando você disse que a estrada nunca termina. Tenho uma estrada assim. A última estrada que percorri com May.

Ela passa pelas árvores que acompanham o rio, os trilhos e a ponte. Passa por quando May e eu éramos crianças e fazíamos feitiços, passa por subir em árvores e colher maçãs, passa pela primeira vez em que a vi usando batom, pela expressão no rosto dela quando conheceu Paul, pelos filmes que nunca vimos. Vai a um lugar onde nada disso existiu, onde sempre

existiu, onde o tempo não existe, só uma sensação que se prolonga eternamente. Uma sensação da qual não consigo escapar. *Sinto muito. É culpa minha.*

É a mesma sensação do medo de Sky ir embora, em algum momento. E é a sensação que estava comigo a noite toda quando Tristan e Kristen nos levaram a uma festa do último ano antes de irem viajar. Eles disseram que era um grande evento, que acontece sempre e que gostam de ir para ver os garotos *straight-edge* relaxarem. Foi em uma casa enorme com uma árvore de Natal, sem pais, gemada com álcool e muitos garotos que eu nunca tinha visto antes, alguns deles de outra escola, acho. Kristen estava usando um colar com pequenas luzes de Natal piscando. Ela é o tipo de garota que pode fazer essas coisas de um jeito estiloso, com o longo cabelo emaranhado e a saia hippie.

Kristen tomou conta do iPod, e ela e Natalie estavam dançando juntas e cantando "*Freedom's just another word...*" a plenos pulmões. Hannah levou Kasey, e os dois estavam sentados na sala de jantar, virando doses com outros garotos. Natalie ficava olhando por sobre o ombro para Hannah enquanto dançava.

Eu estava num canto, pensando em ligar para Sky. Ele disse que estava cansado e não queria sair à noite. Desejei estar com ele, em qualquer lugar. Eu me sentia como um balão inflável, cujo cordão ele estava segurando e, caso soltasse, eu flutuaria até o espaço sideral.

Estava pensando nisso, na altura a que um balão chega antes de estourar e em como o mundo devia parecer lá de cima, quando, de canto de olho, vi Janey, minha amiga do ensino fundamental. Ela e o mesmo jogador que estava com ela na entrada do mercado. Procurei algum lugar onde me esconder, mas era tarde demais. Janey tinha soltado a mão dele e vinha em minha direção. As bochechas dela, já rosadas, estavam ainda mais vermelhas que de costume, e imaginei que tivesse bebido.

— Laurel! — ela gritou, me abraçando.

Olhei em volta para ver se alguém tinha notado, mas Natalie e Kristen estavam dançando “This Is What Makes Us Girls”, e Hannah estava lambendo sal do pulso de Kasey.

— Oi — eu disse e sorri de leve. — O que você está fazendo aqui?

— O mesmo que você, acho — ela respondeu, meio seca. E então continuou: — O irmão mais velho de Landon é amigo do cara que mora aqui.

— Landon é seu namorado? — perguntei, gesticulando para o garoto que vi com ela.

— É — ela respondeu.

— Que legal. Ele é bonito.

— Tão estranho isso... — ela disse. — A gente não se vê desde... Quer dizer, por onde você tem andado?

— Desculpe. É só que, você sabe... Tenho andado meio ocupada. Com a escola nova e tudo.

— Você veio com aquelas garotas? — Janey perguntou, apontando para Natalie e Hannah, que ela

já tinha visto na frente do mercado.

— Sim.

— Elas são meio estranhas.

— Não; na verdade, elas são muito legais.

É óbvio que Natalie e Hannah são diferentes de Janey, que agora parecia uma garota popular perfeita, com um vestidinho vermelho por causa do Natal e faixa na cabeça combinando. Janey olhou para elas por um minuto. Natalie, que tinha parado de dançar, foi até a mesa onde Hannah e Kasey estavam e pegou o copo pequeno da mão de Hannah, que reclamou. Natalie virou a bebida e voltou a dançar, como se não conseguisse parar.

Janey se inclinou e disse, com muita sutileza:

— Rola uma paixão ou algo assim?

— Ah, nada demais. Ele só... faz ela se sentir segura ou coisa assim. — Achei que ela estivesse falando de Hannah e Kasey.

— Não, entre *elas*. As meninas.

Fiquei muito surpresa que Janey tivesse notado. Na verdade, fiquei impressionada. Elas disfarçavam bem. Acho que Janey deve ter percebido o olhar magoado no rosto de Natalie quando tomou a dose. Eu fiz que sim, de leve. E levei um dedo aos lábios, como quem pede silêncio. Janey assentiu, como quem diz que entendeu.

E então disse:

— Bom, você vai me apresentar?

— Sim. Só não, hum, não fale nada sobre minha irmã nem nada, tá?

Janey me olhou, o rosto franzido em estranhamento. Antes de dizer qualquer outra coisa, eu a levei até a mesa onde Hannah estava.

— Ei, Hannah — chamei —, esta é minha amiga Janey, de...

Janey me interrompeu.

— De sempre. Só que ela não fala mais comigo.

Hannah analisou Janey.

— Você é bonita. Parece uma princesa da Disney ou algo assim.

Acho que Hannah quis fazer um elogio, mas não foi o que pareceu. De qualquer maneira, Janey deixou passar.

— Obrigada — ela respondeu. — Gostei do seu vestido.

E então Janey olhou para Kasey, ao lado de Hannah, depois encarou Natalie, que estava dançando, e fez algo inacreditável. Ela pegou a mão de Hannah e perguntou:

— Então, quer dançar? — E a tirou de Kasey e a levou para a pista.

Fiquei olhando para elas, Hannah dançando com Natalie e Kristen, e Janey fazendo movimentos mais contidos na beira do círculo. Eu me lembrei de como Janey é maravilhosa. Senti saudades ao vê-la balançando o cabelo loiro, lembrei de uma época em que não havia nenhum segredo entre nós duas.

Eu precisava tomar ar, então fui até a varanda. Estava ali parada, olhando para os galhos das árvores e o céu claro de inverno, quando Tristan apareceu e

acendeu um cigarro com o acendedor de cozinha gigante.

— Laurel, o que você está fazendo aqui sozinha? Espere, vou adivinhar. Você está “pensando na vida” — ele brincou.

— Cala a boca. — Eu sorri.

Com Tristan por perto, o que eu estava sentindo se transformou da tristeza de ver um balão ir embora para uma tristeza em que “é bom saber que a alma está funcionando”.

— Como você está, docinho? — ele perguntou.

— Tudo certo. — Dei de ombros. — Acho. — Por que será que é fácil conversar com Tristan? — Quando estava se apaixonando por Kristen, você ficou assustado? Porque eu fico assim com Sky, e acho que talvez tenha estragado as coisas.

Tristan olhou para mim e disse algo de que vou me lembrar para sempre:

— Sabe, docinho, existem duas coisas importantes no mundo: estar em perigo e ser salvo.

Pensei em May por um instante. E perguntei:

— Você acha que corremos perigo de propósito, para sermos salvos?

— Sim, às vezes. Mas às vezes o lobo desce da montanha, sem que você tenha pedido. Você só estava tentando cochilar no sopé da colina.

— Mas, se essas são as coisas importantes, onde se apaixonar se encaixa?

— Sabe por que se apaixonar é o que pode acontecer de mais profundo com uma pessoa? Porque

quando estamos apaixonados, estamos totalmente em perigo e completamente salvos, os dois ao mesmo tempo.

Quando ele disse isso, fez sentido.

— Obrigada.

Tristan pisou na bituca do cigarro e bagunçou meu cabelo antes de voltar para dentro da casa.

Peguei o celular e liguei para Sky. A voz dele estava mole, com um quê de sono.

— Sky?

— Oi. Onde você está?

— Estou numa festa. Você pode me pegar e me levar para casa? Quero muito ver você.

Ele concordou, então me despedi dos meus amigos e mandei um beijo para Janey, que estava sentada no colo de Landon. Esperei do lado de fora até a caminhonete de Sky aparecer. Quando entrei, coloquei as mãos perto do aquecedor. Ele as segurou e as esfregou para aquecê-las. Eu me inclinei e beijei o ombro dele, na costura do suéter.

Quando paramos do lado de fora de casa, perguntei:

— Você acha que sou muito confusa?

— Como assim? — ele perguntou.

— Confusa para você.

— Não.

Ele falou tão sem hesitar que uma onda de alívio tomou conta de mim. Tudo o que eu queria fazer era me perder no corpo dele. Então me aproximei no banco e senti as mãos dele em mim. Não fizemos sexo, mas chegamos mais perto do que antes. As

luzes de Natal programadas da vizinhança começaram a se apagar, uma por uma, e as casas começaram a ficar escuras e silenciosas. As janelas da caminhonete ficaram embaçadas, cheias de marcas que pareciam penas congeladas. Eu deixei Sky me manter aquecida e prometi a mim mesma ser mais corajosa dessa vez.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Hoje é o segundo dia do recesso, e amanhã já é véspera de Natal. Por sorte, a tia Amy concordou que eu ficasse com meu pai as férias inteiras. Sei que o nascimento de Cristo, a salvação e as coisas dessa época do ano são importantes para ela, mas não estou a fim de participar. O clima está deprimente na casa do meu pai, mas os fantasmas são nossos, e é com eles que quero ficar. Mesmo que a tia Amy e meu pai não sejam exatamente melhores amigos, ela vem passar o Natal com a gente, porque não quero que fique sozinha. Comprei para ela um calendário superlegal do Advento, que dá para usar o ano todo, com várias imagens de Jesus. Para meu pai foi mais difícil, mas fiz uma cesta de pegadinhas — almofada de pum, aranha de plástico, chiclete que deixa a boca azul —, para lembrá-lo de como gostava desse tipo de coisa.

Já assisti a *Agora seremos felizes* duas vezes hoje. E chorei as duas vezes que você cantou "Have Yourself a Merry Little Christmas" com a voz cheia de nostalgia. Eu me pergunto se, ao cantar, você estava pensando no Natal de quando era criança, cantando "Jingle Bells" no palco do cinema do seu pai. Ele morreu quando você tinha só treze anos, logo depois de você assinar contrato com a MGM. Ele, que estava tão orgulhoso, levando-a ao estúdio toda manhã e a acompanhando à escola. Quando seu pai morreu no

hospital, você estava no rádio, cantando para ele. Nem conseguiu se despedir.

Este vai ser meu primeiro Natal sem May.

Depois que os créditos subiram pela segunda vez, me dei conta de que, em algum momento, eu precisaria tirar o pijama. Como acho que meu pai anda muito deprimido para comemorar o Natal, decidi alegrá-lo. Busquei a caixa com enfeites no sótão, peguei a escada do galpão e estava prestes a pendurar as luzes do lado de fora da casa para que estivessem piscando quando meu pai chegasse do trabalho.

Eu estava cambaleando na escada, tentando levar aquele monte de luzes para o telhado, quando Mark, um garoto da vizinhança, apareceu.

Conheço ele e o irmão, Carl, desde que nasci, porque nossos pais se revezavam para cuidar de nós. Quando eram menores, a mãe deles os vestia com estampa xadrez de cor diferente e penteava o cabelo ruivo dos dois para o lado. Eles sempre cheiravam a cloro por causa da piscina onde íamos nadar todo verão, mesmo depois que ficamos grandes demais para precisar de babá. Enquanto brincavam de pega-pega de olhos fechados e tentavam afogar May, eu nadava e tentava não reparar em Mark de sunga. Eu sabia que eles eram gêmeos e deviam ser iguais, mas, para mim, Mark era diferente de todo mundo que eu já tinha visto. Ele foi o primeiro garoto por quem me interessei. Mas tanto ele quanto Carl

estavam apaixonados por May. Eu era nova demais para ele. Os dois me chamavam de “garotinha”.

Neste ano, Carl e Mark foram para a faculdade, e eu não os via desde o funeral de May. Eu me lembro deles de terno na nossa casa, com os pais. E me lembro de ter encarado um pouco, porque não consegui distingui-los.

Mas, agora, eu sabia que era o Mark. Ele chamou:

— Ei! Quer ajuda?

Desci da escada. Dali dava para ver a casa dele no fim da rua, onde seus pais e Carl davam os retoques finais na decoração que costumava ser a melhor do quarteirão e incluía um Papai Noel inflável. Ao lado deles, o sr. Lopez, um vizinho mais velho, estava mexendo em uma manjedoura que brilha no escuro, atrás do portão de ferro, também decorado. “Jesus foi preso”, May costumava brincar.

Será que eu ainda tinha uma queda por Mark? Acho que não, agora que estava com Sky. Ainda assim, era bom vê-lo, como se fosse a memória de outros tempos.

Quando ele ofereceu ajuda, respondi, rindo:

— Claro. É mais difícil do que parece.

Penduramos as luzes juntos, sem conversar muito, só falando sobre como colocá-las nos ganchos e por onde passar a extensão.

Quando finalmente descemos do telhado, estava começando a escurecer.

— E então, como vai a faculdade? — perguntei.

— Tudo bem. — Ele sorriu. — É mais difícil do que eu pensava. Mas morar sozinho é legal. Você vai gostar. — Ele me olhou de cima a baixo. — Que louco — disse. — Você cresceu.

— Pois é — comentei, com um sorriso. — Acho que sim.

Eu torcia para que ele não falasse sobre May e sobre como sentia muito e, ainda bem, ele não falou. Em vez disso, perguntou:

— Como está seu pai?

— Bem. Está no trabalho. — Apontei para as luzes. — Estou preparando uma surpresa. Obrigada pela ajuda.

— Bom, passa lá em casa se quiser uns biscoitos. Minha mãe praticamente não sai da cozinha — ele disse.

Assenti, mesmo sabendo que não ia aparecer.

Quando meu pai chegou em casa e viu as luzes, disse que despertaram seu espírito natalino, então fomos comprar uma árvore no lugar de sempre, em South Valley. As tradições reavivam a memória. Me vi com May correndo entre as fileiras de árvores, procurando aquela que achávamos que seria deixada ali se não a levássemos. Escolhi a mais esquelética de novo, e meu pai e eu rimos.

Então voltamos para casa e começamos a decorá-la. Meu pai colocou o disco de Natal de Bing Crosby — o que tem “Mele Kalikimaka” —, mas, quando sentou no sofá para me ver pendurar os enfeites, houve um silêncio arrebatador. Cada um de nós parecia carregar

o peso da família e do que ela tinha se tornado. Os sinos que fiz no primeiro ano do ensino fundamental, com papel laminado, glitter, caixa de ovos e barbante vermelho. As estrelas de massinha, os animais, as pinhas. Meu favorito, um anjo de vidro com o nome de May. Esse eu pendurei na frente.

Quando estava colocando o festão, minha mãe ligou. Ouvei a voz do meu pai tensa ao sair com o telefone para falar com ela. Depois ele o trouxe para mim.

Ela disse que é estranho ver o dia ensolarado e ainda estar quente na época do Natal. Disse que está claro e abafado na Califórnia. Tentei imaginar onde ela está e vislumbrei cavalos com guizos correndo por um campo de palmeiras. Não fazia sentido. Eu disse a ela que queria biscoitos de meia-lua. Achei que isso fosse fazê-la desejar estar em casa, porque ela sempre assava biscoitos no Natal. O açúcar de confeitiro é como passar uma nuvem na peneira, e ele gruda nos biscoitos ainda quentes. Eu me lembro de roubá-los com May antes de esfriarem.

— A receita está na caixa marrom, querida.

— Eu sei. — E então disparei: — Quando você vai voltar para casa?

— Não sei, meu amor. — Ela parecia tensa. — Este tempo aqui está me fazendo bem, sabe?

Fiquei quieta. Minha mãe decidiu mudar de assunto.

— Seu pai disse que você está namorando.

— Sim.

A voz dela pareceu animada, como uma amiga querendo fofocar.

— Então me conte! Como ele se chama?

— Sky.

— Ele é bonito?

— É.

— Você está tomando cuidado, Laurel?

— Estou.

Minha mãe deu um longo suspiro.

— Mandei alguns presentes pelo correio. Devem chegar amanhã.

— Certo, obrigada. — E então perguntei: — Você foi ver o mar?

— Ainda não — ela respondeu. E então emendou: — Feliz Natal, Laurel.

— Feliz Natal, mãe — respondi e desliguei.

*Beijos,
Laurel*



Querido River Phoenix,

Já ouviu falar em *luminarias*? São uma tradição da véspera de Natal no Novo México. Você enche um saco de papel com areia e deixa do lado de fora de casa, então coloca algumas velas e acende o pavio.

Acho que elas ficam mais bonitas no cemitério, nos túmulos onde as pessoas as deixam. Fui lá uma vez sozinha à noite para ver o mar de luzes, que tornava o silêncio ainda mais silencioso. Cada saco tinha sido feito pelas mãos de alguém, para alguém que amava.

Levei uma *luminaria* para May e encontrei um lugar para deixá-la embaixo de uma árvore. Eu queria fazer alguma coisa para mostrar que ela ainda brilha. O corpo dela foi cremado. É tão estranho dizer isso. Mas não espalhamos as cinzas. Não quero ver aquilo. Sinceramente, às vezes ainda parece que um dia vou acordar e ela vai estar ali. Aquela noite volta à minha mente como um filme em que tudo está fora de foco e não dá para ver direito o que está acontecendo. A estrada passa correndo. O rio passa correndo. Tentei diminuir o volume e me concentrar no mar de luzes.

Acima de mim, as estrelas piscavam como se quisessem ser tão luminosas quanto as velas, mas a distância diminuía o brilho. Aposto que nesta noite seu irmão e suas irmãs sentem saudades de você. Bom, eu só queria escrever para dar oi. Ou desejar Feliz Natal. Ou talvez para ver se você está aí em cima, com as estrelas, e saber se, de onde você está,

elas parecem mais brilhantes que uma chama, uma fogueira ou o crepúsculo.

*Beijos,
Laurel*



Querido E. E. Cummings,

A noite de Natal é um dos momentos mais nostálgicos. Como se o mundo inteiro fosse feito de memória. Depois que meu pai foi deitar com as luzes da árvore ainda acesas, Sky apareceu, e pulei a janela. Abrimos os presentes que demos um para o outro no escuro, na entrada da casa.

O papel com que ele embrulhou o meu era tão frágil que tomei cuidado para não rasgar. Então vi um coração entalhado em um pedaço de madeira. Meu nome estava na parte de trás. Era perfeito. Ele lixou a madeira para deixá-la lisa, mas os veios não sumiram. Eu disse que era meu presente favorito da vida toda. Sky pareceu orgulhoso.

Dei a ele um livro de poesia seu. Fiz um marcador com um papel bonito de gansos e coloquei na página do poema "nalgum lugar em que eu nunca estive, alegremente além". Nós lemos esse poema na aula de inglês, e eu amei. Quando Sky desembrulhou o livro, li o poema em voz alta para ele.

A parte que diz "ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas" faz todo sentido para mim. Significa que ele pode ir a qualquer lugar, porque, como a chuva, como a água, chega a lugares em que nada sólido chegaria. Explica como Sky me atinge, como chega a pontos que eu nem sabia que existiam. Como ele toca uma parte de mim que ninguém nunca tocou. Nós dois temos lugares secretos em nós.

— Obrigado — Sky disse. Ele pareceu ter gostado.

— Comprei o livro porque o poema me lembra você. E também porque você disse que talvez queira ser escritor, um tempo atrás, depois do baile. Sei que escreveria algo muito diferente disso, mas me faz pensar que, às vezes, quando a gente guarda muita coisa aqui dentro, precisa encontrar uma maneira de se expressar.

Sky sorriu e disse:

— Espero que nós dois encontremos as palavras para fazer isso.

Eu tinha tirado as luvas e passava a mão no coração que ele fez para mim. Olhei para Sky e então disse algo em que penso o tempo todo, mas que sempre engulo.

— Eu te amo.

Dava para ver minha respiração se demorando no ar. Ou talvez o ar estivesse segurando minha respiração, para se esquentar.

Sky olhou para mim, em silêncio. Ele pegou minha mão, e começamos a andar. Todas as luzes de Natal brilhavam com cada vez mais sutileza, um caminho de pequenas lâmpadas enfraquecendo diante de nós. Estávamos na metade do quarteirão quando ele disse:

— Você não me amaria se me conhecesse.

Eu parei.

— Conheço você.

— Se soubesse tudo o que eu fiz.

— O que você quer dizer?

Sky ficou em silêncio.

— Conta. Vamos ver se ainda vou te amar.

E então ele disse:

— Bom, para começo de conversa, eu bati em alguém. Por isso fui expulso da outra escola.

— Tudo bem.

— Eu machuquei o cara de verdade. Foi feio.

— Por quê?

Ele parou por um instante.

— Não sei... Tinha uma garota, uma garota que eu conhecia. Achei que ele tinha se aproveitado dela. E, quando bati nele, foi como se toda a minha raiva viesse à tona.

Assenti. É estranho, mas, de certa forma, pensar em Sky se envolvendo em uma briga assim fez com que ele parecesse frágil.

— Te amo mais ainda — sussurrei e fiquei atenta, para ver se ele queria dizer mais alguma coisa.

Continuamos andando pela noite silenciosa. Andando, andando. E não consegui conter o sentimento que de repente irrompia em mim.

Então disse:

— Eu também fiz coisas ruins.

— Como o quê? Se esqueceu de entregar a lição de casa? — ele brincou.

— Não — respondi. E acho que devo ter soado brava. Porque ele parou. — Ela morreu — eu disse.

— Eu sei, Laurel — ele disse, com cuidado. — O que aconteceu?

Meu peito ficou apertado e pesado ao mesmo tempo, e eu não sabia se queria continuar andando ou

não. Então parei. Fiquei apoiada no braço dele para me manter de pé.

— Não sei.

— Sabe, sim. Você pode me contar.

Mas eu não podia. Estávamos voltando do cinema. E paramos nos trilhos acima do rio, perto da estrada velha. Havia flores crescendo nas rachaduras. E, ao pensar nisso, não consegui respirar. O rio estava fazendo um barulho alto demais.

Sky segurou meus ombros.

— Laurel, Laurel.

Tentei inspirar, fiz esforço para levar o ar até os pulmões. Sky me disse para prestar atenção na respiração. Então expirei, vi o ar pairando por um tempo e não pensei em nada.

— Laurel. Fica aqui comigo.

O rosto dele estava tranquilo, e todas as casas comemorando o Natal desbotavam atrás dele. Com suas mãos tão pequenas, ele havia aberto uma porta em mim, e eu chorei sem parar. Ele me abraçou até eu rir um pouco. Como se a coisa toda fosse uma piada. Eu queria esquecer aquilo tudo. Continuamos andando. Pelo caminho de luzes, as lâmpadas entravam em foco conforme eu chegava perto. E finalmente ele disse:

— Eu também te amo.

*Beijos,
Laurel*



Querido John Keats,

Estou olhando pela janela para as nuvens que se dissipam por causa do frio, deixando o sol passar. Começou um novo ano. Aposto que, na Califórnia, no Ano-Novo, o ar fica aveludado por causa do calor. Aposto que tudo brilha, e as palmeiras se estendem pela terra em uma nova manhã. Talvez minha mãe esteja acordando agora, em sua nova vida. Sei que não devia me sentir assim, mas espero que você entenda. Odeio minha mãe por me abandonar.

Quando eu e minha irmã éramos mais novas, minha mãe costumava fazer um chá da tarde no primeiro dia do ano para nós e as amigas da May. Eu nunca convidava minhas amigas, porque pertencer ao mundo da minha irmã era o bastante. Eu amava como May sorria e colocava açúcar no meu chá. Minha mãe preparava sanduíches em formato de triângulos perfeitos e bolinhos, e punha na mesa os sachês de geleia que ela sempre pegava nas lanchonetes para a gente. Era muita geleia. Sempre tínhamos de todos os sabores. Até hoje me lembro dos sachês de geleia. Talvez minha mente se apegue a isso porque não quero pensar no resto.

Na noite passada, fomos a uma festa de Ano-Novo na casa da Kristen. Uma festa pequena. Só para nós. E o começo foi perfeito. Kristen mora nas montanhas, subindo a estrada que Sky e eu pegamos naquele primeiro dia. Dá para ver as luzes da cidade de lá, se

espalhando embaixo como estrelas no chão. Os pais dela ainda estão no Havai, então tínhamos a casa só para nós. Preparamos ponche com licor de canela, suco de maçã e corante vermelho. Pode parecer nojento, mas estava delicioso, e todos nós ficamos meio bêbados. Depois de passar o recesso com a família, o Ano-Novo parecia um feriado feito só para nós.

Depois de um tempo, Kristen quis que todo mundo sentasse em círculo para falar das resoluções para o ano que começaria. Ela entende de filosofia oriental e disse que, quando você toma uma resolução, pode gerar transformação. Como se o Universo ouvisse. Então pegamos papéis que ela escolheu especialmente para nós. O meu tinha estrelas, o de Tristan tinha notas musicais, o de Hannah, cavalos, e o de Natalie tinha uma estampa que lembrava pinceladas. O papel de Sky tinha peixes — ou esperma, de acordo com Tristan. Sky não estava muito empolgado com essa parte da noite, porque não gosta muito de falar sobre seus sentimentos na frente de outras pessoas. Mas, quando o vi escrevendo as resoluções, ele parecia sério, como se aquilo fosse para valer. A ideia era ler ou não o que escrevemos em voz alta e depois queimar os papéis no fogo das velas acesas no centro do círculo.

Kristen foi primeiro. Ela disse que também podemos fazer resoluções para as pessoas que amamos. E a dela era para Tristan, para que ele reconhecesse e usasse seus dons e sua inteligência. Que se tornasse

quem estava destinado a se tornar, mesmo que isso o levasse para longe. Kristen disse que ele é um músico muito talentoso. Todo mundo, incluindo Tristan, ficou quieto quando ela leu sua resolução. Então jogou o papel no fogo.

E era a vez de Tristan. Ele disse:

— Minha resolução é algemar Kristen à cama até chegar a hora de colocá-la num avião para Nova York.

Todo mundo começou a rir. Kristen pareceu ter ficado um pouco brava por ele não levar aquilo a sério e também por ter falado de algemas na frente de todo mundo. Mas então Tristan ficou mais sério do que nunca e disse:

— Não, sério. Vou falar o que escrevi. — A primeira parte era uma citação da segunda banda favorita dele, os Ramones. — “Se conhecer é como ter uma fonte da juventude.” Minha resolução é que seja sempre assim, enquanto a gente viver. Vamos ficar velhos, mas minha resolução é que a gente nunca se venda. Que nunca fiquemos velhos demais para lembrar quem somos agora, juntos.

O que os dois leram, para mim, explica a diferença entre Kristen e Tristan. Kristen quer crescer e se tornar alguém, e Tristan acha que o momento atual, ser jovem, é a coisa mais verdadeira. Enquanto jogava o papel no fogo, Tristan disse:

— E, vou acrescentar, estou apaixonado por uma mulher linda. Rezo para ser capaz de sobreviver à perda dela. E que ela volte para mim, se possível.

Kristen, que tentou enxugar as lágrimas na manga antes que alguém visse, disse com delicadeza:

— Sua vez, Natalie.

Natalie não leu em voz alta, mas olhou nos olhos de Hannah quando colocou o papel no fogo.

Hannah disse:

— Certo, aqui vão minhas resoluções. — Ela olhou para baixo e depois para a frente. — Tenho mais de uma. Que minha avó melhore. Que as sombras parem de aumentar. Que as pessoas parem de ficar bravas. Que o mundo seja um lugar seguro para o amor, todo tipo de amor. Que eu um dia tenha coragem suficiente para cantar na frente de todo mundo. Que Buddy, meu lindo cavalo e amigo querido, beba de uma fonte eterna e nunca morra. — E então Hannah beijou o papel antes de queimá-lo.

Era minha vez. Eu estava um pouco bêbada por causa do ponche, acho, mas aquilo parecia importante, como uma resolução de verdade. Eu queria ler em voz alta, mas não podia. Cheguei a abrir a boca, mas minha garganta ficou seca, então joguei o papel na vela e vi o fogo queimar.

Sky foi o último. Ele também não leu em voz alta, claro. Mas, quando colocou o papel no fogo, em vez de queimá-lo dentro da vela como deveria ter acontecido, parte do papel pegou fogo e voou na minha direção! Saí do caminho a tempo, mas todo mundo começou a gritar “Fogo!”. Tristan jogou o ponche de canela no papel, o que aumentou a chama

por um momento e então a apagou, e o ponche ensopou meu vestido. Sky gritou:

— Merda!

Um segundo depois, começamos a rir loucamente, e Tristan disse a Sky:

— Era uma resolução bem louca a sua, cara.

Eu me perguntei o que seria.

Minha parte favorita da noite veio em seguida. Dançamos “Sweet Child O’ Mine” na sala, que era cheia de janelas com vista para as luzes da cidade. Natalie girou Hannah, Tristan inclinou Kristen, até Sky dançou comigo, apesar de não ser um bom dançarino, o que para mim não é um problema. Depois de um tempo, todo mundo soltou a pessoa com quem estava dançando, e começamos a dançar juntos. Girando e abaixando e cantando como se aquela noite fosse tudo o que restava, tudo de que precisávamos. Se fosse possível, eu queria que durasse para sempre.

Quando o relógio deu meia-noite, nós gritamos e nos beijamos, e sabe o que aconteceu? Vi Hannah jogar as mãos para o alto e a cabeça para trás, como se tivesse esquecido todos os problemas, depois puxar Natalie e dar um beijo nela.

Beijei Sky, e ele tirou o cabelo do meu rosto, que estava um pouco suado por causa do ponche e da dança. Ele falou no meu ouvido, pela segunda vez:

— Eu te amo.

Falou com vontade, sério, como se doesse. Aquilo me fez querer ficar ali, com a voz dele no ouvido. Eu

teria dado qualquer parte de mim para Sky, se ele quisesse.

Quando a música acabou, Tristan a colocou de novo, Kristen voltou o relógio três minutos, e tivemos outra meia-noite, nos abraçando e beijando, e outra, e mais uma, até ficarmos tão cansados de dançar que todo mundo caiu no chão.

Continuei tomando o ponche e acho que a essa altura eu devia estar bem bêbada, porque, quando a música finalmente parou, o mundo estava girando.

Natalie e Hannah dormiram abraçadas no sofá, Kristen e Tristan foram para o quarto dela, mas eu não estava cansada. Falei para Sky que precisava de um pouco de ar, então fomos para a varanda e nos inclinamos para ver a cidade.

— Sky — perguntei a ele —, qual foi sua resolução?

Ele olhou para mim por um instante, como se estivesse tomando uma decisão.

— Se eu contar a minha, você me conta a sua?

Eu fiz que sim.

— Minha resolução era voltar a me sentir como quando tinha onze anos, quando meu pai me levou ao meu primeiro show. Dos Stones. Na época, eu não era ligado em música. Mas naquela noite alguma coisa me pegou. Minha resolução era não odiar tanto a ponto de não lembrar daquela sensação, e senti-la de novo em algum momento.

— Qual era a sensação? — perguntei.

— Não sei. É a força que surge de amar muito alguma coisa. Quer dizer, não *aquilo* exatamente, mas

querer produzir alguma coisa. Sabe, eu tinha onze anos. Não tinha noção disso naquela época. Mas já sabia que tinha sido a melhor noite da minha vida.

Eu queria colocar o coração dele perto do meu e criar um lugar seguro para os dois.

— Você vai criar algo incrível. Vai ser um escritor incrível.

Sky sorriu para mim.

— Sua vez — ele disse. — Qual foi a sua?

— Era meio comprida. Era sobre um poema de John Keats que lemos na aula de inglês, que termina com “A beleza é a verdade, a verdade a beleza”. Tenho pensado no que ele significa. E então, quando estávamos escrevendo as resoluções, achei que, de repente, tinha entendido. A minha dizia “A verdade é bela, não importa qual seja. Mesmo que seja assustadora ou má. É a beleza simplesmente porque é verdade. E a verdade é radiante. A verdade nos faz ser nós mesmos. E eu quero ser eu”.

Quando acabei, fiquei esperando Sky dizer alguma coisa, mas ele só me olhou por um instante.

— Que bonito — comentou finalmente. — Mas não entendi direito. Quer dizer, qual é a verdade de que você tem medo?

Dei de ombros. Achei que de alguma maneira ele fosse entender. Achei que de alguma maneira aquelas palavras seriam suficientes para dizer a ele tudo o que eu não conseguia.

— Não sei — respondi.

— Se você quer ser você, pode me contar. Eu quero saber.

Eu queria contar, mas a história parecia ser de tanto tempo atrás. Não cabia na minha boca. Não cabia nem no meu cérebro. Começou quando descobri que as coisas podiam se quebrar. Quando, de repente, May não podia me proteger mais. Começou quando percebi que isso era mais triste que as coisas em si. Meus pensamentos giravam, e então tive um estalo. Ela se foi. Tentei afastar a realidade, mas era tão pesada que eu mal podia respirar.

— Laurel — disse Sky. — Conversa comigo. Para de viajar. Me conta alguma coisa. Qualquer coisa.

Eu estava girando de novo. Comecei a andar para trás, tudo do passado borrava o presente, e no meio da coisa toda estava o pior sentimento de culpa. Eu precisava fazer aquilo ir embora. Precisava encontrar May.

— Certo — respondi. — Vou contar um segredo. — Eu me aproximei dele e sussurrei — Sou uma fada.

Sky olhou para mim e levantou as sobrancelhas.

— Você não acredita em mim, não é? Então olha, vou provar. — Levantei e subi no muro mais baixo, no canto da varanda. — Fecha os olhos, vou voar daqui. — Ignorei a voz que me dizia “Só sua irmã tem asas”. Fiquei brava.

— Laurel, desce daí! — gritou Sky, do que parecia ser uma grande distância.

— Não. Eu quero voar. Quero voar como May — eu disse e comecei a chorar.

Ele veio até mim e me agarrou, me tirando da beira do muro. Tentei bater nele. Continuei tentando bater nele, mas Sky não me soltou. Ele me segurou com mais força, para que eu não conseguisse me mexer.

Quando parei, quando meu corpo amoleceu nos braços dele, Sky levantou meu rosto e disse:

— Laurel, eu não posso fazer isso. Não posso ficar com você se vai ser assim.

— Ser como? — perguntei. — Como eu sou?

— Como sua irmã — ele respondeu.

— Você não sabe como ela era. Você não a conhecia de verdade. — Fiz uma pausa. E então perguntei, mais calma: — Como você conheceu May?

Sky só balançou a cabeça.

— Vamos — ele disse. — Você precisa dormir.

De repente, eu estava tão cansada, tão assustada e tão envergonhada. Podia sentir tudo de ruim e errado em mim e tudo o que sei que não deveria sentir, todos os motivos pelos quais estou brava com ela vindo à tona. Entrei com ele e deitei no sofá. Sky me levou um pouco de água e então disse:

— Vou para casa. — Senti como se estivesse afundando, como se tivesse estragado tudo.

— Por favor, não me deixe.

— Estou cansado — ele disse.

— Sky — continuei. — Sky, May não era assim. Ela não fez de propósito. Ela era boa. Não era como eu.

Ele só assentiu.

— Tudo bem, Laurel.

— Você sabe que ela era boa, não sabe?

Sky apertou os olhos, como se não me reconhecesse.

— Diga que sim — insisti, agitada.

— Sim — ele disse. E então acrescentou: — Mas ela não era perfeita.

Eu queria gritar que ele estava errado, mas não consegui encontrar minha voz. Fiquei ouvindo aquelas palavras ecoarem na minha cabeça enquanto estava deitada vendo Sky se afastar de mim. Ouvi aquilo a noite toda, até finalmente pegar no sono e, depois, acordar de um sonho em que May estava de volta, suas asas de fada cintilando e intactas. Ela disse que não tinha morrido. Só tinha voado para longe por um tempo.

Liguei para Sky de manhã, mas ele não atendeu.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Hoje é um dia meio sem graça. Dia 4 de janeiro é dia de desmontar a árvore de Natal. Este ano esperamos demais, até todas as pinhas ficarem quebradiças e começarem a cair tanto que passaram do papel branco imitando neve ao pé da árvore e se espalharam pelo tapete, até chegar à cozinha. Nem meu pai nem eu tivemos coragem. Até que acordei hoje e constatei que não dava mais para continuar — meu pai e eu olhando um para o outro enquanto comíamos cereal sem dizer nada sobre a árvore que estava morrendo, sem dizer nada sobre nada, eu aproximando a boca da tigela como costumava fazer e contando uma piada péssima sobre os mascotes da marca.

Então acordei cedo e, ainda de pijama, comecei a desmontar a base; quando meu pai apareceu, eu estava com a árvore inteira sobre o ombro, e algumas folhinhas caíam no tapete creme enquanto eu levava a árvore para fora.

Meu pai perguntou:

— O que você está fazendo?

— Tirando a árvore.

— Deixa que eu ajudo.

— Não — gritei, sem querer. — Posso fazer sozinha.

Quando saí, não sabia o que fazer com aquilo. Então fui até o galpão das ferramentas e peguei um serrote. Deitei a árvore no cimento e comecei a cortar o tronco

em pedaços. O cheiro de pinheiro era impressionante, como se o coração da árvore estivesse vazando. Empilhei os pedaços de galho perto do lixo.

Quando entrei, meu pai estava passando o aspirador de pó para tirar o resto das folhas do chão. O som abafou o barulho do meu estômago quando passei por ele, e fui para a cozinha pegar um pouco de cereal.

Meu pai apareceu e também pegou uma tigela. Ele estava com as roupas de trabalho, pronto para sair.

— O que você planejou para o último dia de férias? — ele perguntou, olhando para mim com expectativa.

— Ah, vou ficar de pijama e ver um pouco de TV — respondi, abrindo um sorriso fraco. Não preciso ir à escola até amanhã, porque os professores estão em planejamento.

— Cadê seu namorado? — meu pai perguntou. — Você não quer trazê-lo aqui à luz do dia?

— Uhum — balbuciei, com o coração descendo até o estômago. Eu não queria dizer a meu pai que fazia cinco dias que Sky não retornava minhas ligações.

E então, quando peguei a colher para me obrigar a comer um pouco de cereal, eu vi. Uma das aranhas de plástico que dei para meu pai de Natal flutuando na tigela. Ele devia tê-la colocado na caixa. Fiz o melhor que pude para rir e olhei para ele. Meu pai estava sorrindo, todo esperançoso.

— Peguei você — ele disse, antes de ir trabalhar.

Quando ele saiu, coloquei *In Utero*, deitei e ouvi "Heart-Shaped Box" — umas mil vezes — até enjoar. Pensei em ligar para Sky de novo, só para ouvir tocar.

Liguei tantas vezes desde o Ano-Novo e, quando caiu na caixa postal — não era nem a voz de Sky, e sim aquela voz genérica da gravação —, desliguei. Não sei o que dizer.

Algumas horas atrás, hoje à noite, quando estava tentando dormir, fiquei pensando na árvore indo para o lixo, e não estava certo. Eu não podia suportar que ela ficasse lá daquele jeito. Então saí às escondidas e levei os pedaços, de dois em dois ou três em três, pela vizinhança escura, onde eu ia caminhar com Sky, pela parte de trás do campo de golfe, até a vala. Joguei todos os pedaços na água para que chegassem ao rio e depois, quem sabe, ao mar. Eles apareceriam em uma praia na Califórnia.

Estou na cama de novo agora, mas ainda não consigo dormir. Tenho farpas nas mãos, que cheiram a floresta. Fico pensando no dia em que as asas de May quebraram.

Éramos fadas e, quando estávamos juntas, a magia funcionava, e eu acreditava nela. Toda vez que as sombras no quarto pareciam ganhar vida, eu acordava May, e nós íamos até o jardim com uma lista de ingredientes para um feitiço. Eles mudavam de acordo com a estação. Seis amoras vermelhas. Sete folhas amarelas. Uma gota de mel de madressilva. Uma pena difícil de encontrar. Um sincelo derretido. Fazíamos feitiços para manter distantes as sombras, feitiços para preservar o poder das fadas, feitiços para derrotar as bruxas do mal. Quando encontrei um pássaro machucado um dia, fizemos um feitiço para

curá-lo, e, quando voltei para ver a caixa no dia seguinte, o pássaro tinha ido embora. Tinha voado.

Mas havia uma parte do mundo das fadas de que eu nunca participei com May, pois eu não podia voar. Conhecia as regras. Só a filha mais velha tinha asas. Até pensei que talvez houvesse uma exceção. Era tudo o que eu queria. Quando a tia Amy nos levava para a igreja, era para isso que eu rezava. Quando May tirava um cílio do meu rosto, eu fechava os olhos bem forte e desejava ter asas.

Como elas não surgiam, eu pensava que, se ao menos pudesse ver May voar, seria o mais próximo disso. Se a visse planando no céu, eu de alguma forma faria parte da magia. Olhava para as costas nuas dela quando deitávamos na cama depois do banho e minha mãe passava creme na gente. Eu via a saliência das escápulas dela e imaginava como deviam abrir a pele macia para revelar aquelas asas transparentes, magníficas e cintilantes.

Eu implorava para ver. Só a ponta das asas. Só por um minuto. Mas ela sempre dizia que não podia me mostrar. Eu suplicava e, um dia, eu devia ter uns sete anos, pedi até chorar. Então finalmente ela me disse que voaria até o topo da árvore no quintal e, depois que chegasse lá, eu podia sair e olhar.

— Mas você não pode sair até eu deixar. Até que eu tenha pousado. Você promete?

Eu prometi. E queria cumprir a promessa. Queria mesmo. Mas, enquanto estava parada na porta dos fundos, esperando ela me chamar, algo muito forte

tomou conta de mim. Pensei que, talvez, se eu visse por acidente, não teria problema. Então abri uma fresta na porta de tela e olhei para fora. E olhei direto para a árvore, só por um segundo, a tempo de vê-la caindo lá de cima. May gritou.

— Você quebrou as asas! Você quebrou!

Corri até lá soluçando.

— Mas não vi nada. Eu não vi nada. Eu não olhei.

— Você quebrou. — May também estava chorando.

— Eu posso consertar! Não posso? Não existe nenhuma maneira?

May olhou para mim. Eu estava chorando mais que ela. Ela limpou minhas lágrimas. E disse:

— Talvez eu possa encontrar uma maneira de costurá-las. Elas podem ficar tortas, mas talvez funcionem de novo. — Então me deu uma lista de coisas para procurar e me disse para começar o trabalho. Ela ia tirar as asas e dar uma olhada.

Foi nesse momento que entendi o que eram as asas. E que nunca mais funcionariam. Porque eram inventadas, e o feitiço mágico que May havia lançado para me fazer acreditar estava quebrado. Mas nenhuma de nós queria admitir. Nenhuma de nós parou de fingir para a outra. Depois disso, ela passou um mês de muletas. E, enquanto May mancava pela casa, eu pedia desculpas. Mas ela dizia que estava tudo bem — as asas estavam funcionando de novo, e à noite ela saíria voando.

Beijos,

Laurel



Querida Amy Winehouse,

Seus pais se divorciaram quando você tinha nove anos. Seu pai esteve envolvido com outra mulher quase a sua vida toda. Ele disse uma vez que quando você era criança não parecia que o divórcio a tinha afetado tanto, mas que em algum nível mais profundo provavelmente afetou, sim. Você falou sobre isso em uma música chamada "What Is It About Men". A letra fala sobre seu lado destrutivo, que vem de um passado que foi "escondido" embaixo do tapete. "A história se repete", você cantou. Eu me pergunto se isso é verdade. Se há uma mágoa enterrada em nós que talvez sempre encontre uma maneira de emergir.

Você disse uma vez: "Muitas vezes eu não sei o que faço, e então no dia seguinte a lembrança volta, e sou tomada pela culpa". Eu me sinto assim. Fico pensando em May, como ela experimentou tudo e como era inteligente e linda. Mas o que aconteceu com ela naquela noite sempre volta à minha mente. Eu a vejo cair. Parece aquele dia, quando eu tinha sete anos. Ela podia voar, e eu quebrei as asas dela.

Das suas músicas, tenho uma preferida, que ouço sem parar — "He Can Only Hold Her For So Long". O homem na música tenta amar a garota, mas ela não está ali, não completamente. Ela está fugindo de algo dentro de si, algo que ele não consegue ver. Acho que existe algo assim dentro de mim.

Hoje, na volta às aulas, usei o suéter que minha mãe mandou de Natal. Cortei a gola e coloquei um emblema nele, como May tinha feito; entrei no quarto dela e pela primeira vez passei um pouco do batom que ficou sobre a cômoda — da Cover Girl. Fiquei imaginando como seria quando eu visse Sky. Nós nos beijaríamos na frente do armário dele. Ele diria que estou bonita. Eu pediria desculpas. Diria que não quis assustá-lo no Ano-Novo. Que tinha bebido demais. Ele pediria desculpas por tudo o que disse sobre May. Que tinha pensado em ligar. E nós esqueceríamos tudo. Sky me ama. Ele mesmo disse.

Mas durante toda a manhã ele não estava em lugar nenhum. E nada fez sentido. No almoço, Hannah começou a paquerar um dos jogadores de futebol, e alguns deles, incluindo Evan Friedman, passaram por nossa mesa. Eu senti que ele olhou para mim e ouvi um amigo sussurrar e dar uma risada cínica. Tentei evitar contato visual. Hannah estava falando de Neung, sobre como ele faz parte de uma gangue e roubou presentes de Natal para o sobrinho e um colar de ouro para ela. (Hannah não voltou à casa dele desde aquela noite em que ficaram juntos, mas acho que o encontra no trabalho; ela me disse que, quando o movimento está devagar, eles dão uns amassos nos fundos.) Todo mundo ficou impressionado com isso, menos Natalie, que disse que esse não é o espírito natalino e que, se ela não tivesse dinheiro para um presente, teria feito algo para o sobrinho. O que Hannah não contou para todo mundo foi que, na

véspera de Ano-Novo, ela e Natalie se beijaram abertamente, como promessa de que ficariam juntas.

Não falei nada sobre Sky. Quando me perguntaram onde ele estava, só dei de ombros. Quando perguntaram se eu estava bem, apenas sorri. Apesar de tudo, eu ainda esperava que ele aparecesse e me abraçasse. Eu estava tentando me concentrar em coisas banais, como o fio puxado na costura do suéter, para me manter na realidade.

Finalmente, na última aula, fui para o coral com Hannah. No semestre passado tínhamos educação física juntas.

— Ainda bem que aquilo acabou — Hannah disse.

Ela estava empolgada com o coral porque adora cantar e disse que o melhor é que, com tantas outras vozes, você pode se soltar sem sentir vergonha.

Quando entramos na sala, eu o vi. Sky. Não esperava por essa. As disciplinas optativas misturam os anos, mas achei que ele fosse escolher trabalhos manuais ou arte. Talvez as turmas estivessem cheias. Ele estava do outro lado da sala, conversando com dois alunos do terceiro ano. Fiquei esperando nossos olhares se encontrarem. Mas, durante a aula toda, ele não olhou para mim, nem mesmo uma vez. O sr. Janoff e a sra. Buster dão a aula juntos e nos dividiram em altos, sopranos etc. Quando começamos a aprender a primeira música, "A Whole New World", de *Aladdin*, a coisa ficou feia. Senti que havia algo preso na minha garganta. Eu não conseguia cantar nem respirar direito. Estava ofegante e olhando para

o outro lado da sala, para Sky, que não olhava para mim. Como se eu não existisse. Me perguntei se eu de fato estava ali. Fiquei dizendo a mim mesma para subir no tapete mágico e voar por cima de tudo. Eu sentia o ar quente de uma sombra em mim quando fechei os olhos e tentei me concentrar nas vozes, distinguir cada som do coral, das vozes juntas. Podia ouvir Hannah perto de mim, cantando com sua doce voz de soprano. Podia ouvir o garoto da aula de biologia que vende ácido falso. E achei que podia ouvir Sky. A letra da música dizia para não fechar os olhos. Mas, quando abri os meus e olhei para ele, Sky estava olhando para a partitura, sem mover os lábios. A canção falava que havia um novo mundo a ser compartilhado. Sky parecia um borrão do outro lado da sala. Uma fotografia desbotando.

Quando o sinal tocou, Hannah pegou meu braço e perguntou:

— O que foi?

Eu me afastei.

— Não estou me sentindo bem — respondi e saí correndo. Fui para o corredor como um fantasma que pode atravessar qualquer coisa. Qualquer pessoa. Nem desviei quando vi um grupo de garotos vindo na minha direção.

Um deles gritou:

— Olha por onde anda!

O coração de madeira de Sky ainda está na minha cômoda. Passei os dedos sobre ele para ter certeza de

que minhas mãos são reais. Para saber que as dele também eram, porque ele entalhou aquilo.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Sabe quando, no inverno, os galhos das árvores estão sem folhas e repletos de pássaros? Hoje foi assim. Eles estavam totalmente imóveis, cobrindo a árvore de penas. Eu tremia. O vento soprava forte, mas os galhos com os melros não se moveram nem um pouco.

Mas esse não é o começo da história. Que foi Sky e eu terminando. A voz dele sendo levada pelo vento. Eu olhando para os pássaros nas árvores, pensando no coração deles batendo e me perguntando se a pulsação os mantinham aquecidos. Talvez eu saia escondida só para chorar alto.

Quando cheguei em casa hoje, no segundo dia de aula, havia uma carta com meu nome colada no portão. Achei estranho, mas sabia que era de Sky. Sentei no banco do lado de fora e abri o envelope. Acho que parte de mim tinha esperanças, apesar de tudo. E de fato começou como uma carta de amor, à moda antiga. Sobre como sou diferente das outras garotas. Especial etc. E até sobre como ele me ama. Sky disse que decidiu deixar uma carta porque não conseguiria me dizer pessoalmente. Ele disse que tudo o que queria era me desvendar, mas que no Ano-Novo tinha se dado conta de que nenhum de nós dois está pronto para essa intimidade. Disse que eu preciso me cuidar, que ele não pode cuidar de mim. "Você vai ser muito mais feliz sem mim."

Quando li isso foi como se tivesse caído no mundo em que estava tentando não viver — o mundo do qual ele estava indo embora. Parece muito com o que você disse no bilhete que deixou quando se suicidou. Você disse que a vida da sua filha seria mais feliz sem você. Posso dizer que você estava errado. É uma desculpa péssima, de alguém que não aguenta estar por perto. É uma maneira ruim de se sentir melhor quando você sabe que está abandonando alguém. Alguém que precisa de você.

Depois de ler a carta, perdi o chão. Eu precisava ver o rosto de Sky. Então levantei e fui em direção à casa dele. Levei meu celular e, no caminho, tentei ligar. Ninguém atendeu, e andei os quatro quilômetros, chorando sem parar.

Bati na porta. Eu não estava em meu pleno juízo, até a mãe dele atender, com o roupão de cetim gasto e um coque se desfazendo. O rosto dela me chocou, e parei de soluçar. A maneira como ela me olhava era tão delicada e gentil. Aquele olhar deixou claro que ela entendia tudo. Mas, antes que eu dissesse qualquer palavra, Sky apareceu.

— Mãe, pode entrar. Eu volto daqui a pouco.

Ele fechou a porta e ficou na varanda, decorada com flocos de neve de plástico brilhantes.

Havia muita coisa na minha cabeça, mas, de repente, eu não tinha nada a dizer. O corpo de Sky estava tenso, e ele evitava olhar para mim. Finalmente, disse:

— Vamos, eu levo você para casa.

Então fui com ele, e, no caminho até o carro, Sky disse:

— Você entende, não é? Não pode mais vir aqui.

Foi quando comecei a chorar de novo. Chorei o caminho inteiro na caminhonete dele, que cheirava a couro velho. Foi ali que nos tocamos pela primeira vez. O rádio tocava sua voz baixinho. "*Aqua seafoam shame...*"

Quando chegamos ao campo de golfe perto de casa, pedi:

— Para. — Ele olhou para mim como se não quisesse, mas eu insisti. — Sky, para! — E então eu disse com mais calma: — Só quero caminhar um pouco. Você não pode simplesmente me ignorar para sempre.

Então ele estacionou. E nós saímos. Me lembrei do campo de golfe com os gansos e daquela vez em que caímos no chão rindo. Os gansos tinham ido embora, e as folhas não estavam mais lá; havia apenas pássaros pretos cobrindo as árvores. As lágrimas não paravam. Eu queria estar perto dele.

— Você disse que me ama.

— Eu sei. — Eu podia ver o rosto de Sky tensionando ao dizer isso.

— Então por que quer terminar? — gritei.

— Não sei. Não posso ver você assim. Às vezes é como se você fosse embora. Não é por você chorar tanto. É que você chora e eu não sei por quê. E você não me diz. Não consigo ajudar.

Eu estava afundando. Tudo o que podia fazer era chorar mais. A questão era: Sky tinha razão. Eu me perguntei se ele ficaria comigo se eu tivesse contado. Mas sabia que era tarde demais. As lágrimas. A lua, quase cheia, estava escondida pelas nuvens. Quando olhei para Sky, não consegui ver o rosto dele. Só uma sombra.

Eu estava despedaçada, e agora ele enxergava isso. Não tinha jeito. Tentei ser forte como May, esperta e livre, mas não consegui. Eu não era. Ele tinha visto. Sky havia aberto a porta para o subterrâneo onde eu era apenas a irmã mais nova, que não podia salvar May nem nada mais. Tinha sido ruim, errado, e a culpa era minha.

De repente, os pássaros voaram das árvores. Como se alguma coisa os tivesse espantado para algum lugar secreto no céu, antes que descessem e encontrassem outras árvores. Acho que fui com eles, sem ter certeza se um dia desceria de novo.

*Beijos,
Laurel*



Queridos Kurt, Judy, Elizabeth, Amelia, River, Janis, Jim, Amy, Allan, E. E. e John,

Espero que um de vocês me ouça, porque o mundo parece um túnel de silêncio. Descobri que, às vezes, momentos marcam nosso corpo. Eles estão ali, alojados sob a pele como sementes pintadas de surpresa, tristeza ou medo. E se você virar para um lado ou cair, uma delas pode se soltar. Pode se dissolver no sangue ou fazer surgir uma árvore inteira. Às vezes, quando uma se solta, todas começam a se soltar.

Sinto que estou me afogando em memórias. Tudo é claro demais. Minha mãe preparando chá para May e para mim. Voltar da piscina em meio a uma tempestade, com amoras tingindo de vermelho nossos pés. Galopando cavalos imaginários durante a nevasca. Meu pai andando de moto, sementes caindo sobre ele. Minha mãe dobrando camisas limpas e colocando-as na mala. May andando até o cinema, com o cabelo comprido balançando nas costas. A mão de May contra o vidro. Elas não param.

Daquela noite, lembro bem o som do rio. O som era constante, como se nunca fosse parar. Vi as flores surgindo entre as rachaduras do chão. Duas estavam esmagadas, uma ainda vivia ao luar. O rio ficava cada vez mais alto, abafando tudo com seu rugido.

Estávamos andando de carro na estrada velha, May e eu. A noite estava coberta de estrelas. O teto solar

estava aberto, a música estava alta, e ela cantava "Everywhere I Go" com uma voz lenta e doce. "*Tell me all that I should know...*" Ela conhecia cada agudo e cada grave, cada cadência e cada ondulação. May começou a cantar com tanta vontade que achei que a voz dela fosse explodir em um milhão de pedaços. Fiquei olhando para cima fixamente, vendo as estrelas tomarem conta do céu. Desejei que minha irmã fosse feliz.

Ela pisou no acelerador, e o carro avançou como uma rajada pela estrada velha, no escuro. A velocidade anulou todo barulho externo, até que só sobrasse a música. Estávamos sozinhas. May parou no acostamento, onde os trilhos de trem antigos atravessavam o rio. Na primavera, dá para ouvir a água correndo. No fim do verão, o rio fica seco e corre mais devagar, mal dá para ouvir alguma coisa. No inverno, quase congela. Mas era primavera. Flores e aquela sensação de que tudo é possível.

Descobrimos aquele nosso canto quando éramos crianças e íamos caminhar perto do rio com minha mãe e meu pai. Então May e eu começamos a voltar ali juntas, nas tardes dos fins de semana, quando devíamos estar na biblioteca, ou depois das noites de sexta como aquela. Estacionávamos nos trilhos e passávamos pelas tábuas. Ficávamos ali sentadas e era como se estivéssemos flutuando. Quando éramos crianças, fazíamos uma competição de gravetos, procurando os galhos perfeitos, jogando-os no rio e esperando para ver qual chegaria primeiro. Nós

dizíamos que o graveto que ganhasse estaria antes no mar. Juntávamos uma pilha de galhos e jogávamos sem parar. Imaginando as grandes aventuras que eles teriam na correnteza. E então engatinhávamos de volta.

Mas algo diferente aconteceu naquela noite. Estávamos sentadas no meio da ponte. Eu disse uma coisa que nunca deveria ter dito. May levantou e começou a caminhar pela parte de metal dos trilhos, como se fosse uma corda bamba.

Eu implorei para ela se equilibrar. Eu queria ter corrido atrás dela, para impedi-la, para fazer alguma coisa, para desfazer tudo. Mas não fui capaz. Foi como se eu tivesse abandonado meu corpo e passado para o dela. Eu a senti oscilar. Eu a senti cair. Foi como se tudo o que ia acontecer já tivesse acontecido, e eu não pudesse fazer nada além de olhar.

E então ela virou e olhou para mim, os olhos escuros explorando no escuro. Mechas do cabelo dela escapando do rabo de cavalo. Os braços finos e brancos sob a luz da lua.

Nosso olhar se encontrou e, naquele momento, voltei à realidade. Abri a boca para chamá-la. Mas antes que o som saísse, de repente, o vento a levou. Como se o corpo dela estivesse simplesmente navegando escuridão abaixo. Ela não tropeçou. Não pulou. Foi como se tivesse flutuado. Posso jurar que May ficou ali, parada no ar por um instante antes de cair.

Não consigo parar de ver o corpo dela flutuando. Tudo o que quero fazer é correr e puxá-la de volta. Eu não a salvei. Meu pés estavam congelados. Minha voz estava cortada. Gostaria de dizer por quê.

Agora é tudo o que consigo ver. May parada no ar, esperando eu pegar a mão dela e a puxar para os trilhos. Engatinhar com ela de volta. E ir para casa juntas.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Na segunda frase do bilhete que deixou quando se suicidou você escreveu: "Esta mensagem deve ser bem fácil de entender". É e não é. Quer dizer, sei como é, qual é a história e como termina. A fama não te fez feliz. Não te tornou invencível. Você ainda estava vulnerável, furioso com tudo e apaixonado ao mesmo tempo. O mundo era demais para você. As pessoas estavam perto demais. Você tem uma frase que não sai da minha cabeça: "Simplesmente amo demais as pessoas... tanto que fico triste pra caralho". Sim, eu entendo.

Eu sinto a mesma coisa quando vejo a tia Amy rebobinando a secretária eletrônica, tocando a mensagem deixada meses atrás pelo homem de Jesus. Quando vejo Hannah correndo de vestido novo para encontrar Kasey, o tempo todo olhando de canto para Natalie. Quando vejo Tristan tocando guitarra imaginária ao som de uma música do Nirvana e querendo escrever as músicas dele. Quando vejo meu pai vindo beijar minha cabeça antes de dormir, cansado demais para se preocupar com onde vou à noite. Quando vejo o garoto da aula de biologia que ocupa com uma pilha de livros a cadeira ao lado dele, sempre vazia. Tudo me afeta. Não consigo evitar.

Então, de certa forma, é fácil entender. Por outro lado, não faz sentido nenhum. Você se matar. "Que porra de sentido faz?", como você diria. Você não

pensou no resto de nós. Não se importou com o que aconteceria conosco depois que morresse.

Faz três dias que Sky terminou comigo. Eu não suportaria vê-lo na escola no dia seguinte nem no outro, então disse ao meu pai que não estava bem e fiquei na cama, afundada nos cobertores. Natalie e Hannah ligaram para saber como eu estava, mas só mandei uma mensagem dizendo que era gripe. Eu não estava doente, mas tomei um pouco de xarope e dormi para passar o tempo. Meu pai preparou uma canja à noite quando voltou do trabalho, que era o que minha mãe fazia quando eu ficava doente. Foi um esforço gentil, mas só me deixou pior. Hoje à noite, quando eu ainda estava zozona por causa do xarope, do qual eu não precisava, pedi para ele cantar para mim. Ele cantou "This Land Is Your Land". Fechei os olhos para me deixar levar até a sensação infantil de ouvi-lo cantar.

Mas não me deixei ir a lugar nenhum, exceto à noite em que May morreu. E às noites anteriores. Tem algo errado comigo. Não sei dizer o que é.

Fiquei paralisada quando May caiu. O policial me encontrou ali no dia seguinte, olhando para baixo, para a água — é o que dizem. Eu não lembro. Quando perguntaram "O que aconteceu com sua irmã?", não respondi. Encontraram o corpo dela no rio.

Meu pai nunca me pressionou, mas minha mãe perguntava o tempo todo o que estávamos fazendo na ponte, por que tínhamos ido para lá, por que não estávamos no cinema. Acho que minha mãe ficou

brava comigo por não explicar. Acho que talvez tenha sido por isso que ela se mudou para a Califórnia e deixou de ser minha mãe. Ela provavelmente pensa que a culpa é minha. E acho que tem razão. Se soubesse a verdade, ela nunca voltaria.

Um dia, antes de ir embora, lembro que minha mãe estava limpando o balcão depois do café da manhã. Ela olhou para mim e perguntou:

— Laurel, ela pulou?

— Não — respondi. — Foi o vento.

Minha mãe só assentiu, os olhos cheios de lágrimas, antes de virar.

Depois que meu pai foi dormir, à noite, fiquei acordada. Atravessei o corredor na ponta dos pés e girei a maçaneta da porta do quarto da May. Mas então girei de volta. De repente, fiquei com medo de saber que ela não estava lá. De como todas as coisas dela pareceriam inertes, olhando para mim do jeito que ela as deixou.

“Nirvana” significa liberdade. Liberdade do sofrimento. Acho que algumas pessoas diriam que a morte é exatamente isso. Então, parabéns por estar livre, acho. O resto de nós ainda está aqui, agarrado aos cacos.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia Earhart,

Fico pensando em você, tendo vislumbres de como era estar no seu avião na manhã antes do seu desaparecimento. Você já tinha voado mais de trinta e quatro mil quilômetros na jornada pelo mundo, só faltavam uns onze mil para atravessar a extensão do Pacífico. Você chegaria a uma ilha chamada Howland. Do ar, era difícil distinguir o formato das nuvens.

O avião não tinha combustível suficiente, e os mapas estavam errados. A comunicação por rádio não funcionava direito. Ao mandar a mensagem para a guarda costeira de Howland — “Devemos estar acima de vocês, mas não conseguimos ver. O combustível está baixo” —, você entrou em pânico? Eles responderam vinte minutos depois, mas não sabiam se você tinha ouvido. E receberam sua última mensagem, cheia de interferência, uma hora depois. Eles mandaram sinais de fumaça, mas nunca vamos saber se você estava perto o bastante para vê-los. Mandaram equipes de busca, e estamos procurando desde então. O fato de ainda procurarem, setenta e cinco anos depois da sua morte, prova como você era amada. Mas não deixo de imaginar o que seria diferente se finalmente encontrássemos uma resposta.

Hoje é segunda-feira, meu primeiro dia na escola desde o término com Sky. Meu pai disse que achava que eu devia marcar uma consulta com um médico, e

eu sabia que não podia fingir estar doente para sempre. Então, ontem, quando chegou a hora de ir para a casa da tia Amy, disse que estava melhor. Hoje de manhã coloquei um moletom que eu não usava desde o oitavo ano e preendi o cabelo. No almoço, não tive vontade de comer meu sanduíche nem as bolachas. Fui até nossa mesa e fiquei sentada com Natalie e Hannah. Antes que começassem a fazer perguntas, eu disparei:

— Ele terminou comigo.

Elas começaram um coro de “Meu Deus! Você está bem? O que aconteceu?”. Quando uma coisa muito ruim acontece, a segunda pior coisa são as pessoas sentindo pena de você. É a confirmação de que algo está muito errado. Tentei conter as lágrimas, mas elas vieram mesmo assim. Natalie e Hannah logo me abraçaram, e Hannah colocou minha cabeça no ombro dela e me fez cafuné.

— Ele não sabe o que está perdendo. Você é a melhor, a garota mais linda do mundo. Que idiota.

— Não — eu disse, com a voz abafada pela camisa dela. — Acho que o problema sou eu.

— O quê? Não é, não. Não é.

— Não vou ao coral hoje — eu disse a Hannah. — Não quero ver Sky.

— Não faz mal, está tudo bem — ela disse. — Não precisamos ir. Podemos cabular.

Então, na última aula, fugimos da escola, andando pela neve que derretia no asfalto, e fomos até o mercadinho comprar algo para tomar na casa da

Natalie antes que a mãe dela voltasse do trabalho. Subimos no telhado, nos enrolamos em cobertores e dividimos a garrafa de licor de canela. Hannah tentava me fazer rir e já pensava em um novo namorado para mim, sugerindo amigos de Kasey, o que fez Natalie se encolher. Falou até de Evan Friedman.

— Ele e Britt terminaram de novo, e sei como ele olha para você.

Mas eu nem estava prestando atenção ao que diziam. Só havia um pensamento, que ficava se repetindo na minha cabeça. *Ela morreu*. E então aconteceu. Talvez porque eu era grata a Natalie e Hannah, ou porque estava cansada e triste demais para continuar tentando ser como ela — eu simplesmente falei em voz alta:

— Minha irmã morreu.

Tudo ficou em silêncio por um momento. Finalmente, Hannah assentiu.

— Eu sei — ela disse. — Sinto muito.

Não fazia sentido.

— Como assim você sabe?

Ela hesitou e, então, respondeu:

— Tristan contou. Ele e Kristen conhecem uns alunos do Sandia que disseram que uma garota de lá morreu. Não foi difícil descobrir que era sua irmã.

— O quê?

De repente, eu estava brava, como quando meus pais puxavam as cobertas de manhã para me fazer

sair da cama. No ar frio de janeiro, minha pele parecia fina, quase transparente.

— Por que vocês nunca disseram nada?

— Você nunca falou sobre isso. Estávamos esperando você se sentir pronta, acho — Natalie respondeu.

E então Hannah disse:

— Sabe, você nunca nos levou à sua casa nem nada. Achamos que você não queria tocar no assunto.

Fiquei olhando para elas. Tudo se esvaiu de mim, inclusive a raiva, tão palpável um segundo antes. Elas sabiam esse tempo todo e não me trataram de maneira diferente. Eu me perguntei o que viam ao olhar para mim.

Hannah me passou a garrafa, e tomei outro gole.

— Como ela era? — ela perguntou.

— Era linda — respondi. — Era... era incrível. Engraçada e inteligente. Basicamente perfeita.

E ela me deixou, uma voz gritou na minha cabeça.

Olhei para o celular.

— Merda, são três horas! Minha tia!

Hannah me passou o enxaguante bucal que tinha na bolsa, e eu desci a escada às pressas e cambaleando, corri de volta para a escola, derrapando na neve da calçada. Quando cheguei, meia hora atrasada, o carro da tia Amy era um dos poucos no estacionamento.

— Onde você estava? — ela perguntou.

— Eu estava só... eu...

— Suas bochechas estão todas vermelhas — ela disse e colocou as mãos no meu rosto. — Você está

congelando!

— Desculpa — eu disse. — Eu... um garoto, ele caiu no gelo e ajudei a levá-lo para dentro.

A tia Amy olhou para mim sem saber se acreditava no que eu estava dizendo.

— Mentir é pecado, Laurel.

Olhei para ela.

— É, eu sei.

Ela ficou quieta por um momento, colocando o cabelo grisalho atrás da orelha enquanto decidia se confiava em mim ou não. Meu estômago ficou embrulhado de culpa.

— Podemos ir embora? — perguntei, por fim.

Ela assentiu, e fomos no seu fusca branco.

Quando chegamos em casa, me senti cansada como nunca. Disse à tia Amy que ainda não estava me sentindo bem e fui deitar. Por algum motivo, me lembrei de uma brincadeira que May e eu costumávamos fazer com Carl e Mark, filhos do vizinho.

No verão, depois de passar o dia na piscina, íamos para casa jantar, e depois os dois tocavam a campainha para nos chamar para jogar basquete na frente da casa deles. May estava sempre linda, rindo e batendo a bola, ainda com a parte de cima do biquíni molhando a camiseta. Ela gostava de correr pela quadra, mas, quando chegava à cesta, parava, ria e nunca acertava o lance. Às vezes, Mark passava a bola para mim. Eu me concentrava até não conseguir ver mais nada e adorava o assobio que sinalizava que

faríamos um cumprimento com as mãos depois. Eu adorava a mão dele contra a minha, ainda que só por um momento.

E então, quando começava a escurecer, antes que as luzes da rua se acendessem e tivéssemos que ir embora, May dizia que estava na hora do jogo do morto. Era o melhor momento da noite, quando os pais estavam assistindo à TV, e a luz estava fraca. May adorava o jogo porque sempre ganhava.

Ela teve a ideia no verão, antes de começar o ensino médio, pouco depois de minha mãe sair de casa. A partida de basquete tinha acabado, e começamos a jogar verdade ou desafio. May achou os desafios de Carl e Mark — coisas como levantar a blusa diante da casa dos vizinhos — chatos, então disse que tinha uma missão melhor, para todos nós.

Essa missão era o jogo do morto. Você deitava de costas no meio da rua, vendado — tinha de ser bem no meio, onde marcávamos um X de giz —, e esperava um carro passar. Quem aguentasse mais tempo antes de levantar e sair correndo ganhava. Mas, como você estava vendado, só dava para saber que o carro se aproximava pelo barulho.

Às vezes, o motorista do carro nos via e pisava no freio com força. Outras, como estava escurecendo, não via. May esperava um segundo a mais antes de sair rolando. A primeira vez que jogamos, achei que o carro fosse atropelá-la de verdade. Saí correndo para a frente dele, balançando os braços, até o carro parar cantando os pneus. Uma senhora saiu e começou a

gritar com a gente. Quando ela foi embora, May virou para mim, brava.

— Qual é o seu problema? Você não entendeu? Não é assim que o jogo funciona.

A questão era que, na sua vez de ser o morto, você decidia o momento de fugir. Minhas bochechas ficaram quentes de vergonha.

Depois disso, quando era a vez de May, eu ficava na calçada, encolhendo os dedos dos pés no cimento, ainda quente do sol do dia. Eu tentava não olhar para a rua. Mirava as estrelas e desejava que May ficasse bem. Mas no último minuto eu não aguentava. Sempre olhava e via o corpo dela ali, imóvel. Quando ela rolava a tempo, eu enxugava as lágrimas. E ela surgia tão viva, rindo e ofegante no ar quente da noite de verão, extasiada.

*Beijos,
Laurel*



Querido River,

Hoje, no coral, Hannah segurou minha mão quase o tempo todo. Fiquei pensando *Não olhe para Sky*. Mas não consegui evitar olhar uma vez para onde ele estava, como uma miragem do outro lado da sala, e me lembrar do peito dele se movendo com a respiração. Eu daria qualquer coisa para ter os braços dele de novo envolvendo meu corpo. Daria qualquer coisa para ser alguém diferente, alguém que ele não teria deixado.

Depois da aula, Hannah estava me esperando, mas eu disse que a encontraria no beco. Quando a sala ficou vazia, sentei, coloquei a cabeça entre os joelhos e tentei controlar a respiração.

Depois de um tempo, fui até o beco e encontrei Natalie e Hannah com Tristan e Kristen. Quando me viram, todos pararam de conversar — aquela situação que explica por que desde o começo você não quis tocar em determinado assunto. Se estivessem falando de Sky, teriam encontrado algo para dizer. Mas era mais que isso. Era May. Imaginei que Natalie e Hannah tivessem contado para os dois que eu finalmente havia admitido que minha irmã morreria.

Depois de um tempo de silêncio, eles se forçaram a conversar. Tristan acendeu um cigarro com o acendedor gigante. Quando ele e Kristen foram embora se arrumar para um jantar com os pais dela, os dois apertaram minha mão, como se transmitissem

um *Sinto muito* sem palavras. Mas eu não queria que sentissem pena. Eu não merecia. Não era uma coisa normal, eu não podia apenas chorar, ficar triste e deixar que fizessem carinho na minha cabeça. Havia muitos sentimentos misturados — e o que começou a aparecer, cada vez mais, foi uma raiva incontrolável. Sei que não devo sentir isso. Então sinto ainda mais culpa. Mas não consigo evitar.

Quando Tristan e Kristen foram embora, eu também estava pronta para ir, para não me atrasar de novo para encontrar a tia Amy. Mas então Hannah disse:

— Ei. Sobre sua irmã. Sinto muito que não exista nada de bom para dizer. E sinto muito que a gente não tenha comentado nada antes.

A maneira como ela falou, com tanta delicadeza, me fez desejar contar tudo.

— Eu também sinto muito — respondi —, por não ter contado para vocês antes.

Hannah disse:

— Quer dizer, as palavras podem não ser boas o suficiente para muitas coisas. Mas acho que precisamos tentar.

E então Natalie disse, muito séria:

— Sabe, é muito triste que as pessoas morram.

Todas rimos ao mesmo tempo, porque aquilo era tão óbvio. Era um exemplo perfeito do que Hannah tinha acabado de dizer.

— Você está bêbada? — perguntei. E minha pergunta nos fez rir ainda mais. Quando houve aquele

silêncio depois da risada, eu disse: — Estou feliz por ter vocês. — E estou mesmo.

Pensei no que Hannah disse, em como as palavras não são boas o bastante para muitas coisas, mas ainda assim precisamos tentar. Talvez eu devesse me esforçar mais. Só não sei o que elas pensariam de mim se soubessem o que eu disse a May naquela noite. Se soubessem o que eu deixei acontecer antes daquilo. Fiquei preocupada em perdê-las também.

Na noite em que você morreu, River, seu irmão, sua irmã e sua namorada encontraram você caído do lado de fora de uma casa noturna. Você tinha usado muitas drogas. Sua irmã tentou fazer você respirar novamente. Seu irmão ligou para a emergência. Ele gritou e gritou ao telefone, implorando para alguém aparecer. Implorando para alguém salvar você. Mas, quando a ambulância chegou, era tarde demais.

Quando encontraram o corpo de May no rio, o médico-legista disse que nem parecia mais ela. Foi por isso que minha mãe e meu pai decidiram cremá-la. Eu não vi o corpo. Nunca vi ninguém morto.

Acho que você sabe como é falhar com alguém. Falhar com todo mundo. River, você era uma estrela para a qual as pessoas faziam pedidos. Até tomar tantas drogas e se matar. Você acha que todo mundo consegue ser uma estrela? Acha que todo mundo consegue ser visto? Ser amado? Consegue brilhar? Não. As pessoas não conseguem fazer o que você fez. Elas não conseguem ser tão lindas quanto você. E você só queria se extinguir.

*Beijos,
Laurel*



Querida Elizabeth Bishop,

A arte de perder não é nenhum mistério. Eu bem sei. Os dias parecem transparentes, como se eu andasse sob aquele sol fraco que atravessa uma barreira de nuvens bem fina. Luz vazia. Não pousa.

Sky terminou comigo três semanas e um dia atrás. Hoje à tarde, depois da aula, Natalie, Hannah, Kristen e eu fomos para o beco. Elas ficaram fumando e conversando. Eu não estava nem ouvindo. Estava só olhando para os montes de neve típicos de janeiro, dançando sob a luz amarelada da rua. O céu brilhava, como acontece antes de ficar muito escuro. Eu vestia o moletom que Sky me emprestou uma vez, quando saímos escondido. Comecei a usá-lo para ir para a escola na época e brinquei que nunca mais ia devolver. Agora realmente não vou mais devolver. Tinha pegado do armário para levá-lo para casa para colocar na gaveta em que guardo as lembranças tristes. Mas estava nevando, fazia frio, então o vesti. Tinha o cheiro dele.

Naquele momento, Sky surgiu do nada no beco. Ele pareceu assustado em me ver.

— Oi — disse. E continuou andando.

Fiquei olhando para baixo porque meus olhos se encheram de lágrimas e eu não queria que ele notasse. Quando Sky passou, sussurrei um “oi” e fiquei olhando as costas dele. Eu ainda o amava e, ao mesmo tempo, o odiava.

E então eu vi. Ele parou embaixo de um dos postes e colocou o braço em volta dela. Uma garota loira, de seios grandes, que quase saíam por uma camiseta superjusta rosa com o símbolo da anarquia. Ela estava só de camiseta, mesmo que estivesse nevando. Sky tirou a jaqueta de couro de sempre e colocou nela. E eles se beijaram. As mãos dele embaixo da jaqueta nela. Sei que não devia ter olhado, mas eu não conseguia desviar o olhar daquela cena. Minha garganta fechou tanto que mal consegui respirar.

A garota viu que eu estava olhando e apontou para mim, mas antes que a cabeça de Sky virasse, olhei para baixo. O que vi depois foi ela o levando para um carro amarelo velho, um carro legal, e grande o suficiente para fazer sexo dentro, tenho certeza.

Eu queria gritar. Queria pular na frente daquele carro amarelo idiota. Senti que ia explodir.

Hannah disse:

— Sky é um completo idiota, Laurel. Quer que eu mate ele? Porque eu mato.

Kristen me ofereceu um cigarro; em geral eu não fumo, mas aceitei, ainda que fosse só para soltar um pouco de raiva com a fumaça. Perguntei para Kristen quem era a garota, e ela disse que se chama Francesca, se formou no ano passado e trabalha no mercadinho. Enquanto minhas amigas tentavam me consolar dizendo que sou mais bonita, mais estilosa e mais legal, pensei na garota passando o sorvete, o leite achocolatado, a carne de hambúrguer e o uísque das pessoas pela esteira do caixa e saindo de

uniforme pela neve, onde Sky estaria esperando na caminhonete para levá-la para casa. E pensei em seu poema.

— Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo que eu amo) não muda nada. Pois é evidente que a arte de perder não chega a ser mistério por muito que pareça (Escreve!) muito sério.

Escreve, escreve, escreve, Laurel.

Beijos.



Querido Jim Morrison,

Ouvi "Light My Fire" ontem à noite e me forcei a sair do torpor em que tenho andado. Fiquei enrolando no quarto por um tempo, mas não foi como costumava ser no carro com Sky nem no festival de outono, porque fiquei pensando em como você foi encontrado morto na banheira. *Causa mortis*: desconhecida. É difícil não saber.

Em uma foto sua, aquela famosa que estampa todas as camisetas e os pôsteres, seus olhos parecem ferozes. São como uma chama, nos atraindo e nos afastando ao mesmo tempo. Seus braços estão abertos, como se você fosse uma cruz. Seu peito está nu, vulnerável, mas forte como o de um animal. Li que, quando o Doors estava gravando um dos álbuns, você só ia às vezes ao estúdio e, quando aparecia, em geral estava bêbado. Havia pilhas de ossos de frango, embalagens de suco de maçã e garrafas de vinho rosé por toda a parte. E às vezes você gritava com as pessoas. É triste quando todo mundo sabe quem você é, mas ninguém te conhece. Imagino que você tenha se sentido assim. As pessoas veem o que querem. Usar calça de couro e ter um belo corpo, beber muito vinho caro, ter uma voz que soa rouca e seca, essas características formam a imagem que as pessoas têm de você.

May era o ideal do que eu queria ser. Eu a via como livre e corajosa, pensava que o mundo pertencia a

ela, mas não tenho mais tanta certeza de que era realmente assim. Jim, quero que as pessoas me conheçam, mas, se alguém olhasse dentro de mim, se visse que sinto coisas que não deveria sentir, não sei o que aconteceria.

Estou na aula de álgebra. Acho que Evan Friedman está quase se tocando de novo. Britt está se olhando no espelho de um estojo de maquiagem apoiado meio escondido no colo dela, tentando não olhar para ele. Os dois terminaram outra vez.

Faz cinco semanas e dois dias que Sky me deixou. Eu gostaria de dizer que estou superando, mas é óbvio que não estou. Às vezes, depois da aula, pego o caminho mais comprido até o estacionamento, pela quadra, e o vejo beijando Francesca perto da arquibancada ou abrindo a porta do carro para ela. Quero socar o peito dele com toda força e quero que ele me abraçe para eu parar. Quero que ele me beije de novo e desfaça essa situação. Mas agora ele está atrás de uma parede de vidro grossa, e não importa o quanto eu bata, não consigo quebrá-la. Eu só vou me machucar.

Francesca é péssima. Ela quer me bater. Ontem, saí da escola e fui até o beco, e ela estava parada no fundo com outras duas garotas que eu nunca tinha visto. Comecei a andar rápido, com a cabeça baixa, só querendo passar, mas elas me cercaram.

Francesca disse:

— Vi que você estava olhando para mim e para Sky.

Meu coração quase saltou do peito. Tentei mantê-lo no lugar, porque não queria que fosse parar no asfalto, ao lado do anel dourado que alguém deixou cair em uma rachadura. Não queria chorar de jeito nenhum.

— Vou avisar uma coisa, menininha — ela disse. — Ele não quer mais você.

Não era justo da parte dela. Eu sabia que Sky não me queria mais. Ela não sabia como doía. Odiei Francesca. Eu podia sentir as lágrimas ardendo no fundo dos olhos, mas não ia chorar na frente dela. Não ia.

Então eu disse:

— Você não acha meio ridículo ainda ficar circulando pela escola?

O rosto dela ficou vermelho.

— Eu vou acabar com a sua raça. Vou bater tanto em você que ninguém vai reconhecer seu lindo rostinho.

Eu precisava pensar rápido. Meu corpo oscilou, e meu cérebro ligou todos os pontos que não deveria ligar. Ela é bem maior do que eu e sem dúvida podia me bater.

Então eu falei:

— Em vez disso, por que não fazemos um jogo? — Forcei a passagem e fui até a rua. Então me virei. — Chama jogo do morto. Quem aguentar mais quando um carro passar ganha.

Deitei na rua e fechei os olhos. Ouvi um carro se aproximando ao longe. Ouvi que estava perto, apesar

de ainda não estar perto demais. Eu podia aguentar muito mais.

Ouvi Francesca dizer para as amigas:

— Meu Deus. Essa menina é totalmente louca. Vamos embora daqui.

E me dei conta de que tinha ganhado. Eu sabia que agora ela teria medo de mim, e não o contrário.

Ouvi o carro chegando mais perto. E então, do nada, ouvi a voz de Sky.

— Laurel! Que merda você está fazendo? — ele gritou.

Levantei, sai correndo e me lembrei da noite em que fiquei boa no jogo. May sempre foi a melhor, a mais corajosa. Carl era quase tão bom, mas nem tanto. E Mark ficava bem atrás dele. Eu era a última. Assim que ouvia o carro virar a esquina, eu queria correr. Tentava esperar ao máximo, mas, quando levantava e tirava a venda, via que o carro ainda estava a muitas casas de distância e me sentia uma idiota por achar que estava prestes a ser atropelada. Eu sabia que Mark nunca ia gostar de mim porque eu tinha medo, e eles viam isso. *Se ao menos eu fosse destemida como May*, pensava. Se ao menos fosse empolgada, audaciosa e linda como ela. Pensava que, se não fosse tão covarde, tudo seria diferente. Talvez ele me amasse.

E então alguma coisa mudou. Foi depois que May começou a me levar ao cinema. Estávamos jogando, e eu deitei. Senti um novo tipo de silêncio. Como se nada pudesse me atingir. Esperando, apenas

esperando o carro. E, quando o ouvi virar a esquina, eu não tive medo de nada. Sabia exatamente onde estava. Não precisava dos olhos. Eu podia ver a rua, o carro se movendo. Estava na frente da casa dos Ferguson. Dos Padilla, dos Blair, dos Wunder — eu sabia a qual distância estava. Passou pela casa de Carl e Mark. Ouvi May gritar:

— Laurel! Sai do caminho!

Mas não, eu ainda não precisava sair. Esperei mais um último segundo. E então saí rolando, corri e vi o carro passar. Quando fui até a calçada, May disse:

— Laurel! Qual é o seu problema?!

Ela parecia assustada de verdade. Como eu sempre ficava, com medo por ela. Achei que Mark ficaria orgulhoso. Que bateríamos as mãos. Mas ele estava branco como um fantasma. May me abraçou e disse:

— Nunca mais faça isso!

— Mas eu ganhei, não ganhei?

May falou, sem fôlego:

— Sim. Você ganhou.

Depois disso, nunca mais jogamos. E tive certeza de que Mark nunca me amaria. Eu mudei.

Ouvi a voz de Sky ecoando. “Que merda você está fazendo?” Continuei correndo, o mais rápido possível, levando ar até os pulmões. Correndo pelas ruas do bairro, pelas sombras formadas pelos galhos tortos das árvores, pela fileira de casas que pareciam ser seguras. Até só conseguir ouvir minha própria respiração, tão alta, parecendo um oceano.

Para minha sorte, a tia Amy chegou atrasada para me pegar, então quando voltei correndo para o estacionamento ela ainda não estava lá. Sky, Francesca e as outras garotas tinham desaparecido. A tia Amy ficou chateada por se atrasar, então perguntou se eu queria comer batata frita. Desejei ir para casa, onde minha mãe estaria fazendo enchiladas para o jantar e May colocaria a mesa, dobrando guardanapos em formato de diamantes, como sempre fazia.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Você teve uma filha e nunca vai conhecê-la. Não vai vê-la crescer. Não vão preparar o jantar juntos quando, no verão, ela voltar da piscina cheirando a cloro. E quando ela andar de bicicleta sem se segurar e voar sobre o guidão, você não vai ajudá-la a se sentir melhor. Não vai estar na apresentação do coral, com todos os outros pais no chão grudado do ginásio, observando o rosto dela, enquanto fecha os olhos e deixa a voz sair. Não vai vê-la andar pela neve recente no quintal nem deitar para fazer um anjo. Não vai vê-la se apaixonar pela primeira vez. E se partirem o coração dela, se ela se encolher embaixo dos lençóis de flanela limpinhos e chorar, você não vai ouvir. Quando ela precisar, você não vai estar lá. Você não se importa? Como pôde fazer isso com sua filha?

Sabe o que ela vai ter, em vez do pai? Seu bilhete de suicídio. Quando escreveu aquilo, você pensou que as palavras seriam uma sombra para o resto da vida dela?

“Tenho uma esposa que é uma deusa, que exala ambição e empatia, e uma filha que lembra muito o que eu costumava ser, cheia de amor e alegria, beijando cada pessoa que ela encontra como se todas fossem boas e incapazes de fazer mal. Isso me aterroriza a ponto de eu mal conseguir funcionar. Não suporto a ideia de Frances se tornar a roqueira infeliz e autodestrutiva que me tornei”, você escreveu.

Pensou no fato de que, quando tirou sua própria vida, você roubou a inocência que amava nela? Que mudou para sempre aquele coração cheio de alegria? Você foi o primeiro a fazer mal à sua filha. Foi a primeira pessoa a tornar o mundo perigoso para ela.

Não sei por que escrevi todas essas cartas para você. Achei que você entendesse. Mas você também foi embora. Como todo mundo.

Hoje à noite, quando meu pai estava dormindo, entrei no quarto de May e arranquei seu pôster da parede. Rasguei e joguei fora. E soluzei até não aguentar mais. E agora esse pôster em particular se foi para sempre. Sinto muito.

Não pode ser desfeito. Não podemos colocá-lo de volta e não podemos trazer você de volta à vida, e odeio isso. E também odeio você por isso. Pronto, falei, eu odeio. Sinto muito. Eu sinto tanto. Eu me pergunto se sua filha perdoou você, porque eu não sei se conseguiria.

A verdade é que não perdoei minha irmã. Não sei como perdoá-la, porque nem tenho o direito de ficar brava com ela. E tenho medo de perdê-la para sempre se fizer isso.

*Beijos mesmo assim,
Laurel*



Querido Heath Ledger,

Hoje à noite passou *O cavaleiro das trevas* na TV. Vi com meu pai. Uma coisa que ainda fazemos juntos é assistir a filmes. Filmes e beisebol, mas a temporada só vai recomeçar daqui a algumas semanas. Quando o filme acabou e os créditos subiram, meu pai disse, antes de levantar e ir para a cama:

— O mundo mudou, não mudou?

A frase pareceu carregar o peso de tudo o que não podemos falar.

Meu pai costumava ser feliz. Um homem com uma família. Super-heróis costumavam ser indestrutíveis. Não perdiam o amor de sua vida, não deixavam pessoas boas morrerem, não abriam mão de seus princípios nem tinham de viver o luto. E os vilões das histórias costumavam ser apenas maus, não humanos que se transformaram em algo aterrorizante. Mas *O cavaleiro das trevas* é como a versão adulta de uma história de super-herói. O Batman também tem problemas — ele perde a mulher que ama e tem que se entregar para manter as esperanças da cidade. Você está brilhante no papel do Coringa, a personificação do mal.

Para dizer a verdade, o filme me assustou. Você me assustou. Quero contar o que eu aprendi com ele, mas não consigo. Tudo o que está ali é um sentimento de terror no fundo do estômago, e esse medo de não existir mais final feliz.

Estamos na segunda semana de março. A primavera está chegando, mas o ar continua frio, o vento vem em rajadas para assustar os botões que começam a florescer. Faz muito tempo que não escrevo uma dessas cartas — quase um mês. Acho que, depois que rasguei o pôster do Kurt, perdi a vontade. Até que assisti ao filme e comecei a pensar em você. A primeira vez que te vi foi naquele *Dez coisas que eu odeio em você*, e sempre me lembro daquela cena em que você pula na arquibancada e canta “Can’t Take My Eyes Off You” na frente do time de futebol feminino para conquistar o coração da garota de quem gosta. Depois desse, mesmo com muitas propostas, você não fez mais filmes adolescentes. Em vez disso, você ficou comendo macarrão instantâneo no seu apartamento e esperando. Você não queria só ser famoso, queria ser verdadeiro consigo mesmo. E, no fim das contas, conseguiu mais papéis, papéis melhores, e se tornou um adulto que fez parecer bom crescer, como se não fosse preciso perder a essência. Você virou o tipo de pai que qualquer filha gostaria de ter. Quando o encontraram em seu apartamento, depois de uma overdose de remédios, eu realmente achei que tivesse sido acidente. Ainda não acho que você queria morrer.

Li que estava planejando comprar um galpão no Brooklyn para sua filha, para vocês transformarem em um drive-in com cinema particular. Quando penso nisso, quase choro. Você teria parado o carro ali, vocês dois no banco da frente comendo pipoca e

balas, e rindo de um desenho animado que passasse na tela — o tipo de história que termina como deve, ao contrário daquelas que nos assombram conforme crescemos.

Este mês passou voando, mas acho que tenho algumas coisas para contar. Uma é que Hannah decidiu achar bonito ter hematomas. Ela começou a pintar roxos na maçã do rosto com sombra de olho. E parecem reais. Natalie diz para ela não fazer isso, mas ama tanto Hannah que só beija os hematomas e diz que vai cuidar deles. Às vezes nosso corpo devia mostrar mais as coisas que nos machucam, as histórias que mantemos escondidas dentro de nós.

A outra coisa é que Hannah conseguiu a habilitação provisória, e no sábado pegamos a estrada da montanha para ir à casa de um cara chamado Blake. Hannah o conheceu em seu novo emprego, no Macaroni Grill. Ele é ajudante de salão, e ela é a recepcionista. Ela arrumou esse novo emprego porque Natalie ficava brava toda vez que ouvia falar de Neung, que Hannah jurou nunca mais ver e então saiu do Japanese Kitchen. Mas ela ainda tem Kasey e, agora, Blake. Ela não gosta de levar Natalie para a casa dos namorados, mas também não quer ir sozinha, então lá fui eu.

Quando estacionamos na frente da pequena cabana nas montanhas, fiquei nervosa. Não estava trancada, então entramos direto. Tinha cheiro de charuto e cereja, e o peitoril de todas as janelas estava coberto com garrafas empoeiradas.

Quando ele saiu do quarto, fiquei paralisada. Hannah disse que ele tinha vinte e dois, mas me pareceu muito mais velho. E não mais velho como quem está na faculdade, como Kasey. Mais velho como Paul, namorado de May, e o amigo dele. O cabelo preto era bem comprido e a barba estava por fazer havia alguns dias.

Ele passou e abriu a geladeira. Pegou algumas cervejas e jogou para nós. Não consegui pegar a minha. Ela passou por mim e caiu no tapete do chão, onde parecia que eu estava afundando. Tentei mexer os pés, mas eles não se moveram.

Hannah se abaixou e pegou minha cerveja. Senti meus dedos se fecharem em volta da lata.

— Laurel, você está bem?

— O quê? Hum, sim. Desculpe.

Vi Blake colocar os braços em volta de Hannah, e tudo o que eu enxergava era May indo até Paul. O cabelo macio dela balançando nas costas. Os olhos dele a devorando.

O sujeito com quem Blake morava estava no sofá, que era forrado de veludo marrom e parecia estar lá desde os anos 70. O amigo não falou nada. Tinha feito um voto de silêncio um ano e nove dias antes. Não tinha dito nenhuma palavra desde então. Depois que Blake explicou isso, puxou Hannah, e os dois foram ao quarto dele, me deixando sozinha com o sujeito, que estava lendo um livro chamado *O nascimento da tragédia*. Acho que Blake me disse o nome do amigo, mas esqueci.

Forcei minha unha no lacre da cerveja e abri a lata com um estalo que soou como uma explosão. Dei um gole. O homem ficava olhando por sobre o topo do livro para mim. Tentei ver quantas garrafas havia no peitoril, mas perdi a conta várias vezes. Meus pés ficaram onde estavam, colados ao tapete.

Eu me perguntei se esse lugar era aonde May ia com Paul quando saía com ele à noite. Era tão diferente do lugar misterioso ao qual eu a imaginava indo. Então a vi ali na sala com as cortinas baixas e as luzes acesas, deitada naquele tapete cor de creme sujo e fumando, deixando a fumaça sair de seus lábios escuros.

O amigo mexeu as pernas, acho que para abrir espaço no sofá, e eu fiquei ainda mais apreensiva, como se o tapete fosse feito de areia movediça. Ele bateu em um lugar a seu lado. Tudo o que eu podia pensar era *Só vai doer mais se você resistir*. Como se meu corpo estivesse se mexendo por conta, fui até lá. O mundo ficou em silêncio. Como se estivéssemos sendo registrados em um filme mudo. O amigo, a sala e eu. E eu nos via no filme. Vi a mão dele se mover e me tocar.

Minha cabeça estava latejando. A mão dele — a mão dele estava na minha coxa. De repente, eu estava em outro lugar. Tudo em que pensava era *Não. Por favor, não. Faça ele parar*. Bati a cabeça no braço de madeira do sofá.

Senti o choque da dor e deixei minha cor voltar.

Não sei quanto tempo passou, mas, quando abri os olhos, o amigo me encarava, confuso.

E então Hannah estava em pé sobre mim, de sutiã. Ela pareceu assustada quando abri os olhos.

— Desculpe — eu disse.

— O que foi? — ela perguntou.

— Podemos ir embora?

Hannah fez que sim e foi pegar a camiseta. Ela prometeu compensar Blake mais tarde, mas ele estava bravo que eu tinha atrapalhado.

A caminho do carro, peguei um pouco de neve e esfreguei no rosto para acordar. Hannah, que olhava para mim com preocupação, perguntou:

— Laurel, o que aconteceu?

Eu podia sentir o galo se formando na parte de trás da minha cabeça. Comecei a chorar.

— Por favor, dirija — pedi.

Foi o que ela fez.

Quando já estávamos descendo a montanha, Hannah perguntou de novo:

— O que aconteceu?

— Nunca mais quero voltar lá — eu disse.

— Tudo bem, você não precisa voltar — ela disse, delicadamente.

— E não gosto de Blake. Não quero que você saia com ele de novo.

— Ah, você também? — ela grunhiu. — Essa é a fala de Natalie.

— Por favor, Hannah, você promete?

— Por quê?

Eu não podia deixar nada acontecer com Hannah.

— Ele só... ele me lembra um cara com quem minha irmã saía. Só não saia com ele de novo, tá?

Ela fez uma pausa por um instante e ficou olhando para a estrada. Finalmente, disse:

— Tá, se é tão importante para você. — E então perguntou: — Você tem raiva da sua irmã? Por ter deixado você?

Meu coração ficou apertado. Comecei a entrar em pânico. Achei que, de alguma maneira, ela sabia.

— Como assim? — perguntei.

— Quer dizer, por ela ter morrido.

— Mas não foi culpa dela — eu disse.

— Não, mas isso não significa que você não possa ficar brava. Eu fiquei brava com meus pais por morrerem e me deixarem com Jason, ainda que nem me lembre deles.

Pensei sobre isso. Ninguém tinha dito isso assim antes.

— Você é corajosa — eu disse.

Ela riu.

— Como assim? Não sou. Eu sou uma idiota.

— Não, você é tão esperta. Queria que você soubesse disso.

E então ficamos quietas. Aumentamos o volume do rádio e descemos a estrada, escura e brilhante com a neve de março, que derretia.

As histórias mudam conforme crescemos. Às vezes elas não fazem mais sentido. Eu queria escrever uma nova história, em que Hannah só fica com Natalie,

May volta para casa e eu nunca tento ser como ela,
mas fiz tudo errado.

*Beijos,
Laurel*



Querido River Phoenix,

Existe um trecho de *Conta comigo* em que seu personagem diz para Gordie: "É como se Deus tivesse dado uma coisa para você, cara, todas essas histórias que você inventa. E como se Ele tivesse dito 'É o que tenho para você, garoto. Tente não perder'. As crianças perdem tudo, a menos que haja alguém ali para cuidar delas". Essa parte do filme me tocou. Ela me faz pensar em ser uma menina e em tudo o que perdemos ao crescer. Não havia ninguém para cuidar de você? Ou havia, e eles só se distraíram por um momento?

Continuei com essa sensação de que talvez não houvesse ninguém para cuidar de mim quando precisei. Sempre achei que May faria isso. Mas talvez também não existisse ninguém para cuidar dela.

Penso na minha mãe e na pergunta que ela fez. "Ela pulou?" Eu disse que não, mas nunca vou saber a resposta. E penso na pergunta que minha mãe não fez, mas que vi nos olhos dela. "Por que você não a impediu?" A pergunta que não consigo tirar da cabeça. "Por que *você* não a impediu, mãe?", eu gostaria de perguntar.

Hoje à noite, ela ligou. Depois que respondi às perguntas de sempre sobre a escola etc., monossilábica como sempre, ela perguntou:

— Está tudo bem aí?

— Acho que sim.

— Tem certeza? Você nunca conversa comigo.

— Não sei o que dizer. Você nem está aqui.

Houve um longo silêncio. E então ela disse:

— Eu queria te contar. Finalmente fui ver o mar.

— Ah, é?

— Eu ainda não tinha ido desde que cheguei aqui. É como se estivesse esperando você e sua irmã. Mas ontem eu só... entrei no carro, dirigi e, antes de me dar conta, estava na água. Foi como se o mar tivesse me atraído. E foi tão lindo, Laurel. Quase senti a presença de May ali.

Eu queria dizer: *Porra, que incrível para você*. Mas fiquei quieta.

— Talvez você possa me visitar no verão, aí vamos juntas.

Quando ela disse isso, eu só conseguia pensar que então ela não ia voltar. Em vez de responder, disparei:

— Mãe, por que você foi embora?

Eu queria que ela falasse a verdade. Se tinha ido embora porque estava brava comigo, porque achava que era minha culpa, ou porque eu não respondia às perguntas dela. Eu queria que ela dissesse.

— A morte da sua irmã partiu meu coração, Laurel. Ninguém sabe o que é perder uma filha.

— O papai sabe.

Minha mãe não respondeu.

— Ninguém sabe o que é perder uma irmã também — emendei.

— Eu sei, querida. Eu sei...

— Mas o papai e eu não fugimos. Nós ficamos juntos.

— Eu sei, Laurel. Mas ficar junto nem sempre é a melhor coisa quando você não pode ser bom para o outro. Nem sempre as coisas acontecem como nós gostaríamos.

— Jura? Você não acha que a esta altura eu já sei disso?

Ouvi minha mãe chorar.

— Não, mãe, por favor, não chore. Esquece o que eu disse. Está tudo bem. Preciso ir.

Quando desliguei, meu pai entrou.

— Oi, querida. Você está bem?

Olhei para a frente e tentei enxugar as lágrimas.

— Eu odeio a mamãe.

— Não, Laurel, você não está falando sério. Sei que está com raiva. E tudo bem. Mas você não odeia sua mãe.

— É, acho que não.

Olhei para os ombros dele, curvados, e para o rosto que lutava para se manter neutro. Acho estava procurando algo para dizer, mas, como não encontrou nada, se aproximou e me deu uma chave de braço, como costumava fazer quando eu era criança. Sei que ele queria me fazer rir, então me esforcei.

Você cresceu tão rápido, River. Mas talvez o garotinho que precisava de alguém para protegê-lo nunca tenha ido embora. É possível ser nobre, corajoso e lindo e ainda assim desabar.

*Beijos,
Laurel*



Querida Janis Joplin,

Você era durona, gritava, bebia e cantava com todo o coração. O coração que entregava a todo mundo. Todos os fãs. Mas o precipício estava perto demais. Seu empresário foi ao hotel quando você perdeu uma gravação. Ele viu seu Porsche na frente, com a pintura psicodélica, o céu noturno e um dia claro, uma paisagem sobre um arco-íris, uma borboleta. Estava ali, parado, esperando, pronto para partir. Mas, dentro do quarto de hotel, você estava morta, dezesseis dias depois de Jimi Hendrix. O sonho dos astros do rock estava acabando. O sonho dos anos 60 — quando tudo parecia possível e havia um mundo a explorar — não fazia mais sentido. Os belos, os bravos estavam se esgotando. Você acreditava que o mundo podia mudar. E então seu mundo acabou. Overdose de heroína. Um pouco de álcool. Foi um acidente, todo mundo deduziu.

Eu ainda amo você, mas estou começando a perceber que não é por acaso. As pessoas que mais admiro, as que parecem ser capazes de usar o corpo e a voz para lutar contra o medo... Você não venceu, não de verdade, no fim. Tem sido mais difícil escrever essas cartas, e talvez esse seja o motivo.

Mas eu queria contar a única boa notícia que tive nos últimos tempos: Kristen entrou na Columbia. Tristan fez um bolo com a silhueta de Nova York desenhada na cobertura para comemorar, e eu achei a

coisa mais legal do mundo. Quando todos nos encontramos no beco depois da aula para comemorar, ele cortou o bolo e distribuiu os pedaços. Natalie beijou o hematoma falso no rosto de Hannah e deu pedaços de bolo na boca dela. Tristan, que fumava enquanto comia, disse:

— Essa é minha garota da cidade grande, né, amor?

Kristen assentiu e abriu um meio sorriso.

— É, amor.

A formatura é em menos de dois meses. Depois, Tristan vai para uma faculdade aqui perto. Ele já escolheu um apartamento e vai se mudar no verão. E arrumou um emprego de entregador do Rex's Chinese. Eles dizem que vão ficar juntos, mas os dois sabem que não é verdade. Kristen vai embora, e ele está feliz por ela, na medida do possível. No ano que vem, Tristan provavelmente vai ter uma nova namorada. Uma namorada da faculdade. Ela provavelmente vai ter cabelo loiro e não vai ter olhos calmos como os de Kristen. Eles vão dançar na sala, e ele vai sentir falta da maneira como Kristen encarava as coisas, como olhava para ele, como se fosse a única coisa para ver.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amy Winehouse,

A tia Amy perguntou se eu queria ir ao shopping comprar roupas de verão, incluindo um vestido para a Páscoa, que é amanhã. Ela disse que estava pensando em ter um dia de tia e sobrinha, como um dia de mãe e filha, acho. Eu não estava a fim, mas não queria deixá-la chateada, então concordei.

Fomos à JCPenney, e eu estava olhando as blusas quando ela voltou com uma pilha de vestidos para eu experimentar, todos cheios de renda e compridos demais. Não sei nem como ela encontrou tantos vestidos de igreja em uma loja de departamentos, mas deve ter sido fora da seção jovem.

Quando saí do provador para mostrar o primeiro, ela olhou para mim pelo espelho.

— Você está tão linda — ela disse, um pouco como se isso a assustasse.

Dei de ombros.

— Tome cuidado, Laurel — ela disse e, do nada, começou a chorar.

Eu a abracei, tentando confortá-la. Eu estava tremendo com aquele vestido. O ar-condicionado estava forte e me deixou toda arrepiada.

Finalmente, a tia Amy limpou os olhos na blusa florida e sorriu para mim. Eu queria sair dali. Não queria mais experimentar roupa. Então falei que queria o que estava usando, de manga comprida e cheio de botões.

Ela pagou, e fomos almoçar. O cheiro da praça de alimentação do shopping é como uma versão fechada de um festival. Pedi o que sempre peço — uma salsicha no palito empanada e uma soda. Sentamos perto das árvores falsas sob a luz branca da claraboia, onde minha mãe, May e eu costumávamos sentar. A tia Amy ficou me olhando pegar pedaços de massa da salsicha empanada.

Ela disse, tentando parecer casual:

— Então, você está interessada em algum garoto? Tem um namorado?

Como se praticamente não tivesse me proibido de conversar com qualquer ser da espécie masculina. Eu me perguntei se não era um truque. Nunca falei nada sobre Sky, porque não queria que ela tivesse um ataque. Balancei a cabeça dizendo que não.

— Bom, é melhor assim... — E com isso o assunto morreu. Mas ela retomou a conversa: — Sabe, estou muito orgulhosa de você. Sua mãe também.

Engoli com dificuldade. A massa ficou presa no fundo da garganta. Eu não acreditava que minha mãe tivesse dito isso de fato. Mas desconfiei que provavelmente tivesse contado à tia Amy sobre a briga, e ela estivesse tentando apaziguar as coisas. Sei que devia ligar para minha mãe e me desculpar, mas estou evitando isso há duas semanas.

Eu não queria entrar naquela história toda, então só sorri.

— Obrigada — respondi.

De todo jeito, eu não conseguia imaginar do que a tia Amy estava orgulhosa, a menos que fosse por eu não ter um namorado, o que só é realidade porque levei um pé na bunda.

E então minha tia perguntou:

— Você se lembra daquele amigo com quem fiz uma peregrinação? — Ela não conseguiu conter o sorriso. — Ele vai chegar na cidade semana que vem.

Ela ficou explicando, e o que entendi foi que, depois de todos aqueles meses sem ligar, o homem de Jesus telefonou para a tia Amy na semana passada para dizer que faria uma visita. Acho que eles vão jantar no Furr's e vou dizer que ela está bonita antes que saia e vou fingir dormir quando voltar para que ela possa fazer o que Deus mandar com ele.

Sinceramente, isso me deixa triste. Porque ela enviou biscoitos para ele, cartões, chili, mensagens, muitas mensagens, nas quais fazia a voz do Mister Ed e dos jamaicanos de trenó. Ela foi ela mesma. Sempre cheia de esperanças, como se dissesse "Estou aqui".

Mas, no último ano, ela não obteve resposta e acabou parando de passar os vestidos floridos como se imaginasse que alguém estava prestes a vê-la usando um deles. Colocou o sabonete em formato de rosa de volta na caixa, na prateleira, onde ele nunca seria usado. E desistiu.

E agora o sabonete de rosa vai sair da caixa de novo, as pétalas gastas por todas aquelas manhãs no chuveiro esperando alguma coisa. Não é mais novo, mas ela vai usar tudo o que tiver. Vai aceitar até uma

noite de chá gelado sem refil e torta de cereja falsa, e talvez a mão dele pegue a dela sobre a mesa. Se ele quiser mais, ela vai dar. Se o homem de Jesus disser “Deus quer que façamos isso”, ela vai acreditar.

Depois do almoço, paramos em um dos quiosques que vendem camisetas. A tia Amy escolheu uma que diz DEUS FEZ ALGUNS HOMENS ESPECIALMENTE BONITOS. Ela achou hilário, riu tanto que até chorou. Não entendi a piada. Mas ela disse que não podia resistir e tinha que comprar a camiseta para ele. Enquanto ela dobrava a camiseta com cuidado e colocava na sacola, vi como está apegada a ele de novo. Só não quero que ele vá embora de manhã e nunca mais ligue.

Depois do quiosque, levei a tia Amy para uma das lojas mais legais, Wet Seal, onde eu secretamente esperava encontrar algo para mim. Algo que compensasse aquele vestido que aceitei para deixá-la feliz, algo com a minha cara — a cara de quem quer que eu seja agora. Fazia muito tempo que eu não comprava roupas. Estava usando as coisas da May, mas, desde que Sky e eu terminamos, parei. Voltei a usar minhas roupas antigas, tentando me encaixar.

No começo, todas as peças da loja pareceram arrumadas demais, de uma maneira ruim, como se estivessem fingindo. Mas quando eu fui dar uma olhada no fundo da arara em promoção, começou a tocar “Rehab” no rádio. Muitas músicas suas, até as mais tristes ou raivosas, soam felizes, como se você estivesse dizendo uma verdade difícil com ajuda de

uma melodia dançante. É parte do que eu amo em você: como é desafiadora, sofre, desabafa, e faz isso de maneira inteligente.

E então encontrei uma blusa. É de veludo lavanda. Senti que você estava comigo enquanto eu passava o tecido no rosto e lembrei como adoro a sensação de roupas novas, com cheiro doce, recém-passada. Como açúcar refinado. Experimentei e me senti mais bonita do que com o vestido de May no baile da escola.

Amanhã, na Páscoa, vou usar meu vestido e vamos para a igreja da tia Amy, onde cantam coisas como "O nosso Deus é maravilhoso". Na segunda, vou para a escola vestindo a blusa nova.

Amy, fazendo o que fazia, você estava em todas as capas de tabloide. E do jeito que o mundo é hoje, com todo mundo acompanhando a vida de todo mundo e tentando ver tudo, isso muda a história. Isso transforma sua vida na versão que outra pessoa fez de você. E não é justo. Porque sua vida não pertencia a nós. O que você nos deu foi sua música. E sou grata por isso.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amy Winehouse,

Hoje aconteceu uma coisa terrível. Usei minha blusa nova de veludo lavanda na escola e, na aula de inglês, a sra. Buster estava usando exatamente a mesma blusa. Ela não é uma professora jovem, bonita e descolada. É velha, tem olhos esbugalhados e cabelo de quem faz chapinha. Inacreditável. Comprei em uma loja legal. Uma loja para adolescentes. Por que a sra. Buster faria compras lá? Mas era exatamente igual, até os botões de madrepérola, que eu adorei, nos quais passei os dedos a manhã toda. Sei que todo mundo reparou. Meu rosto ficou vermelho a aula toda.

Depois que o sinal tocou, a sra. Buster tentou conversar comigo.

— Laurel! — ela chamou enquanto eu estava saindo. Mal virei para trás.

— Gostei da blusa. — Ela sorriu.

A sra. Buster sabia que nossa roupa igual não era uma coisa boa para mim, então não havia motivo para sorrir. Não sorri de volta.

— Laurel, como você está? — ela perguntou daquele jeito, como uma pergunta que podia muito bem ser uma arma carregada.

— Bem — respondi. Apesar da vontade de dizer a ela que eu não estava nada bem. Eu também queria perguntar que diabos ela estava fazendo arruinando

minha vida ao fazer compras na Wet Seal. Em vez disso, murmurei: — Estou atrasada. — E saí correndo.

Eu sabia que teria que encontrá-la de novo no coral, porque ela é a responsável, junto com o sr. Janoff. E Sky está no coral. Quando comprei a blusa, secretamente esperava que Sky fosse me notar. Talvez ele sentisse uma pontada de arrependimento por me perder. Agora isso claramente não ia funcionar. Então cabulei o coral. Por causa de meu canto-murmúrio e de faltar algumas vezes, minha nota vai ser péssima. Mas naquele momento eu não me importei. Tristan sempre cabula a última aula para fumar maconha, então disse a ele que queria ir junto.

— Ah, por causa da blusa? — Tristan perguntou. Ficou claro que, àquela altura, todo mundo já sabia.

Só olhei para ele. Com Tristan, não preciso dizer nada se não quiser. Ele sempre entende.

— Bom, em uma pesquisa de quem ficou melhor, você ganha de longe. Está muito bonita.

Tristan foi gentil, e me fez rir um pouco quando passei com ele pelo beco até a beira do córrego. Ainda estava cheio de folhas secas que caíram no inverno.

Na verdade, nunca fumei maconha, então acho que Tristan pensou que eu ia só ficar ali sentada. Mas quando ele sacou o baseado, eu disse:

— Quero experimentar.

Ele levantou as sobrancelhas, mas passou para mim.

Antes de tentar entender como aquilo funcionava, eu disse:

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você acha que aquilo que você falou sobre ser salvo é verdade? Será que Sky encontrou alguém melhor para salvá-lo? Como Francesca? Talvez eu não tenha sido capaz. E talvez ela seja. Talvez ele esteja mais feliz agora. Sabe, muito feliz.

— Você é boa demais para ele, docinho. Você merece um cara melhor. E, quanto a essa menina, ela não seria capaz de salvar uma joaninha em uma tempestade nem se tivesse um guarda-chuva de quinze metros.

— Mas e minha irmã? Por que não consegui salvá-la?

— Minha voz oscilou, e eu me encolhi por dentro. Talvez por fora também. Eu nunca dizia coisas assim em voz alta.

Tristan parou por um segundo e ficou muito sério. Mas não da maneira como a maioria das pessoas fica com essas coisas. Ele olhou para mim e disse:

— Eu estava errado.

— Sobre o quê?

— O que falei sobre salvar as pessoas não é verdade. Você pode achar que quer ser salva por outra pessoa, ou que quer muito salvar alguém. Mas ninguém pode salvar ninguém, não de verdade. Não de si mesmo. Você pega no sono no pé da montanha, e o lobo desce. E você espera ser acordada por alguém. Ou espera que alguém o espante. Ou atire nele. Mas, quando você se dá conta de que o lobo está dentro de você, é quando entende. Não pode

fugir dele. E ninguém que ama você consegue matar o lobo, porque ele faz parte de você. As pessoas veem seu rosto nele. E não vão atirar.

Durante um longo momento, apenas olhei para ele. Eu sabia de que lobo Tristan estava falando. Sinto os dentes dele o tempo todo. E eu também entendia que, mesmo que Tristan pareça durão, ele tem medo, como eu, de que algo dentro dele possa comê-lo vivo.

E então ele disse:

— Laurel, você não poderia ter salvado sua irmã. Mas, querida, você precisa se salvar. Faça isso por mim, pode ser? Porque você vale a pena.

Ninguém tinha dito isso para mim antes.

Eu me dei conta de que ainda estava segurando o baseado quando Tristan falou:

— Quer me passar isso? Você não precisa.

Então devolvi e sorri. Eram quase três da tarde. Tristan estava esperando Kristen sair, então me despedi e fui.

Passei pelo beco, a caminho do ponto de ônibus, e quase trombei com ele. Sky. De canto de olho, vi Francesca indo embora no carro amarelo.

— Oi — eu disse, assustada.

Era o mais próximo que eu tinha estado dele desde que terminamos, e doía o tanto que eu queria que ele me tocasse.

— Oi — ele respondeu. E se mexeu com desconforto.

— Como você está?

— Tudo bem.

Fiquei quieta por um momento. Eu sabia que devia me afastar, mas não consegui. Eu ainda estava brava com ele por me deixar, e esse sentimento começou a ressurgir. Pensei nos olhos dele junto de Francesca, em como tinham estado comigo, e da voz quente e grave, como ficava quando falava coisas importantes. Fiquei dizendo para mim mesma para não chorar, mas as lágrimas já estavam surgindo no canto dos meus olhos. Eu as enxuguei com a manga daquela porcaria de blusa de veludo lavanda.

— Como você pôde fazer isso? — perguntei. — Como pode simplesmente... ficar com ela?

Eu podia ver os músculos dele tensionarem, e a voz também.

— É minha maneira de lidar com as coisas. Você tem amigos ótimos. Eu não. E é bom ter alguém por perto. É bom estar com alguém tranquilo. Não tenho orgulho disso. Mas é o que acontece às vezes.

— Mas você disse que me amava. Você não pode simplesmente ir embora depois disso.

Sky estava falando baixo, como se fosse explodir.

— Sim, eu disse. Você é a única garota para quem eu falei isso. Você acha que foi só você que se machucou, mas não é verdade. Como acha que me senti vendo você chorar o tempo todo sem poder fazer nada? Eu não estava mentindo ao dizer que amo você. Como acha que me senti vendo você no meio da merda da rua esperando um carro te atropelar?

Sky estava bravo comigo. Apesar de ser meio errado dizer isso, de algum modo fiquei feliz, porque significa

que ele se importa. Acho que, quando você ama alguém e essa pessoa se coloca em perigo, você fica bravo.

Pensei no que ele disse. Que eu o magoei. Eu não tinha me dado conta disso. Às vezes agimos porque estamos sentindo tantas coisas dentro de nós e não percebemos como isso afeta os outros. Fui egoísta. Me lembrei da sensação das mariposas procurando uma luz que Sky me dava. Eu me sentia um poste de rua que se apagou.

— Me desculpe — eu disse.

Coloquei a mão no peito dele. Sky não se afastou.

— Tudo bem. É só que, sei que você ama sua irmã, mas me assustou ver você agindo como ela agia.

— Como assim? Como ela agia?

Então respirei fundo e perguntei:

— Como você a conheceu?

Sky fez uma pausa.

— Você quer mesmo saber? — Ele parecia nervoso.

— Quero — respondi, apesar de não ter muita certeza disso.

— Fizemos algumas aulas juntos no primeiro ano. Ela era a vida de qualquer sala em que entrasse. Era a única garota no nosso ano que estava em todas as festas com alunos de anos mais avançados. Eu não costumava fazer isso. E então, quando meu pai foi embora, comecei a sair também. Então, às vezes, nós dois conversávamos. Em geral ela estava bêbada. E me contava sobre a família, seus pais se divorciando, falava de você. Mas estava sempre se envolvendo

com alunos mais velhos. Ela ficou com uma reputação de, hum, selvagem. Talvez quisesse chamar atenção. Acho que no final ela se cansou daquilo tudo...

Sky deixou a frase no ar. Ele olhou para mim com expectativa. Não sei o que queria que eu dissesse. Estava tentando processar as coisas, e as peças no quebra-cabeça se encaixavam, mas a imagem não fazia sentido. Tentei ver May, mas não era a May que foi para o ensino médio como se um mundo novo a estivesse esperando. Acho que não deveria ter sido uma grande surpresa. Fazia muito tempo que eu sabia que ela saía escondida à noite e voltava bêbada, sabia de Paul e tudo aquilo, mas parte de mim ainda queria acreditar que havia algo de belo nisso. Que minha irmã era feliz.

— Em que você está pensando? — Sky perguntou.

— Não sei. O que aconteceu depois disso?

— Nada, na verdade. No segundo ano, foi como se ela estivesse em algum lugar totalmente diferente. Ela sentava no fundo da sala, fazia os trabalhos e mal falava com as pessoas. May estava saindo com um cara mais velho. Uma vez vi os dois juntos em uma festa. Ela estava tão bêbada, e ele não tirava as mãos dela. Estava claro que May estava fora de si. Eles foram para um quarto. A coisa toda me deixou enojado. Alguns dias depois que ela morreu, vi o cara parado no estacionamento da escola. Talvez estivesse procurando May. Acho que ele ainda não sabia. Fiquei furioso. Dei uma surra nele. Quando comecei, não consegui parar. Quando me perguntaram sobre isso

mais tarde, eu não quis dizer nada sobre quem ele era. Eu sabia que May tinha família, claro, e não quis causar problemas. De todo jeito, foi por isso... que fui expulso do Sandia.

Ele acabou de falar, e então um abismo de silêncio se formou. Desejei que todas as palavras que Sky tinha acabado de dizer voltassem para a boca dele e nunca saíssem. Porque havia uma coisa naquilo tudo que eu estava processando, que veio na voz dele quando falava de May. E logo foi tudo o que eu registrei.

— Você gostava dela — falei, seca.

— Sim, talvez — ele admitiu, com relutância. — Quer dizer, talvez eu tivesse uma queda por ela.

Por que aquilo doeu tanto? Eu sempre soube que, quando ele olhava para mim, só via uma sombra de May.

— Então foi por isso que você falou comigo naquele primeiro dia. E foi por isso que quis ficar comigo. Porque eu era a segunda opção.

— Não — Sky disse. — Não, Laurel, não é assim. Quer dizer, eu pensei em May no começo. Mas depois não mais. Foi por você que me apaixonei. Você na verdade... você é tão diferente dela.

Dei de ombros.

— Tanto faz. Não tem mais importância.

Comecei a me afastar, na direção do estacionamento.

— Espera, Laurel. — Sky chamou, mas eu não olhei. E ele não veio atrás de mim.

Quando cheguei em casa, fui para meu quarto, coloquei "Rehab" e aumentei o volume. Tentei cantar junto, "No, no, no", mas não conseguia parar de pensar na ironia. Amy, você estava dizendo "Eu sou quem eu sou. Não me diga o que fazer". Mas agora você está morta. Ninguém fez nada a respeito. Você não quis ir. Você não queria melhorar. Feliz no amor, cambaleando no palco, e nós amávamos você por ser quem era, mas a deixamos ir.

Desliguei a música, e o quarto ficou em silêncio. Tentei tirar a voz de Sky da cabeça, mas não consegui, não importava o que eu fizesse. Fiquei ouvindo ele dizer as duas coisas que eu tinha medo que fossem verdade — May estava destruída e eu nunca seria tão boa e tão linda quanto ela.

Hoje à noite, depois que meu pai foi deitar, eu sabia que não pegaria no sono. Peguei um pouco de uísque do bar dele. Eu nunca tinha ficado bêbada sem Natalie e Hannah. Dessa vez, não misturei com nada, só engoli e senti queimar.

Quando tudo começou a girar, deitei, coloquei *Back to Black* de novo e ouvi você cantar o álbum desde o começo. Quando levantei e fui escovar os dentes para dormir, fiquei parada diante do espelho, olhando meu rosto sem entender. Era só eu, pura e simples, e eu não sabia o que via. Continuei olhando, procurando alguma outra coisa que não consegui encontrar. Fiquei olhando, até que só restassem contornos que não formavam uma pessoa. Mas nenhuma outra forma surgiu. Fiquei esperando algo mudar, May aparecer,

olhando de volta para mim. Mas não consegui. Não
consegui encontrá-la em lugar nenhum.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Sinto muito pelo pôster e tudo o mais. Mas preciso falar com você. Desde que briguei com Sky na semana passada, tudo está horrível. Então, esta noite, Hannah, Natalie e eu fomos a uma grande festa com Kasey. Foi na casa de um jogador de futebol americano que se formou no ano passado, e Kasey disse que ia ser incrível. Quando entramos, ele foi procurar bebida e nós vimos que o irmão de Hannah, Jason, estava lá. Ele não ficou nada feliz em vê-la. Na verdade, Jason disse:

— Que merda você está fazendo aqui?

Hannah ficou assustada. Kasey se aproximou e colocou o braço em volta dela. Ela tinha escondido Kasey do irmão até então e ficou tentando se desvencilhar dele.

Mas Kasey disse:

— Ela está comigo. E se você tiver algum problema com isso, podemos resolver lá fora.

Ele estava tentando ser durão, inflando como se fosse um baiacu.

Hannah murmurou:

— Kasey... não... — Mas o rosto dela parecia saber que algo de ruim ia acontecer.

Quando Kasey estava prestes a tomar um soco, um dos amigos de Jason disse:

— Quem se importa com esse palhaço? Não vamos desperdiçar a oportunidade de tomar cerveja de

graça.

E foi o que fizeram.

Hannah ficou colocando o cabelo atrás da orelha e olhando de um lado para o outro — para Kasey, Natalie e a porta dos fundos, por onde Jason e os amigos dele tinham saído atrás do barril de cerveja. Acho que ela decidiu que a melhor maneira de lidar com aquilo seria ficar bêbada. Então ela, Natalie, Kasey e os garotos da faculdade viraram doses de tequila, brindando, chupando rodelas de limão e fazendo careta. Hannah começou a agir de maneira louca, batendo o copo na mesa e pedindo mais. Finalmente, depois da tequila, ela saiu, apoiada em Natalie.

Encontrei um canto e fingi estar ocupada, examinando o brilho das folhas de uma planta da casa, que estavam com a ponta marrom, e observando os fios da cortina. A festa parecia um carnaval de tanta gente, rindo, se movendo e gritando. Parecia que todo mundo estava se divertindo lá, mas, no humor em que eu estava, preferi ficar sozinha e olhar para as plantas. Parte de mim desejava que Sky aparecesse, mas me odiei até mesmo por pensar nele.

Então, enquanto eu estava arrumando um tigela de M&M's por cor, um garoto chamado Teddy, jogador de futebol amigo de Evan Friedman, apareceu e me chamou para conversar com ele. Era óbvio que estávamos só eu e os M&M's ali, e não consegui pensar numa desculpa, então fui com ele. Quando

cheguei lá fora, vi Evan e alguns garotos da faculdade, ex-jogadores de beisebol, futebol, futebol americano, incluindo Jason, que devia estar muito bêbado, porque pareceu não me notar. Evan deu oi e meio que ficou passando o peso do corpo de um pé para o outro, parecendo nervoso.

— Você está bonita — ele disse.

Olhei para baixo. Eu só estava de camiseta e uma saia, e não concordei com ele. O mundo estava todo fora do eixo. Eu estava confusa com o porquê de ele conversar comigo. Uns dois garotos cutucaram Evan, e ele me ofereceu uma cerveja. Tinha gosto de capa de chuva suja. Eles também tinham pílulas de cafeína. Disseram que não fazia muito efeito, só deixava desperto. Para dizer a verdade, eu preferia estar com sono, ou dormindo.

Dei de ombros.

— Não sei — eu disse.

Os garotos insistiram e tentaram me convencer. Evan disse:

— Vamos lá, é uma festa.

E então ouvi um dos garotos da faculdade dizer:

— É irmã dela.

Eu não devia ter feito isso, mas foi quando peguei uma pílula e tomei, fosse lá o que fosse, com cerveja.

Pouco depois, eu não estava me sentindo ótima. Tudo estava confuso. Evan colocava as mãos em mim, nas minhas costas e tal.

Ele sussurrou:

— Vamos para outro lugar.

— Não sei — respondi. — Preciso encontrar minhas amigas.

Então entrei, e Evan veio comigo. Enquanto passávamos pelo meio da festa, eu me perguntava onde elas estavam. Olhava para os rostos que passavam, procurando as duas.

Eu estava muito tonta e senti que ia vomitar. Estava andando bem devagar. Evan ficava repetindo:

— Vamos.

Eu pedi para ele esperar, porque achei que fosse vomitar de verdade. A festa toda estava me dando vertigem, tantas pessoas, gente demais, tudo estava pesado, suado. Finalmente, encontrei o banheiro, e acho que havia uma fila, mas passei direto e abri a porta, porque estava prestes a passar mal. Foi quando vi as duas, Natalie e Hannah.

Elas estavam se beijando e coladas uma na outra. Como se desejassem não ter pele para mantê-las separadas. Fiz contato visual com Hannah antes de fechar a porta rápido, para escondê-las. Mas era tarde demais. As pessoas começaram a falar. Alguns garotos já estavam batendo na porta.

— Ei, garotas, abram! Quero participar!

Eu me afastei, mais enjoada do que antes. A sala estava girando. Finalmente, Evan me encontrou, e eu disse:

— Não estou me sentindo bem.

Ele disse:

— Tudo bem, venha aqui. Deite.

Então eu deitei, porque não sabia mais o que fazer. O quarto em que entramos estava escuro. Tinha beliche, como May e eu quando éramos crianças. Eu queria deitar no de cima. May sempre ficava na cama de cima. Eu disse a Evan que queria ficar no de cima, mas ele me colocou no de baixo. Eu ficava repetindo "Não estou me sentindo bem", e ele ficava repetindo "Está tudo bem", e passando a mão no meu corpo todo. Quando tentei sentar, ele me fez deitar de novo. Eu estava nadando numa névoa muito pesada. Tudo o que estava acontecendo parecia já ter acontecido antes. Ele estava passando a mão em mim, embaixo das roupas. Embaixo da saia. O que Evan estava fazendo parecia errado. Eu disse não, mas ele não deu atenção. Tudo o que eu ouvia era meu coração batendo e os carros lá fora. Evan continuou o que estava fazendo, e o barulho dos carros ficou alto demais, como se estivéssemos deitados na estrada. E eu ficava pensando que May ia chegar em algum daqueles carros. Ela viria me buscar e me levaria embora. Iríamos ver o mar. Viajaríamos de carro juntas. As ondas passariam por nós.

E então comecei a ouvir "Heart-Shaped Box". Parecia tocar em algum lugar na festa, mas, não, talvez você estivesse cantando só para mim. Eu não sabia dizer. Mas podia ouvir sua voz, cheia de raiva. "*Hey, wait...*" Aquilo me despertou. Era como se você gritasse dentro de mim. Empurrei Evan com toda a força, mais força do que eu achei que tivesse, e ele caiu do outro

lado da cama. Ele pareceu atordoado e colocou a mão na cabeça, que tinha batido na parede.

Foi quando Sky entrou. Ele estava com Francesca.

Quando me viu ali, ele se aproximou da cama. E perguntou:

— Laurel, o que está acontecendo?

— Não estou me sentindo bem — eu disse.

Sky disse a Evan:

— Sai daqui antes que eu quebre sua cara. — Nunca o vi tão bravo. Evan saiu, rápido. Francesca continuou ali, mas Sky virou para ela e disse — Você pode nos deixar a sós por um minuto?

— Dane-se — ela respondeu. — Não preciso dessa merda. — E foi embora.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Quero ir pra cama de cima.

— Você precisa ir para casa. Onde estão suas amigas?

Comecei a entrar em pânico, porque me lembrei de Natalie e Hannah, de como abri a porta e todo mundo viu as duas.

— Elas estavam se beijando.

Tentei arrumar minha saia, que estava levantada e toda enrolada na camiseta. Eu estava com tanta vergonha de que Sky me visse daquele jeito.

— Vamos. Eu levo você — ele disse.

Quando saímos, havia uma briga. Kasey estava gritando com Natalie:

— Vai embora!

Natalie olhou para Hannah muito assustada, mas Hannah estava olhando para baixo. Ela sussurrou:

— Para, Kasey. Ela é uma garota. Não conta.

Hannah estava praticamente escondida atrás dele. Eu queria ajudar, mas Sky não me deixou. Quando não consegui andar, ele me carregou. A pior parte foi quando passamos por Jason, que estava num canto. Vi o que Hannah não queria ver. O rosto dele estava vermelho, as veias estavam saltadas. Ele estava furioso.

Quando entramos no carro, não olhei para Sky. Pela janela, olhei para a copa das árvores. Eu queria falar alguma coisa para desfazer aquela situação. Mas não consegui pensar em nada. Acho que Sky também não. Então fechei os olhos até chegarmos em casa.

Do lado de fora de casa, senti o carro parar e ouvi o motor desligar. Fiquei ali sentada, enjoada. Finalmente, pedi desculpas. E procurei a maçaneta.

— Você tomou alguma coisa?

— Tomei uma pílula que me deram. — Não era cafeína, sei disso agora. Talvez eu já imaginasse.

— Por que você fez isso?

Olhei para ele.

— Não sei.

Eu queria que Sky me beijasse. Queria voltar para o outono e a noite em que me fantasiei de Amelia Earhart e podia voar por toda a parte. Eu queria que as mãos dele ardessem em mim e me deixassem nova de novo. Que apagassem todo o resto. Tudo o que era errado, ruim e sujo.

Coloquei meus lábios perto da boca dele. E me aproximei mais.

— Você está mal — ele disse.

Sky estava certo. Eu estava muito mal, de todas as maneiras.

— Eu sei — respondi. — Não era para ser assim. Devíamos estar apaixonados.

— Você acha que pode esquecer por um segundo como deveria ser e só lidar com as coisas como são?

— Você não entende? Ela não devia ter me deixado. Ela devia me amar. — Comecei a chorar.

— Quem? Sua irmã?

Eu fiz que sim. Tentei apagar o que estava sentindo. Tentei me livrar da raiva que ardia em mim. Eu estava soluçando. Peguei a maçaneta da porta.

— Desculpe — eu disse. — Preciso ir.

O motor ficou ligado enquanto ele esperava eu pular a janela. E então ouvi o carro se afastar. Morri de arrependimento. Eu queria que ele voltasse. Queria contar tudo para ele.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

May e eu estamos indo ao cinema. Ela acabou de tirar a carteira de motorista, na Escola de Direção Roadrunner, onde não ligam muito se você vai bem no exame ou não. O professor só te coloca na rua para ir a algum lugar comprar fogos de artifício para ele. Foi o que May me contou, mas ela não disse isso para minha mãe ou meu pai. E então meu pai decidiu que ela podia me levar ao cinema de carro. É a semana dele conosco. Primeiro, ela e meu pai começam a brigar, porque May está usando uma camisa decotada. Meu pai deve ter achado que ela está atraente demais, porque pediu para ela se trocar. Ele disse que as pessoas formam uma imagem errada quando May se veste assim. E ele não costuma dizer essas coisas. Em geral, deixa ela usar o que quer. May chora, e eu também, porque essa é nossa noite juntas e não quero que meu pai estrague tudo. Finalmente, ele diz, com calma:

— Só troque de roupa, May. E você pode ir.

May e eu costumávamos fazer tudo juntas, antes de ela começar o ensino médio. Agora tenho treze anos, sou uma adolescente de verdade. E vamos ser amigas de novo. Na minha cabeça, imploro para May fazer o que meu pai está pedindo, para podermos ir ao cinema no carro dela.

Finalmente, ela diz:

— Tudo bem.

Vai para o quarto e veste um moletom enorme. Um moletom de Natal com uma grande rena estampada. Fica engraçado com os saltos médios que ela está usando. May limpa as lágrimas e diz:

— Podemos ir agora?

— Vão em frente — meu pai responde.

Vamos ver *Aladdin* no cinema. Muitas vezes, eles exibem filmes da Disney, que May e eu ainda adoramos. Estamos no velho Camry com as miçangas rosa de May penduradas no retrovisor. Assim que passamos um quarteirão, May tira o moletom. Ela ajeita o rímel escorrido pelo choro e sorri para mim. Estou usando uma camiseta que amo, que tenho desde o quinto ano, com holograma de uma floresta tropical e animais que aparecem e desaparecem. Espero que esteja na moda usar esse tipo de coisa de novo, como Rainbow Brite e os Smurfs. Eu me pergunto se devia ter vestido outra coisa. Lavei o cabelo e posso sentir o cheiro do xampu de maçã verde. Acho que a noite não foi arruinada.

Estamos no fim de novembro, mas ligamos o aquecedor e baixamos as janelas mesmo assim, e May liga o som. Ela está cantando “Heart-Shaped Box” e então olha para mim e diz:

— Gostou?

Faço que sim com a cabeça.

Ela beija minha testa. E diz:

— Vou encontrar Paul no cinema, tudo bem? Você não pode contar para o papai nem para a mamãe.

Faço um meneio com a cabeça. Estou um pouco triste que não seremos só nós duas, mas a coisa mais importante é que ela me deixou participar.

Quando paramos no farol antes do cinema, ela coloca o cabelo atrás da orelha, desarruma tudo, e coloca atrás da orelha de novo. E em seguida passa batom.

May vira para mim. A boca dela parece de adulta, como as bocas que ela recorta das revistas para fazer colagens. Mas seu rosto é delicado. Ela pergunta:

— Estou bem?

Digo que ela está linda. Eu nunca vi ninguém assim antes. Nem ela.

Quando chegamos, só há umas duas pessoas na fila da bilheteria, e lá estão Paul e outro homem parado num canto. Paul está com a mesma camisa xadrez da única outra vez que o vi, no festival de outono. Ele parecia um pouco mais limpo que o outro sujeito, que estava com um jeans furado e uma camiseta com a frase NA MINHA ÉPOCA EXISTIAM NOVE PLANETAS. Quando vê Paul, May acena de leve. Ela se aproxima devagar, o cabelo balançando nas costas. Eu vou atrás. Quando ela chega perto, eles não se tocam, mas, pelo olhar dela, vão se tocar.

Estou brincando com o holograma de sapo da camiseta, fico fazendo ele aparecer e desaparecer.

May diz, com uma voz adulta:

— Laurel, você se lembra de Paul? E este é o amigo dele, Billy.

Paul diz:

— Oi, garotinha. — “Garotinha” é como Carl e Mark, os filhos do vizinho, me chamam. Paul bagunça meu cabelo. Não quero que ele faça isso.

May diz:

— Paul e eu vamos a outro lugar, tudo bem? Billy vai levar você ao cinema.

Não quero ver *Aladdin* com Billy, que tem cabelo comprido e sujo. Quero ir com May. Mas eu respondo que tudo bem.

May diz a Paul:

— Ele vai cuidar bem dela?

E Paul responde:

— Claro que vai.

May olha para Billy e pergunta:

— Vai?

— Claro.

May parece saber o que está fazendo quando diz:

— Você vai levá-la para ver *Aladdin*. Nem tente levá-la para ver nada proibido para menores.

Ele diz que não, mas começo a achar que talvez tente. Ainda estou brincando com o sapo da camiseta, que aparece e desaparece. O sapo é meu favorito. Olho para a sombra das árvores na calçada.

May entrega os dez dólares do meu pai para Billy, diz a ele que adoramos balas de goma e o faz prometer comprar um pacote. Então May me beija, diz para eu me divertir e emenda:

— Eu volto assim que o filme acabar.

E vai embora com Paul. Fico vendo o carro se afastar, e não quero que May vá.

Billy pergunta:

— Então, o que você quer fazer?

Minha garganta fica seca. Aperto o sapo com as mãos. Tento engolir. Quero perguntar se vamos ver o filme, mas não sei se devo falar isso em voz alta ou não. Encontro no bolso uma bala de cereja que guardei do Village Inn, onde jantamos aquela noite, e começo a chupá-la. Mas, de alguma maneira, minha boca continua seca.

Billy diz:

— Você fala?

Dou de ombros.

Ele diz que esqueceu uma coisa no carro. Ele me diz para ir junto. Então vou com ele pelo longo caminho de asfalto. O mundo está girando, como se algo tivesse acontecido com o chão sob meus pés. Chegamos a um carro na beira de tudo. Ele abre a porta e me diz para entrar. Eu não quero. Fico parada ali. Minha boca está muito seca. Ele repete:

— Entra.

Parece bravo. Fico com medo, então faço o que ele manda. Billy fica muito perto de mim. Posso sentir a respiração dele, que tem um cheiro muito doce, errado e quente; agora, pensando nisso, acho que era bebida.

O céu já está escuro, e eu queria que não estivesse. Billy diz que estou velha demais para um filme infantil e pergunta se eu quero ir a algum lugar.

— Sorvete? — ele propõe.

Balanço a cabeça fazendo que não.

— Você que sabe — ele diz, mas sai com o carro mesmo assim e, então, para em um terreno baldio ali perto.

A próxima coisa de que me lembro é da mão dele na camiseta da floresta tropical. Embaixo da camiseta, quero dizer. Engulo a bala inteira, que fica presa em minha garganta e me machuca, então acho que não consigo respirar. O sapo não está visível porque me lembro dele na minha mão; me lembro de desejar colocá-lo de volta na camiseta, porque é onde ele mora. Só que nunca mais vou poder fazer isso. Nunca mais vou usar essa camiseta, pois não seria seguro para o sapo. Ele ficaria perdido para sempre.

Tento não pensar na mão de Billy nem em onde ela está, então só me concentro em respirar. O cabelo dele é oleoso, e o corpo, grande. Grande demais. Ele me diz que sou bonita.

Eu me pergunto se ele quer dizer bonita como May. Penso em May e Paul e me pergunto se é isso que está acontecendo, se era para isso acontecer. Lá no fundo, sei que não está certo, mas eu finjo, finjo que sou como May, com bochechas rosadas e lábios que parecem imagens de revista.

Fico pensando que ela está prestes a voltar. Posso ouvir os carros como se fosse o mar. Estou prestando atenção nos motores que passam como as ondas. Como o silêncio que não é silêncio quando colocamos uma concha no ouvido. E então às vezes alguma coisa fica mais alta, eu ouço um carro e acho que ele está se aproximando. E acho que é May. Ela está quase

voltando. E aquilo vai acabar. Assim que May chegar, vai acabar. Mas todos os carros que estão se aproximando desviam. Eles voltam para a estrada. Talvez estejam indo para a Califórnia.

Quando para de fazer aquilo, Billy me deixa do lado de fora do cinema. O letreiro brilha com o horário das sessões. Ainda parece que um pedaço de bala está preso na minha garganta. Estou sentada na calçada, tentando me concentrar em alguma coisa. Olho para as estrelas escassas no céu e depois para o concreto e os pedaços de vidro brilhando no chão. E então leio os números no letreiro do cinema, várias vezes, tentando entender que horas são para ver em quanto tempo minha irmã vai chegar.

As pessoas estão saindo do cinema, porque ouço vozes. Quando May pula do carro prateado e ele se afasta, tudo parece real de novo. Ela parece preocupada.

— Laurel! Por que você está sozinha? Onde está Billy?

Dou de ombros. Digo que ele estava atrasado para algum compromisso.

— Você está esperando há muito tempo? — ela pergunta.

— Não, não muito. Ele acabou de ir embora.

Ela inclina um pouco o salto do sapato e, quando acha que estou bem, ri como se alguma coisa boa tivesse acontecido, mas quase boa demais. Ela conta coisas sobre Paul, levianamente.

Quando estamos de novo no Camry, sorrio para ela. E mesmo que não esteja me sentindo bem, acho que talvez o mundo tenha voltado ao normal, porque agora estamos indo para casa, e May é minha irmã. Não conto o que aconteceu nem nada sobre Billy. Sei que não deveria ter acontecido e sei que, se May soubesse, ela ficaria triste para sempre. Triste demais. Ela se afastaria de mim. Eu não queria isso. Se nunca tivesse dito nada, talvez ela ainda estivesse aqui.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

No domingo depois da festa, fiquei na cama o máximo de tempo possível sem deixar meu pai preocupado e, quando levantei, senti que estava andando por uma névoa densa, como aquela que sai do gelo seco. Entrei no banheiro sem ser vista e tirei a maquiagem que fazia parecer que eu estava com os olhos roxos.

Evan, Sky, May e o cinema — tudo era um borrão congelado. Vi o rosto de Jason. Liguei para Natalie e Hannah várias vezes, mas nenhuma das duas atendeu. Então pedi para meu pai me deixar na casa de Natalie e disse que, de lá, eu iria a pé para a casa da tia Amy.

Quando estacionou na frente da casa dela, meu pai me abraçou e me segurou por um longo tempo, o que achei estranho.

Ele olhou para mim e perguntou:

— Você está bem hoje?

Fiquei preocupada que, de alguma forma, ele tivesse percebido.

— Sim. Te amo — respondi e sai correndo do carro antes que ele me perguntasse qualquer outra coisa.

Quando ninguém atendeu à porta, dei a volta na casa até o fundo e encontrei Natalie deitada na cama elástica, chorando. Hannah estava sentada na beira, com os joelhos dobrados junto ao peito.

Fiquei virada para o jardim, ouvindo. Natalie perguntou, entre soluços:

— Você me ama?

— Claro — Hannah disse, secamente. — Mas as pessoas não vão entender. Vão destruir isso e transformar em outra coisa.

Natalie parecia arrasada.

— O amor não é um segredo. Não posso fingir que não tem importância. Tem, não é? — A voz dela ficou mais alta no final.

— Você não conhece meu irmão — explicou Hannah. — Ele teve um ataque e vai ter um ataque maior ainda se descobrir que estamos, sabe, juntas.

Não consegui evitar de pensar no olhar de Jason. No tipo de raiva que deixa qualquer um com medo.

— E nós estamos? Você está com Kasey e sei lá quem. Como se eu nem importasse.

— Não é verdade — disse Hannah. — Claro que você importa. — Então ela disse, com mais delicadeza: — Só que vai ser melhor se eu não aparecer tanto. — E levantou. — Preciso voltar. Jason acha que estou na biblioteca.

Quando Hannah deu a volta para sair, ela me viu ali parada.

— Oi. O que aconteceu com você ontem? Você abriu a porta e depois simplesmente desapareceu?

— Eu sei. Hum... desculpa.

Eu sabia que devia contar a elas o que tinha acontecido com Evan. Eu sabia que devia. Mas uma

sensação horrível de pânico tomou meu corpo, e minha voz estava entrecortada.

— Laurel? Olá? Aonde você foi ontem à noite?

— Sky me levou para casa.

— Que ótimo! Você abre a porta, nos expõe e vai embora com Sky? Bom, só para você saber, as coisas estão basicamente arruinadas. Você ao menos se importa?

— Não, quer dizer, sim, eu... — May estava caindo da ponte. Eu estava caindo com ela. Era tudo culpa minha, tudo.

— Esquece — disse Hannah. — Já era.

Ela pulou o muro baixo. Natalie a viu ir embora, e Hannah não olhou para trás. Natalie chorou mais. Tentei ir até lá e sentar ao lado dela, mas Natalie ficou em posição fetal.

— Desculpa — eu disse, antes de levantar.

A caminho da casa da tia Amy, coloquei o fone e ouvi sua voz cantando "Lithium". Gritei junto "*I miss you, I'm not gonna crack*" e era exatamente como eu me sentia — não só a letra mas como sua voz soava cantando aquilo.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

Quando cheguei, a tia Amy ainda não estava em casa. Imaginei que ela tivesse saído com o homem de Jesus, que chegou na semana passada. Deitei no sofá e fechei os olhos. Peguei no sono e só acordei com ela chegando.

Perguntei como tinha sido a semana dela, tentando desvendar se estava feliz com o homem de Jesus, mas ela só disse:

— Foi boa. E a sua?

— Boa — menti.

E então ela colocou *60 Minutes*, que é praticamente o único programa de que gosta além de *Mister Ed*. Aquele pequeno cronômetro deve ser quase tão velho quanto ela. O episódio era sobre mergulho-livre. Os caras mergulham centenas de metros sem tanque de oxigênio e, se não tomarem cuidado, podem apagar. Aquilo me absorveu, imaginei como seria nadar até tão fundo sem ar.

Quando o programa acabou, a tia Amy me chamou para comer. Ela tinha preparado panquecas com bacon. Era o prato favorito de May — comida de café da manhã no jantar. Sentei à mesa da cozinha e esperei a oração. Mas, em vez de rezar, a tia Amy só olhou para mim e perguntou:

— Você está bem?

— Sim — respondi. Eu me perguntei se estava com uma aparência tão ruim assim.

E então ela disse:

— Sei que você deve estar pensando na sua irmã hoje. Vamos rezar por ela?

Aquilo me atingiu como um raio. Fazia exatamente um ano que May tinha morrido. Como pude esquecer? Me senti péssima.

— Hum, sim. Você pode fazer a oração? — perguntei.

Ela apertou minha mão, abaixou a cabeça e disse:

— Meu Deus, rogamos para que o Senhor cuide de May, nossa amada irmã, filha e sobrinha, em Seu reino. Agradecemos pelo tempo que tivemos com ela. Também pedimos pela irmã dela que ficou, Laurel, que o Senhor guarde o coração dela e fique ao seu lado em seu momento de dor. Em nome de Jesus, amém.

Quando acabou, a tia Amy olhou para mim com os olhos marejados. Eu não sabia o que dizer. Engoli um pedaço da panqueca e tive vontade de vomitar.

Depois do jantar, tentei me esconder no quarto, mas uns dois minutos depois a tia Amy entrou para me trazer o telefone. Era minha mãe. Como tivemos uma briga no mês passado, nossas poucas conversas duravam cinco segundos.

— Oi, querida.

— Oi.

— Como você está hoje?

— Bem, acho. — Sentei na cama, me cobri com a colcha de estampa florida e fiquei olhando para as paredes rosa claro vazias. — Sei que parece que eu

estou muito longe, mas quero que saiba que meu coração está com você hoje.

Eu não conseguia engolir.

— Que bom, mãe, mas isso não facilita nada.

Do outro lado, silêncio, até minha mãe dizer:

— Eu sinto muito, Laurel. Só achei... só achei que você ficaria melhor sem ter de lidar com meu luto. Eu não soube ser forte por você depois que May morreu. Achei que seria pior se me visse chorando o tempo todo.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar.

— Nada é pior que alguém que você ama simplesmente ir embora. — O telefone se encheu de uma estática que soava como o oceano, nós duas chorando em cantos separados do país. — Talvez você ache que é minha culpa. Talvez seja por isso que foi embora — eu finalmente disse.

— Laurel, não é culpa sua. Claro que não é culpa sua.

— Bom, talvez seja. Eu nunca devia ter dito a ela...

— Dito o que a ela?

O quarto estava girando sem parar e minha respiração estava acelerada.

— Não sei. Preciso desligar.

Deixei o telefone cair no chão. Eu não conseguia parar de chorar. Tudo estava transbordando, rápido demais. Hannah de sutiã na casa de Blake, o hematoma de mentira no rosto dela, o dente lascado de Hannah, não conte para ninguém, a porta aberta e

elas se beijando era minha culpa, eu não salvei as duas, não consegui salvá-las, não consegui salvá-la. O sabonete no banho que nunca vai limpar o suficiente, e o sapo no fundo da gaveta, eu o deixei ali, e seu pôster rasgado em pedaços e as camas do beliche separadas, eu só quero subir a escada e deitar ao lado de May para tudo ficar bem. Sky indo embora, de carro, todo mundo longe, May rolando para se afastar do carro que ia passar por cima dela, como gritou comigo quando tentei impedi-la, o carro indo rápido demais pela rua, rápido demais, e agora Mark nunca vai me amar, o rio inundando minha cabeça toda, as mãos do sujeito em minha direção, a mão dele em mim, embaixo da camiseta, as coxas grudadas no banco do carro, mas seja como May, bonita como ela, seja corajosa, é isso que deve ser, este é o mundo agora, acorde, a mão dele em mim, aquela sensação, e a noite quente, úmida, grudando em mim e sua voz cantando "*I'm not gonna crack...*".



Querido Kurt,

Depois daquela primeira noite no cinema, vi *Aladdin* em DVD em casa. Várias vezes. Sempre que me lembrava de coisas desagradáveis, eu substituía Billy pelo filme que eu deveria ter visto naquela noite, com Aladdin correndo pela cidade, roubando coisas, dizendo “Um salto à frente dos molengas”. Com ele e a princesa no tapete mágico, cantando “A Whole New World”. Eu treinava para ser como eles, voando acima de tudo.

Da segunda vez que May me levou ao cinema, ela entrou no meu quarto no apartamento da minha mãe e perguntou:

— Quer ir ao cinema hoje à noite? — E deu uma piscadela.

Na casa da minha mãe ela poderia ter saído sozinha. Quando eu pedia para ela me levar aonde estivesse indo, May dizia que eu era muito nova. Mas agora ela queria que eu fosse junto. Eu não sabia o que dizer. Sentia que, se a deixasse ir sem mim, nunca a teria de volta. Então disse a mim mesma que o que havia acontecido com Billy não era tão ruim. Disse a mim mesma que é o que as pessoas fazem. Se eu fingisse que não tinha acontecido, talvez não tivesse acontecido.

Então as noites de sexta eram noites de cinema. Começou no fim daquele outono em que May começou a sair com Paul e durou até a primavera. Nós

íamos depois dos jantares no Village Inn, com dez dólares que ganhávamos da minha mãe ou do meu pai. A caminho, os lábios de May ganhavam a cor do batom. Ela sorria, me entregava o batom e perguntava se eu queria passar. Eu via meus lábios ficarem escuros também, enquanto aplicava aquela cor de giz de cera na boca. Era faz de conta. Eu achava que, se ficasse perto o bastante, a força de May passaria para mim. Então tentava usar o carmim como uma borracha, para limpar a sensação de medo. Por nós duas. Ouvíamos música e cantávamos alto. Eu ignorava o enjoo. Tentava ficar feliz. Estava com minha irmã. Ela gostava de mim, e éramos amigas de novo.

Às vezes, May e eu de fato íamos ao cinema. Às vezes, não havia Paul nem Billy para estragar tudo, comprávamos bala de goma, sentávamos nas poltronas do fundo e cochichávamos.

Em outras noites, quando chegávamos, eu via Billy parado do lado de fora com Paul, e meu coração ficava cheio de medo. May e Paul iam embora no carro dele, e, quando não estavam mais lá, Billy e eu íamos a algum lugar, no carro dele. Depois de um tempo eu fiquei boa em voar de tapete mágico ou ir até o oceano.

Billy me tocava e dizia:

— Não consigo evitar. Você me enfeitiçou.

Eu me perguntava se tinha enfeitiçado ele por acidente. E se, de alguma maneira, a culpa era minha,

por desejar ser como May, por querer que me levasse junto quando saía à noite.

Às vezes, Billy ficava comigo fora do cinema, esperando May e Paul voltarem, para não parecer que eu estava sempre sozinha. Quando May perguntava se eu tinha gostado do filme, eu evitava responder, pedindo para ela contar histórias, imaginando as festas às quais tinha ido, com a música tão alta que chegava a tremer o peito. Muitas vezes, o hálito dela cheirava a álcool ou os olhos tinham um brilho diferente. Mas, como estava sempre sorrindo, eu achava que ela estava feliz. Queria que May fosse feliz.

Quando eu chegava em casa e tirava a roupa, fingia que estava tirando a pele. Tirava as partes sujas para me sentir nova de novo. Depois de um tempo, não havia outras roupas para usar, e eu ficava pedindo blusas novas para minha mãe. Eu me sentia mal porque não tínhamos dinheiro para tanta roupa nova. Ela perguntava sobre as blusas velhas, e eu dizia que na escola não dava mais para usar blusas com florestas tropicais, desertos ou tie-dye. E eu não contava que tinha jogado tudo fora, no lixo no McDonald's, perto de casa.

O sapo eu não joguei. Ele ficou guardado no fundo da minha gaveta secreta. Era meu favorito. A camiseta onde morava já tinha ido embora, mas ainda tinha um pedaço do plástico, para ele não esquecer o lar de onde tinha sido tirado.

A noite em que May morreu era uma noite de ir ao cinema. As coisas foram diferentes com Billy daquela vez.

— Você já é grande — ele disse. — Vamos tentar fazer o que as garotas grandes fazem.

Ele costumava me tocar em algumas partes. Depois queria que eu olhasse enquanto fazia coisas. Mas, naquela noite, ele queria que eu fizesse. Billy disse que eu não podia parar até ele terminar. Fiquei esperando acabar, e pareceu uma eternidade. Eu não consegui fugir mentalmente para nenhum lugar. Tudo o que podia ver era aquilo e esperar acabar.

Depois, fiquei esperando do lado de fora do cinema. O carro de Paul parou, e May saiu. O hálito dela cheirava a bebida, e ela parecia ter chorado. Quando entramos no Camry, ela tentou ao máximo sorrir e aumentar o som. Ela disse para não irmos para casa ainda. Disse para irmos para o nosso canto. E quando tentei colocar a mão no braço dela, May parou de cantar e virou para mim.

— Laurel, nunca deixe nada de ruim acontecer com você, tá? — Ela olhou para trás, para a rua, e disse: — Não seja como eu. Quero que você seja melhor.

Engoli em seco e assenti. Eu não sabia o que dizer. Quando chegamos à ponte e engatinhamos até o meio, olhei para ela.

— May? Estou com medo.

Eu queria minha irmã de volta.

— Do que você está com medo?

— Não... não sei.

— Aqui — ela disse. — Quer fazer um feitiço? Vá pegar uma daquelas flores.

Atravessei a ponte engatinhando, peguei uma das pequenas flores azuis de uma rachadura e levei para ela. May tirou as pétalas, uma por uma, e segurou todas. “Beem-am-boom-am-bruxas-vão-embora!” A voz dela se arrastava enquanto movia os dedos, espalhando as pétalas ao vento. Ela riu um pouco e olhou para mim como se procurasse alguma coisa.

Tentei sorrir. Mas soltei:

— Billy diz que vou ficar bonita como você.

— Como assim? Quando ele diz isso?

— Só quando você vai embora, às vezes. Quando ele... me leva para o carro.

Deu para ver o rosto dela mudar. Ela estava com medo. O que me deixou ainda mais apavorada. May começou chorar. Ela segurou e me abraçou forte.

— O que aconteceu, Laurel? O que ele fez?

— Nada. Não importa — respondi, desesperada para afastar aquilo. — Está tudo bem.

Eu estava tentando qualquer coisa para fazê-la parar de chorar. Só queria que ela fosse mágica de novo e me protegesse de tudo.

— May, lembra quando você podia voar?

Ela me olhou com um pequeno sorriso.

— Lembro — respondeu, com delicadeza.

E então levantou. Começou a andar pelo trilho, os braços abertos como se fossem asas de mentira. Fiquei procurando minha voz. Queria chamá-la, mas eu estava em outro lugar. Não ali, não totalmente. E

então... foi como se o vento a tivesse tirado de mim. Quando gritei "May!", era tarde demais. Ela não me ouviu. Tinha ido embora. Já não estava mais lá. "May! May!", fiquei gritando o nome dela, mas minha voz foi abafada pelo rio.

Quando ela foi a esse lugar ao qual eu não podia ir, fiquei sentada, paralisada. Esperando ela voltar. Me buscar. Ouvi o rio como se fosse o barulho de um trânsito distante, o barulho de um oceano distante, como sempre. Mas nenhum carro veio. A estrada estava vazia como uma noite sem estrelas.



Querido Kurt,

A tia Amy está roncando no outro quarto. Depois que desliguei o telefone com minha mãe, ela entrou no quarto, e eu estava chorando sem parar. Quando finalmente me acalmei, ela fez um chá e tentou conversar comigo. Eu disse que estava triste e perguntei se podia ir para a cama. Mas não consegui dormir de verdade, então escrevi cartas para você. Depois não sabia mais o que fazer. O ar da primavera estava entrando pela janela. Tinha o mesmo cheiro da noite em que ela morreu, de flores, um novo clima tentando romper o frio. Eu não podia ficar sozinha.

Peguei o celular e vi que havia uma ligação perdida de Sky. Fiquei a ponto de apertar o botão para ligar de volta e recolhi o dedo. Algumas vezes. Mas, finalmente, deixei tocar. E disse a mim mesma que não havia mais nada para destruir.

Era tarde, meia-noite, mas ele atendeu.

— Oi.

— Oi.

— Eu estava preocupado com você.

— Eu preciso... estou na casa da minha tia e... não posso ficar aqui. Você pode vir me encontrar?

Ele fez uma pausa por um instante.

— Tudo bem.

Então saí pela janela, tremendo, de moletom, e esperei. Quando entrei na caminhonete, Sky não

olhou para mim de verdade. Ele estava olhando para a frente, pelo para-brisa.

— Para onde você quer ir?

— Para a estrada velha.

Naquele momento, eu soube que precisava fazer aquilo.

— Tem certeza? — ele perguntou.

Fiz que sim.

Então pegamos a estrada, onde eu não tinha mais ido, só mentalmente. Eu estava ofegante.

Quando chegamos à ponte, pedi para ele parar. Forcei a maçaneta para abrir a porta e saí. Fui até a beira da ponte. Continuei andando. Coloquei um pé na borda. Abri os braços. A noite estava calma. Sem vento. Nada para me levar para um lado nem para o outro.

Eu mantinha um pé na linha fina de metal. As vigas de sustentação da infância. E o outro pé estava na terra.

Vi May andando, os braços finos abertos no ar. Vi as asas de fada se abrirem. Tentando bater para mantê-la de pé. Para levá-la de volta. Mas eu as tinha quebrado. Vi as asas dela, finas como papel de seda, se quebrando e flutuando enquanto ela caía. Vi as asas caindo sobre ela, devagar, como folhas. Mas o corpo dela... O corpo tinha densidade. Tinha ido embora antes de ouvir o barulho da água. O corpo ao lado do qual eu dormia. O corpo dela que roubava todas as cobertas e se enrolava como um burrito para me fazer tremer, desistir e chegar mais perto, para me

aquecer um pouco mais. Eu me lembro de como ela tinha cheiro de maçã, hortelã e terra no verão. Queria ir com ela.

E então ouvi Sky:

— Que merda você está fazendo?

Tirei o pé da borda. E senti ele me segurando.

— Não chegue tão perto — ele disse. — Você está me assustando.

Ouvi o barulho do rio correndo, como se não tivesse roubado o corpo da minha irmã. Virei para ele. E então falei. Porque tudo já estava perdido.

— Ela me deixou. Ela me deixava sozinha no cinema com um cara que fazia coisas comigo. Sei que não era a intenção dela... mas eu estava... estava tão brava. — Eu falei. Falei em voz alta.

— Laurel — Sky disse e me segurou de novo. — Calma. Que cara? Quem fez isso?

— Agora não importa. Um amigo do Paul. Tentei dizer a ela o que aconteceu e então... ela ficou tão chateada... e acho... acho que matei May.

— Por que você acha isso? O que aconteceu? — Sky perguntou.

Contei a história toda. Quando terminei, ele olhou para mim e disse:

— Laurel, não foi culpa sua.

— Mas, talvez, se eu nunca tivesse deixado acontecer, se eu não tivesse falado nada, talvez ela ainda estivesse aqui.

— Para. Você não pode se culpar. Talvez ela ainda estivesse aqui se não tivesse bebido. Ou se o vento

estivesse soprando em outra direção naquela noite. Ou se tivesse se inclinado em outra direção. Você vai enlouquecer se continuar pensando assim. Ela fez as próprias escolhas. Você precisa se cuidar. É a melhor coisa que pode fazer por ela. É o que May ia querer de você.

Olhei nos olhos dele, e a coisa começou a fazer sentido. Eu tinha contado para Sky, e nada ruim estava acontecendo. Nada pior. Ele ainda estava ali. Parado na minha frente.

— Você não me odeia?

— Não.

— Não está com medo de mim?

— Não. Só quero que você saiba que não precisa mais deixar aquelas coisas acontecerem com você.

Ele me abraçou, e uma barreira se rompeu. Comecei a chorar.

— Como minha irmã pôde me deixar aqui para viver sem ela? Tenho tanta saudade. Eu amo May. Quero que ela cresça e se torne quem deveria ser. Quero que ela cresça comigo.

Sky me deixou chorar e, quando parei, me afastou da ponte e abriu a porta da caminhonete.

— Venha, vamos sair daqui — ele disse.

Nós entramos no carro dele e fomos para o lado oposto da estrada. Ele foi rápido, mas nunca rápido demais. Na velocidade ideal, como sempre.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia,

Às vezes parece estranho que o sol nasça, como se nada tivesse acontecido. Hoje, quando acordei, os pássaros estavam cantando distraidamente e os carros estavam passando pelo quarteirão. Quase não dormi na noite passada, depois de voltar da ponte, e meus olhos só se abriram um pouco. Quando tentei sair da cama, por algum motivo pensei em você. Pensei em você na pequena ilha onde pode ter pousado e vivido como náufraga.

Imagino como deve ter sido esperar o resgate. Fazendo fogueiras, mandando sinais de fumaça que desapareceram nas nuvens. Quanto tempo você pode ter vivido lá, e o navegador. Qual dos dois morreu primeiro e teve de viver o luto?

Encontraram artefatos na ilha Gardner, que fica perto de Howland — o local onde você deveria ter pousado naquela manhã, no meio do Pacífico, entre a Austrália e o Havaí. Encontraram pedaços de acrílico, o mesmo material das janelas do avião, o salto de um sapato que podia ser seu, ossos de pássaro e de tartaruga, vestígios de fogo, fragmentos de garrafas de coca-cola que alguém talvez usasse para ferver água. E então, mais recentemente, encontraram pedaços de um pote, no formato e do tamanho de um creme usado para clarear sardas na época em que você estava viva. Todo mundo sabia que você tinha sardas e desejava não ter. Quando me vesti, fiquei

pensando nesse pequeno pote deixado como prova. Parece tão vulnerável, comparado ao seu rosto corajoso enfrentando o mundo.

Hoje de manhã, na escola, todo mundo sabia que Natalie e Hannah tinham se beijado na festa. Vi Hannah andando pelo corredor, e um dos jogadores de futebol gritou:

— Ei, quer fazer um *ménage*?

Os amigos dele disseram:

— Quatro peitos são melhores que dois.

Mandei eles calarem a boca e tentei falar com Hannah, mas ela virou e mudou de direção.

Na aula de inglês, Natalie ficou com o capuz do moletom o tempo todo e, quando o sinal tocou, saiu correndo antes que eu falasse com ela.

No almoço, nossa mesa ficou vazia. Parei ali um minuto, tentando decidir aonde ir. Acabei sentando perto da cerca, como costumava fazer. Me lembrei de ver as folhas caindo das árvores no começo do ano e observei novos ramos surgindo.

E então Sky apareceu e me entregou um pacote de bolacha recheada.

— Pega. Achei que você fosse gostar — ele disse.

— Obrigada — respondi com um sorriso. Peguei, e ele sentou ao meu lado. Dei metade para ele, e ficamos ali, comendo, sem falar nada.

Depois da aula, liguei para a tia Amy e disse que tinha grupo de estudo e que pegaria carona depois. Fiquei sozinha na biblioteca, o máximo que consegui, pensando em Natalie e Hannah, pensando em May e

pensando em você e na sua ilha. Pensei em como eu tinha me esforçado para ser forte este ano. Mas talvez eu estivesse agindo errado o tempo todo. Porque existe uma diferença entre o tipo de risco que faz alguém se destruir e o tipo de risco que você corria. O tipo que faz você aparecer para o mundo.

Finalmente, quando começou a escurecer, voltei andando para a casa da tia Amy. Respirei fundo e girei a maçaneta. Ela estava sentada no sofá, me esperando. Tinha um sanduíche de pão de hambúrguer cortado ao meio em cima da TV.

— Está com fome?

Eu queria dizer não e me esconder no quarto, mas o sanduíche parado ali me deixou triste e, ao mesmo tempo, me fez amar minha tia. Então deixei a mochila num canto e sentei.

— Obrigada.

Esperei que ela nos fizesse rezar, mas a tia Amy disse:

— Laurel, você estava tão chateada ontem. Estou preocupada com você.

— Estou melhor hoje — eu disse, com cuidado.

Não era mentira.

— Sei que você sente falta de May e sei que a admirava. Mas estou vendo você se tornar você mesma, Laurel. E estou orgulhosa. O Senhor Jesus Cristo também. — Ela apertou minha mão e olhou para mim. E então disse: — May também, onde quer que esteja no céu.

Apesar de não saber exatamente do que a tia Amy estava orgulhosa e de não achar que Jesus estaria, era uma coisa muito bonita de dizer sobre May.

Eu imagino como foram, Amelia, os momentos finais da sua vida. Você olhou para as nuvens sobre as quais voou? Você se perguntou se ia voltar para lá, para viver no seu amado céu para sempre?

*Beijos,
Laurel*



Querido Jim Morrison,

Uma vez você disse: “Um amigo é alguém que dá liberdade total para você ser você mesmo — e especialmente para sentir ou não sentir. Qualquer coisa que você sinta naquele momento está bom para ele. É o que o amor verdadeiro significa — deixar alguém ser ele mesmo”. Obrigada por dizer isso, porque tenho pensado no assunto. Acho que há muito tempo estou tentando me sentir como acho que devo, em vez de ser quem realmente sou.

Desde o que aconteceu na festa, sinto tanto falta de Natalie e Hannah que chega a doer. A semana passou, e elas estão me evitando, evitando uma à outra e praticamente todo mundo.

Hoje, segunda-feira, quando fui à escola, vi Hannah no estacionamento, saindo de um carro. A porta do passageiro era prateada, mas o resto do carro estava pintado de preto. Ela tropeçou e, quando virou para se despedir do motorista, o salto do sapato ficou preso em uma rachadura. Foi um daqueles acenos que deveria parecer sedutor, mas ela mal conseguia reunir forças para isso. Quando olhei para o carro, eu vi Blake — da cabana na montanha. Ele saiu do estacionamento desviando das minivans e dos carros de família e se juntou ao tráfego.

Quando viu que eu estava me aproximando, Hannah me olhou como se quisesse desaparecer. Seus cachos ruivos estavam se desfazendo, e a maquiagem estava

mais pesada que o normal. Ela estava com um dos hematomas feitos com sombra de olho.

— Oi — eu disse.

— Oi.

— Era o Blake?

— Era.

— Por que ele te deixou aqui?

— Passei a noite na casa dele.

— Hannah, você prometeu não sair mais com ele.

— Eu sei — ela disse. — Mas eu precisava sair de casa. E é claro que está tudo acabado com Kasey.

— Você podia ter me ligado.

— Eu nunca fui à sua casa, Laurel.

— Bom, podia ter sido a primeira vez...

Hannah olhou para baixo. Dava para ver que ela estava brava.

De repente, ela apenas riu, apesar de não ser nada engraçado. Riu como se estivesse fazendo o único som com que podia encobrir tudo.

— Eu realmente não quero entrar na aula hoje. Vamos a algum lugar?

O primeiro sinal nem tinha tocado ainda.

— Pode ser.

Então saímos, fomos até o Garcia's e pedimos taquitos de café da manhã, sentadas na área externa do drive-in. Usamos meu celular para ligar para a secretaria, uma fingindo ser a responsável pela outra, para avisar que estávamos doentes. Não é o tipo de coisa que funciona sempre, mas, como só tínhamos cabulado a última aula antes, achamos que daria

certo. Esperamos alguns minutos entre as ligações para parecer menos suspeito.

Quando o pedido chegou, Hannah tirou da bolsa uma daquelas garrafas de vodca em miniatura e abriu.

— Quer batizar sua soda? — ela perguntou.

— Não — respondi, chocada. — Não são nem nove da manhã.

— São cinco da tarde em algum lugar — ela disse, rindo. — Talvez na Noruega. Você acha que são cinco da tarde na Noruega? Eu gostaria de estar lá. Ou na Islândia. Ou em algum lugar distante. — Ela tentou colocar vodca na minha bebida. — Vamos. Relaxa.

— Para — falei e peguei a garrafa.

— Desde quando você é assim certinha? — ela perguntou, incomodada.

— Eu só... não estou bebendo depois do que aconteceu na festa.

— Você quer dizer depois que você abriu a porta do banheiro onde Natalie e eu estávamos e decidiu nos deixar lá?

— Eu fui embora porque estava passando mal. — E então contei tudo. — Evan Friedman quase me estuprou. Tomei uma pílula que ele me deu. Ele disse que era de cafeína, mas é claro que era outra coisa.

— Laurel. Meu Deus. Por que você não me contou? Você está bem?

— Acho que sim. Acabei me livrando dele. E então Sky apareceu.

— Acho que preciso assassinar o Evan — disse Hannah. — Desculpa. Eu não sabia.

— Desculpa não ter contado antes. Quer dizer, por não falar muito sobre as coisas. — Fiz uma pausa. — Sinceramente, é por causa do que aconteceu com minha irmã.

Hannah ouviu o que aconteceu com Paul e Billy e na noite em que May morreu. Ela me abraçou e, quando me soltou, disse que sentia muito. Lágrimas escorriam pelo rosto dela.

— Acho que eu seria uma hipócrita se não dissesse a verdade depois que você me contou tudo isso.

Ela desviou o olhar por um instante, pegou a manga do moletom e começou a limpar o roxo que havia feito no rosto com sombra de olho. A mão dela estava tremendo. Embaixo da maquiagem havia um hematoma de verdade, amarelado, desaparecendo. Coloquei a mão no braço dela.

— Foi Jason? — perguntei, com cuidado.

Hannah assentiu.

— Ele ficou muito bravo depois da festa.

— Ele já tinha feito isso antes?

Hannah deu de ombros.

— Fazia tempo que não me batia.

— Precisamos fazer alguma coisa, Hannah.

— Não tem o que fazer.

— Você contou aos seus avós?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Isso só os chatearia. Minha avó está doente. Meu avô precisa cuidar dela e quase não escuta. Não

queria que ninguém soubesse, porque... e se me colocarem num lar provisório ou algo assim? Ou se eu tiver de voltar para o Arizona para morar com minha tia e perder Natalie para sempre, e você também, e todo mundo? Jason vai entrar para os fuzileiros navais em alguns meses. É melhor esperar.

— Natalie não sabe? — perguntei.

— Nunca contei para ninguém.

— Você devia contar para ela, Hannah.

— Ela teria um ataque. Ia querer que eu conversasse com alguém. De todo jeito, agora ela me odeia.

— Não odeia, não. Você sabe disso. Ela está apaixonada por você. Teve o coração partido, só isso.

— Você acha que eu posso consertar tudo?

— Acho que tudo o que ela quer é ser amada, do mesmo jeito que te ama. — Fiz uma pausa. — Você ama Natalie?

— Amo.

— Então fala para ela. Por favor.

Hannah assentiu.

— Vou pensar.

— Quer dormir lá em casa hoje? Se precisar de um lugar para ficar, pode sempre ficar comigo.

— Mesmo?

— Sim. Para sua sorte, estou na casa do meu pai esta semana, então você não vai precisar aceitar Jesus.

Hannah concordou em jogar a vodca fora, e passamos o dia andando e tomando refrigerante. Eu

ainda não sabia o que devíamos fazer em relação a Jason, mas Hannah disse que queria se desligar daquilo por um tempo, então fomos ao parque, sentamos nos balanços e pulamos na terra. Ela cantou para mim o tempo todo, uma mistura de Amy Winehouse e antigas canções country — “San Francisco Mabel Joy” e “I Fall to Pieces”. A voz dela estava linda, perfeita. Então fomos para o mercado, abrimos batons sem ninguém ver e experimentamos quase todas as cores, até cada uma escolher um, e Hannah comprá-los com o dinheiro do Macaroni Grill. Quando fomos pagar, a caixa perguntou por que não estávamos na escola.

— Dia da saúde mental — Hannah respondeu com tanta confiança que a caixa só meneou a cabeça.

E então, perto do fim do dia, pegamos o ônibus até minha casa. Mandeí uma mensagem de texto para meu pai perguntando se Hannah podia dormir lá. Falei que sabia que era dia de semana, mas ela precisava ficar na cidade. Ele deixou.

Quando chegamos, mostrei tudo para ela — a sala, a cozinha, o banheiro, o quarto do meu pai e o meu, que parecia totalmente idiota.

Então passamos pelo quarto de May, que estava com a porta fechada. Parei por um instante, depois de quase passar direto, mas voltei e virei a maçaneta.

— E esse era o quarto da minha irmã.

Nós entramos, e Hannah olhou em volta, para as velas da Virgem de Guadalupe pela metade na cômoda, a coleção de óculos de sol em formato de

coração, o pote cheio de conchas, o perfume. As fotos no mural, a foto do River Phoenix na parede, o pequeno globo de luzes pendurado.

— Uau! Sua irmã era muito estilosa.

Eu sorri.

— Sim. Ela era.

Então eu ouvi a porta da frente se abrir.

— Pai? — chamei.

De repente, Hannah pareceu nervosa.

— Você acha que ele vai gostar de mim? — ela sussurrou.

— Claro — respondi, quando fomos para a sala cumprimentá-lo.

— Oi, pai. Esta é a Hannah.

Eu nunca tinha visto Hannah daquele jeito antes. Como uma garotinha, mudando o peso de um pé para o outro, esfregando a palma das mãos no vestido. Acho que para ela a aprovação do meu pai era importante. Aquilo me deixou triste, perceber que ela provavelmente não tinha muita experiência com pais. Ela estendeu a mão.

— Olá, senhor.

Meu pai sorriu.

— Pode me chamar de Jim. Estou feliz de finalmente conhecer você!

— Eu também.

— Vocês estão com fome? — meu pai perguntou. Fazia séculos que não preparávamos algo para o jantar que não fosse comida congelada, e geralmente

era eu quem cuidava disso. Mas ele disse: — Eu estava pensando em fazer os famosos tacos do Jim.

Ele estava se mostrando para Hannah. Sorri. Acho que ter uma amiga minha em casa o deixou mais animado. Ele queria que ficássemos bem.

Então preparou os tacos, nós comemos juntos, e depois ele fez pipoca e assistimos a um filme no sofá. Ele nos deixou escolher, então vimos *Meia-noite em Paris*, que nós três amamos. A noite foi surpreendentemente divertida.

Quando fomos nos preparar para dormir, Hannah pegou um pijama emprestado. Estávamos na minha cama, sob as estrelas no teto, quando Hannah virou e disse:

— Acho que Jason está puto com o mundo. Nossos pais morreram, tivemos que ficar com nossos avós, e era para ele receber uma bolsa por causa do futebol americano, e tudo foi destruído. Acho que ele fica com medo por mim, como se eu fosse estragar tudo e ficar presa aqui. A parte mais estranha é que sei que deveria odiá-lo, mas não odeio. Quer dizer, claro que, em alguns momentos, sim. Mas, sabe, ele é meu irmão. E eu o amo. Você acha que sou louca?

— Não — respondi. — Acho que podemos sentir todas essas coisas ao mesmo tempo.

Pensei naquilo que você disse, que os amigos de verdade nos deixam sentir o que quisermos.

— Espere um minuto — eu disse. — Já volto.

Eu queria fazer alguma coisa legal por ela e tive uma ideia. Saí do quarto na ponta dos pés, puxei a

escada do sótão, onde May e eu costumávamos fingir que éramos passageiras clandestinas, escondidas num navio, e subi no escuro. Encontrei a caixa marcada HALLOWEEN, peguei, abri e encontrei os dois pares de asas que May e eu usávamos, perfeitas, cobertas de tecido de náilon e glitter. Peguei as asas de May.

Desci e levei para Hannah.

— Aqui. Acho que podem ser úteis para você. Vão ajudá-la a ter coragem.

Ela sentou na cama, passou o elástico pelos ombros e sorriu.

— Adorei.

*Beijos,
Laurel*



Querido Jim,

Hoje de manhã, quando estávamos nos arrumando para ir para a escola, Hannah colocou as asas e anunciou:

— Vou com elas.

Quando passamos pelo corredor, ela ignorou todo mundo que encarou.

Mandei uma mensagem de texto para Natalie, e ela aceitou nos encontrar no beco depois do almoço. Hannah prometeu que conversaria com ela. Chegamos primeiro, e quando Natalie apareceu e ficou encostada num muro, as duas se olharam por um longo momento.

Finalmente, Hannah rompeu o silêncio.

— Eu te amo de verdade. E sinto muito. Mas é assustador. Não sou boa nisso. E odeio como as pessoas ficam falando. Não sei se quero que todo mundo saiba, quer dizer, se estou pronta para ficar com você ou algo assim. Mas prometo que vou parar de sair com outras pessoas.

Natalie olhou de volta para ela.

— Mesmo?

Hannah fez que sim e continuou falando rápido, como se a voz dela quisesse chegar antes do soluço prestes a escapar:

— Aconteceu uma coisa depois daquela festa. Quer dizer, se você achou que Jason estava bravo quando ficou sabendo que eu estava lá com Kasey, devia ver

como ele ficou depois de descobrir que estávamos no banheiro. Ele falou: “Tudo bem as sapatas fazerem isso, mas minha irmã não”. E eu tentei defender a gente. Aí ele me bateu. Agora preciso esperar que ele vá embora no verão.

— O quê? Ele bateu em você?

Hannah assentiu.

— Sim. Mas está tudo bem. Quer dizer, eu estou bem.

— Não está tudo bem. Eu odeio ele. Odeio tanto. Odeio qualquer um que machuque você. Eu te amo.

Natalie se jogou para a frente e abraçou Hannah, que acabou cedendo ao corpo dela, com os ombros tremendo enquanto a ponta das asas de fada encostavam no rosto de Natalie.

E então Hannah estendeu o braço em minha direção.

— Vamos, Laurel, junte-se a nós. — Era uma piada que remetia a quando elas me diziam que eu podia participar dos amassos.

Todas rimos quando fui até lá e abracei as duas.

Quando nos soltamos, olhei para elas e perguntei:

— O que vamos fazer?

Natalie virou para Hannah e disse:

— Venha morar na minha casa por um tempo. Até ele ir embora. Que tal?

Hannah enxugou as lágrimas e olhou para Natalie, nervosa.

— O que você vai dizer à sua mãe?

— Só vou dizer que você precisa de um lugar para ficar.

— Mas e se ela quiser saber por quê? E se quiser falar com meus avós ou se descobrir sobre Jason?

— Alguém precisa saber, Han. Ele bate em você.

— Mas e se me mandarem para algum lugar?

— Não vamos deixar isso acontecer. Não vou perder você de jeito nenhum. Minha mãe também não vai querer. Ela, hum, ela meio que sabe de nós agora, porque contei alguma coisa depois da festa, quando fiquei superdeprimida. Então talvez você tenha que ficar num quarto separado ou algo assim. — E então Natalie continuou, com um pequeno sorriso — Mas, sabe, sempre temos as noites em que ela sai.

Hannah riu. E então perguntou:

— Tem certeza de que tudo bem?

— Sim, claro.

Então, depois da aula, fomos para a casa de Natalie falar com a mãe dela. Hannah ficou enxugando a palma das mãos no vestido, e as lágrimas não cessavam, mas a mãe de Natalie permaneceu calma o tempo todo, e no fim Hannah começou a relaxar. A mãe de Natalie respondeu que, claro, Hannah podia ficar lá até Jason ir para os fuzileiros navais ou pelo tempo necessário. Mas queria ter certeza de que os avós de Hannah sabiam o que estava acontecendo e disse que, se fosse necessário, elas pediriam uma medida liminar contra Jason. Disse também que, contanto que Hannah estivesse em segurança, respeitaria a vontade dela sobre registrar queixa ou

não, porque entendia como as coisas podiam ser complicadas. E que o mais importante era que ela tinha decidido sair daquela situação ruim. E disse a Hannah que sabia como aquilo podia ser difícil, especialmente quando se tem medo, mas que estava orgulhosa dela. A mãe de Natalie é uma ótima mãe.

Ela se ofereceu para conversar com os avós de Hannah, que disse que seria melhor se ela mesma fizesse isso. Claro que nenhuma de nós queria deixá-la ir sozinha, então Natalie e eu pegamos a estrada com ela até as colinas. Estávamos esperando que, quando chegássemos, Jason estivesse treinando. Hannah disse que ele geralmente vai no fim da tarde. Mas, quando estacionamos, Hannah não quis descer.

— Não é uma boa ideia — ela disse, respirando rápido.

— Você consegue — disse Natalie. Então saiu do carro, eu fui atrás e, finalmente, Hannah se juntou a nós.

Entramos e, depois que Hannah deu uma olhada para ter certeza de que Jason não estava lá, ela bateu na porta do quarto dos avós. O avô abriu, parecendo meio sonolento. Hannah apontou para o rosto, mas não disse nenhuma palavra. O avô apertou os olhos, confuso, até finalmente enxergar.

— Foi o Jason — ela sussurrou.

— O quê? — ele perguntou, aumentando o aparelho auditivo.

Hannah continuou sussurrando, e o avô continuou sem ouvir, até que ela finalmente gritou:

— Foi o Jason!

O avô balançou a cabeça no começo, como se não estivesse entendendo.

— Foi um acidente?

Hannah só olhou para ele, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela disse alto:

— Está tudo bem. Vou ficar na casa de Natalie por um tempo. Até chegar a hora de ele ir embora, tudo bem? Eu não queria preocupar vocês.

O rosto dele ficou branco, e ele assentiu, espantado.

Então fomos para o quarto de Hannah ajudá-la a pegar as coisas. Natalie não perdeu tempo, dobrando as roupas com cuidado e colocando na mala. Ela deixou as blusas juntas, os jeans separados, assim como as outras calças e as blusas e saias de renda juntas. E toda vez que encontrava alguma coisa frágil, como um vidro de perfume, enrolava em algo macio. Às vezes, os menores gestos fazem toda a diferença.

Quando acabamos, levamos as malas de Hannah pelo corredor. Foi quando Jason entrou pela porta da frente. Os olhos dele passaram de Hannah para Natalie e, depois, para mim.

— Aonde você pensa que vai? — ele perguntou.

Hannah se encolheu.

— Vou ficar na casa da Natalie por um tempo.

— Vai merda nenhuma. Eu falei para você não chegar mais perto dela — ele disse, com os olhos fixos em Natalie.

As mãos de Hannah estavam tremendo, mas a voz dela se recompôs.

— Vou, sim. E a mãe da Natalie disse que, se você se aproximar, vamos entrar com uma liminar.

O rosto de Jason ficou um pouco pálido.

— É mesmo? — Ele tentou parecer bravo, mas havia um quê de medo na voz dele. — E com base em que vocês vão fazer isso?

— Com base em você ter me batido!

— Ah, para. Isso é educação. Obviamente, ninguém nunca impôs limites para você. Alguém precisa fazer isso.

— Não, isso se chama violência. Você tem sorte de eu não ter chamado a polícia.

Jason ficou olhando para ela, sem acreditar.

— Eu sei que você está puto com o mundo — disse Hannah —, mas não pode sair por aí gritando e agindo como um idiota. E não pode mais descontar em mim.

— Então você simplesmente vai embora? Assim?

— Até você ir embora — disse Hannah. — E, se tivermos que entrar com uma liminar, aposto que vai prejudicar suas chances de entrar para os fuzileiros navais.

A voz de Jason oscilou.

— Faça o que quiser. Vou tomar banho.

— Então não vamos mais nos ver — Hannah disse, mais calma. — Boa sorte.

Eles não se abraçaram nem nada. Jason só saiu da sala.

Levamos as coisas de Hannah para o carro, e ela pediu que esperássemos. Natalie e eu fomos atrás

quando ela saiu correndo até o celeiro, ainda com as asas de fada batendo atrás dela, para dar comida ao cavalo, Buddy, e ao burro, Earl. Quando Buddy foi até ela, Hannah encostou o rosto na cara dele e o beijou no nariz.

— Não se preocupe, Buddy, eu volto logo. Prometo.
— Então enxugou as lágrimas e virou para nós. —
Vamos.

No caminho de volta, coloquei seu primeiro álbum, e quando você começou a gritar "Break On Through", abaixamos os vidros e gritamos junto; por um momento, esquecemos tudo o que era difícil e nos sentimos livres como desejávamos.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt,

As coisas meio que voltaram ao normal depois da semana passada. Hannah está morando na casa de Natalie, a gente almoça na nossa mesa, as duas dividem os sucos, e eu como minha bolacha. Em vez de sair da escola no almoço, Tristan e Kristen às vezes comem conosco, porque estão ficando saudosos com o fim do ensino médio, que é daqui a três semanas. Hoje foi o primeiro dia quente o bastante para usar shorts. Coloquei o shorts jeans que cortei bem no limite tolerado pela escola no começo do ano.

Desde aquela noite na ponte, Sky e eu temos passado algum tempo juntos. Não sei ao certo o que está acontecendo entre nós, mas o bom é que ele não está mais saindo com Francesca. Hoje o encontrei no beco, e ele me chamou para ir à casa dele depois. Era a primeira vez que me convidava em um horário normal. Infelizmente, eu estava na casa da minha tia e não fazia ideia de como conseguir autorização para ir. Como praticamente ignorava minha mãe, pedir que ela falasse com a tia Amy estava fora de questão. E eu não tinha ânimo para uma mentira elaborada. O que deixava só uma opção: tentar dizer a verdade. Ela estava sendo muito legal comigo desde a noite em que me viu muito chateada, então achei que tinha uma chance.

Quando a tia Amy foi me buscar na escola, perguntei se podíamos comer batata frita. A caminho do Arby's,

eu ficava abrindo a boca e fechando de novo, hesitando. Finalmente, quando passamos pela fila do drive-thru, ela virou para me entregar o pacote e eu disse:

— Então, tem um garoto... — Ela olhou para mim com uma mistura de curiosidade e preocupação. — ... de quem eu gosto. O nome dele é Sky. Na verdade, ele... bom, ele foi meu namorado por um tempo. — Esperei para ver se a tia Amy ia ter um ataque.

Em vez de voltar para a rua, ela entrou no estacionamento. Então, perguntou:

— Por que você não me contou antes?

— Achei que você fosse ficar brava. Quer dizer, é só que você nunca quer que eu faça nada. Você mal me deixa dormir na casa das minhas amigas.

A tia Amy suspirou.

— Sei que tenho sido um pouco rígida com você, mas é porque existem tantos perigos no mundo, Laurel. Não quero ver você sofrer nunca. A adolescência foi um período muito doloroso para mim. E quero te proteger disso. De tudo isso.

Quando ela falou dessa maneira, eu a enxerguei de outra forma. Ela era como era não só porque acreditava em Deus, pecado e essas coisas, mas porque queria me proteger. De repente, fiquei agradecida por se importar tanto.

— Obrigada, tia Amy, mas você não acha que todo mundo precisa passar pelas coisas?

Ela parou por um momento e depois disse:

— Não posso impedir você de crescer. Mas, Laurel, você precisa ter cuidado... Claro que eu não aprovaria uma relação sexual, de jeito nenhum, na sua idade, assim como nosso Senhor também não aprovaria, mas quero que você saiba que, se estiver em uma situação em quê...

Ah, não. Uma conversa sobre sexo com a tia Amy. Eu a interrompi.

— Certo, bom, nós não estamos fazendo sexo. Nunca fizemos. Nem estamos juntos agora. — Comi uma batata frita e ofereci para ela.

— O que aconteceu? Por que vocês terminaram?

— É uma história meio comprida. Basicamente, eu não estava pronta para ficar com ele. Tinha muito coisa com que eu não conseguia lidar. E então descobri que ele já tinha gostado da May, o que foi horrível, claro.

O rosto da tia Amy se desfez em solidariedade.

— Sim. Imagino que deve ter sido muito difícil.

— Sim. Mas, por outro lado, ele tem sido um grande amigo, e acho que ainda gosto dele, e acho que ele pode voltar a gostar de mim. Ele me chamou para ir à casa dele hoje à noite para conversar. Então, posso ir?

Ela pareceu dividida.

— Vai ter algum adulto em casa?

— Sim — eu disse. — A mãe dele. Ela está sempre lá. E prometo não voltar tarde.

Finalmente, a tia Amy disse:

— Tudo bem. Fico feliz por você ter conversado abertamente comigo.

Vi que ela ficou mesmo muito feliz.

— Eu também. — E sorri.

Mais tarde a tia Amy me levou à casa de Sky. Quando me deixou, beijei o rosto dela e agradei por ter me deixado ir, então fui até a porta. As tulipas que plantamos no outono estavam florescendo — os botões cresciam todos na mesma direção, para onde o sol nasce.

Ignorei meu coração disparado e bati.

Sky atendeu.

— Oi — ele disse.

O corpo dele na entrada era como uma parede protegendo a casa. Ficamos ali parados em silêncio por um momento, e eu me perguntei se ele tinha mudado de ideia.

— Então, posso entrar?

Por sobre o ombro, eu podia ver a sombra da mãe dele, olhando para a porta aberta.

— Skylar, quem está aí?

Finalmente, passei por baixo do braço dele e entrei. A televisão estava ligada, alguma coisa sobre a casa dos sonhos de alguém. A mãe dele se aproximou, com o mesmo roupão e o cabelo em um coque bagunçado. Ela apontou para as tulipas colhidas e orgulhosamente expostas num vaso no meio da bagunça.

— Sabia que, se você colocar uma moeda na água, elas ficam retas? — ela perguntou.

— Ah, não. É um bom truque. Elas estão muito bonitas — eu disse.

A mãe de Sky sorriu, demonstrando que tinha ficado feliz naquele momento. Mas continuou olhando para mim, tentando lembrar quem eu era.

— Mãe, é a Laurel — disse Sky. — Vocês já se viram antes. Lá fora, quando estávamos plantando as flores.

— Ah — ela disse —, como eu sou boba. — Mas os olhos dela não revelaram o reconhecimento. — Quer uma xícara de chá? — perguntou, um pouco confusa.

Fui até a cozinha enquanto ela preparava o chá. Sky tentou ajudar, mas ela não deixou. Ela realizou como um ritual, com os mesmos passos cuidadosos e calculados, como se tivesse memorizado os movimentos, como se fossem apoios para mantê-la em pé.

Quando peguei a caneca e senti o vapor do hortelã, ela disse:

— Skylar, vou deitar. Vou deixar vocês dois a sós.

Segui Sky pelas tábuas barulhentas do quarto. Diferente do resto da casa, tudo no quarto dele tinha um lugar. Os móveis e os pôsteres eram alinhados, como se estivessem se esforçando para fazer algum tipo de sentido. Ele tinha um pôster seu, aquele de *In Utero*, e um dos Rolling Stones.

Sky colocou um travesseiro na cabeceira e fez um gesto para eu sentar. Eu me acomodei na borda da cama.

— Então... — comecei.

— Então — ele respondeu.

— Então, eu nunca agradei de verdade por aquela noite da festa. E a noite na ponte. E tudo aquilo.

Obrigada. Por estar ali.

— De nada. Fico feliz que você tenha deixado.

— Posso perguntar uma coisa?

— O quê?

— Você a vê quando olha para mim? May, quero dizer?

— Não. Eu vejo Laurel.

— Mesmo?

— Sim.

— Então por que você me ama? Quer dizer, por que você me amava?

— Porque... porque você me faz lembrar meu primeiro show. Aquele de que falei no Ano-Novo. Você me faz lembrar da sensação de desejar fazer alguma coisa.

Meu coração deu uma volta no meu peito quando ele disse isso, e eu quis pular nos braços dele.

— Escuta — ele continuou —, desculpa por ter demorado tanto para contar todas aquelas coisas sobre May. E desculpa por ter contado daquele jeito. Mas não quero que você ache... Quer dizer, o que eu sinto por você, eu nunca senti isso por nenhuma outra garota antes. Nem por sua irmã nem por ninguém.

— Lembra que você disse que May não estava numa fase fácil no ensino médio? Eu sempre tive outra visão. Por que ela nunca me contou?

— Você era a irmã caçula dela. Provavelmente queria te proteger de tudo aquilo. Provavelmente queria que você a admirasse.

Talvez ele tivesse razão. Pensei em tudo o que May disse para me fazer acreditar que tinha asas quando éramos crianças. Talvez ela precisasse de mim tanto quanto eu precisava dela. Talvez precisasse da maneira como eu olhava para ela, de como eu a amava.

— Você acha que eu não a conhecia? — perguntei.
— E se eu não a conheci de verdade?

— Claro que você a conhecia. Você a conheceu desde sempre. Nada muda quem ela era para você. Mas às vezes, quando você cresce, começa a entender coisas que não entendia antes.

— Acho que, quando meus pais se separaram, ela deve ter ficado muito brava. Sabe, minha mãe passou a vida inteira dizendo que May juntou a família. Então ela deve ter se sentido fracassada. Mesmo que, é claro, não fosse culpa dela, talvez ela sentisse um pouco isso. E talvez estivesse brava consigo mesma também.

— Quando conversava comigo, às vezes ela falava de você. Que esperava que crescer fosse mais fácil para você — Sky disse.

Sorri ao pensar em May falando uma coisa daquelas, mas é claro que não era fácil. Acho que não é fácil para ninguém. A verdade era triste demais para elaborar imediatamente. May não conseguia ver que estava me machucando porque também estava machucada.

— Só quero voltar no tempo e dizer a ela que pode conversar comigo. Que eu vou entender. Que pode

melhorar.

— Eu sei — disse Sky.

— A única coisa de que gostei na história que você contou foi Paul ter levado uma surra. Mas sinto muito que você tenha sido expulso da escola. Não foi justo.

— Pois é. Também não foi justo o que aconteceu com você. Nem o que aconteceu com ela. Muitas coisas não são justas. Acho que podemos ficar bravos para sempre ou simplesmente tentar melhorar o agora.

Olhei para ele.

— Sim. Você está certo.

Não sei se eu ia beijar Sky de novo ou não, mas era bom falar sobre May com alguém que a conhecia.

Encarei o pôster do *In Utero*, com a foto da mulher com asas com uma pele transparente, olhando para Sky e para mim. Pensei em como, por um longo tempo, eu queria voar. Queria que Sky me visse como perfeita e linda, como eu via May. Mas, na verdade, todos nós temos sangue e entranhas. E, por mais que eu estivesse me escondendo dele, acho que parte de mim sempre quis que Sky me visse de verdade — e soubesse das coisas que eu tinha muito medo de contar. Mas não somos transparentes. Se quisermos que alguém nos conheça, precisamos nos revelar a essa pessoa.

Beijos,
Laurel



Querido Allan Lane,

Depois da escola, a caminho de casa, a tia Amy virou para mim e perguntou:

— Você gostaria de jantar com Ralph e comigo hoje?

(Ralph, também conhecido como o homem de Jesus.)

Ele nunca aparece em casa, pelo menos quando estou lá, mas eles têm saído juntos, e o sabonete de rosa no chuveiro se transformou em um disco cada vez menor. Parece que, depois que contei sobre Sky, ela quis se abrir comigo também. Imagino que me convidar seja uma maneira de ela se aproximar de mim, então aceitei.

Quando chegamos em casa, a tia Amy foi se arrumar, passou óleo de rosa atrás da orelhas e tirou um vestido florido e desbotado do plástico da lavanderia.

Encontramos Ralph no Furr's. Achei estranho ele não ter ido nos buscar, mas não comentei. Chegamos antes e ficamos esperando na porta. Finalmente, ele entrou com um ar afetado e beijou a tia Amy no rosto. Ele estava usando um tipo de sandália, jeans, um paletó e tinha cabelo comprido, ondulado e bagunçado, como se quisesse parecer Jesus.

Ele apertou minha mão e disse:

— Você deve ser Laurel.

Tentei ser educada.

— Muito prazer — disse, com meu melhor sorriso.

Passamos pela fila dos pratos, e Ralph pegou filé de frango, carne com molho e frango frito — tudo de uma vez! Além de pão de milho, purê de batata, quiabo e três tipos de torta. E então, quando chegamos ao caixa, ele deixou a tia Amy pagar. Quer dizer, ele nem pegou a carteira nem nada assim. Nem fingiu.

Quando chegamos à mesa, enfiei a colher na gelatina e ele disse:

— Nada disso. O que você acha que está fazendo, mocinha? Nada de comer antes de rezar.

— Eu não estava comendo, estava brincando com a comida — murmurei, mas a tia Amy me olhou nervosa, então não criei caso.

Ele pegou a mão dela e a minha, abaixou a cabeça e disse:

— Senhor, abençoe o alimento que estamos prestes a receber. Em nome de Jesus, amém.

Foi a pior oração que já ouvi, ainda mais para um homem de Jesus. A tia Amy sempre diz algo relevante para o que está acontecendo, como quando fala de mim, da nossa família, de May ou faz algum agradecimento específico.

Quando começamos a comer, Ralph virou para mim e perguntou:

— Como vai a escola?

— Tudo bem.

— Esse é um período muito difícil na vida de um jovem. Um período em que o Senhor faz muitos testes.

— Sim — brinquei —, espero não ser reprovada.

Mas pelo jeito não era engraçado. Ele não riu. Nem a tia Amy. Ela ainda parecia nervosa. Finalmente, Ralph disse:

— As armadilhas do pecado não devem ser objeto de brincadeira.

Não vou entediar você com o resto, mas a coisa continuou nessa linha. Tentei manter algum tipo de conversa e entender exatamente o que ele estava fazendo ali. Acho que está hospedado em uma igreja e vai a missas para falar de suas peregrinações. A questão é que a tia Amy nem parece feliz com ele. Ela não fez nenhuma imitação do Mister Ed nem nada. Estava muito quieta. Não sei se era porque eu estava lá, mas até parecia nervosa, como se achasse que Ralph ia levantar e ir embora a qualquer minuto.

Finalmente nós nos despedimos e entramos no carro para voltar para casa. Tudo ficou em silêncio por um tempo, até pararmos num farol, e a tia Amy dizer:

— Obrigada por vir, Laurel. — Ela parou por um instante e perguntou — O que você achou dele?

— Quer que eu diga a verdade? — perguntei.

— Sim — ela disse, em voz baixa. — Claro.

— Acho que você é boa demais para ele. Quer dizer, boa demais mesmo. Tipo, ele não chega aos seus pés. Acho que só porque você ama Deus e tal não significa que precisa amar esse sujeito.

Ela não ficou brava nem nada. E manteve os olhos na estrada. E, então, finalmente disse:

— Obrigada por ser sincera. Fico agradecida.

— Fica?

— Sim.

O farol ficou verde, e ela desceu a rua, entrando na escuridão silenciosa da vizinhança. Parou na pequena casa onde viveu por muitos anos e desligou o carro, mas não desceu. Esperei para ver se ela queria dizer mais alguma coisa. Por fim, ela falou:

— Ele tem me pedido dinheiro para financiar a próxima peregrinação. Mas andei pensando e não quero dar. Eu poderia economizar para você, para a faculdade.

Era uma das coisas mais generosas que alguém já tinha dito para mim. Não só por causa do dinheiro — sei que vou precisar de uma bolsa de todo jeito. Mas porque demonstrava que ela realmente gostava de mim, e talvez que começasse a gostar de si mesma de maneira diferente. Eu não consigo nem imaginar como deve ser ficar sozinha por tanto tempo. Queria que ela tivesse alguém. Mas queria que fosse alguém que visse quem ela é de verdade.

Quando descemos do carro, perguntei:

— Quer ver *Mister Ed*?

A tia Amy sorriu e disse que sim. A música tema começou e, sem que ela precisasse pedir, fiz os cascos de cavalo na mesa e os relinchos com a boca, até ela rir.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Sempre pensei em você criança. A garotinha sapateando no ar-condicionado do cinema que ficava no deserto. A garotinha aplaudida pelo pai, que a carregou em uma noite de verão até a van. A garota que cantava para fazer os pais pararem de brigar. A garota que cantava até dormir. E então foi contratada por um estúdio de cinema, onde colocaram dentes falsos nela e disseram que não era bonita o bastante. A garota que tomava as pílulas que lhe davam, usava marias-chiquinhas e tirava uma foto depois da outra. A garota cuja voz se transformou em soluços quando cantou "Somewhere Over the Rainbow" repetidas vezes. Você estava tão cansada. Mas lhe deram mais pílulas e mandaram continuar cantando. Você continuou. Estava prestes a se tornar uma estrela, bem quando seu pai morreu. Uma garotinha com uma voz grande demais para o corpo.

Mas eu não sabia que você tinha crescido e machucado seus filhos também. Ontem vi na TV um filme sobre sua vida — uma reprise. Sei que nem tudo o que dizem na TV é verdade. Eu sei. Mas lá estava você, com suas meninas, tão pequenas quanto você era. Você as ensinou a ter coragem e cantar como você. Ensinou que aplausos são a coisa mais próxima do amor. Que as pessoas a amam pela imagem que fazem de você, não pelo que você é. E isso é triste. Você poderia ter feito diferente.

Acho que, mesmo depois de mais velha, você nunca deixou de ser a garotinha que precisava ser cuidada. Então você queria que suas próprias filhas cuidassem de você. E quando não conseguiram — como podiam? —, você as deixou, para sempre.

Às vezes eu me pergunto se foi a mesma coisa com minha mãe. Se ela começou a vida tão jovem que não conseguiu crescer. E talvez seja por isso que ela precise tanto de nós — especialmente de May.

Hoje ela ligou, e a tia Amy tentou me passar o telefone. Estou evitando minha mãe há quase três semanas. Eu disse que ligaria mais tarde, mas minha tia insistiu. Então finalmente peguei o telefone.

A conversa começou normal.

— Como você está, querida? — ela perguntou.

— Na verdade, estou muito bem.

— Está animada com o verão?

— Estou. É estranho pensar que o ano letivo está quase acabando.

E então ela disparou:

— Laurel, da última vez que conversamos, você mencionou que havia uma coisa, uma coisa que você disse à sua irmã... Estou preocupada com você.

Limpei a palma das mãos no vestido.

— Não quero falar sobre isso por telefone, mãe.

— Andei pensando no que você disse, que não estou aí para cuidar de você. E sei que você não está morrendo de vontade de vir até aqui. Mas faz muito tempo que não nos vemos. Vou voltar por alguns

meses no verão. Se não de vez, pelo menos para uma visita. Posso ficar com a tia Amy.

— Tá... — respondi. Eu não tinha certeza do que achar. — Mas você sabe que vou ter que ficar na casa do papai semana sim, semana não. Não posso simplesmente dispensá-lo porque você vai voltar.

— Sim, eu sei, querida. — E então ela disse: — Mal posso esperar para ver você.

— Eu também, mãe.

Sei que tudo o que eu queria era que minha mãe voltasse, mas agora que isso está realmente acontecendo não sei ao certo como me sinto. É como se finalmente eu tivesse me acostumado a ficar só com a tia Amy e meu pai. Além disso, estou com medo de que ela só volte para tentar arrancar a história de mim. Para que eu dê a resposta do que aconteceu com May e confirme as suspeitas de que era culpa minha. *Tudo bem, fico pensando, se ela quer saber, vou contar. E então ela pode desaparecer para sempre.* Sinto que estou melhorando sem minha mãe, mas de repente viro criança de novo, uma criança que foi esquecida em algum lugar.

Judy, você tomava as pílulas que o estúdio mandava. As pílulas que o médico dava. Você começou tão cedo que nunca conseguiu parar e, então, morreu. Fico pensando que há pessoas que realmente amadurecem. Vejo você em *O mágico de Oz*, na estrada de tijolos amarelos que devia levá-la para casa, e sei que você sempre quis chegar lá.

*Beijos,
Laurel*



Querida Amelia,

Hoje de manhã, na escola, aconteceu uma coisa incrível. Vi Hannah parada com Natalie, pegando livros no armário. Hannah fechou o zíper da mochila dela, e eu a vi se inclinar e dar um beijo na boca de Natalie. Bem ali, na frente de todo mundo, para quem quisesse ver. Ela pegou a mão de Natalie e elas seguiram pelo corredor, passando entre os jogadores de futebol que estavam olhando, os nerds apontando, todos comentando, sussurrando e falando o que quisessem. Natalie e Hannah estavam lindas, as duas, com um brilho próprio.

Uma vez você disse que as pessoas eram tímidas demais para sobrevoar o próprio Atlântico, e acho que é verdade que a vida de todos nós é cheia de oceanos. Para Hannah, o Atlântico era enfrentar o irmão. E acho que agora que ela chegou ao outro lado, está descobrindo como pode ser forte.

Para mim, talvez o Atlântico tenha sido aprender a falar sobre as coisas, ainda que um pouco por vez. Mas acho que a grande coragem é perceber que, por mais oceanos que eu atravessasse, a verdade, simples e boba, vai sempre estar do outro lado. May estava aqui e então se foi. Eu a amava com todo o meu coração, e ela morreu. E nenhuma culpa, raiva ou saudade vai mudar isso. Existe uma nova tristeza agora, quando abro o punho que estava fechado e percebo que não há nada ali. Não sei mais como lidar com isso. Às

vezes, estou fazendo algo normal, como ficar parada no beco com meus amigos ou me preparar para dormir, e de repente a saudade surge e quase me derruba.

Mas algumas coisas ajudam. Hoje foi uma noite boa. Sky veio aqui e assistiu ao jogo de beisebol comigo e com meu pai. Meu pai ficou tão feliz quando Hannah esteve em casa que pensei em fazer isso mais vezes. E ele e Sky parecem se dar bem. Eu estava meio distraída enquanto eles falavam sobre jogadores, lances etc. Ainda está bem no começo da temporada, mas sei que os Cubs estão indo muito bem até agora. Nesse jogo em especial, eles estavam perdendo feio, então meu pai desligou tudo e disse:

— Que tal irmos lá fora jogar nossa própria partida?

É engraçado como ele se ilumina quando outras pessoas estão por perto. Talvez ache que é um sinal de que estou deixando ele entrar na minha vida, ou de que não tenho vergonha da nossa família. Ou talvez faça tempo demais que a casa fica em silêncio absoluto.

Foi uma sugestão meio maluca, porque estava quase escuro lá fora — o sol estava se pondo —, mas por que não? Então meu pai pegou as luvas velhas e uma bola e ficou arremessando para Sky e para mim. Errei várias vezes, mas meu pai me deu mais que três strikes e finalmente acertei uma tacada. Então Sky arremessou para ele, que rebateu a bola por cima do telhado! E ficou muito feliz.

— Seu velho pai não perdeu a mão! — disse enquanto corria pelo quintal, passando pelas bases imaginárias e finalmente gritando — *Home run!*

A essa altura estava quase totalmente escuro, então achamos que era um bom momento para encerrar o jogo. Meu pai foi para a cama, e seu humor estava tão bom que nem expulsou Sky antes de dar boa-noite. Sky entrou no quarto comigo, e nós sentamos na cama.

— Seu pai é muito legal. A gente devia passar mais tempo com ele.

— Ele gosta de você. Acho que ficou feliz por você estar aqui.

— Ah, é?

— É. Obrigada por vir.

— Claro. — Ele sorriu.

Encostei no travesseiro. E disse:

— Então, minha mãe vai voltar. No próximo fim de semana. Ela vai ficar pelo menos durante o verão.

— Uau. Você está feliz?

— Não sei. Quero ficar, mas é como se eu não confiasse nela.

Ele assentiu.

— Eu entendo. Quando nossos pais dão o fora, é bem difícil perdoar.

Sky deitou ao meu lado, e coloquei a mão no peito dele.

— Seu pai era legal enquanto estava por perto? — perguntei.

— Não muito. Ele tinha momentos, mas não muito.
— Sky parou e então disparou: — Não sei o que vai acontecer com minha mãe depois do ano que vem, se eu quiser ir para a faculdade ou algo assim. Às vezes fico com medo de agir como ele. De ser a pessoa que vai embora.

Olhei para ele.

— Você é melhor que seu pai. Mas talvez não caiba a você compensar a ausência dele.

O lábio de Sky que fica um pouco para a esquerda se endireitou quando falei aquilo. Ele estava pensando no assunto.

Ficamos deitados lado a lado na cama, quietos por um tempo, olhando para as marcas no teto, que estavam ganhando forma. Me lembrei de quando deitava no beliche de cima, a cama de May, e olhava para o teto, tentando não dormir para ver se ela sairia para voar.

— Veja — falei para Sky, apontando para cima. — É um rosto. Metade garota, metade fantasma. Dá para ver onde está a divisão; ela só tem cabelo comprido de um lado. — Apontei para onde a tinta formava os cabelos. — E aquilo é a mão de alguém. Pertence ao homem que vive dentro da parede. Ele coleta gotas de chuva. Quer sair e entregá-las para a garota-fantasma. Ela vai lutar contra o espírito dentro de si. E depois eles vão sair juntos e nadar no mar ali daquele lado — apontei.

Sky riu e passou o rosto no meu pescoço. Estendi a mão e acariciei a cabeça dele. Naquele momento, eu

o vi como um garotinho, como nunca tinha visto antes. Talvez tenha sido por eu me sentir mais forte agora, forte o bastante para abraçá-lo.

Nós não nos beijamos nem nada. Só ficamos deitados juntos, respirando. Senti que algo entre nós mudou de posição, como as placas tectônicas da Terra. Você acha que conhece alguém, mas essa pessoa sempre muda, e você também está em transformação. De repente entendi que estar vivo é isso. Nossas próprias placas invisíveis se movem em nosso corpo, e se alinham à pessoa que vamos nos tornar.

*Beijos,
Laurel*



Querida Elizabeth Bishop,

Na escola, todos estão animados com o verão, que começa em uma semana e meia. Hoje, depois da aula, fui até a mesa da sra. Buster. Eu nunca tinha ido procurá-la, era sempre ela que me chamava para conversar. Mas tinha uma coisa que eu queria dizer.

— Sabe o trabalho do começo do ano? A carta? — perguntei.

— Sim? — Ela pareceu surpresa.

— Bom, ainda estou fazendo. — E então acrescentei — Na verdade, estou trabalhando nisso desde aquela época. Tenho um caderno inteiro de cartas. Só queria que você soubesse.

— Ah, fico muito feliz em ouvir isso, Laurel. — Ela se iluminou quando contei, mas continuou olhando para mim daquele jeito, como se esperasse algo mais. Como se quisesse ouvir alguma coisa sobre May.

Depois, finalmente perguntei:

— Quando May foi sua aluna, como ela era?

— Ela parecia uma garota lutando para descobrir quem era, como você. E era brilhante. Tinha muito potencial. Acho que você também tem. — A sra. Buster fez uma pausa e então disse: — Sei como é perder alguém, Laurel.

— Sabe? — perguntei.

— Sim. Meu filho morreu.

— Nossa. Sinto muito. — Procurei algo melhor para dizer. Meu peito ficou apertado de pensar que aquilo

tinha acontecido com a sra. Buster. — Quando... quando foi?

— Ele era pequeno — disse a sra. Buster. — Foi num acidente de carro.

Fiquei olhando os grandes olhos azuis dela, que não pareciam mais esbugalhados. Pareciam tristes. Foi como se, de repente, ela tivesse passado de professora a pessoa. Às vezes penso que sou a única que já perdeu alguém. Mas não sou.

— Sinto muito — repeti. — E sinto muito não ter sido mais legal este ano. Acho que você é uma ótima professora. Amei as poesias que você trouxe. E sinto... sinto muito, de verdade. Gostaria de dizer algo bom. Acho que não há palavras para isso, não é?

— Existem muitas experiências humanas que desafiam os limites da linguagem — ela disse. — É um dos motivos da poesia. — Ela sorriu. — Aqui. — Então pegou algo na mesa. — Eu queria lhe dar isso. Como você parece gostar tanto de Bishop, fiz uma cópia para você no começo do ano. Mas, bom, talvez você ainda não estivesse pronta.

Peguei o poema.

— Obrigada.

Então ela disse:

— Estou orgulhosa de você. Não é fácil, e você fez um ótimo trabalho este ano. — Ela não precisava ser tão gentil comigo, mas foi.

Agradei de novo pelo poema. Estava ansiosa para ler, então encontrei um banco do lado de fora da sala e sentei antes de ir almoçar. Era o poema "O tatu".

Amei tanto que meu coração quase parou. E sei por que a sra. Buster escolheu esse. Era sobre um tipo de beleza frágil a que aspiramos. Começa tratando de balões que as pessoas soltam "... e se enchem de uma luz avermelhada/ que pulsa, como um coração" quando sobem ao céu. Quando o ar está parado, vão "rumo às varetas cruzadas/ de pipa estelar do Cruzeiro", mas, com o vento, se tornam perigosos. O fim do poema revela a tragédia que acontece.

*Ontem caiu um grande aqui perto
na encosta de pedra nua.
Quebrou como um ovo de fogo.
As chamas desceram. Vimos duas*

*corujas fugindo do ninho,
os dorsos das asas ariscas
tingidas de um rosa vivo,
guinchando até sumirem de vista.*

*O velho ninho se incendiara.
Sozinho, em polvorosa,
um tatu reluzente fugiu,
cabisbaixo, salpicado de rosa,*

*depois um ser de orelhas curtas,
por estranho que pareça, um coelho.
Tão macio! — pura cinza intangível
com olhos fixos, depois pontos vermelhos.*

*Ah, mimetismo frágil, onírico!
Fogo caindo, um escarcéu
e um punho cerrado, ignorante
e débil, voltado contra o céu!*

Eu não conseguia parar de pensar nisso, nossos corações vermelhos tentando chegar até as estrelas — e que, com o vento errado, podemos cair. Não tenho certeza se foi isso que você quis dizer com o poema, mas me fez pensar que todos temos partes dentro de nós. Acho que talvez todos tenhamos tanto os balões quanto os animais frágeis que podem ser feridos por eles. É fácil se sentir como o coelho paralisado pelo terror. E é fácil se sentir como os balões, ao sabor do vento, subindo até sumir de vista ou pegando fogo. Sendo levados em uma direção ou outra.

E existe uma terceira coisa no poema: sua voz. A de quem viu. Quem viu e testemunhou, quem transformou a dor e o terror nessa bela lírica. Então, quando conseguimos dizer as coisas, quando conseguimos escrever as palavras, quando conseguimos expressar a sensação, talvez não estejamos tão indefesos.

Depois de ler o poema hoje pensei que talvez eu também queira ser escritora. Mesmo achando que nunca vá escrever um poema tão bom quanto o seu, talvez eu possa fazer algo com meus sentimentos, mesmo os de tristeza, medo ou raiva. Talvez ao contar as histórias, por pior que sejam, não deixemos

de pertencer a elas. Elas se tornam nossas. E talvez amadurecer signifique que você não precisa ser uma personagem seguindo um roteiro. É saber que você pode ser a autora.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy,

Minha mãe chegou quatro dias atrás. Claro que ela tinha que chegar no último fim de semana antes de as aulas acabarem. Parte de mim gostaria de estar com meus amigos, mas eu estava no aeroporto com a tia Amy, esperando sentada e vendo as malas na esteira, nervosa e amassando o vestido.

Então vi minha mãe descer pelo elevador como se chegasse de outra vida. Ela ficava trocando a bolsa de um ombro para o outro, a mesma bolsa em que levava guloseimas para comer escondido no cinema quando éramos crianças. Seu cabelo castanho-claro estava preso. Quando seus olhos encontraram os meus, ela acenou e abriu um grande sorriso. Então tivemos um momento desconfortável, pois ainda não estávamos perto o bastante para dizer alguma coisa. Não sei se eu devia correr para abraçá-la, mas fiquei congelada.

Quando ela estava de pé diante de mim, levantei e deixei que me puxasse para si. Ela tinha o mesmo cheiro, de amaciante e do perfume de lavanda que sempre passa atrás da orelha, e mais alguma coisa — um cheiro de conforto, de pegar no sono.

— Laurel — ela disse. — Senti tantas saudades.

— Eu também, mãe.

Então ela e a tia Amy se abraçaram, e ficamos paradas, esperando a mala da minha mãe e falando sobre amenidades, meio desconfortáveis. Ela

perguntou sobre a escola e se eu estava empolgada que estivesse quase acabando; eu perguntei como tinha sido o voo. Como se não tivéssemos ficado um ano sem nos vermos. Parecia que havia um precipício entre nós, o tempo que havia passado.

E continuou assim por uns dias. Como se estivéssemos naquele espaço do aeroporto. Não nos sentíamos mais em casa nem tínhamos ido a outro lugar. Na maior parte do tempo, fiquei no quarto, estudando para as provas finais, e minha mãe se manteve ocupada, como se compensasse um ano de funções maternas perdidas. Ela preparou waffles para o café da manhã, sanduíches com pão perfeitamente torrado e fez suas famosas enchiladas para a tia Amy e para mim no jantar. Minha tia não parou de falar, na verdade. Ela contou como eu estava indo bem em ciências e discursou sobre como minha mãe criou uma boa filha, porque eu sempre ajudava com a louça. Minha mãe fez as perguntas mais básicas. “Qual foi sua matéria favorita este ano?” Parecia que estávamos pisando em ovos. Passamos três dias inteiros sem tocar no nome de May.

E então, hoje de manhã, enquanto minha mãe servia um waffle para mim, com a calda distribuída nos quadrados, eu disse:

— Sem querer ofender, mãe, está tudo ótimo e tal, mas eu agora como cereal no café da manhã. Quer dizer, tive que fazer todas essas coisas sem você por um ano. Não adianta se esforçar para ser a melhor mãe do mundo.

Os olhos dela encheram de lágrimas, e imediatamente me senti mal.

— Estou tentando, Laurel — ela disse.

— Eu sei — eu disse, com cuidado, e comecei a cortar o waffle seguindo as linhas.

Mas era estranho. Se isso tudo era tão importante, como ela tinha ficado tanto tempo longe?

Minha mãe enxugou os olhos e disse:

— Tive uma ideia. Quer sair para jantar hoje? Só nós duas?

Concordei. Então, depois da aula, minha mãe e eu fomos para o 66 Diner e pedimos hambúrguer, batata frita e milk-shake de morango. Eu estava me esforçando.

— Como é lá no rancho? — perguntei.

— É bonito. E calmo.

Eu ainda não conseguia imaginar.

— Tem palmeiras e tal?

Minha mãe riu um pouco.

— Não, no rancho, não. Mas na cidade tem.

— Hum — exclamei, tomando meu milk-shake. — Você foi para Los Angeles?

— Fui. Pela primeira vez na vida.

— E fez o que lá?

— Bom, fui ver a Calçada da Fama. Procurei a estrela de Judy Garland. Eu queria pisar nela.

— Foi legal?

— Não sei. Na verdade, foi um pouco estranho. Você pensa na Calçada da Fama... Bom, eu pelo menos sempre pensei, quando sonhava em ser atriz... E

imagina que é brilhante e resplandecente. Mas é só uma estrela na calçada. Onde as pessoas passam. Ao lado de um estacionamento. — Ela pareceu um pouco decepcionada quando contou isso, como uma criança que descobre que o Papai Noel não existe.

— Devíamos procurar uma estrela no céu — eu disse a ela — para dar o nome de Judy.

Minha mãe sorriu.

— Vamos fazer isso.

Ficamos em silêncio por um momento. Mergulhei uma batata no ketchup e mordei.

Finalmente, minha mãe levantou os olhos do prato e disse:

— Laurel, devo desculpas a você. Desculpe por ter ficado tanto tempo longe.

Eu não sabia o que dizer. “Está tudo bem”? Não estava. Mas eu queria ser honesta.

— Sim, foi difícil — respondi. — Quer dizer, sei que você foi embora porque estava brava comigo. Sei que acha que é minha culpa e que partiu por isso. É só dizer.

— O quê? Laurel, não. Eu não acho que é sua culpa. De onde você tirou essa ideia?

— Você foi embora — respondi. — Achei que fosse esse o motivo.

— Laurel, se eu fui embora por culpa de alguém, foi pela minha própria culpa, não sua. Eu devo... devo ser a pior mãe do mundo. — A voz dela começou a falhar. — Como pude deixar isso acontecer? Como perdi sua irmã?

Eu não imaginava que minha mãe se sentia culpada também.

— Mas, mãe — eu disse, pegando a mão dela —, não foi culpa sua.

— Foi, sim. Eu devia protegê-la. E não protegi.

— Bom — falei, com delicadeza —, talvez você não soubesse como.

Minha mãe balançou a cabeça.

— É que, quando eram pequenas, vocês precisavam de mim. Eu era o sol em torno do qual vocês orbitavam. Mas, conforme vocês cresceram e a órbita se tornou maior, eu não sabia mais meu lugar no universo de vocês. *É assim mesmo. Elas estão crescendo*, pensei. Achei que o melhor que eu podia fazer era tentar não manter a rédea muito curta. Vocês duas eram minha razão de viver.

— E o papai? — perguntei. — Por que você não o amava mais?

— Eu sempre vou amar seu pai, mas nos casamos tão jovens, Laurel. Quando May começou a ter uma vida mais independente, e você também, eu... eu não sabia mais quem eu era. E começamos a ter mais problemas. Parecia que tínhamos tão pouco em comum, além das nossas filhas. Mas eu não devia ter me separado dele. Acho que May nunca me perdoou.

Minha mãe estava tremendo. Ela olhou para o hambúrguer, no qual só tinha dado uma mordida. Parecia frágil, uma menina. Vi por que May achava que precisava manter todas as coisas difíceis em segredo.

— E olhe para você — ela disse. — Você está indo tão bem. Não consigo deixar de pensar que eu estava certa. Que você estava melhor sem mim.

— Mãe — respondi. — Eu te amo, mas isso é idiotice. Ainda preciso de você.

— Você quer me contar, Laurel? Quer me contar o que aconteceu?

Pronto. Eu sabia. Não consegui conter a onda de fúria que tomou conta de mim.

— É por isso que você está aqui na verdade, não é? Para finalmente descobrir? Para ter uma resposta? Para se sentir melhor?

— Não! Não. Quero que você saiba que pode conversar comigo.

— Bom, eu não quero. Não sobre isso. Podemos falar sobre outra coisa.

Ela olhou para mim como se tivesse levado uma facada no coração.

— Tudo bem, mãe. Escuta. Lembra quando a gente ia ao cinema, às sextas? Na verdade May estava saindo com um cara mais velho. E ia embora com ele. Ela achava que eu ia ao cinema com um amigo dele que deveria cuidar de mim, mas esse cara me molestava no carro. Quando tentei contar para May naquela noite, ela já estava bêbada e ficou muito triste. Então, quando levantou, estava fingendo ser uma fada e escorregou, tropeçou, caiu da ponte ou algo assim. Pronto. Agora você pode voltar para a Califórnia.

Levantei da mesa e saí andando. Eu estava chorando no estacionamento e me odiando por chorar, por ser tão dura com minha mãe e por tudo. Era para ter sentido um alívio ao falar daquilo. Mas não. Eu estava olhando para o céu com os olhos embaçados, tentando encontrar você, encontrar May, encontrar algum sinal de que as coisas não eram tão solitárias quanto pareciam.

E então minha mãe surgiu. Ela também estava chorando, mas dava para ver que estava tentando se controlar. Ela me abraçou.

— Eu sinto muito, Laurel. Sinto muito por ter deixado isso acontecer com você.

E não sei o que foi, o fato de ela estar com o cheiro de sempre ou a maneira como acariciou minha cabeça, como fazia quando eu era criança e me colocava para dormir, mas me senti pequena de novo, deitei a cabeça no peito dela e soluzei. Eu não era a mesma pessoa. Mas ela ainda era minha mãe. E a lembrança daquela sensação de ter uma mãe tomou conta.

As pessoas podem ir embora e podem voltar. Algo simples, óbvio. Mas, quando me dei conta disso, pareceu importante. Minha mãe não era perfeita. E nem sempre cuidava de mim. Mas não tinha me abandonado definitivamente.

Quando parei de chorar, olhei para o céu e apontei para a estrela no meio do Cinturão de Órion.

— Aquela — mostrei para minha mãe. — Aquela é a estrela de Judy Garland. — E então apontei para outra

na ponta da Ursa Maior. — E vamos dar aquela para
May.

*Beijos,
Laurel*



Queridos Kurt, Judy, Elizabeth, Amelia, River, Janis, Jim, Amy, Heath, Allan, E. E. e John,

Escrevo para agradecer a todos vocês, porque acho que esta vai ser a última carta. Parece ser a coisa certa. Ontem foi o último dia de aula. Quando o último sinal tocou, os corredores viraram uma festa. Passei pelos gritos e pelos vivas e fui até o beco encontrar meus amigos. O ar pairava enigmático, não sabíamos se devíamos ficar tristes ou festejar; então, quando Tristan chegou, ele foi até Kristen, deu um tapinha na bunda dela e disse:

— Como vai minha gata de Nova York?

Ela sorriu. Para eles, era realmente o último dia na escola. Tristan disse que isso era motivo para comemorar, e Kristen concordou.

Então todos nós fomos para a casa dela, e ele fez um montinho com os gravetos do jardim e colocou fogo com o acendedor de cozinha. Seria como no Ano-Novo, mas desta vez íamos queimar as coisas que queríamos deixar para trás. Tristan pegou objetos que estavam em seu armário e sua mochila — provas de álgebra, relatórios e avaliações com nota vermelha — e começou a colocar fogo neles. Então pegou um trabalho de inglês, em que tirou A, chamado “Perdi o paraíso”. Antes que jogasse no fogo, Kristen pegou o trabalho e disse:

— Vou ficar com ele.

— Você quer meu trabalho de inglês, linda?

— Quero, ficou muito bom.

Tristan olhou para ela por um momento e sorriu.

— Tá. Bom, quem é o próximo? Com certeza não sou o único com alguma coisa para queimar! — A pequena fogueira estava crescendo, comendo as folhas. O sol estava baixo e da mesma cor do fogo.

Hannah jogou provas, depois flores secas, cartas de garotos e, então, olhou para Natalie por sobre o ombro. O fogo iluminou o rosto das duas, e Natalie sorriu de volta. Kristen jogou fotos de Nova York que estavam em seu armário, porque, agora estava indo para lá de verdade, não era mais só um sonho.

Eu queria ser a próxima e pensei no caderno cheio de cartas para todos vocês. Pensei em como elas ficariam, queimando no fogo. Imaginei se a chama as levaria até vocês, onde quer que estejam.

Mas, quando peguei o caderno, não consegui. Em algum lugar, nas cartas para vocês, estava uma história que contei. Algo verdadeiro. Então decidi entregar para a sra. Buster. A escola continua aberta por alguns dias para os professores terminarem de corrigir provas e dar notas, então, amanhã ou depois, vou deixar o caderno no escaninho dela. Por alguma razão, talvez por ela ter me dado essa tarefa, quero que leia o que escrevi.

Então, em vez de queimar o caderno todo, peguei a última página em branco e a joguei no fogo. Fiquei olhando a folha, suas linhas azuis queimando. Aquilo me fez chorar por todos vocês que deveriam ter vivido mais tempo. E por May.

Depois que a fogueira consumiu a folha inteira, todo mundo ficou olhando para mim.

— Sinto falta da minha irmã — foi tudo o que eu disse. E foi bom dizer aquilo em voz alta. Hannah colocou o braço em volta de mim e limpou as lágrimas dos meus olhos. — Ela teria amado vocês — continuei.

— Se ela tinha alguma coisa a ver com você, nós também teríamos amado sua irmã — Tristan disse e sorriu.

Quando o momento passou, olhamos para baixo e notamos que o fogo ainda estava forte, então Tristan buscou a mangueira do jardim e o apagou. Ele molhou Kristen e a fez gritar, então espirrou água em todo mundo, e nós o atacamos para pegar a mangueira e jogar água nele. Todo mundo ficou molhado, mas ninguém se importou, porque estava quente naquela noite de verão.

Quando o sol se pôs no horizonte, sentamos no deque, e mandei uma mensagem para Sky, perguntando se ele queria nos encontrar. Quando vi a caminhonete chegar, meu coração disparou. Mesmo sendo começo de verão, ele se aproximou usando aquela jaqueta de couro. Estava tão lindo quanto no primeiro dia em que o vi, ou mais ainda, porque agora eu o conhecia.

Ele sentou conosco, e o céu se abriu, como acontece no verão, para deixar uma tempestade passar. Ficamos olhando por um tempo, Kristen abriu uma garrafa de espumante dos pais, e brindamos a nós. Dei um gole, mas dei o resto para Tristan.

Então eu disse:

— Ei, Tristan?

— Sim, docinho?

— Acho que no ano que vem, na faculdade, você devia montar uma banda.

Ele esboçou um sorriso.

— Você tem razão. Eu devia.

— Você devia chamá-la de Estranhos Normais.

Ele riu.

— Adorei.

Ficamos em silêncio. Então ele disse:

— Bom, não precisamos esperar até a faculdade, certo? — Então virou para Hannah e emendou: — Vamos tocar uma música juntos ou o quê?

Um brilho surgiu nos olhos dela. Provavelmente era a primeira vez que cantava na frente de mais pessoas, além de Natalie e eu. Ela engoliu em seco e assentiu. Fomos atrás de Tristan, que pegou o violão, sentamos na sala e puxamos um banco para Hannah.

— O que vamos cantar? — ele perguntou.

Hannah secou a palma das mãos no vestido e pensou por um minuto. Então respondeu:

— “Sweet Child O’ Mine”—, que tinha sido nossa música de Ano-Novo.

Tristan sorriu e imediatamente começou aqueles primeiros acordes que ecoam pelo corpo. A voz de Hannah tremeu por um instante, surgindo devagar, mas foi cantando cada vez mais alto, até que a música vertesse dela. Ela olhava para Natalie enquanto cantava. Tristan olhava para Kristen

enquanto dedilhava o violão e cantava junto com Hannah. E eu olhei para Sky.

Peguei a mão dele e sussurrei:

— Quero muito beijar você.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos, e foi um beijo diferente de todos os outros. Eu não me senti mais como uma luz para a qual ele estava atraído, como a luz de um poste nem como a lua. Parecia que nós dois tínhamos o sol dentro de nós. Nossa própria maneira de nos manter aquecidos. E quando nossos corpos se juntaram foi a coisa mais intensa que já senti.

Quando Tristan e Hannah estavam chegando ao fim da música, todos nós estávamos pulando e gritando junto "*Where do we go now?*". Hannah vibrava, e Tristan tocou o fim de novo. Não consigo descrever a sensação de estar ali naquele momento, tão próximos, misturando onde estávamos e onde queríamos estar.

Às vezes, quando falamos, ouvimos o silêncio. Ou apenas ecos. Como gritos vindos de dentro. E isso é muito solitário, só acontece quando não estamos ouvindo de verdade. Significa que ainda não estávamos prontos para ouvir. Porque toda vez que falamos, há uma voz. Existe o mundo que responde.

Quando escrevi as primeiras cartas para vocês, encontrei minha voz. E quando minha voz surgiu, algo respondeu. Não em uma carta. Como uma canção. Como uma história contada na tela do cinema. Uma

flor que surge na rachadura da calçada. O voo de uma mariposa. A lua quase cheia.

Sei que escrevi cartas para pessoas sem endereço neste mundo. Sei que vocês estão mortos. Mas posso ouvir vocês. Ouço todos vocês. *Nós estivemos aqui. Nossa vida teve valor.*

*Beijos,
Laurel*

————— EPÍLOGO —————

Querida May,

Na noite passada, sonhei com você. Eu a vi andando pelos trilhos, seus braços iluminados pela lua, equilibrando-se com asas brancas. Vi você virar e olhar para mim. Senti seus olhos encontrarem os meus. Vi você cair. E vi você pairar ali, no ar, flutuando. Implorei para mim mesma para me mover. Mas não consegui. Meus pés estavam presos. Pensei que você estava me esperando. Ainda havia uma chance. Se eu conseguisse andar, poderia pegar sua mão e puxar você de volta. Mas meu corpo estava paralisado. Tentei com toda a força, mas levantar o pé era tão impossível quanto arrastar uma montanha. Foi a pior sensação. Eu estava em pânico, tentando alcançar você.

Então ouvi você sussurrar quando virou de costas para mim.

— Laurel. Olha.

Foi quando vi. Vi você abrir as asas. Eu as vi, finas como papel, mas mais fortes do que tudo, brilhando como água. Não estavam quebradas. Estavam levando você pelo céu. Você foi ficando menor, até se tornar um pequeno ponto de luz, como uma estrela. E eu sabia que você estava lá. E em toda parte.

Quando acordei, fui para o seu quarto. Com exceção das suas roupas que peguei emprestadas (mas que sempre devolvia) e do pôster do Nirvana que arranquei da parede (desculpa), tudo estava no

mesmo lugar de quando fomos ao cinema. Sentei na cama por um momento. E peguei algumas das velas para acender em meu quarto, e sua coleção de conchas, que eu queria espalhar sobre a escrivaninha. Desta vez, eu não estava com medo de mexer nas coisas nem de encontrar novos lugares para elas. Meu quarto também continua praticamente igual, desde que você se mudou quando começou o ensino médio. Agora quero que fique mais parecido comigo. Quero que tenha algumas coisas suas, junto com outras coisas, como o disco da Janis Joplin que Kristen me deu antes de ir para Nova York, o coração que Sky entalhou para mim no Natal e as estrelas que brilham no escuro que estão no quarto desde que éramos crianças.

Olhando para sua estante, encontrei um livro de E. E. Cummings. Havia uma marcação, que você fez no terceiro ano. Estava escrito MAY em cola com glitter azul. Li o poema que você marcou e, para ser sincera, era tão lindo que comecei a chorar. Amei tudo, mas o final é o melhor: "eu levo o seu coração (eu o levo no meu coração)".

Levei o livro para o meu quarto. Li o poema várias vezes e, de alguma maneira, tive certeza de que você o deixou marcado para que eu visse. Eu sabia que devia encontrá-lo. May, eu levo você comigo.

Mas isso não muda como sinto sua falta. Toda vez que alguma coisa acontece, qualquer coisa, eu gostaria de contar a você. Sky e eu voltamos. Às vezes minha mente dispara e fico preocupada com o

que vai acontecer no ano que vem, quando ele for para a faculdade. Mas tento respirar fundo e pensar no agora. No verão, arrumei meu primeiro emprego, na lanchonete da piscina pública. Às vezes, minhas amigas Natalie e Hannah vão me ver no fim da tarde, quando saio. Hannah lê revistas, Natalie desenha, e nós bebemos refrigerante e comemos salgadinhos. Elas nunca entram na água, mas eu continuo amando nadar como sempre amei. Amo como empurro a água, mas ela sempre volta. Também encontro Janey às vezes. Você ficaria surpresa se a visse agora. Ela vai à piscina com o namorado e usa um biquíni rosa e branco de bolinhas. Foi estranho no começo, porque ela estava brava comigo por desaparecer depois que você morreu. Mas está melhorando. Às vezes ela senta comigo, com Natalie e Hannah. Hoje estávamos falando sobre aquela vez em que você nos ensinou a virar cambalhota do trampolim. Nós duas estávamos apavoradas, até você fazer parecer fácil.

Este ano, escrevi um monte de cartas, e elas me ajudaram muito. Quando finalmente entreguei tudo para minha professora (deixei no escaninho dela na escola), ela me chamou para dizer que estava orgulhosa de mim. Eu agradei por ler as cartas. E então ela disse que eu precisava de ajuda para lidar com tudo. Mas eu disse a ela que a mamãe e o papai já me colocaram na terapia. A terapeuta é legal e conversa comigo como se eu fosse adulta. Conte para a mamãe o que aconteceu quando ela voltou da Califórnia, e ela contou para o papai.

— Desculpe termos falhado com você, Laurel — ele disse. — Sinto muito por termos falhado com sua irmã também.

Ele parecia ter levado um tiro no coração. Eu só o abracei. Não sabia o que mais fazer.

May, agora eu percebo que não é que eu não deveria ter tentado contar para você sobre Billy. É que eu deveria ter contado antes, e talvez assim você pudesse ter dividido as coisas comigo também. E nenhuma de nós teria voltado ali. Acho que, se você ainda estivesse aqui, nos ajudaríamos. Acho que você teria se afastado dos problemas que tinha, e tudo em você continuaria brilhando. Não posso trazer você de volta. Mas eu me perdoei. E perdoei você. May, eu amo você com tudo o que sou. Por muito tempo, eu só queria ser como você. Mas precisava descobrir que também sou alguém, e agora posso levar você, seu coração com o meu, aonde quer que eu vá.

Hoje decidi fazer uma coisa. Sabia que tinha chegado a hora. Depois de revirar seu quarto, fui procurar o papai, que estava ouvindo jogos de beisebol, como sempre. Ele abaixou o volume quando entrei.

— Como está o jogo dos Cubs?

— Três strikes no começo. Cruze os dedos.

Sorri e mostrei que meus dedos estavam realmente cruzados. Então falei:

— Pai?

— Laurel? — ele brincou.

— Quero espalhar as cinzas da May.

Ele não esperava ouvir isso. E engoliu em seco. Então tentou se recuperar.

— Bom. Em que você está pensando?

— Acho que no rio.

Sei que eu poderia ter guardado suas cinzas para jogar no oceano, mas eu queria que você fizesse a viagem, com todas as correntes, até o mar aberto. E sei que quando eu finalmente vir as ondas lavando a costa, quando ouvir o barulho, vou sentir você ali.

O papai disse:

— Tá. Acho que é uma boa ideia.

— Podemos ir? — perguntei.

— Agora? — A voz dele deu um salto.

Fiz que sim.

— E precisamos pegar a mamãe.

Ele engoliu em seco.

— Tudo bem — respondeu e levantou.

O jogo ainda estava rolando ao fundo, como um burburinho.

Liguei para a mamãe na casa da tia Amy, onde ela estava hospedada. Quando disse que estávamos a caminho, ela não discutiu nem fez perguntas. Só disse:

— Certo.

Naquela tarde, a tia Amy tinha saído com um sujeito chamado Fred, que ela conheceu na igreja e que é bastante gentil, muito melhor que o homem de Jesus. Eu o apelidei secretamente de Mister Ed, porque ele tem cabelo branco e comprido, usa um belo rabo e tem nariz de cavalo.

No carro, no banco da frente, a mamãe e o papai não se falaram. Eu estava no banco de trás, segurando o pote com as cinzas, notando como era pesado e pensando no conteúdo. O que sobrou do seu corpo — que um dia foi uma garota com as escápulas à mostra, rindo, a garota galopando num cavalo imaginário, a garota dormindo com o vestido de lantejoula — agora estava ali. Pó de osso. Mas, até aí, eu sabia que não era mais você. Você estava em um lugar maior.

Depois de estacionar em nosso canto, a mamãe e o papai me acompanharam até os trilhos. E, quando eu passei por ali, vi o mesmo lugar de sempre, de quando você estava viva. O lugar que descobrimos quando íamos passear com eles, nós duas correndo na frente, em direção ao céu. O lugar onde passamos horas sentadas, conversando e jogando gravetos no rio para ver qual desaparecia primeiro. O rio que amávamos em todas as estações estava correndo devagar, pois é verão. Ofereci o pote primeiro para a mamãe, que pegou um pouco das cinzas com as mãos. Quando soltou, os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela se aproximou de mim quando passou o pote para o papai. Ele espalhou um punhado e disse:

— May, esta é sua terra.

Lembra? A música que ele cantava para nós? “Da Califórnia à ilha de Nova York, das florestas de sequoias às águas do golfo.” Ele tinha razão. Esta terra é sua, por inteiro. Você está em todo lugar aqui. Em todo o mundo enorme com que sonhamos.

Quando o papai me passou o pote, despejei o restante das cinzas e fiquei vendo o vento levá-las até a água. Alguns pedaços pequenos ainda ficaram presos no meu dedo.

— Ela está livre agora.

E então o papai começou a soluçar como uma criança. Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Fui abraçá-lo. A mamãe se manteve afastada, mas acabou se aproximando, e os três corpos ficaram ali tremendo juntos.

Quando se acalmou, ele bagunçou meu cabelo e disse:

— Eu te amo, Laurel.

— Eu também te amo, pai.

— Você cresceu, mas ainda é nossa menina — disse a mamãe. Os olhos dela encontraram os do papai, e eles ficaram se olhando por um instante. — Temos orgulho de você. Sua irmã também.

Sorri para eles e perguntei:

— Vamos ver que graveto some primeiro?

Os dois riram. O papai disse:

— Faz anos que não penso nesse jogo.

— May e eu jogávamos sempre depois que você nos ensinou. Vamos escolher um graveto para ela também.

Atravessamos os trilhos para chegar à floresta e procurar gravetos. Mamãe escolheu um com um belo nó na madeira. O do papai parecia uma bengala. Escolhi um com a casca ainda presa para mim e

peguei um liso para você, reto e forte. Voltamos para a ponte, nos debruçamos na beira, e o papai contou:

— Um, dois, três, já.

Quando corremos para o outro lado para ver, o seu tinha ganhado! Eu disse a eles que era porque você estava correndo para chegar ao mar.

Imaginei seu graveto sendo levado pelas ondas por centenas de anos, se transformando em madeira flutuante, lisa e dura como pedra. Imaginei uma garotinha o encontrando em alguma praia tempos depois. Ela vai guardá-lo na prateleira onde coloca as coisas que a fazem sentir que o mundo é mágico.

May, decidi que talvez eu queira ser poeta quando crescer. O que é basicamente agora, porque acho que crescer é isto. Então, nesta semana escrevi meu primeiro poema. Para você. Antes de irmos embora da ponte, eu o li em voz alta para você.

“Uma carta de amor à minha irmã”

Um fantasma não pode abrir um envelope. No entanto, eu dedico

este poema a você — estou guardando este mundo para você.

Corre a água do rio. Campos se enchem de dourado.
Maças mordidas. *Um fantasma não consegue*

abrir um envelope. Um fantasma não pode correr.

A estrada percorre sua distância eterna.

Duas garotas param na ponte, para ver.
As folhas do outono não caem com violência.

A primavera dura para sempre, depois de uma
tempestade.

Estou abrindo este envelope para você.

Uma flor azul. Um saco de papel contém uma vela.
Estou deixando o mundo me abrir.

Uma folha cai. Uma mancha de grafite
leva a uma garota de vestido vermelho.

*Estou lendo as cartas que você queria que eu
encontrasse.*

Espero que você abra os envelopes,

então estou abrindo o mundo dentro de mim.

Estou mandando minhas cartas para você.

O rio corre para o oceano.
O oceano soa infinito.

Somos grandes o bastante para ouvir.
Nós duas.

*Com todo o meu amor,
Sua irmã,
Laurel*

— AGRADECIMENTOS —

Quando eu penso que *Cartas de amor aos mortos* é agora um livro que existe não só na minha cabeça, no meu coração e na tela do meu computador, mas no mundo, agradecer é pouco. Mando meu mais sincero e profundo *muito obrigada!* a todo mundo que contribuiu para isso acontecer.

A Stephen Chbosky, meu querido amigo e mentor, que disse que eu deveria escrever um livro e depois me deu seu apoio inestimável: agradeço por me deixar ajudar a contar suas histórias, e por me ensinar a contar as minhas.

A Liz Maccie, que foi a primeira pessoa a ler a primeira versão deste livro: agradeço por conseguir enxergar no que ele poderia se transformar e por seu amor e encorajamento constantes, que me motivaram a seguir em frente. Sua amizade é a luz que me guia.

A Hannah Davey, com quem compartilhei os primeiros dias no ensino médio, e que tem sido minha melhor amiga desde então (e que também é uma leitora incrível, ainda bem): agradeço pelas memórias que fizemos e que hoje se tornaram histórias, por ter

me contado histórias que se tornaram memórias e por crescer comigo há tanto tempo.

Doug Hall, meu amor, sou grata a você todos os dias. Obrigada não só por me ajudar a me transformar em uma escritora melhor, mas por me ajudar a me transformar em quem eu deveria ser para terminar de escrever este livro.

Tive a imensa sorte de poder trabalhar com a brilhante Joy Peskin, que é a editora dos sonhos e tratou Laurel, sua família e seus amigos da maneira mais generosa e atenciosa possível. Joy, obrigada por ver o que eu tinha escondido e me ajudar a trazê-lo à página e à luz.

Ao meu maravilhoso agente, Richard Florest, agradeço por ter acreditado nesta história desde o início e por ter lutado por ela com tanto cuidado e compaixão o tempo todo. Um livro não poderia ter um amigo melhor.

À equipe da FSG: fiquei impressionada com todos vocês, e agradeço muito por terem abraçado esta história e emprestado a ela seus corações e mentes invejáveis. Agradeço especialmente a Katie Fee, Molly Brouillette, Caitlin Sweeny, Holly Hunnicutt e Andrew Arnold por tudo o que fizeram para trazer *Cartas de amor aos mortos* ao mundo.

Aos meus amigos e primeiros leitores, Anat Benzvi, Kai Beverly-Whittemore, Michael Bortman, Matt Bradly, Sean Bradly, Willa Dorn, Lauren Gold, Lianne Halfon, Will Slocomb, Katie Tabb e Sarah Weiss, agradeço o apoio, o estímulo e a inspiração. Esse livro

não seria o que é sem vocês. Agradeço também a todos os meus professores no Iowa Writers' Workshop, da Universidade de Chicago, que mudaram a minha vida e tornaram este livro possível. Agradeço a Carol Hekman. E a minha madrasta, Jamie Wells, por seu apoio e sua bondade.

A Kurt Cobain, Judy Garland, Elizabeth Bishop, Amelia Earhart, River Phoenix, Janis Joplin, Jim Morrison, Amy Winehouse, Heath Ledger, Allan Lane, E. E. Cummings e John Keats, agradeço pela vida e pelo legado maravilhoso que deixaram, que continua inspirando a mim e a tantos outros.

Ao meu pai, Tom, agradeço pelo amor, encorajamento, honestidade, orientação e sabedoria sem fim. Por uma vida de amor e união. Tenho orgulho de ser sua filha.

E, acima de tudo, à minha irmã Laura, minha parceira em tudo o que é mágico: sou muito grata por ter crescido com você e por tudo o que me ensinou ao longo do caminho. Te amo mais do que o universo inteiro.



AVA DELLAIRA é formada pela Universidade de Chicago e mestre pela Iowa Writers' Workshop. Ela cresceu em Albuquerque, no Novo México, onde passou incontáveis tardes de verão fazendo poções mágicas, lutando contra bruxas más e se divertindo com outras brincadeiras inventadas, que provavelmente contribuíram para que se tornasse uma contadora de histórias. Atualmente vive em Santa Monica, na Califórnia, onde trabalha na indústria cinematográfica e escreve seu segundo romance.

www.avadellaira.com

Se você ou alguém que conhece precisa de ajuda,
entre em contato com uma dessas organizações:

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV)

www.cvv.org.br

Telefone: 141

DISQUE DENÚNCIA NACIONAL DE ABUSO E
EXPLORAÇÃO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E
ADOLESCENTES (Disque Direitos Humanos)

www.sdh.gov.br/disque100

Telefone: 100

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO E ATENDIMENTO A
DEPENDENTES (PROAD)

www.proad.unifesp.br

Telefone: (11) 5576-4990

Copyright © 2014 by Ava Dellaira

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os trechos de poemas utilizados nesta edição foram retirados de *Byron e Keats entreversos* (Trad.: Augusto de Campos. São Paulo: Unicamp, 2009); *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*, de William Blake (Trad.: Alberto Marsicano. Porto Alegre: L&PM, 2007); *Poem(a)s de E. E. Cummings* (Trad.: Augusto de Campos. Campinas: Unicamp, 2011); *Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop* (Trad.: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

TÍTULO ORIGINAL Love Letters to the Dead

CAPA Andrew Arnold

FOTO DE CAPA (GAROTA) © by Ilya Bushuev/ iStock

FOTO DE CAPA E MIOLO (CÉU) © by John Lund/ Getty Images

LETTERING Aline Temoteo

PREPARAÇÃO Thais Rimkus

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

ISBN 978-85-438-0051-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Cartas de amor aos mortos](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Contato](#)

[Créditos](#)